

UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

**HANDEBOL E GÊNERO: AS RELAÇÕES DE PODER NA
DINÂMICA DOS TREINOS AOS JOGOS NO ESTADO DO PARÁ**

DOUTORAMENTO EM CIÊNCIAS DO DESPORTO

IVAN GONÇALVES REIS

Orientador: Prof.^a Doutora Maria Marize Duarte

Coorientador: Prof. Doutor Francisco José Saavedra



VILA REAL, 2014

UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

**HANDEBOL E GÊNERO: AS RELAÇÕES DE PODER NA
DINÂMICA DOS TREINOS AOS JOGOS NO ESTADO DO PARÁ**

DOUTORAMENTO EM CIÊNCIAS DO DESPORTO

IVAN GONÇALVES REIS

Orientador: Prof.^a Doutora Maria Marize Duarte

Coorientador: Prof. Doutor Francisco José Saavedra

VILA REAL, 2014

Tese expressamente elaborada com vista à obtenção do grau de Doutor em Ciências do Desporto de acordo com o disposto no Decreto – Lei 216/92 de 13 de Outubro de 1992.

DEDICATÓRIA

Dedico esse estudo aos professores (as), técnicos (as) do desporto Handebol no estado do Pará, que muitas vezes como eu não medem sacrifícios para vivenciarem esta modalidade desportiva tão apaixonante em qualquer contexto na busca de um melhor reconhecimento regional, nacional e até internacionalmente.

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, um ser supremo, que nos dá o dom da vida, à **Santa Rita de Cássia**, **Nossa Senhora de Nazaré**, **Nossa Senhora de Fátima**, intercessoras junto ao criador, para que possa construir o conhecimento e compartilhar com os nossos semelhantes.

Aos **meus pais, Antonio de Moraes Santana Reis e Eunice Gonçalves Reis** (*in memoriam*) **irmãos e familiares**, por sempre acreditarem na minha luta e perseverança em busca de um futuro melhor.

A **minha irmã Noemi e ao meu cunhado Joel Vieira** (*in memoriam*), por sempre acreditarem e apoiarem em todos os sentidos, durante toda a minha trajetória acadêmica, até este momento ímpar do Doutorado.

À **Profª Drª Maria Marize Duarte e a Profª Drª Vera Lúcia de Menezes Costa**, pelo imensurável incentivo e valiosa dedicação que demonstraram no compartilhamento da construção deste estudo, que foi de extrema relevância para o meu crescimento intelectual. Minha grande admiração e meu carinho muito sincero.

Ao **Prof. MSc. Luis Haroldo de Melo e Silva**, meu grande amigo e colaborador, pelo ingresso na Docência Universitária e incentivo no Mestrado e Doutorado.

Ao inesquecível **Prof. Dr. Manoel Gomes Tubino** (*in memoriam*), pelas valiosas atenções e contribuições quando da estadia no Rio de Janeiro.

À minha esposa, **Rosa Maria Rayol Reis**, e, aos meus queridos filhos, **Yan Cássio Rayol Reis e Rita de Nazaré Rayol Reis**, pelo amor e compreensão que tiveram nos momentos de extremo stress emocional durante a construção desta Tese, com incentivo constante para que não desistisse, sinceras desculpas.

À minha sogra, **Lucimar do Carmo Raiol** (*in memoriam*), pelo incentivo e compreensão que teve durante toda esta trajetória de desafios em busca do meu crescimento intelectual.

À **Direção** da Escola de Ensino Fundamental e Médio **Augusto Olímpio**, pelo apoio durante as ausências no trabalho durante a pesquisa de campo.

Aos **Coordenadores do Curso de Educação Física da Universidade do Estado do Pará (UEPA)**, em épocas distintas, pelo apoio e incentivo na realização deste estudo.

Ao **Corpo Docente** do Doutorado em **Ciências do Desporto** da **Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro**, pelos conhecimentos acadêmicos que nos transmitiram durante a trajetória acadêmica e, em especial, ao **Prof. Dr. Francisco José Saavedra**, pelo apoio e incentivo no processo de estruturação da presente tese na forma de co-orientação; ao **Prof. Dr. Nuno Garrido**, pelo processo de organização e formatação deste estudo.

Ao **Convênio UEPA/UTAD**, pela oportunidade proporcionada na realização deste Doutorado.

Aos **Paraenses / Brasileiros** de Doutorado, que compartilharam momentos alegres e difíceis em busca do conhecimento, tanto em Belém como em Vila Real/Portugal.

Ao meu cunhado, **João Alberto do Carmo Rayol**, pelo valioso assessoramento durante o processo de elaboração da Tese.

À empresa **Conhecimento & Ciência**, na pessoa do seu Diretor Presidente Prof. Dr. **Ricardo Figueiredo Pinto**, pelo incentivo e cumplicidade na busca desta Titulação de Doutor em Ciências do Desporto pela UTAD.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo estudar as relações das práticas do esporte Handebol e Gênero na perspectiva das Relações de Poder. A pesquisa fundamenta-se na dinâmica dos treinos aos jogos e procura compreendê-la na definição dos sentidos, significados e lugares onde circulam. Diante desta prática busca-se refletir como os atores sociais assimilam a circularidade do poder e seus mecanismos, na fase dos treinamentos e nos jogos de competições. Para consolidar os conhecimentos, utiliza-se da pesquisa qualitativa – quantitativa, referendada pelas análises metodológicas do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), para entender e compreender como na prática estas relações de poder entre atletas, técnicos/comissão técnica nos clubes são traçadas e compreendidas sob a ótica das relações de gênero. Para tanto, definiu-se uma amostra significativa de 76 atletas num universo de 550 cadastrados na Federação de Handebol do Estado do Pará (FHEP), sendo deste total, 42 masculinos e 34 \ femininos, que correspondem a 20% da somatória de cada sexo das 08 equipes selecionadas de um total de 15 clubes que disputaram os campeonatos no período 2007/2010 contendo os dois gêneros. A dinâmica metodológica compreende a associação dos métodos - qualitativo e quantitativo - e as técnicas de entrevistas que construíram a Análise do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) que apontam como resultados os elos sociais – teias, onde os ensinamentos, os treinamentos e as competições são produzidos como alicerce de verdades, que vão sendo transmitidos aos atores sociais de forma absoluta, sem considerar suas reais condições psicossociais de assimilação de informações, muitas vezes surpreendentes, para os praticantes da modalidade. O estudo conclui, sob ótica foucaultiana, que a disciplina pode gerar um poder funcional autossustentável e simbólico, por seus próprios mecanismos, cuja ordem como os castigos disciplinares que se apresenta é de natureza mista logo é uma ordem “artificial”, colocada de maneira explícita por uma lei, um programa, um regulamento, pelas regras e, no handebol conforme o estudo, os “*castigos disciplinares*” acontecem de forma clara nas atitudes repressoras dos técnicos para com seus atletas.

Palavras-chave: Handebol. Gênero. Relações de poder. Treinos e Jogos.

ABSTRACT

It deals with a study on Handball and Gender Relations in the perspective of this mode of power in the State of Pará Based on the dynamic training games to try to understand them in defining their senses, meanings and places where they circulate. This study provides reflections of social actors assimilate the circularity of power and its mechanisms in practice this sport at the stage of training and games competitions. The objective is to understand through qualitative research - quantitative analysis methodology endorsed by the Collective Subject Discourse (CSD), Power Relations between athletes, coaches / technical committee in the clubs competing Handball sport in Pará State, under the perspective of gender relations, based on the coexistence of the technical committee / technical / athletes practicing and games. The sample consisted of 76 athletes from a universe of 550 registered in the Handball Federation of Pará (FHEP), 42 males, 34 females, who account for 20% of the sum of each sex of 08 (eight teams selected a total of fifteen (15) clubs that competed in the championships in the period 2007/2010 which contains the two genres. The collection of data from the selected sample found through the methodological procedures specified by the DSC. The methodology involves the dynamic association of qualitative and quantitative methods. Interviewing techniques that built the analysis of the Collective Subject Discourse (CSD) as the results indicate that social bonds- webs where the teaching, training and competitions are produced and used as foundations of truths, which are transmitted social actors absolutely, without regard to their real social and psychological conditions of assimilation of information, often surprising, for practitioners. The study concludes, the Foucauldian perspective, that discipline can generate a self-sustaining power functional, symbolic, for its own devices, that the order as disciplinary punishments are presented mixed nature is just an "artificial" order, placed by a law, a program, regulation, rules, and in handball, the "disciplinary punishments" clearly occur in the repressive attitudes of the technicians to their athletes.

Key words: Handball. Gender. Power relations. Drills and Games

ÍNDICE GERAL

DEDICATÓRIA	VII
AGRADECIMENTOS.....	IX
RESUMO	XI
ABSTRACT.....	XIII
ÍNDICE GERAL	XV
ÍNDICE DE TABELAS	XIX
ÍNDICE DE QUADROS	XXI
ÍNDICE DE FIGURAS.....	XXIII
ABREVIATURAS	XXV
1. INTRODUÇÃO.....	1
1.1. PROBLEMATIZAÇÃO	9
1.1.1. AS QUESTÕES A INVESTIGAR	10
1.2. OS OBJETIVOS	11
1.2.1. OBJETIVO GERAL	11
1.2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	12
1.3. A RELEVÂNCIA	12
1.4. O ÂMBITO DO ESTUDO.....	13
1.5. PRESSUPOSTOS E LIMITAÇÕES.....	13
1.6. A ESTRUTURA GERAL DO TEXTO.....	17
2. A COMPREENSÃO DO CAMPO DE INVESTIGAÇÃO	19
2.1. A ÁREA DA PESQUISA	21
2.2. DEFINIÇÃO DA AMOSTRA	24
2.3. A ESTRUTURA DA COLETA DE DADOS	25

2.4. AS TÉCNICAS DE PESQUISA	26
2.5. AS FORMAS DE CONSTRUÇÃO DOS DADOS	27
2.5.1. A SELEÇÃO DOS DADOS	27
2.5.2. A CATEGORIZAÇÃO DOS DADOS	27
2.5.3. A TABULAÇÃO DOS DADOS	28
2.5.4. A ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	28
2.5.4.1. A PERSPECTIVA DE ANÁLISE DO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO (DSC)	28
2.6. CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA....	29
2.6.1. ESCOLARIDADE DAS MULHERES TÉCNICAS DE HANDEBOL.....	29
2.6.2. ESCOLARIDADE DOS HOMENS TÉCNICOS DE HANDEBOL	30
2.6.3. ESCOLARIDADE DE ATLETAS MASCULINOS DE HANDEBOL	32
2.6.4. ESCOLARIDADE DE ATLETAS FEMININAS DE HANDEBOL.....	36
2.6.5. SÍNTESE DA ESCOLARIDADE DE TÉCNICOS E ATLETAS DE HANDEBOL	39
3. O CAMPO TEÓRICO PARA COMPREENSÃO DO OBJETO DE ESTUDO	41
3.1. OS SENTIDOS, OS SIGNIFICADOS E OS EFEITOS DAS RELAÇÕES DE PODER DISCIPLINAR NOS CORPOS ESPORTIVOS	43
3.2. A ESTRUTURA DO PODER SIMBÓLICO COMO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA REALIDADE ESPORTIVA	50
3.3. AS RELAÇÕES DE PODER DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SIMBÓLICAS NO CAMPO DAS RELAÇÕES DE GÊNERO	55
4. ESTRUTURAÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER NO HANDEBOL NO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO	63
4.1. O DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO (DSC) NO PROCESSO SIMBÓLICO DE ESTRUTURAÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER, DEFINIDO NOS PROCEDIMENTOS TÉCNICOS E TÁTICOS NOS TREINOS E JOGOS, NOS GRUPOS ESPORTIVOS DE GÊNERO NO HANDEBOL.....	65

4.1.1 O PROCESSO SIMBÓLICO DAS RELAÇÕES DE PODER EXPRESSO NO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO (DSC) NOS PROCEDIMENTOS TÉCNICOS E TÁTICOS PELOS GRUPOS ESPORTIVOS DE GÊNERO NO HANDEBOL	66
4.1.1.1 PROCEDIMENTOS TÉCNICOS E TÁTICOS DOS TÉCNICOS NA PERSPECTIVA DOS GRUPOS ESPORTIVOS DE GÊNERO NO HANDEBOL	66
4.2. ANÁLISE DOS DISCURSOS DOS ATORES ENVOLVIDOS NA PESQUISA	66
4.2.1. TÉCNICOS E COMISSÃO TÉCNICA DO GÊNERO FEMININO	66
4.2.2. TÉCNICOS E COMISSÃO TÉCNICA DO GÊNERO MASCULINO.....	69
4.2.3. ANÁLISE DO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DOS ATORES PESQUISADOS	118
4.2.4 PROCEDIMENTOS TÉCNICOS E TÁTICOS NA PERSPECTIVA DOS TÉCNICOS (AS) /COMISSÃO TÉCNICA SEGUNDO AS SITUAÇÕES DE GÊNERO NO HANDEBOL	131
4.2.5 O DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO (DSC) NO PROCESSO DE DISCIPLINARIAMENTO DOS CORPOS PELAS RELAÇÕES DE PODER E GÊNERO NO HANDEBOL	145
4.2.6 O DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO (DSC) NAS FORMAS DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SIMBÓLICAS DAS RELAÇÕES DE PODER E GÊNERO NO HANDEBOL	149
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	151
6. PROPOSTAS DE ESTUDOS FUTUROS.....	159
7. REFERÊNCIAS	163
8. ANEXOS	171
ANEXO I: CARTA AO VALIDADOR	
ANEXO II: QUADRO DO ROTEIRO DE ENTREVISTAS DO TIPO “A” – ATLETAS DE HANDEBOL. APRESENTADO PARA VALIDAÇÃO	

ANEXO III: QUADRO DO ROTEIRO DE ENTREVISTAS DO TIPO “B” –
TÉCNICOS (AS) / COMISSÃO TÉCNICA DE HANDEBOL. APRESENTADO
PARA VALIDAÇÃO

ANEXO IV: CARTA AO(A) INFORMANTE

ANEXO V: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ANEXO VI: ROTEIRO DE ENTREVISTA TIPO “A” – ATLETAS DE HANDEBOL

ANEXO VII: ROTEIRO DE ENTREVISTA TIPO “B” – TÉCNICOS (AS)/COMISSÃO
TÉCNICA DE HANDEBOL

ANEXO VIII: CLUBES CADASTRADOS NA FEDERAÇÃO DE HANDEBOL DO
ESTADO DO PARÁ – FHEP – 2008

ANEXO IX: DOSSIÊ - FEDERAÇÃO DE HANDEBOL DO ESTADO DO PARÁ

ANEXO X: ARTIGOS PUBLICADOS

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Técnicas de handebol segundo escolaridade – faixa etária e clubes esportivos	30
Tabela 2 - Técnicos de handebol segundo escolaridade – faixa etária e clubes esportivos	32
Tabela 3 - Atletas masculinos de handebol segundo escolaridade – faixa etária e clubes esportivos 2007-2010	34
Tabela 4 - Atletas femininas de handebol segundo escolaridade – faixa etária e clubes esportivos	37
Tabela 5 - Escolaridade dos técnicos e atletas da pesquisa	39

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 - Definição da Amostra da Pesquisa	25
Quadro 2 – Análise do DSC 01	66
Quadro 3 – Análise do DSC 02	67
Quadro 4 – Análise do DSC 03	68
Quadro 5 – Análise do DSC 04	69
Quadro 6 - Análise do DSC 05	70
Quadro 7 - Análise do DSC 06	71
Quadro 8 - Análise do DSC 07	72
Quadro 9 - Análise do DSC 08	74
Quadro 10 - Análise do DSC 09	75
Quadro 11 - Análise do DSC 10	77
Quadro 12 - Análise do DSC 11	78
Quadro 13 - Análise do DSC 12	80
Quadro 14 - Análise do DSC 13	82
Quadro 15 - Análise do DSC 14	84
Quadro 16 - Análise do DSC 15	86
Quadro 17 - Análise do DSC 16	88
Quadro 18 - Análise do DSC 17	91
Quadro 19 - Análise do DSC 18	93
Quadro 20 - Análise do DSC 19	95
Quadro 21 - Análise do DSC 20	97
Quadro 22 - Análise do DSC 21	99
Quadro 23 - Análise do DSC 21	101

Quadro 24 - Análise do DSC 22	103
Quadro 25 - Análise do DSC 23	105
Quadro 26 - Análise do DSC 24	107
Quadro 27 - Análise do DSC 24	109
Quadro 28 - Análise do DSC 25	111
Quadro 29 - Análise do DSC 26	113
Quadro 30 - Análise do DSC 27	115

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa do Estado do Pará com os municípios e clubes esportivos que fazem parte da amostra da pesquisa	22
--	----

ABREVIATURAS

DSC	Discurso do Sujeito Coletivo
FHEP	Federação de handebol do estado do Pará
CBHb	Confederação Brasileira de handebol
FPH	Federação Paulista de Handebol
FIHb	Federação Internacional de Handebol
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
km²	Quilômetros quadrado

1. INTRODUÇÃO

HANDEBOL E GÊNERO: AS RELAÇÕES DE PODER NA DINÂMICA DOS TREINOS AOS
JOGOS NO ESTADO DO PARÁ

1. INTRODUÇÃO

Como toda atividade física bem orientada e praticada regularmente, o handebol é uma das modalidades desportivas, coletiva e olímpica muito prazerosa de grande aceitação desde a fase de iniciação aos programas de treinamento de alto nível.

Observando os estudos de Simões (2008), o autor relata que o handebol é uma modalidade desportiva praticada por ambos os sexos e que tem caminhado para o seu grande destino: ocupar, no território brasileiro, os primeiros lugares em quantidade e qualidade; afirma o estudioso com convicção.

Ainda para Simões (2008), o que se tem questionado muito, nessa especialidade, é a ausência de publicações escritas em linguagem acadêmica que abordem com profundidade e clareza os aspectos técnicos e táticos, que direcionem a metodologia de procedimentos na aprendizagem, preparando o praticante em conceitos individuais e coletivos que venham a se completar nas periodizações de treinamentos.

De acordo com Duarte (2000) este esporte foi apresentado em 1936, nos jogos olímpicos em Berlim-Alemanha, com participação exclusiva de jogadores masculinos e com base nas regras do futebol de campo que observava onze (11) jogadores em cada equipe. Verifica-se que os homens tiveram uma adequação mais facilitada à modalidade, como a própria história desse desporto relata, em função do handebol ter surgido nos campos de futebol, esporte este característico na época do seu surgimento apenas com sexo masculino.

A prática desportiva de handebol pelas mulheres surge na primeira metade da década de noventa (1949) nos campos de futebol, mas sem participação nos jogos olímpicos. Observa-se que esta modalidade esportiva retorna aos jogos olímpicos na Alemanha, em 1972, mas ainda com equipes masculinas e em quadras esportivas com sete (07) jogadores em cada lado. Quanto à prática do handebol pelas mulheres somente ocorrerá nas olimpíadas de 1976, em Montreal/Canadá, como esporte de quadra. Em 1992, o Brasil participará nas Olimpíadas de Barcelona/Espanha com handebol masculino e, em 2000, nas olimpíadas de

Sidney/Austrália associaram às equipes femininas que chegaram as quartas de final e terminaram em oitavo lugar.

Segundo as Regras Oficiais de Handebol e Beach Handebol ¹ esta modalidade esportiva tornou-se conhecida pelos brasileiros em função da inclusão nos Jogos Estudantis Brasileiros (JEB's) e Jogos Universitários Brasileiros (JUB's). O estudo aponta como responsável pela introdução desta modalidade o Prof. Auguste Liistello, em 1954, quando ministrou um Curso Internacional, em Santos/SP, onde a divulgou para um conjunto de professores de Educação Física de vários estados do Brasil. Tais regras observam que o esporte cria obrigações, estimula a personalidade intelectual e física e oferece chances reais de integração social. Evidenciam também que o esporte solicita o domínio pessoal e a força física porque reduz as agressões; tranquiliza os nervos e o temperamento do homem.

O handebol moderno exige força muscular, rapidez, elegância técnica e cooperação. Tais jogos se notabilizam pelos confrontos acirrados entre ataque e defesa. Para melhorar o desempenho das equipes, este tipo de esporte requer o aumento do tempo de preparação física dos atletas nos aspectos técnico, tático e psicológico. A aceleração do êxito defensivo ou ofensivo das equipes está diretamente associada ao desempenho físico dos jogadores tendo em vista a objetividade ofensiva nos ataques evitando assim os jogos passivos.

Assim, nos estudos foucaultianos, relativos às relações de poder, pode-se observar que a consciência e o investimento do corpo pelo poder podem ser analisados a luz do desempenho físico do corpo disciplinado do atleta, como se verifica a seguir:

[...] O domínio, a consciência de seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo [...] tudo isto conduz ao desejo do seu próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso, que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio. (Foucault, 1979, p. 146).

¹ Cf. Regras Oficiais de Handebol e Beach Handebol - 1997 - 1999 (pp. 7 -10). Estas regras são elaboradas pelo Comitê de Arbitragem da Federação Internacional de Handebol.

Segundo os registros de Foucault (1977, p. 117), na época clássica, observa-se a descoberta do corpo como objeto e alvo de poder. Essas evidências da atenção dedicada ao corpo são representadas na maneira pela qual um corpo se manipula, se modela, se treina, obedece e responde, tornando-se hábil e multiplicador de muitas forças.

Ainda nas observações foucaultianas (1977, pp.118-119) quando analisa a obra, *“Homem Máquina”*, observa a evidência de dois tipos de registros, anátomo – metafísico e técnico – político. Tais registros distinguem-se pela submissão e utilização X funcionamento e explicação - corpo útil, corpo inteligível - que apresentavam pontos de cruzamento. E, nesse sentido, enfatiza métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade – utilidade, que pode ser denominado de “disciplinas”. Considera que os processos disciplinares remontam aos séculos passados vivenciados nos conventos, nos exércitos e nas oficinas. Porém, nos séculos, XVII e XVIII, as disciplinas transformaram-se em fórmulas gerais de dominação.

Em continuidade, considera que a apropriação do corpo difere das épocas da escravidão, da domesticidade, da vassalidade, do ascetismo e das “disciplinas” do tipo monástico, porque o momento histórico das disciplinas nasce quando o corpo humano requer o aumento de suas habilidades associadas à formação de mecanismos de obediência. Esta situação gera a formação de uma política de coerções do trabalho sobre o corpo. Esta política demonstra que o corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe, ou seja, numa artilharia que constitui uma “anatomia política/mecânica do poder” definidora do exercício do domínio sobre outros corpos, que operam com técnicas de rapidez e eficácia. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos e de utilidade), e diminui essas mesmas forças (em termos políticos e de obediência). Ela dissocia o poder dos corpos e os transforma em submissos, exercitados, isto é, em corpos “dóceis”.

As formas de disciplinamento das operações do corpo dos (as) atletas de handebol em termos de rapidez são determinadas pelo controle minucioso de todas as partes do corpo – pernas e pés para correr, o dorso para a defesa, braços e mãos

para lançar precisamente e a cabeça para refletir – ele oferece aos jogadores e jogadoras um treinamento harmonioso para todo organismo e demonstram as modelagens do corpo no processo de disciplina para fabricação de corpos submissos, exercitados, corpos “dóceis” para as ações gerais da prática esportiva.

Observa-se que a busca pelo corpo saudável, apto às diversas práticas, não é privilégio apenas de um gênero, como bem demonstra a história no decorrer dos séculos e os estudos de Foucault (1977), apontados acima em relação à docilidade dos corpos nos mais diferenciados segmentos da sociedade.

Já de acordo com os estudos de Saffioti (1999, p. 43) o gênero, enquanto dispositivo gramatical trata da existência do masculino e do feminino explicitando categorias sociais, porém refere-se a um conceito descritivo. Em se tratando de categoria analítica e, conseqüentemente, heurística, o gênero só pode suceder a sua existência como categoria histórica.

Para Scott (1988 como citado em Saffioti, 1999, p. 143), com base na organização social de gênero, trata da forma de operacionalização de sua categoria analítica, mas descreve seus componentes como um fenômeno histórico, substrato empírico de seu conceito de gênero, como bem afirma que:

[...] Minha definição de gênero tem duas partes e alguns subconjuntos. Eles são inter-relacionados, mas devem ser analiticamente distinguidos. [...] gênero é *um* elemento constitutivo das relações sociais baseadas em diferenças percebidas entre os sexos e gênero é *uma* maneira primordial de significar relações de poder. (Scott, 1988, p. 42 como citado em Saffioti, 1999, p. 143).

Segundo o pensamento de Scott (1988 como citado por Saffioti, 1999, p. 144) o autor enfatiza que as diferenças sexuais não devem ser explicadas levando-se em consideração a organização social de gênero, porém, devemos compreendê-las em função da própria organização humana que analisa tais diferenças. Daí a necessidade de compreender as relações que envolvem os campos biológicos e sociais. Para a autora, todo fato social é simbólico, portanto, é passivo de ser interpretado, mesmo que as diferenças sexuais estejam sujeitas a interpretações que sirvam de dados estatísticos para definirem mulheres fundamentadas em certos paradigmas e homens de acordo com outros.

Prosseguindo na sua linha de raciocínio para explicar gênero dentro do contexto social, Scott (1998 como citado em Saffioti 1999, p. 144), apresenta outra questão que diz respeito ao fato de que, contrariamente ao que perceberam muitos de seus leitores, o gênero não é a maneira fundamental de significar relações de poder, mas uma num conjunto de, no mínimo, três: gênero, classe e raça.

Para analisar as formas diretas de controle sobre o corpo e a sexualidade feminina observam-se os estudos de D'Incao (1997, p. 223–240 como citado em Adelman, 2003, p. 445-465) que evidenciam a presença da mulher nos séculos XVI, XIX e XX. No século XVI, referente ao período colonial, verifica-se o surgimento de uma ideologia da família com características peculiares à cultura burguesa. No século XIX, as formas de controle social são interiorizadas pelas mulheres das classes médias e da elite, que centralizavam suas atividades nos afazeres domésticos limitando-se para outras oportunidades ocupacionais. Constata-se à associação de profissionais das áreas de medicina e educação à mídia em geral para efetivação da “educação das mulheres” como *guardiãs do lar*.

Nesta perspectiva da figura da mulher protetora do lar, os estudos de Adelman (2003, p. 445-465) apontam que a cultura corporal feminina, do século XIX, era estabelecida pela forma imaginária das mulheres serem interpretadas como meras reprodutoras. Se os modos finos e elegantes eram qualificados como adjetivos femininos nem todas as mulheres tinham acessibilidade às práticas de atividades físicas, porque ficavam restritas apenas as que compartilhavam das ideias tidas como verdades absolutas da natureza frágil do corpo e do sistema reprodutivo das mulheres. Daí o impacto produzido a respeito da prática de exercícios físicos para as meninas, pensamento que sofre tímidas modificações no final do presente século, quando a proposta de Rui Barbosa (1882 como citado em Adelman, 2003, p. 445-465) determinava que as escolas primárias ofertassem atividades de ginásticas que contemplassem a estrutura das formas femininas prevendo os cuidados futuros da maternidade.

O início do século XX vislumbra uma nova proposta em relação ao bem estar físico das mulheres, quando permite a inclusão de novas formas de práticas esportivas/atividades físicas de baixa intensidade, que trouxeram benefícios para a saúde das futuras mães e esposas. Observam-se também os cuidados na definição

dos tipos de esportes que seriam mais apropriados para as mulheres, mas deveriam ser praticados por jovens e solteiras, prevalecendo a natação, que nesta época não incluía exercícios de desenvolvimento muscular, mas apenas trabalhos realizados em solo, portanto, não masculinizava, mesmo assim excluía as senhoras mães e casadas, continuando sendo privilégio das senhoritas.

Para Adelman (2003, p. 445-465) ainda nesta época são notórias as contradições sobre a nova mulher com características ativas de independência e autonomia que se destacava nos Estados Unidos e Europa, influenciando de maneira significativa as classes sociais da elite urbana brasileira na prática de atividades esportivas, mesmo desafiando padrões de restrições e de suas formas físicas de delicadeza feminina.

Nas décadas seguintes, os estudos de Adelman (2003, p. 445-465) revelam gradualmente as conquistas das mulheres brasileiras no universo público como trabalhadoras e participantes ativas de movimentos sociais, porém, ainda reprimidas por concepções discriminatórias sobre suas feminilidades, acarretando com isto possibilidades restritas do universo feminino no mundo esportivo.

Ainda para Adelman (2003, p. 445-465) o mundo esportivo atual tem assimilado a luta das mulheres com o intuito da apropriação dos espaços já existentes ou possibilitando a criação de novos e, exemplifica que em consonância com o que internacionalmente a literatura enfatiza sobre o progresso das mulheres e as relações de gênero gerando pontos conflitantes antigos e novos, cita que as modalidades esportivas, em se tratando de gênero, tanto os esportes considerados “unisex” como os avaliados no enfoque “masculizantes” do corpo feminino ainda é uma práxis do mundo globalizado.

De acordo com Festle (1996, p. 265 como citado em Adelman, 2003, p. 448) as mulheres sempre sofreram preconceitos sociais, seja pelas suas fragilidades físicas em relação aos homens, que as tornavam menos competentes para a prática esportiva, seja pelo entendimento da sociedade de que o esporte comprometia suas feminilidades, fazendo com que fossem interpretadas como mulheres portadoras de anormalidades e/ou lésbicas. Argumenta, ainda, que mulheres atletas profissionais deveriam adotar um comportamento postural exemplar demonstrando que a prática esportiva não compromete seus padrões de feminilidade.

Para Lupton (1995, p.145 como citado em Adelman, 2003, p. 448) os paradigmas dominantes sobre a corporalidade feminina sofreram alterações, nas primeiras décadas do século XX, no processo histórico de construção do ideário corporal feminino passando da representação do corpo feminino, como fraco e submisso, para uma nova representação do corpo feminino, como forte e livre, mas sempre sujeitos aos discursos dominantes da sociedade capitalista.

Observando pelo lado do culto ao corpo feminino na sociedade atual, influenciado pelo poder da mídia, Adelman (2003, p. 448) enfatiza que a mulher internalizou seus padrões de vida ativa focada na prática de exercícios físicos, mas precisamente na ginástica, procurando adquirir um corpo “perfeito”, sem excesso de músculos, mesmo que para isso seja preciso horas de trabalho, de dedicação, onerando financeiramente; fato este não ser privilégio de uma grande parte da população.

Em prosseguimento a estes questionamentos de conceituação de gênero dentro de um contexto histórico, Knijnik e Zuzzi (2010, p. 61–62) dizem que esta discussão surge na qualidade de categoria de análise na ciência em contraposição ao determinismo biológico, o qual considera a mulher inferior ao homem. As diferenças próprias da anatomia sexual dos corpos foram, historicamente, se constituindo em justificativas para os atributos que “naturalizam” desigualdades, obscurecendo sua grande parcela de construção histórica, social e cultural.

Todos esses paradigmas conceituais sobre Handebol e Gênero no contexto das relações de poder, focado no disciplinamento dos corpos, referendados nos estudos de Foucault (1979-1987) e associados à realidade empírica apontam para questionamentos que serão tratados no presente texto.

1.1. PROBLEMATIZAÇÃO

O propósito desta investigação diz respeito ao handebol e gênero na perspectiva das relações de poder nos treinos e jogos que se efetivam nos clubes esportivos, que disputam os campeonatos da modalidade no Estado do Pará. Os estudos desenvolvidos pela Federação Paraense de Handebol² apontam para a

² Cf. Dossiê da atual estrutura da Federação Paraense de Handebol (FPH). Instituição fundada em 18/05/1994 - CNPJ nº 00596240/0001-09. Instituição filiada à Confederação Brasileira de Handebol (CBHB).

prosperidade técnica e tática no contexto regional, nacional e internacional. Em todos os parâmetros comparativos de vários tipos de ensino, desde a fase de iniciação esportiva até o desporto de alto rendimento, expressos em suas várias modalidades esportivas, observam-se o interesse dos diversos segmentos sociais como as escolas, as empresas de comunicação e os clubes esportivos em patrocinar as equipes de handebol. Esta situação pressupõe a presença dos avanços tecnológicos e científicos no processo de treinamento das equipes esportivas. Tais equipes apresentam uma característica nova que está associada à presença de mulheres como grupos de competições esportivas, já explicitadas anteriormente.

Todos esses paradigmas conceituais sobre Handebol e Gênero no contexto das relações de poder, focado no disciplinamento dos corpos, referendados nos estudos de Foucault (1979-1987) e associados à realidade empírica dos demais autores citados neste estudo apontam para questionamentos que serão tratados no presente texto.

1.1.1. AS QUESTÕES A INVESTIGAR

As mudanças evidenciadas no processo de treinamento da modalidade handebol e a inclusão das mulheres como grupos de competições esportivas geraram a necessidade de compreender como se processa os mecanismos de relações de poder no interior desses grupos. Daí a necessidade de investigar as seguintes questões:

- Como o poder de ação do técnico pode disciplinar ou “fabricar” os (as) atletas de handebol para responder aos objetivos desejados durante as sessões de treinos e jogos?
- Como os (as) atletas assimilam o poder dos (as) técnicos (as) nas sessões de treinos e jogos, quando de suas atitudes coercitivas? Como tais atitudes podem afetar os atletas?
- Como o poder “simbólico” está representado no desporto handebol conforme a ótica dos atores sociais?
- Como os técnicos e comissão técnica representam as relações de poder e gênero entre praticantes da modalidade handebol no Estado do Pará?

- Como os programas de treinamentos, as regras e os regulamentos das competições são entendidos na ótica desses atores sociais?
- Como são definidas as atitudes — éticas, positivas, vencedoras, afetivas, cognitivas, autoritárias, etc. — nos treinos e jogos dos técnicos (as) em relação aos e (as) atletas?
- Como são definidas as avaliações de desempenho dos (as) atletas pelos técnicos?
- Como são realizadas as metodologias de treinamentos dos (as) atletas nos treinos e jogos?
- Como é definido o processo de estímulo e melhoria do rendimento dos (as) atletas nos treinos e jogos?
- Como são avaliados os comportamentos — morais, organizacionais, agressivos, sexuais, de trabalho, etc. — dos (as) técnicos (as) na definição dos procedimentos técnicos e táticos dos treinos e jogos?
- Como são definidas e avaliadas as atitudes — éticas, positivas, vencedoras, afetivas, cognitivas, autoritárias, etc. — nos treinos e jogos dos técnicos (as) em relação aos e (as) atletas?
- Quais as formas de relacionamentos - excelente, bom, regular ou insuficiente – dos técnicos em relação aos (as) atletas face ao desempenho - excelente, bom, regular ou insuficiente – da equipe?

1.2. OS OBJETIVOS

1.2.1. OBJETIVO GERAL

Compreender através da pesquisa qualitativa/quantitativa, referendada pelas análises metodológicas do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), as relações de poder na ótica de relações de gênero entre os(as) atletas, os(as) técnicos(as) e comissão técnica nos clubes que disputam a modalidade Handebol no Estado do Pará.

1.2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Identificar às relações de poder na ótica de gênero que circulam nos treinamentos e jogos de handebol a partir da ótica dos atores sociais - atletas, técnicos/comissão técnica - no Estado do Pará.
- b) Identificar os mecanismos de controle que orientam cada papel na relação dos(as) atletas, os(as) técnicos(as)/comissão técnica, compreendendo como se configuram os tipos de poder no cotidiano dos treinos e jogos.
- c) Compreender a representação da disciplina, da autoridade, das atitudes coercitivas, das metodologias de treinamentos, da ordem e da vigilância dos (as) técnicos (as) segundo as relações de poder no desporto handebol.
- d) Verificar as formas de aproximações e afastamentos nos grupos de atletas - masculinos e femininos – conforme a estrutura das relações de poder no processo dos treinos e jogos de handebol.
- e) Identificar as representações sociais de gênero entre os atletas e comissão técnica das equipes de handebol.

1.3. A RELEVÂNCIA

No período de 2007/2008 (dados da FHEP), quando do início dessa pesquisa, tinham cadastrados na referida federação 15 (quinze) clubes, sendo 08 (oito) que continham os dois gêneros (amostra do estudo) e 07 (sete) só do gênero feminino, que não fizeram parte da representativa amostral, totalizando um universo de 550 atletas.

Observando o ano de 2011, quando do término da pesquisa e, de acordo com dados da Federação de Handebol do Estado do Pará (FHEP) o número de praticantes cresceu significativamente para 930 (novecentos e trinta) atletas em 18 (dezoito) clubes esportivos. Daí a relevante necessidade de se ratificar a elaboração de programas de treinamento que não só contemplem os estados físico, técnico, tático e psicológico dos atletas dos sexos masculino e feminino, fatores fundamentais para os que pretendem atingir índices de alto rendimento nas modalidades esportivas, mas também investigações que abordem os diversos campos de estudos esportivos e entre eles as relações de poder entre os atores sociais inseridos no contexto de tais programas. É com essa visão ontológica que se

busca a práxis diagnóstica dessas relações de poder nas diversas representações sociais de gênero. Acredita-se na contribuição do estudo para decifrar essas relações entre os elementos que interagem direta ou indiretamente, na modalidade desportiva handebol, em termos de planejamento técnico – tático, comportamentais, atitudinais, formas de relacionamento, etc., numa nova perspectiva do processo de treinos e jogos.

1.4. O ÂMBITO DO ESTUDO

A pesquisa foi desenvolvida no estado do Pará, segundo Estado em extensão territorial do país, com foco principal na cidade de Belém, onde são realizados os jogos dos campeonatos paraenses em sua maioria. Em função das rodadas dos campeonatos, realizados nos municípios de Ananindeua, Abaetetuba, Barcarena, Castanhal, Santa Isabel do Pará, Marabá e Tucuruí, a coleta de dados foi efetivada nesses eventos por pessoas treinadas como a coordenadora da arbitragem, os árbitros e o delegado da Federação Paraense de Handebol.

1.5. PRESSUPOSTOS E LIMITAÇÕES

Em função da extensão territorial do estado do Pará enfrentou-se a impossibilidade de acompanhamento dos sujeitos da pesquisa nos espaços geográficos distantes da microrregião de Belém. A ausência de recursos financeiros para o deslocamento do pesquisador para essas localidades constituiu-se em elemento limitador, mas não inviabilizador da coleta de dados. A estratégia empregada foi a utilização de treinamento aos atores sociais participantes dos eventos como os árbitros, os delegados e diretores de clubes, que muito contribuíram para a efetivação da pesquisa mediante o recolhimento dos dados-informações através das entrevistas com os técnicos (as) e os atleta (as).

Este estudo está fundamentado nas obras de Foucault (1978,1979,1988, 1989), que aborda estudos sobre as relações de poder, disciplina e sexualidade. Moscovici (2009), enfocando os diversos olhares sobre as representações sociais. Bourdieu (1998), com seus estudos sobre a simbologia do poder. Galbraith (1984), trata dos diversos tipos de poder como o condigno, o condicionado e compensatório. Tais estudos enfatizam as formas de compreensão das relações de poder com

ênfase nos micro poderes, expressas no campo simbólico e das representações sociais, nos grupos de gênero na modalidade de handebol. O eixo norteador das relações de poder está baseado na perspectiva de Foucault (1989, pp. 104 - 106) presente em toda a rede de poder.

Compreender as relações de poder é percorrer os vínculos entre as macro e as microestruturas definindo o sentido e o lugar das comparações de poder, no contexto da dominação, que pode vir a ocorrer nas ligações interpessoais promovidas pelas diferentes formas de aprendizagens e, neste caso, no desporto handebol.

É nesse campo das correlações de força que se deve tentar analisar os mecanismos de poder. Com isso é possível escapar ao sistema Soberano-Lei que por tanto tempo fascinou o pensamento político. E se é verdade que Maquiavel foi um dos poucos – e nisso estava certamente o escândalo do seu “cinismo” – a pensar o poder do Príncipe em termos de correlações de força, talvez seja necessário dar um passo a mais, deixar de lado a personagem do Príncipe e decifrar os mecanismos do poder a partir de uma estratégia imanente às correlações de força (Foucault, 1988, p. 107).

Vários são os mecanismos que podem promover essas correlações, tais como: a prática desta modalidade desportiva desde a fase dos treinamentos até os jogos propriamente ditos; a comunicação dos professores, técnicos, atletas e comissão técnica; as metodologias de treinamento do handebol e as competições dessa modalidade desportiva. Esses mecanismos praticados, muitas vezes como vigilância, com a intenção de manter a ordem ou a disciplina durante essa prática desportiva, evidenciam a existência de teias sociais silenciosas que ordenam o existir do desporto handebol.

Nessas teias, os ensinamentos, os treinamentos e as competições são produzidos como um alicerce de verdades que vai sendo transmitidos aos atletas de forma absoluta, sem considerar suas reais condições de aprendizagem dos atores sociais adultos. Estas razões conduzem ao estudo da referida temática.

As experiências vivenciadas pelo autor do presente estudo apontam que durante 32 anos de experiências como atleta de clubes, seleções e, posteriormente, como técnico e professor de modalidade nos diversos segmentos de ensino,

despertou-me a inquietação de investigar as relações de poder no desporto handebol, o que veio fortalecer tal interesse com a conclusão da pesquisa de mestrado com o foco semelhante na Formação Profissional Universitária em Educação Física – Uma Visão dos egressos da Universidade do Estado do Pará no ano de 2000, no Estado do Rio de Janeiro, na Universidade Gama Filho (UGF).

Já nesta época, a disciplina, a questão do poder, micro poderes e as representações sociais poderiam se fazer presentes nas sessões de treinamentos, aplicadas pelos técnicos (as), haja vista as respostas que os atletas demonstravam pelos seus comportamentos nos treinamentos e jogos, ora de forma positiva e algumas ocasiões não muito satisfatória, para os objetivos dos treinos e jogos.

Posteriormente o pesquisador vivenciou experiências de trabalhar como auxiliar técnico da modalidade com outros técnicos considerados muito competentes, porém tidos como temperamentais no que diz respeito às suas tomadas de decisões, para com os atletas e adversários com tendências as influências positivas e negativas no rendimento das equipes de acordo com relatos de alguns atletas. Sempre houve restrições e compreensões, aceitando comportamentos de poderes coercitivos como sendo seus procedimentos metodológicos para as sessões de treinos e jogos.

Segundo a Federação de Handebol do Estado do Pará (FHEP, 2007/2010) dentre as modalidades desportivas coletivas, o handebol é o que tem demonstrado maior crescimento e interesse da mídia, nos últimos dez anos, com exceção do voleibol o qual sabemos que está num patamar de excelência duradouro e o futebol de campo que, além de ser profissional, ainda é a vitrine dos olhos dos brasileiros em se tratando de fama e independência financeira.

A compreensão das redes de interação dos efeitos do poder e de suas unidades, veiculados pelas metodologias de treinamentos e os jogos de handebol, pode contribuir para uma adequação do atleta ou até mesmo da produtividade da equipe como um todo, que considere o cotidiano dos atores sociais, suscitando novas formas de intervenção. Esta é a justificativa para a proposta deste estudo, pois, pelo conhecimento que se tem a respeito do assunto, o foco das pesquisas desenvolvidas sobre a temática do poder não têm privilegiado o aspecto dessas relações entre os atores sociais envolvidos com o desporto handebol.

A estrutura metodológica compreende um estudo com abordagem quali-quantitativa, onde o enfoque qualitativo será com base nas análises do Discurso do Sujeito Coletivo (Lefèvre, 2000, p. 18), pois, o autor revela que em se tratando de pesquisa social com abordagens quantitativas e, apenas perguntas fechadas, limitam a forma de pensar dos elementos pesquisados; portanto à necessidade de perguntas abertas semiestruturadas em virtude de o estudo contemplar as análises quantitativo-qualitativa. A pesquisa pode vir a contribuir para reflexões em outras áreas do treinamento desportivo, que se mantêm implicitamente incluídas nessa abordagem, justificando a razão dessa abordagem temática.

No Brasil, o desporto handebol surgiu através das colônias europeias que se instalaram no sul do país aproximadamente em 1930 e o estado pioneiro na modalidade foi São Paulo, onde o professor Augusto Listello ministrou um curso de handebol, na cidade de Santos (1954), para professores de educação física de várias regiões do país, que posteriormente se comprometeram a divulgar a modalidade por todo o território nacional (Regras oficiais de Handebol, 2006/2009). Para Confederação Brasileira de Handebol (CBHB, 2007/2010) a região sudeste brasileira é considerada a de maior desenvolvimento do handebol, porém, muitos estados têm evoluído bastante no que diz respeito a projeção dessa modalidade no cenário nacional.

Atualmente o handebol no Estado do Pará está tentando reeditar grandes momentos de glórias. Este se reestruturou, criando uma federação atuante, promovendo torneios, copas, campeonatos em todas as categorias, fato que há pouco tempo atrás não acontecia, deixando o handebol passar por uma fase obscura no contexto regional e até mesmo nacional no que diz respeito às grandes conquistas e prestígios na mídia (Dossiê da FHEP – 2007/2010).

Os dados da Federação de Handebol do Estado do Pará (FHEP, 2007/2008), quando da coleta de dados da pesquisa que relatavam a presença de 15 equipes disputando o Campeonato Paraense de Handebol na categoria adulta (oito equipes que continham os dois gêneros e sete no gênero feminino), em 2010 apresentaram um crescimento de 14 (quatorze) equipes no masculino e 09 (nove) no feminino, totalizando 23 (vinte e três) agremiações disputando a referida competição (dados da FHEP), inclusive tendo a participação de algumas equipes do interior do estado

e, por não haver registros de estudos no período de 2007/2010 que contemplem o foco central desta pesquisa, decidiu-se realizar esta investigação científica. Isto pode ser um grande avanço nos estudos científicos não só para o desporto handebol como para outras áreas afins como: Pedagogia do Esporte, Sociologia Desportiva, Psicologia do esporte e outras que se relacionam com o foco da pesquisa.

No trabalho com as modalidades desportivas, em particular o handebol, um desporto considerado por muitos professores de Educação Física e técnicos da modalidade, uma das práticas de mais fácil assimilação e aprendizagem, estão reunidas no seu bojo três características básicas presentes na vida do ser humano como saltar, correr e lançar (Simões, 2008, p. 33). Nesse contexto perpassam relações de poder que muitas vezes os atores sociais desconhecem ou ignoram, por estarem envolvidos de forma tão intensa nos diversos processos de execução dessa modalidade e, que podem ou não contribuir no rendimento pessoal, grupal ou de toda a equipe em busca de determinados objetivos como, por exemplo, ganhar uma competição a qualquer custo.

Podemos dizer também que a ausência de valores comuns reconhecidos e aceitos por atletas, técnicos e equipes, pode representar conflitos de opiniões, caso ocorram práticas enganosas e/ou prejudiciais, para a capacidade de produtividade que possa solidificar a padronização comportamental coletiva entre os atores sociais envolvidos no Handebol do Estado do Pará.

1.6. A ESTRUTURA GERAL DO TEXTO

A introdução trata da abordagem da pesquisa enfatizando a problematização, as questões a investigar, os objetivos, a relevância da pesquisa enfocando sua abrangência no estado do Pará, âmbito do estudo, pressupostos e limitações e, como o texto está estruturado.

A compreensão do campo de investigação é enfatizada no tópico e trata metodologicamente o desenvolvimento da pesquisa, abordando sua área, definição da amostra, a estrutura de coleta de dados, as técnicas da pesquisa, as formas construção dos dados com a seleção, categorização, tabulação, organização /análise que culmina com as Análises do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), que é uma estratégia metodológica com vistas a tornar mais clara uma dada

representação social e o conjunto das representações que conforma um dado imaginário (Lefèvre, 2000, p. 19)

O campo teórico para a compreensão do objeto de estudo é contemplado no tópico III, onde são destacados os sentidos, os significados e os efeitos das relações de poder disciplinar nos corpos esportivos, a estrutura do poder simbólico como processo de construção da realidade esportiva e as relações de poder das representações sociais simbólicas no campo das relações de gênero.

A estruturação das relações de poder no handebol no Discurso do Sujeito Coletivo é discutida no tópico IV, analisando a configuração das experiências de formação dos atores sociais, o Discurso do sujeito coletivo no poder simbólico (DSC), O DSC no disciplinamento dos corpos e O DSC nas formas de representações sociais simbólicas.

O tópico V trata das considerações finais em que articula os objetivos, as questões de estudo e os resultados da pesquisa. O tópico VI referente às propostas de estudos futuros as possibilidades de ampliação de novos estudos no campo das modalidades esportivas com extensão para o Brasil. As referências, referente ao tópico VII, tratam das obras consultadas que possibilitaram a construção do campo teórico da pesquisa. Os anexos, tópico VIII, registram os instrumentos de coleta de dados validados pelos acadêmicos do campo da metodologia e demais documentos que nortearam o contexto do estudo.

2. A COMPREENSÃO DO CAMPO DE INVESTIGAÇÃO

HANDEBOL E GÊNERO: AS RELAÇÕES DE PODER NA DINÂMICA DOS TREINOS AOS
JOGOS NO ESTADO DO PARÁ

2. A COMPREENSÃO DO CAMPO DE INVESTIGAÇÃO

2.1. A ÁREA DA PESQUISA

A pesquisa foi desenvolvida basicamente na cidade de Belém do Pará e região metropolitana que inclui até o município de Ananindeua, em função da maioria dos jogos dos campeonatos paraense de handebol (2007/2010 – efetivação do estudo) ter sido realizado nesses logradouros e todos os clubes participantes das competições da Federação tinham que competir algumas vezes na capital paraense.

O estado do Pará é o segundo maior do Brasil em extensão territorial com 1.247.950.003 km² e população de 7.443.904 habitantes (Censo do IBGE – 2010), com distribuição geográfica muito diversificada, em termos de meios de transportes, pois as formas de acesso aos vários municípios só podem ser efetivadas através dos meios de transportes fluvial e aéreo, impossibilitando os deslocamentos dos atletas e comissão de arbitragem para essas regiões em função dos altos custos operacionais. No entendimento da Federação fica menos dispendioso centralizar a maioria dos jogos nos finais de semana em Belém. Esta posição da Federação possibilitou a definição dos municípios de Castanhal, Marabá, Santa Izabel, Tucuruí e Conceição do Araguaia por apresentarem estruturas físicas e operacionais satisfatórias para efetivação das competições. A área de abrangência da pesquisa compreendeu somente os municípios – Belém, Vigia, Ananindeua, Santa Izabel, Castanhal e Tucuruí - conforme está configurada na Figura 1.

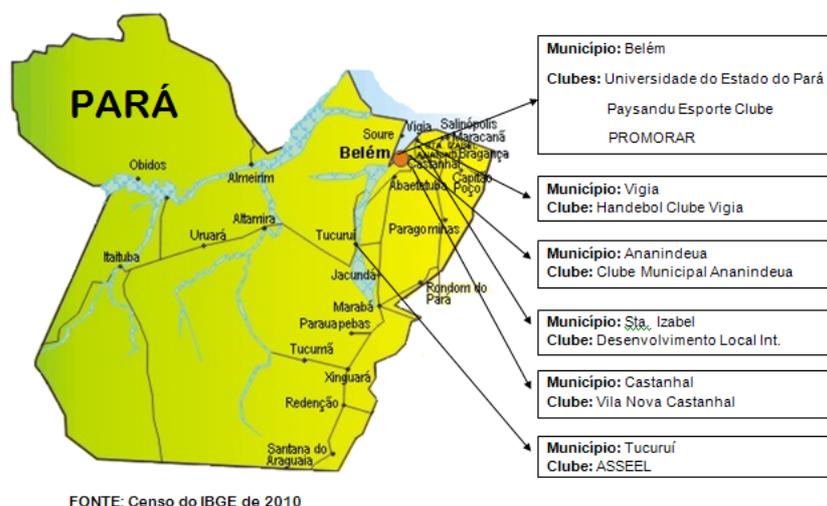


Figura 1 - Mapa do Estado do Pará com os municípios e clubes esportivos que fazem parte da amostra da pesquisa

Município de Belém

É um município brasileiro, capital do estado do Pará. É a segunda capital mais populosa da região norte com 1.392.031 habitantes, área de 1.065,30 Km², ficando atrás de Manaus (Censo IBGE 2010). É conhecida como a maior metrópole da Amazônia, cidade das mangueiras, do círio de Nossa Senhora de Nazaré, uma das maiores procissões católicas do Brasil e do mundo que ocorre no 2º domingo do mês de outubro. A Universidade do Estado do Pará (UEPA), Paysandú Esporte Clube (PSC) e Associação dos Moradores do Conjunto Promorar (AMCPROMORAR), constituem os espaços circunscritos que fizeram parte da amostra da pesquisa.

Município da Vigia

Situado na zona fisiográfica da região do salgado é conhecido como Vigia de Nazaré, tem uma população de 168.559 habitantes e uma área de 1.024,80 km² (Censo do IBGE - 2010). Foi criado em 1616, seis dias antes da fundação de Belém do Pará. Fora primitivamente uma aldeia dos índios tupinambás, Por sua localidade, o governo colonial transformou em um posto alfandegário guarnecido e denominado de VIGIA. Possui o círio de Nazaré mais antigo do Estado do Pará. O município da

Vigia possui o Handebol Clube da Vigia (HCV) que fez parte da amostra da pesquisa por possuir os dois gêneros.

Município de Ananindeua

É um município brasileiro do Estado do Pará, localizado na grande Belém, é o segundo mais populoso do estado, o terceiro da Amazônia com uma população de 471.744 habitantes e uma área de 190,60 km² (Censo do IBGE - 2010) .O nome Ananindeua é de origem tupi, deve-se a grande quantidade de árvores chamadas Anani, uma espécie de vegetal que produz uma resina de cerol utilizada para lacrar as fendas das embarcações. A cidade é originária de ribeirinhos, começou a ser povoada a partir da antiga Estrada de Ferro de Bragança. O município de Ananindeua possui o Clube Municipal de Ananindeua (CMA) que fez parte da amostra da pesquisa por possuir os dois gêneros.

Município de Santa Izabel

Localiza-se a 38 quilômetros da capital do Estado, com uma população de 59.386 habitantes e uma área de 577,1 Km² (Censo do IBGE – 2010). O município tem muito haver com a antiga estrada de ferro que ligava a capital Belém a cidade de Bragança, localizada no litoral nordeste do Estado. Por essa estrada vieram muitos migrantes nordestinos fugidos da seca, principalmente cearenses, daí os fundadores da cidade terem essa origem. O município de Santa Izabel possui o Clube Municipal– DESENVOLVIMENTO LOCAL INTEGRADO E SUSTENTADO DE SANTA ISABEL (DLISSI) que fez parte da amostra da pesquisa por possuir os dois gêneros.

Município de Castanhal

Situa-se na microrregião de Castanhal da qual é sede. Possui uma população de 168.559 habitantes e uma área de 1.024,80 Km² (Censo do IBGE – 2010. Possui a famosa praça Estrela, onde se pode degustar as famosas comidas típicas do Estado do Pará e visitar o monumento histórico da cidade: O conjunto Ferroviário do

qual faz parte a Maria Fumaça. O município de Castanhal possui o Vila Nova Castanhal (VNC) que fez parte da amostra da pesquisa por reunir os dois gêneros.

Município de Tucuruí

Segundo o historiador Theodoro Braga, as origens do município estão relacionadas com o povoado de Alcobaça, fundado em 1781, pelo governador General José de Nápoles. Possui uma população de 96.343 habitantes e uma área de 2.086,20 km² (Censo do IBGE – 2010). Por sua localização estratégica às margens do rio Tocantins, a fundação do povoado teria um duplo caráter – o fiscal e o militar – sobre a navegação naquele rio. O município de Tucuruí possui a Associação dos Servidores da Eletronorte – ASSEEL como clube esportivo que fez parte da amostra da pesquisa por reunir os dois gêneros.

2.2. DEFINIÇÃO DA AMOSTRA

De um universo de 550 (quinhentos e cinquenta) atletas dos 15 (quinze) clubes cadastrados na Federação de Handebol do Estado do Pará (FHEPA – 2007/2008) a amostra foi delimitada em 08 clubes que disputam a modalidade nos dois gêneros, perfazendo um total de 76 (setenta e seis) atletas, sendo 42 (quarenta e dois) masculinos e 34 (trinta e quatro) femininos, que representam 20% do total de cada gênero dessas agremiações selecionadas para a pesquisa, conforme explicitado no quadro nº 1. Os sujeitos da pesquisa são os atletas (as) amadores e técnicos (as) com diferentes níveis sócio-econômicos e escolaridades, conforme tabela nº 5, que representam as formas como se configuram as relações de poder nos treinos e jogos.

Quadro 1 - Definição da Amostra da Pesquisa

CLUBES/EUIPE	UNIVERSO E AMOSTRA DA PESQUISA					
	UNIVERSO			AMOSTRA*		
	Masculino	Feminino	Total	Masculino	Feminino	Total
UEPA	26	27	53	05	05	10
PSC	30	22	52	06	04	10
ASSEEL	22	22	44	04	04	08
HCV	14	15	29	03	03	06
CMA	47	34	81	09	07	16
DLISSI	19	12	31	04	02	06
AMC PROMORAR	27	18	45	05	04	09
CEC	33	23	56	06	05	12
SEPA	23	-	23	CLUBE NÃO PARTICIPANTE DA AMOSTRA		
CSB	24	-	24	CLUBE NÃO PARTICIPANTE DA AMOSTRA		
CEFET	-	26	26	CLUBE NÃO PARTICIPANTE DA AMOSTRA		
VILA NOVA	24	-	24	CLUBE NÃO PARTICIPANTE DA AMOSTRA		
ASSEDUC	14	-	14	CLUBE NÃO PARTICIPANTE DA AMOSTRA		
BRAGANTINO	19	-	19	CLUBE NÃO PARTICIPANTE DA AMOSTRA		
CEAL	29	-	-	CLUBE NÃO PARTICIPANTE DA AMOSTRA		
TOTAL	351	199	550	42	34	76

Fonte: Federação de Handebol do estado do Pará – 2008.

Legenda: UEPA - Universidade do Estado do Pará. PSC - Paysandú Sport Cube. ASSEEL. Associação dos Servidores da Eletronorte. HCV - Handebol Clube Vigia. CMA - Clube Municipal Ananindeua. DLISSI – Desenvolvimento Local Integrado e Sustentado de Santa Isabel. AMC PROMORAR – Associação dos Moradores do Conjunto Promorar. CEC – Castanhal Esporte Clube. SEPA - Sociedade Esportiva Palmeiras Abaetetubense. CSB – Caicó Semacom Barcarena. CEFET– Centro de Ensino Federal Tecnológico. VNC– Vila Nova Castanhal. ASSEDUC – Associação dos Servidores da SEDUC. BCP – Bragantino Clube do Pará. CH – Ceal Herbalife. *Amostra: 20% do total do universo da pesquisa de clubes c/equipes do sexo masculino e feminino.

2.3. A ESTRUTURA DA COLETA DE DADOS

Toda estruturação de coleta de dados da pesquisa foi devidamente estudada para que se alcançassem os melhores resultados positivos possíveis em função das prováveis dificuldades, que se poderia encontrar, levando-se em consideração as dimensões geográficas do estado do Pará e dificuldades de deslocamentos para

alguns municípios envolvidos no estudo, conforme explicitado no item 2.1 deste capítulo.

Foram construídos roteiros de entrevistas semi-estruturadas e submetidos ao processo de validação por duas doutoras, uma mestra e um mestre, especialistas em metodologia da pesquisa e técnicas educacionais.

Tivemos os cuidados de sempre checar os outros materiais de apoio que seriam fundamentais no processo de recolha dos dados como: mini-gravadores com pilhas novas, fitas cassetes, blocos de anotações e locais apropriados para as entrevistas individualizadas.

2.4. AS TÉCNICAS DE PESQUISA

Nessa pesquisa, para efetivarmos a coleta de dados, utilizamos a técnica de entrevista que seguia um roteiro de perguntas abertas, semi-estruturadas, conforme o instrumento validado por quatro especialistas, conforme enfatizado no item 2.3 deste capítulo, fundamentado nas análises do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), que trata estrategicamente os procedimentos metodológicos, objetivando que uma dada representação social esteja bastante clara no conjunto das representações que estruturam um dado imaginário.

Levando-se em consideração as formas de análises discursivas torna-se possível visualizarmos com mais eficiência uma representação social, conforme ela surge, não sob uma forma (artificial) de quadros, tabelas ou categorias, mas sob uma forma (mais viva e direta) de um discurso que é, como se evidencia, o modo em que os indivíduos reais, concretos pensam. Foi realizado por um roteiro de entrevistas abertas semi-estruturadas e que nos permite analisar vários discursos transformando-os em discurso único. (Lefèvre, 2000, p. 19 – 20).

Foram realizadas entrevistas individuais com os atores sociais envolvidos na pesquisa pelo pesquisador titular e pessoas devidamente treinadas da Federação de Handebol do Estado do Pará, tanto em Belém como nos municípios em que foram realizados treinos e jogos das equipes selecionadas.

Utilizamos como estratégia de captação de informações, observações das sessões de treinamentos, competições da Copa Universidade do Estado do Pará

(UEPA) de 2008, campeonatos paraenses de 2008, 2009 e 2010, onde o pesquisador e as pessoas treinadas realizaram as entrevistas com os atores sociais em foco, procurando extrair o máximo de dados informativos dessas pessoas investigadas

Os atores sociais selecionados de acordo com o percentual da amostragem eram convidados pelos pesquisadores, após contatos prévios e autorizados pelos seus técnicos e técnicas, para as devidas entrevistas individualizadas em locais que não prejudicassem as informações necessárias. Foram utilizados mini-gravadores e blocos de anotações para registros extras, além de assinaturas prévias dos atores sociais de termos de consentimentos individualizados para a efetivação da recolha dos dados.

Posteriormente, todas as informações eram cuidadosamente escutadas exaustivamente para serem transcritas e analisadas conforme o DSC.

2.5. AS FORMAS DE CONSTRUÇÃO DOS DADOS

Os dados foram construídos conforme as informações coletadas nas entrevistas com os atores sociais referendados pelo instrumento que foi validado pelos especialistas. Com isso, foram gerados quadros de roteiros de entrevistas, quadros de análises dos discursos e tabelas. Tomaram-se todos os cuidados necessários para que as informações fossem as mais fidedignas possíveis para o tratamento, análise e conclusão dos resultados.

2.5.1. A SELEÇÃO DOS DADOS

Compreendeu uma seleção cuidadosa e criteriosa em quadros preliminares fundamentados nos roteiros de entrevistas, originando outros quadros de análises segundo o DSC que possibilitaram também a elaboração de tabelas específicas para a análise e discussão dos resultados.

2.5.2. A CATEGORIZAÇÃO DOS DADOS

Foi feito o agrupamento dos discursos, condição necessária para produzir conhecimento ou entendimento através da eliminação da variabilidade individual não pertinente do fenômeno pesquisado, é, pois, classificatório. O que passa valer é o

nome ou o título da classe, deixando os discursos empíricos de existir justamente na medida em que as categorias, ou seja, o nome das classes passa a existir em seu lugar.

2.5.3. A TABULAÇÃO DOS DADOS

Consistiu na leitura das respostas das questões abertas da pesquisa e na identificação de uma palavra, um conceito ou uma expressão chave que revelasse a essência do sentido da resposta. Feito isso, tivemos respaldos suficientes para organizar as categorias da pesquisa, tornando possível enquadrar os vários depoimentos/discursos nas categorias selecionadas.

2.5.4. A ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Os dados foram devidamente organizados em roteiros de entrevistas semi-estruturadas conforme os instrumentos de coleta de dados validados pelos especialistas originando quadro de definição da amostra da pesquisa, quadros com ideia central e expressões – chave das falas dos atores sociais da pesquisa, possibilitando a construção do DSC de cada questão do estudo, bem como tabelas sobre o nível de escolaridade, faixa etária e clubes esportivos, que possibilitaram as análises e interpretações dos resultados explicitados no capítulo IV da tese.

2.5.4.1. A PERSPECTIVA DE ANÁLISE DO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO (DSC)

De acordo com Lefèvre (2000, p.18), já há algum tempo, mesmo dentre os pesquisadores adeptos dos métodos quantitativos, considera-se que a presença numa pesquisa social apenas de questões fechadas limitava muito a expressão do pensamento dos pesquisados. Daí a necessidade sentida por esses pesquisadores da presença de algumas questões abertas, geralmente propostas com o intuito de aprofundar a pesquisa subjacente à escolha por uma das alternativas da resposta.

Portanto, a perspectiva de análise do DSC tem como forma de conhecimento ou redução da variabilidade discursiva empírica, implicar um radical rompimento com esta lógica quantitativo-classificatória, possibilitando o resgate do discurso como signo de conhecimentos dos próprios discursos.

Em evidência, (Lefèvre, 2000, p. 19), cita que com as análises do DSC, os discursos não desaparecem ou diminuem a uma categoria comum unificada, pois, o objetivo principal é uma reconstrução com pedaços de discursos individuais, em analogia um quebra-cabeças, ou seja, são reunidos vários discursos-síntese quantos se fizerem necessário para representar uma dada “figura” - um modo de pensar ou representação social a respeito de um fenômeno

Vale salientar, que o DSC é construído tendo como ponto de partida os discursos em estado bruto, que são submetidos a uma análise primária afim de selecionar as principais ancoragens e/ou ideias centrais que constituem cada um dos discursos individuais e em todos eles presentes e, que culmina sob uma forma simplificada, onde se busca a reconstituição da representação social no contexto de um enfoque discursivo. Em síntese, o DSC é como se o discurso de todos fosse o discurso de um.

No presente estudo elaboramos um *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* para preenchimento pelos participantes, onde o pesquisador assume compromisso de sigilo absoluto sobre a identidade de todos os envolvidos na pesquisa e observa que os dados-informações serão divulgados no meio acadêmico-científico, congressos, seminários, artigos, revistas especializadas e demais tipos de publicações.

2.6. CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Neste tópico serão apresentados os perfis dos colaboradores de acordo com o gênero de todos os participantes e da configuração das experiências dos atores sociais dos grupos esportivos de handebol.

2.6.1. ESCOLARIDADE DAS MULHERES TÉCNICAS DE HANDEBOL

A Tabela 1 correspondente a escolaridade, faixa etária e clubes esportivos das técnicas de Handebol que disputam o campeonato paraense da modalidade, nos mostra que todas as três selecionadas de acordo com a amostra da pesquisa, possuem nível superior com habilitação em Licenciatura Plena em Educação Física, sendo 01(uma) na faixa etária de 36 a 41 anos do Clube Universidade do Estado do Pará (UEPA), representando um percentual de 33,3% do total geral da amostragem.

2. A COMPREENSÃO DO CAMPO DE INVESTIGAÇÃO

As outras duas técnicas enquadram-se na faixa etária de 42 a 47 anos, registrando 01(uma) do Paysandu Esporte Clube (33,3%) e a outra do Cube Associação dos Servidores da Eletronorte (33,3%).

Tabela 1 - Técnicas de handebol segundo escolaridade – faixa etária e clubes esportivos

ESCOLARIDADE/ CLUBES ESPORTIVOS	FAIXA ETÁRIA				TOTAL GERAL	
	36 - 41		42 - 47		ABS	%
	ABS	%	ABS	%		
Licenciatura Plena em Ed. Física	01	33,3	02	66,7	03	100
• UEPA	01	33,3	-	-	01	33,3
• PAYSUNDU	-	-	01	33,3	01	33,3
• ASSEEL	-	-	01	33,3	01	33,3
TOTAL	01	33,3	02	66,7	03	100

Fonte: Entrevista realizada com técnicas de handebol de clubes esportivos 2007-2010. Brasil – Pará /Belém.

Legenda: UEPA – Clube Universidade do Estado do Pará. PAYSANDU – Paysandu Esporte Clube. ASSEEL – Clube Associação dos Servidores da Eletronorte.

Em virtude das três técnicas terem uma formação de nível superior, específica em uma área intimamente ligada ao esporte, que é a Educação Física, pressupõe maior facilidade no processo ensino aprendizagem dos conhecimentos esportivos, principalmente o desporto que trabalham que é o Handebol, além de poder favorecer as demais relações de poder, autoridade, afetividade, elaboração de planejamento de treinamentos e jogos, por exemplo, em função da formação profissional das mesmas.

Vale salientar, que o nível e tempo de convivência com os atletas, tempo de treinamento, formação dos jogadores (as) são fundamentais para que todos esses fatores proporcionem resultados positivos ou negativos no rendimento de desempenho das equipes como um todo.

2.6.2. ESCOLARIDADE DOS HOMENS TÉCNICOS DE HANDEBOL

A tabela nº 2, correspondente aos técnicos dos 08 (oito) clubes esportivos que disputam o Campeonato Paraense de handebol nos dois gêneros, evidenciam segundo a amostra da pesquisa, que de um total de 07 (sete) técnicos, 04 (quatro)

professores tem formação específica direcionada ao trabalho com o desporto propriamente dito, já que são licenciados Plenos em Educação Física. O técnico da Universidade do Estado do Pará/Belém que está na faixa etária de 30 a 35 anos, o técnico do Clube Vila Nova do Município de Castanhal (CASTANHAL), que está na faixa etária de 36 a 41 anos, o técnico do Clube Municipal de Ananindeua (ANANINDEUA), localizado na faixa etária 36 a 41 anos e o técnico do Handebol Clube da Vigia (VIGIA) e, que também enquadra-se na faixa etária de 36 a 41 anos (42,85%). Esta tabela ainda nos mostra dois técnicos graduados em administração, sendo 01 (um) do Clube de Desenvolvimento local Integrado e Sustentado de Santa Izabel (SANTA IZABEL) e 01 (um) do Paysandu Esporte Clube (PAYSANDU), ambos da faixa etária de 36 a 41 anos, representando 28,57% da amostragem.

A tabela ainda registra a presença de 01 (um) técnico do Clube Associação do Conjunto Promorar (PROMORAR) / Belém, que tem formação em outro curso superior não relatado na entrevista, na faixa etária de 42 a 47 anos e, que representa 14,28% da amostra.

Segundo as representatividades da tabela, percebemos que esses profissionais têm formação diferenciada, o que nos comprova um fato interessante que para muitas pessoas que militam no esporte, não é novidade de que para trabalhar com o treinamento desportivo, não tem tanta necessidade de ter a formação específica em Educação Física, porém, com certeza necessitam conhecer, estudar, se especializar e gostar dos trabalhos que se propõem a fazer, apesar que nesta amostragem, o maior percentual de concentração (42,85%) foi da área específica associada aos desportos que é a formação em Educação Física.

2. A COMPREENSÃO DO CAMPO DE INVESTIGAÇÃO

Tabela 2 - Técnicos de handebol segundo escolaridade – faixa etária e clubes esportivos

ESCOLARIDADE CLUBE ESPORTIVO	FAIXA ETÁRIA						TOTAL GERAL	
	30 A 35		36 A 41		42 A 47			
	ABS	%	ABS	%	ABS	%	ABS	%
Licenciatura Plena em Ed. Física	01	14,28	03	42,85	-	-	04	57,13
• BELÉM/UEPA	01	14,28	-	-	-	-	01	14,28
• CASTANHAL / VNC	-	-	01	14,28	-	-	01	14,28
• ANANINDEUA / CMA	-	-	01	14,28	-	-	01	14,28
• VIGIA / HCV	-	-	01	14,28	-	-	01	14,28
Graduação em Administração			02	28,57	-	-	02	28,57
• STA. IZABEL / DLISSI	-	-	01	14,28	-	-	01	14,28
• BELÉM / PAYSANDU	-	-	01	14,28	-	-	01	14,28
Outro Curso Sup.- completo					01	14,28	01	14,28
• BELÉM / PROMORAR	-	-	-	-	01	14,28	01	14,28
TOTAL	01	14,28	05	71,42	01	14,28	07	100

Fonte: Entrevista realizada com técnicos de handebol de clubes esportivos: 2007-2010. Brasil – Pará – Belém.

Legenda: ADEMA – Clube Associação Desportiva Monsenhor Azevedo. CASTANHAL – Clube Vila Nova de Castanhal. ANANINDEUA – Clube Municipal De Ananindeua. VIGIA – Handebol Clube Da Vigia. STA. IZABEL – Clube de Desenvolvimento Local Integrado e Sustentado Sta. Izabel. PAYSANDU – Paysandu Esporte Clube. PROMORAR – Clube Associação dos Moradores do Conjunto PROMORAR.

Com relação ao foco da pesquisa (Handebol e Gênero: Um estudo acerca das Relações de Poder no desporto Handebol nos Clubes que disputam o campeonato paraense), ficou evidenciado nas análises do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), que se relaciona muito com o nível de convivência entre técnicos e atletas, tempo de treinamento e planejamento, independente da formação profissional dos técnicos para tirarmos conclusões a respeito de disciplina, autoritarismo, poder, ética e relações de afetividade que esses técnicos exercem sobre seus atletas.

2.6.3. ESCOLARIDADE DE ATLETAS MASCULINOS DE HANDEBOL

A tabela 3 que registra o perfil dos atletas masculinos de handebol que disputam o Campeonato Paraense nos dois gêneros, segundo escolaridade, faixa

etária e clubes esportivos, não registra a presença de nenhum atleta com escolaridade direcionada especificadamente para o desporto, no caso a Licenciatura em Educação Física.

Percebemos nos registros da tabela, que o maior percentual de atletas que é de 35,84%, concentra na escolaridade do ensino médio completo, representando 15 (quinze) atores sociais de um total de 42, localizando-se na faixa etária de 18 a 23 anos, sendo 02 (dois) do Clube Asseel, 03 (três) do Clube de Ananindeua 02 (dois) do Clube Castanhal, 01 (um) do Clube Uepa, 04 (quatro) do Clube Promorar, 01(um) do Clube de Vigia e 02 (dois) do Clube de Santa Izabel.

A segunda maior concentração de atletas é de 19,04%, também na faixa etária de 18 a 23 anos com escolaridade de curso superior incompleto e não relatado na entrevista a devida área. Sendo 03 (três) atletas do Clube Uepa, 02 (dois) do Clube de Ananindeua, 01 (um) do Clube da Vigia e 02 (dois) do Paysandu.

O terceiro maior percentual de atletas que encontramos na tabela é de 11,9% com escolaridade de ensino médio incompleto e inseridos na faixa etária de 18 a 23 anos, sendo 02 (dois) do Paysandu, 01 (um) da Uepa, 01 (um) da Vigia e 01 (um) de Ananindeua.

O quarto maior percentual de atletas está inserido na faixa etária de 30 a 35 anos, representando 9,5% de um total de 42 atletas masculinos e escolaridade de ensino médio completo, sendo 01 (um) de Castanhal, 01 (um) de Ananindeua, 01 (um) do Paysandu e 01 (um) do Pomorar.

O quinto maior percentual de atletas que é de 7,14%, podemos verificar na tabela que está localizado na faixa etária de 24 a 29anos e com escolaridade de ensino médio completo, sendo 01 (um) do Clube Asseel, 01 (um) do Clube de Santa Izabel e 01 (um) do Clube de Castanhal.

O sexto maior percentual registrado na tabela, é de 4,7% dos 42 atletas e que estão na faixa etária de 18 a 23 anos com escolaridade de ensino fundamental completo, sendo 01 (um) do Paysandu Esporte Clube e 01 (um) do Clube de Castanhal.

2. A COMPREENSÃO DO CAMPO DE INVESTIGAÇÃO

O menor percentual registrado na tabela é de 2,4%, representado por 01(um) atleta de Ananindeua na faixa etária de 30 a 35 anos com formação superior incompleta não relatada em que área na tabela.

Tabela 3 - Atletas masculinos de handebol segundo escolaridade – faixa etária e clubes esportivos 2007-2010

ESCOLARIDADE CLUBE ESPORTIVO	FAIXA ETÁRIA								Total Geral	
	18 A 23		24 A 29		30 A 35		36 EM DIANTE		ABS	%
	ABS	%	ABS	%	ABS	%	ABS	%		
Outro Curso Sup.- completo			01	2,4	01	2,4	01	2,4	03	7,2
• ANANINDEUA / CMA	-	-	01	2,4	-	-	01	2,4	02	4,8
• CASTANHAL / VNC	-	-	-	-	01	2,4	-	-	01	2,4
Outro Curso Sup.- Incompleto	08	19,04	01	2,4					09	21,44
• BELÉM / UEPA	03	7,14	-	-	-	-	-	-	03	7,14
• ANANINDEUA / CMA	02	4,8	-	-	-	-	-	-	02	4,8
• VIGIA / HCV	01	2,4	-	-	-	-	-	-	01	2,4
• BELÉM / PAYSANDU	02	4,8	-	-	-	-	-	-	02	4,8
• STA. IZABEL / DLISSI	-	-	01	2,4	-	-	-	-	01	2,4
Ensino Médio Completo	15	35,84	03	7,14	04	9,5			22	52,46
• TUCURUI / ASSEEL	02	4,8	01	2,4	-	-	-	-	03	7,2
• ANANINDEUA / CMA	03	7,14	-	-	01	2,4	-	-	04	9,5
• CASTANHAL / VNC	02	4,8	-	-	01	2,4	-	-	03	7,2
• BELÉM / UEPA	01	2,4	-	-	-	-	-	-	01	2,4
• BELÉM / PROMORAR	04	9,5	-	-	01	2,4	-	-	05	11,9
• VIGIA / HCV	01	2,4	-	-	-	-	-	-	01	2,4

2. A COMPREENSÃO DO CAMPO DE INVESTIGAÇÃO

Continuação Tabela 3

• STA. IZABEL / DLISSI	02	4,8	01	2,4	-	-	-	-	03	7,2
• CASTANHAL / VNC	-	-	01	2,4	-	-	-	-	01	2,4
• BELÉM / PAYSANDU	-	-	-	-	01	2,4	-	-	01	2,4
Ensino Médio Incompleto	05	11,9	01	2,4					06	14,3
• BELÉM / PAYSANDU	02	4,8	-	-	-	-	-	-	02	4,8
• BELÉM / UEPA	01	2,4	-	-	-	-	-	-	01	2,4
• VIGIA / HCV	01	2,4	-	-	-	-	-	-	01	2,4
• ANANINDEUA/ CMA	01	2,4	-	-	-	-	-	-	01	2,4
• TUCURUI / ASSEEL	-	-	01	2,4	-	-	-	-	01	2,4
Ensino Fundamental Completo	02	4,7							02	4,7
• BELÉM / PAYSANDU	01	2,4	-	-	-	-	-	-	01	2,4
• CASTANHAL/ VNC	01	2,4	-	-	-	-	-	-	01	2,4
TOTAL	30	71,4	06	14,3	05	11,9	01	2,4	42	100

Fonte: Entrevista realizada com atletas masculinos de handebol de clubes esportivos 2007-2010. Brasil – Pará /Belém.

Legenda: UEPA – Clube Universidade do Estado do Pará; CASTANHAL – Clube Vila Nova de Castanhal; ANANINDEUA – Clube Municipal De Ananindeua; VIGIA – Handebol Clube Da Vigia; STA. IZABEL – Clube de Desenvolvimento Local Integrado e Sustentado Sta. Izabel; PAYSANDU – Paysandu Esporte Clube; PROMORAR – Clube Associação Dos Moradores Do Conjunto PROMORAR; ASSEEL – Clube Associação dos Servidores da Eletronorte.

A análise desta tabela pressupõe o entendimento da circularidade do poder pelos atletas masculinos de forma bastante diversificada, haja vista que existem atores sociais com escolaridade e faixa etária diferenciada, podendo ainda ser levado em consideração, segundo esta ótica, fatores como: tempo de convivência com os técnicos, tempo de treinamento, metodologia de treinos e jogos, bem como o planejamento de trabalho da equipe em busca dos objetivos desejados.

2.6.4. ESCOLARIDADE DE ATLETAS FEMININAS DE HANDEBOL

Conforme os registros da Tabela 4, das atletas femininas de handebol que disputam o Campeonato Paraense, segundo escolaridade, faixa etária e Clubes esportivos, registra-se a maior concentração de 26,5% de atletas com ensino médio completo e na faixa etária de 18 a 23 anos, sendo 01 do Clube Asseel, 01 do Clube Paysandu, 01 do Clube da Vigia, 01 do Clube de Castanhal, 01 do Clube de Ananindeua, 03 do Clube da Uepa e 01 do Clube do Promorar, totalizando 09 (nove) atletas.

O segundo maior percentual que é de 17,6%, com curso superior completo e área não divulgada na entrevista, está na faixa etária de 30 a 35 anos, distribuídos da seguinte forma: 02 (duas) do clube de Ananindeua, 01 (uma) do Clube Promorar, 01 (uma) do Clube da Asseel, 01 (uma) do Clube de Santa Izabel e 01 (uma) do Clube da Vigia, somando 06 (seis) atletas.

Como terceiro maior percentual da tabela, evidencia-se 11,8% de atletas na faixa etária de 18 a 23 anos e curso superior incompleto sem área especificada na entrevista, sendo 02 (duas) do Clube de Castanhal, 01 (uma) do Clube de Ananindeua e 01 (uma) de Santa Izabel, totalizando 04 (quatro) jogadoras.

O quarto maior percentual que a tabela nos revela é de 8,8% com curso superior completo e área não especificada na entrevista, localizando-se na faixa etária de 24 a 29 anos, discriminados da seguinte forma: 01 (uma) do Clube de Castanhal e 02 (duas) do Clube de Ananindeua, somando 03(três) jogadoras.

Também com percentual de 8,8%, ensino médio completo e na faixa etária de 30 a 35 anos, encontra-se na tabela três jogadoras, sendo 01 do Clube Paysandu, 01 Clube da Vigia e 01 do Clube de Ananindeua.

A tabela ainda registra 01 atleta do Clube Paysandu na faixa etária de 24 a 29 anos e Curso de Licenciatura Plena em Educação Física incompleto (2,9%), 01 atleta da UEPA na faixa etária de 30 a 35 anos e também com o Curso de Licenciatura Plena em Educação Física incompleto (2,9%).

Registra-se ainda 01 (uma) jogadora do Clube da Uepa na faixa etária de 36 anos em diante com outro curso superior completo sem área especificada na

entrevista (2,9%) e 01(uma) atleta do Clube Promorar na faixa etária de 24 a 29 anos com curso superior incompleto e área não especificada na entrevista (2,9%).

Tabela 4 - Atletas femininas de handebol segundo escolaridade – faixa etária e clubes esportivos

ESCOLARIDADE CLUBE ESPORTIVO	FAIXA ETÁRIA								Total Geral	
	18 A 23		24 A 29		30 A 35		36 EM DIANTE		ABS	%
	ABS	%	ABS	%	ABS	%	ABS	%		
Licenciatura Plena em Ed. Física - incompleto			01	2,9	01	2,9			02	5,8
• BELÉM / PAYSANDU	-	-	01	2,9	-	-	-	-	01	2,9
• BELÉM / UEPA	-	-	-	-	01	2,9	-	-	01	2,9
Outro Curso Sup.- completo	01	2,9	03	8,8	06	17,6	01	2,9	11	32,2
• CASTANHAL/ VNC	01	2,9	01	2,9	-	-	-	-	02	5,9
• ANANINDEUA / CMA	-	-	02	5,9	02	5,9	-	-	04	11,8
• BELÉM / PROMORAR	-	-	-	-	01	2,9	-	-	01	2,9
• TUCURUÍ / ASSEEL	-	-	-	-	01	2,9	-	-	01	2,9
• STA. IZABEL / DLISSI	-	-	-	-	01	2,9	-	-	01	2,9
• VIGIA / HCV	-	-	-	-	01	2,9	-	-	01	2,9
• BELÉM / UEPA	-	-	-	-	-	-	01	100	01	2,9
Outro Curso Sup.- Incompleto	04	11,8	01	2,9					05	14,7
• CASTANHAL / VNC	02	5,9	-	-	-	-	-	-	02	5,9
• ANANINDEUA / CMA	01	2,9	-	-	-	-	-	-	01	2,9
• STA. IZABEL / DLISSI	01	2,9	-	-	-	-	-	-	01	2,9
• BELÉM / PROMORAR	-	-	01	2,9	-	-	-	-	01	2,9

2. A COMPREENSÃO DO CAMPO DE INVESTIGAÇÃO

Continuação Tabela 4

Ensino Médio Completo	09	26,5			03	8,8			12	35,3
• TUCURUÍ / ASSEEL	01	2,9	-	-	-	-	-	-	01	2,9
• BELÉM / PAYSANDU	01	2,9	-	-	01	2,9	-	-	02	5,9
• VIGIA / HCV	01	2,9	-	-	01	2,9	-	-	02	5,9
• CASTANHAL / VNC	01	2,9	-	-	-	-	-	-	01	2,9
• ANANINDEUA / CMA	01	2,9	-	-	01	2,9	-	-	02	5,9
• BELÉM / UEPA	03	8,8	-	-	-	-	-	-	03	8,8
• BELÉM/ PROMORAR	01	2,9	-	-	-	-	-	-	01	2,9
Ensino Médio Incompleto	04	11,8							04	12
• BELÉM / PAYSANDU	01	2,9	-	-	-	-	-	-	01	2,9
• BELÉM / PROMORAR	01	2,9	-	-	-	-	-	-	01	2,9
• TUCURUÍ / ASSEEL	02	5,9	-	-	-	-	-	-	02	5,9
TOTAL GERAL	18	53	05	14,6	10	29,3	01	2,9	34	100

Fonte: Entrevista realizada com atletas femininas de handebol de clubes esportivos: 2007-2010. Brasil – Pará – Belém.

Legenda: CASTANHAL – Clube Vila Nova de Castanhal; ANANINDEUA – Clube Municipal De Ananindeua; VIGIA – Handebol Clube Da Vigia; STA. IZABEL – Clube de Desenvolvimento Local Integrado e Sustentado Sta. Izabel; PAYSANDU – Paysandu Esporte Clube; PROMORAR – Clube Associação Dos Moradores Do Conjunto PROMORAR; UEPA – Clube Universidade do Estado do Pará.

Por todas essas análises que esta tabela nos proporciona em termos quantitativos, pressupõe-se uma variabilidade de informações com relação ao foco central da pesquisa que trata de Handebol e Gênero: Um estudo acerca das Relações de Poder nos clubes que disputam o campeonato paraense, em virtude de ser uma tabela bastante diversificada em relação à escolaridade, faixa etária e clubes esportivos, fatos esses já evidenciados nas análises dos Discursos do Sujeito Coletivo (DSC) explicitado na metodologia do estudo.

2.6.5. SÍNTESE DA ESCOLARIDADE DE TÉCNICOS E ATLETAS DE HANDEBOL

Analisando a tabela 5, que registra uma síntese geral dos atores sociais da pesquisa (técnicos / técnicas e atletas masculinos e femininos) que trabalham e praticam o desporto handebol nos clubes que disputam o campeonato paraense, de acordo com a escolaridade dos mesmos, percebemos que 06 (seis) técnicos(as) de um total de 10 (dez) e percentual de (7%), possuem Licenciatura Plena em Educação Física, ou seja, uma área específica para trabalhar com os desportos em geral, enquanto 02 (dois) são graduados em Administração de Empresas (2,3%) e 01 (um) com outro curso superior completo (1,2%) não revelada a área de atuação na entrevista.

Em relação aos (as) atletas, suas escolaridades são diferenciadas, existindo apenas 02 (dois) atletas (2,3%) com o curso de Licenciatura Plena em Educação Física incompleto, ou seja, uma área específica do desporto propriamente dito.

Os demais atletas concentram-se em escolaridades diferentes como: 14 (quatorze) jogadores (as) com outro curso superior completo (16,3%), não especificado a área na entrevista, também 14 (quatorze) com curso superior incompleto e área não especificada na entrevista (16,3%), 33 (trinta e três) atletas com ensino médio completo (38,4%), 11 (onze) atletas com ensino médio incompleto (12,8%) e dois jogadores (as) com ensino fundamental completo (2,3%).

Tabela 5 - Escolaridade dos técnicos e atletas da pesquisa

Escolaridade	Quantidade				Total Geral	
	Técnicos(as)		Atletas		ABS.	%
	ABS.	%	ABS.	%		
Licenciatura Plena em Educação Física	06	7,0	-	-	06	7,0
Licenciatura Plena em Educação Física (Incompleto)	01	1,2	02	2,3	03	3,5
Graduação em Administração de Empresa	02	2,3	-	-	02	2,3
Outro Curso Superior Completo	01	1,2	14	16,3	15	17,4

2. A COMPREENSÃO DO CAMPO DE INVESTIGAÇÃO

Continuação Tabela 5

Outro Curso Superior Incompleto	-	-	14	16,3	14	16,3
Ensino Médio Completo	-	-	33	38,4	33	38,4
Ensino Médio Incompleto	-	-	11	12,8	11	12,8
Ensino Fundamental Completo	-	-	02	2,3	2	2,3
Total	10	11,6	76	88,4	86	100

FONTE: Entrevista realizada com técnicos e atletas de handebol de clubes esportivos: 2007-2010. Brasil – Pará – Belém.

Verifica-se na tabela 5, que os atores sociais (atletas masculinos e femininos, técnicos e técnicas), possuem escolaridade bastante diferenciada, sendo que os técnicos (as) é que apresentam um maior percentual de escolaridade em uma área específica do desporto que é a Educação Física, enquanto apenas 02 (dois) atletas de toda a amostra dos clubes envolvidos na pesquisa possuem esta escolaridade incompleta, os demais se concentram em áreas de escolaridade não específicas do desporto propriamente dito.

Diante desta análise, podemos pressupor que para trabalhar com o desporto, bem como praticá-lo amadoristicamente ou profissionalmente, independe da formação, especificidade profissional e nível de escolaridade, sendo importante, porém, que tenha dedicação, satisfação, assiduidade e responsabilidade com aquilo que está envolvido (a), seja em qualquer situação.

3. O CAMPO TEÓRICO PARA COMPREENSÃO DO OBJETO DE ESTUDO

HANDEBOL E GÊNERO: AS RELAÇÕES DE PODER NA DINÂMICA DOS TREINOS AOS
JOGOS NO ESTADO DO PARÁ

3. O CAMPO TEÓRICO PARA COMPREENSÃO DO OBJETO DE ESTUDO

Para compreendermos o objeto de estudo desta pesquisa procuramos nos fundamentar em autores como Foucault (1988), Soares (2008), Bourdieu (1998), Moscovici (2009) e Galbraith (1984) que abordam de forma significativa os conteúdos relativos às estruturas de relações de poder e suas representações sociais. As teorias explicativas desses autores nos possibilitarão compreender as formas de apresentação do poder disciplinar na construção da realidade esportiva de handebol e gênero.

3.1. OS SENTIDOS, OS SIGNIFICADOS E OS EFEITOS DAS RELAÇÕES DE PODER DISCIPLINAR NOS CORPOS ESPORTIVOS

Para Foucault (1988, p. 31), em se tratando de novidade impactante ocorrida no século XVIII sobre técnicas de poder, o autor credibiliza esse marco histórico ao surgimento da população desencadeando uma problemática política/econômica em seus diversos segmentos como: população – riqueza, população mão – de – obra ou capacidade de trabalho, população em equilíbrio entre seu crescimento próprio e as fontes que dispõe. Portanto, surge uma preocupação nos sistemas governamentais de como conviver não somente com os sujeitos, nem tão pouco com um povo específico, mas também com uma “população” inserida em seus mais diversos fenômenos de especificidade definida ou com suas variabilidades características como: natalidade, morbidade, esperança de vida, fecundidade, estado de saúde, incidência das doenças, forma de alimentação e de *habitat*.

Percebe-se que o autor orienta através da trajetória dos séculos passados para compreensão dos diversos sentidos e significados das relações de poder. Esta forma de entendimento também pode ser transportada para os fundamentos disciplinares dos corpos esportivos. Daí observarmos que, em qualquer contexto de trabalho com o ser humano, a importância da análise da “população” e seus mais variados sistemas de vida e, inclusive, o do campo esportivo deve partir da compreensão da população e seus diversos fenômenos.

Então Foucault (1988, p. 104 - 106) apresenta um conjunto de proposições que tratam do poder na sociedade, explicitados em que: não é adquirido; não é

3. O CAMPO TEÓRICO PARA COMPREENSÃO DO OBJETO DE ESTUDO

exterior aos outros tipos de relações econômicas, sexuais e cognitivas; exercido de baixo para cima e percorre todo o corpo social; institucional e não subjetivo; não existe sem resistências. Podemos observar que esses princípios do poder podem ser canalizados ao disciplinamento dos corpos esportivos dos(as) atletas e dos(as) técnicos(as) em estudo, como podemos observar no texto a seguir:

[...] que o poder não é algo que se adquira, arrebate ou compartilhe, algo que se guarde ou deixe escapar; o poder se exerce a partir de inúmeros pontos e em meios a relações desiguais e móveis; - que as relações de poder não se encontram em posição de exterioridade com respeito a outros tipos de relações (processos econômicos, relações de conhecimento, relações sexuais), mas lhes são imanentes; são os efeitos imediatos das partilhas, desigualdades e desequilíbrios que se produzem na mesmas e, reciprocamente, são as condições internas dessas diferenciações; as relações de poder não estão em posição de superestrutura, com um simples papel de proibição ou de recondução; possuem, lá onde atuam, um papel diretamente produtor; - que o poder vem de baixo; isto é, não há, no princípio das relações de poder, e como matriz geral, uma oposição binária e global entre os dominadores e os dominados, dualidade que repercute de alto a baixo e sobre grupos cada vez mais restritos até as profundezas do corpo social; deve-se, ao contrário, supor que as correlações de forças múltiplas que se formam e atuam nos aparelhos de produção, nas famílias, nos grupos restritos e instituições, servem de suporte a amplos efeitos de clivagem que atravessam o conjunto do corpo social. Estes formam, então, uma linha de força geral que atravessa os afrontamentos locais e os liga entre si; evidentemente, em troca, procedem a redistribuições, alinhamentos, homogeneizações, arranjos de série, convergências desses afrontamentos locais. As grandes dominações são efeitos hegemônicos continuamente sustentados pela intensidade de todos esses afrontamentos; - que as relações de poder são, ao mesmo tempo, institucionais e não subjetivas. Se, de fato, são inteligíveis, não é porque sejam efeito, em termo de causalidade, de uma outra instância que as explique, mas porque atravessadas de fora a fora por um cálculo: não há poder que se exerça sem uma série de miras e objetivos. Mas isso não quer dizer que resulte da escolha ou da decisão de um sujeito, individualmente; não busquemos a equipe que preside sua racionalidade; nem a casta que governa, nem os grupos que controlam os aparelhos do Estado, nem aqueles que tomam as decisões econômicas mais importantes, gerem o conjunto da rede de poderes que funciona em uma sociedade (e a faz funcionar); a racionalidade do poder é a das táticas muitas vezes bem explícitas no nível limitado em que se inscrevem – cinismo local do poder – que, encadeando-se entre si, invocando-se e se propagando, encontrando em outra parte apoio e condição, esboçam finalmente dispositivos de conjunto: lá, a lógica ainda é perfeitamente clara, as miras decifráveis e, contudo, acontece não haver mais ninguém para tê-las concebido e pouco para formulá-las: caráter implícito das grandes estratégias anônimas, quase mudas, que coordenam táticas loquazes, cujos “inventores” ou responsáveis quase nunca são hipócritas; - que lá onde há poder há resistência e, no entanto (ou melhor, por isso mesmo) esta nunca se encontra em posição de exterioridade em

relação ao poder. Deve-se afirmar que estamos necessariamente “no” poder, que dele não se escapa, que não existe, relativamente a ele, exterior absoluto, por estarmos inelutavelmente submetidos à lei? Ou que, sendo a história ardil da razão, o poder seria o ardil da história – aquele que sempre ganha? Isso equivaleria a desconhecer o caráter estritamente relacional das correlações de poder. Elas não podem existir se não em função de uma multiplicidade de pontos de resistência que representam, nas relações de poder, o papel de adversário, de alvo, de apoio, de saliência que permite a apreensão. Esses pontos de resistência estão presentes em toda a rede de poder.

Como podemos perceber, nas ideias de Foucault (1988, p.107), havia uma preocupação do autor sobre o disciplinamento dos corpos em qualquer situação que estes fossem expostos a determinadas análises relacionadas à instituição do poder; inclusive no culto ao corpo esportivo e, acrescentava que todos esses mecanismos, tinham que ser estudados realmente levando-se em consideração as correlações de forças que existem quando tratamos relações de poder nos mais variados segmentos da sociedade envolvendo atores sociais.

Nesta linha do raciocínio de investigação sobre os corpos esportivos fundamentado na teoria de Foucault (1979, p. 146), onde relata que o domínio, a consciência de seu próprio corpo só foram estabelecidos pelo efeito de aplicação do corpo como poder. Podemos observar que o poder exercido sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio ocorre através das atividades físicas como a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a admiração por um corpo belo, que conduziu ao desejo do seu próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso. Então, quando houve uma conscientização de que o poder através de sua dominação causava todos estes efeitos, surge instintivamente cobrança de seu próprio corpo contra o poder e demais segmentos de uma sociedade como: a saúde contra a economia, o prazer contra as normas morais da sexualidade, do casamento, do pudor. Porém, todos os valores que fortaleciam o poder, revestem-se como argumentos de combate por tudo aquilo que ele é atacado.

Para Soares (2008, pp. 80-81) inserido nessa ótica foucaultiana, o esporte exerce uma forma de poder sobre os corpos esportivos levando em consideração que o rendimento e o espetáculo do corpo fazem parte de uma pedagogia higiênica que desempenha função única sobre o cotidiano do ser humano compondo a regulação da sua vida. Portanto, o esporte apresenta-se para a vida humana como

sendo uma das práticas de exercícios que mais contempla o aprofundamento de conhecimentos sobre as técnicas, os paradigmas contextualizados e tidos como formas de desejos para controlar o corpo – uma atividade rica de benefícios que chega a encantar.

Segundo Soares (2008, p. 81) este esporte que desenvolve relações e efeitos de poder disciplinar sobre os corpos esportivos, surgiu com o advento de uma sociedade embasada na revolução industrial, onde incute e esboça tanto padrões de comportamentos esperados, como pode apresentar revelações lúdicas perfeitamente aceitas, aprovadas e até estimuladas pela prática do poder. Tem um poder de atuação muito forte, que chega até influir decisivamente nos espaços onde é praticado, como os estádios em que são determinados tempos para o exercício da ludicidade e outras formas de sociabilidade diferentes do cotidiano dos atores sociais. Pode criar alternativas socializantes dentro de uma perspectiva de educação do corpo para assimilar novas formas de sensibilidades que obedeçam normatizações que diferenciem de sua vida cotidiana.

A autora ainda comenta que através do esporte há uma procura incessante de um ser forte de coragem e apaixonado, criando seu próprio espaço fundamentado nos ideais de competitividade típico do modelo de sociedade a qual pertence. A respeito disso, podemos dizer que no contexto do esporte moderno, se pode criar e exibir um mundo de “modelos”, “*um espaço de perfeição*”, onde vício e virtude são internalizados naqueles que ganham ou perdem medalhas. Afirma também, que a existência do esporte está condicionada a necessidade de se “treinar” especificadamente e de forma inédita o corpo, contrapondo-se as origens da ginástica cadenciada e ritmada mais simples oriunda no século XIX, que causou oposição àquele espetáculo mais humilde, com menos sensações emotivas, mas que sob a ótica de causar excitação, vertigem, mobilizar emoções, é que a prática esportiva se afirma no final deste século em evidência.

De acordo com Soares (2008, p. 81), o esporte adentra no meio social como necessidade compensatória dos males causados pelas atividades trabalhistas em função do desgaste nervoso incorporado a uma perda das forças físicas, fato este peculiar da modernização das sociedades industrializadas. Então, a atividade esportiva surge como atividade terapêutica, mesclando trabalho corporal e excitação

emocional proporcionando um aprendizado saudável como forma de evitar ou diminuir a fadiga de forma bastante lúdica. Com isto, o esporte torna-se referência de vida saudável, sendo uma forma pedagógica que ensina não apenas a economizar o desgaste físico, mas treinar ações certas e úteis, afim de aproveitar o lado emocional deste trabalho, divertindo-se e *treinando* o corpo.

No contexto dessa ótica utilitária do esporte, Soares (2008, p. 82) mostra que o divertimento saudável começa a fazer parte de uma mudança de comportamento singular e de hábitos fundamentais no cotidiano urbano que, paulatinamente, forma sensibilidades novas. Porém, é preciso haver um controle da vida extra atividades trabalhistas e do meio escolar tornando os divertimentos mais utilitários. O esporte assimila essas novas regras concorrendo para a efetivação do chamado *lazer ativo* como forma de estimulação em busca da superação dos limites físicos, ensinando a perceber o tempo das provas, os gestos precisos dentro de um espaço construído, possibilitando uma forma de aprendizagem saudável de espetacularização do corpo.

Para Foucault (1979, p. 147, como citado em Soares, 2008, p. 83): “[...] Fique nu, mas seja bonito, magro, bronzado” é uma afirmação emblemática, figurativa, a partir do momento em que o controle-repressão é substituído pelo controle-estimulação. É quando Foucault pergunta: “De que corpo necessita a sociedade atual?” na década de 70 do século XX - e nos dias de hoje?

De acordo com as análises de Foucault (1979, pp. 147-148), primeiramente devemos manter certo distanciamento da afirmação de que o poder nas sociedades burguesas e capitalistas teria ignorado o real sentido do corpo em benefício da alma, de ter a consciência de um ideal. Para o autor, nada é tão material, físico e corporal que a própria efetivação do poder. Mesmo assim, continua com dúvidas sobre tais afirmativas ao se perguntar se haveria um tipo de investimento ideal do corpo que fosse compatível para que uma sociedade capitalista como a nossa funcionasse? Tira suas conclusões ao imaginar que no período compreendido entre os séculos XVII e XX houve uma crença de investimento do corpo pelo poder de forma densa, rígida, constante e meticulosa. Esta é a razão dos assombrosos regimes disciplinares que se encontram nas escolas, nos hospitais, nas casernas, nas oficinas, nas cidades, nos edifícios, nas famílias e etc.

Ainda para Foucault (1979, pp. 147-148) pós anos 60 (sessenta), houve uma percepção mais clara de que aquela forma de poder considerada rigorosa não era tão necessária quanto se credibilizava, pois, as sociedades oriundas da revolução industrial podiam conviver com uma forma de poder mais branda em relação ao corpo. Então, houve a descoberta que controles sobre a sexualidade poderiam se agravar e tomar outros caminhos. Para o autor, há necessidade de estudos sobre o modelo ideal de corpo que a nossa sociedade precisa.

Para Foucault (1979, pp. 179-180), não somente em sociedade como a nossa, mas em outro modelo, que tipo de poder seria capaz de proporcionar verdades discursivas de repercussões tão poderosas? Já que na sua ótica, seja qual for o modelo de sociedade há uma multiplicidade de poder atravessando, caracterizando e constituindo o corpo social e, tais relações não devem se desmembrar, se estabelecendo, nem funcionando sem que haja acúmulos e circularidade de funcionamento do discurso. Para o autor, o poder não se exerce se não houver atitudes econômicas dos discursos considerados como sinônimo de verdade que cause um efeito tanto internamente como a partir desta dupla exigência. Isto em função que de acordo com estas análises foucaultiana, estamos sujeitos pelo exercício do poder à produção da verdade, seja qual for o modelo de sociedade, acreditando ainda que na sociedade atual as relações de poder, de direito e verdade, tem uma forma especial de organização.

Quanto a esta organização das relações de poder na sociedade atual, Foucault (1979, p. 180) diz que há uma obrigação pelo poder de produzirmos a verdade, não apenas para caracterizar o seu mecanismo, como também sua intensidade e constância. É como vivêssemos condenados a confessar ou encontrar a verdade, pois, o poder nos interroga e indaga constantemente registrando e institucionalizando a busca da verdade. A produção da verdade é como se fosse a produção de riqueza, ou seja, temos que produzir verdade para produzir riqueza. A partir do momento que estamos sujeitos ao uso da verdade, ela passa a ser interpretada como lei, produzindo discurso verdadeiro com poder de decisão, transmitindo e produzindo, pelo menos em parte, efeitos de poder. Portanto, já que sempre sofremos julgamentos, condenações, classificações e obrigações de

desempenhar funções relacionadas a certo modo de viver ou morrer, não deixam de ser efeitos específicos de poder.

Como relata Foucault (1979, p. 190) as relações de poder também geram normas disciplinares que estão presentes em dois tipos de discursos heterogêneos das ciências humanas. O primeiro relativo à organização do direito em torno da soberania e, o segundo, referente ao mecanismo das coerções exercidas pelas disciplinas. Observa que havia um choque constante entre as normalizações disciplinares e os sistemas jurídicos da soberania. Esta incompatibilidade requer a presença de um discurso mediador, de uma forma de poder e de saber em que a ciência a neutralizaria, ou seja, um novo discurso neutro ou imparcial. Isto é verificado com mais evidência na medicina, onde segundo o autor, observa-se não a combinação, mas a troca e o enfrentamento eternos dos mecanismos das disciplinas tomando por base o princípio do direito

A multiplicidade de observações de Foucault (1979) conseguiu adentrar em diversos segmentos da sociedade analisando as formas de micro-poderes gerando efeitos e significados nos diversos corpos sociais dos presos, dos alunos de escolas militares, dos estudantes de arquitetura e possivelmente dos corpos esportivos. Tudo sendo tratado sob a ótica de suas especificidades.

Foucault (1979, p. 212), observa também no contexto dessa discussão a necessidade de construção da “história dos espaços”, que não deixaria de ser “uma história dos poderes”, que se preocupasse em estudar várias formas de ocupações como: formas de habitat, sala de aula, implantações econômicas-políticas e, até os espaços de práticas esportivas; exemplo este não citado pelo autor, mas que pode está implícito em seus estudos quando o mesmo fala em escolas e salas de aula. Para o autor, foi surpreendente como a questão da ocupação dos espaços demorou muito tempo para ter um tratamento histórico-político diferente de como era concebido no tempo das civilizações pré-históricas, de uma determinada cultura que ocupavam os espaços físicos apenas como local de residência, como um solo delimitado por fronteiras.

Segundo as análises de Foucault (1979, p. 250), em uma relação desigual e com certo grau de estabilidade como são as relações de poder, sempre será evidenciada a posição de um em cima e o outro em baixo com diferenças de

potenciais. Porém, explica que esta relação é em termo de movimentação, ou seja, só haverá movimento de cima para baixo se houver um elo de ligação de baixo para cima. Cita exemplos das relações de poder como no sistema feudal, onde os servos recompensavam seus senhores com os produtos cultivados e retirados da terra cedida pelos senhores feudais.

Com base nas análises de Foucault (1979, p.250) inferimos que a temática dos sentidos e efeitos das relações e tipos de poder, em qualquer tipo de sociedade, independente do sentido em que se manifesta e níveis de análises apresentadas e tratam de uma representação efetiva, de forma mais ou menos constante nas sociedades ocidentais, numa forma de negatividade, ou seja, na forma jurídica. O autor ainda enfatiza que é típico das sociedades ocidentais que a linguagem característica do poder seja o direito e não algo mágico ou até mesmo uma religião e etc.

3.2. A ESTRUTURA DO PODER SIMBÓLICO COMO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA REALIDADE ESPORTIVA

Para compreender como ocorre a estruturação do poder simbólico na perspectiva do processo de construção da realidade esportiva recorreremos aos estudos de Bourdieu (1998, pp. 7-8), onde observa que o poder se apresenta em qualquer espaço e tempo. Registra também que nas épocas passadas esse poder era pouco expressivo em termos de reconhecimento e visibilidade. Afirma a necessidade de descobri-lo onde está menos visível, ignorado e reconhecido. Logo esse poder simbólico é esse poder invisível que só pode ser reconhecido pela cumplicidade dos atores sociais que o ignoram, mas que na verdade estão submissos ou mesmo o fazem uso.

Partindo dessas premissas evidenciam-se as possibilidades de compreendermos as práticas esportivas, nos mais variados níveis de rendimento, como maneiras de apresentarem implícitas em suas estruturas multivariadas formas de poderes simbólicos, que podem ser positivos ou negativos, em função de como são alocados nos mais diversos segmentos da sociedade. Ressalta que a aparência apenas estruturante, no contexto social, pode se tornar estruturado a partir do momento em que influi de forma decisiva na vida dos atores sociais como, no caso

dos dogmas religiosos, no processo de comunicação, nas sessões de treinos ou as competições esportivas.

De acordo com as análises de Bourdieu (1998, p. 9) sobre os sistemas simbólicos observa-se:

[...] como instrumentos de conhecimento e de comunicação, só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados. O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem *gnoseológica*: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social) supõe aquilo a que Durkheim chama o *conformismo lógico*, quer dizer, “uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências”.

Ainda nesta linha de raciocínio de definição da simbologia e estrutura do poder Bourdieu (1998, p. 10) demonstra que os símbolos manifestam-se como instrumentos por excelência da “integração social”, ou seja, mesmo simbolicamente o homem pode interagir de forma perfeitamente produtiva em qualquer relacionamento social pois os símbolos, enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação, tornam possível o consenso acerca do sentido do mundo social, contribuindo de forma decisiva no processo de reprodução da ordem social que possibilita a integração “lógica” que é fator de condição da interação “moral”.

Fundamentado nas afirmações de Bourdieu (1988, p. 11) onde relata que contra todas as formas de erro “*interaccionista*”³ que reduz as relações de força às relações de comunicação. Não basta notar que as relações de comunicação são de modo inseparável, sempre, relações de poder que dependem, na forma e no conteúdo, do poder material ou do poder simbólico acumulado pelos agentes (ou pelas instituições) envolvidos nessas relações, e que, como um “dom”, podem permitir acumular poder simbólico. Pelo acúmulo do capital simbólico da autoridade de quem sabe, por ter mais experiência com o conteúdo, as relações de força que se encontram nessa relação são metamorfoseadas em relações de comunicação, apresentando-se ora de forma autoritária, ora dominadora, mas branda, sedutora, ora dominadora e irônica, ou, num outro sentido, mais democrática, mais dialógica.

Bourdieu (1998, pp. 14-15) evidencia em sua análise que:

³ Interacionista – ação que se exerce mutuamente entre duas ou mais coisas, ou duas ou mais pessoas (Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa).

O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e de fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto, o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exercer se for *reconhecido*, quer dizer, ignorado como arbitrário. Isto significa que o poder simbólico não reside “nos sistemas simbólicos” em forma de uma “*illocutionary force*” mas que se define numa relação determinada – e por meio desta - entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos, quer dizer, isto é, na própria estrutura do campo em que se produz e se reproduz a crença⁴.

Para o autor a crença está fundamentada no poder das palavras, principalmente, nas palavras de ordem. Estas palavras detêm o poder de manter ou modificar esta ordem. E, nesse sentido, o poder está baseado na credibilidade e legitimidade das palavras de quem as pronuncia. É uma forma de crer, que segundo o autor, não compete às palavras.

Nesta abordagem interpretativa sobre as formas de manifestações simbólicas do poder, Bourdieu, (1998, p. 15) se pronuncia da seguinte maneira:

[...] O poder simbólico, poder subordinado, é uma forma transformada, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada, das outras formas de poder: só se pode passar para além da alternativa dos modelos energéticos que descrevem as relações sociais como relações de força e dos modelos cibernéticos que fazem delas relações de comunicação, na condição de descreverem as leis de transformação que regem a transmutação das diferentes espécies de capital em capital simbólico e, em especial, o trabalho de dissimulação e de transfiguração (numa palavra, de *eufemização*) que garante uma verdadeira transubstanciação das relações de força fazendo ignorar-reconhecer* a violência que elas encerram objectivamente e transformando-as assim em poder simbólico, capaz de produzir efeitos reais sem dispêndio aparente de energia⁵

Quando Bourdieu (1990, p. 149) trata do entendimento sobre estruturalismo ou forma estruturalista das relações de poder das representações sociais simbólicas nos adverte que tanto nos sistemas simbólicos como no mundo social existem formas de expressões como a linguagem, o mito e etc. que se constituem em estruturas objetivas, que independem do fator conscientização e da vontade das

⁴ Os símbolos do poder são apenas capital simbólico objetivado e a sua eficácia está sujeita às mesmas condições (Bourdieu, 1998, p. 15)

⁵ A destruição deste poder de imposição simbólico radicado no desconhecimento supõe a *tomada de consciência* do arbitrário, quer dizer, a revelação da verdade objectiva e o aniquilamento da crença: é na medida em que o discurso heterodoxo destrói as falsas evidências da ortodoxia, restauração fictícia da doxa, e lhe neutraliza o poder de desmobilização, que ele encerra um poder simbólico de mobilização e de subversão, poder de tornar actual o poder potencial das classes dominadas (Bourdieu, 1998, p. 15).

* “méconnaître-reconnaître” no texto original (N. T.)

peças envolvidas, mas que tem a capacidade de orientar e até mesmo servir como elemento de coerção das práticas e suas representações. Já por construtivismo, o autor refere-se que de um lado existe uma gênese social dos esquemas de percepção, pensamento e ação que fazem parte daquilo que ele chama *habitus* e, de outro, das estruturas sociais, particularmente do que denomina de campos e grupos e, em especial, do que se costuma chamar de classes sociais.

Ainda para Bourdieu (1990, p. 153), um espaço social pode ser comparado a um espaço geográfico onde internamente recortam-se regiões, porém é um espaço que se efetiva conforme a situação de proximidade que se encontrarem os grupos ou instituições, com isso possibilita a posse de mais propriedades em comum. Isto no papel faz com que as distâncias espaciais coincidam com as distâncias sociais. Fato que não acontece no espaço real. Observa ainda em quase todos os lugares, uma tendência de segregação no espaço, ou seja, quanto maior for a proximidade das pessoas no espaço social significa que se encontram próximas, de forma opcional ou levados por força para o espaço geográfico. E, estando muito afastadas no espaço social, pode haver possibilidades de encontro, até mesmo interagir, nem que seja por um curto intervalo de tempo ou por formas de interrupções no espaço físico.

Na análise de Bourdieu (1990, p. 208) a compreensão do esporte perpassa pelo entendimento do reconhecimento da posição que ocupa no espaço das modalidades esportivas que pode ser construído com base num conjunto de indicadores, tais como: a) configuração dos esportistas no espaço social associada à distribuição das diversas federações fundamentada no número de adeptos, riqueza e características sociais dos dirigentes; b) tipo de relação que o esporte estabelece e/ou exige com base no contato direto ou exclusão de qualquer tipo de contato e/ou autorize por bola interposta ou por intermédio de instrumentos. Assim afirma que as relações que as práticas esportivas estabelecem de forma corporal pelo contato direto em algumas modalidades esportivas, dentre elas podemos citar: as lutas, o rúgbi, handebol, basquetebol e outras ou como forma de exclusão de qualquer contato corporal, onde aparecem modalidades esportivas como o golfe, tênis e esgrima em que os atores sociais são apenas interligados pelos elementos específicos para a prática dessas modalidades.

Para Bourdieu (1990, p. 209), o espaço de esportes precisa estar relacionado ao espaço social em que se configura toda relação que o corpo desempenha em sua função de solidariedade com o mundo como, por exemplo, as atividades práticas que mais se destacam são aquelas em que os praticantes mantêm certo distanciamento com os adversários e, por outro lado, são consideradas as mais belas de serem apreciadas, pois, no entendimento dos espectadores, não havendo contato físico, não haverá violência. Porém, este distanciamento social pode causar novas interpretações na lógica de relação solidária esportiva, onde o autor exemplifica o golfe como modalidade de esporte que estabelece padrões de distância por toda a parte do campo de jogo, no que se refere aos atletas, público e as pessoas que carregam o material para os sportistas praticarem o referido esporte e, que não adentram no espaço destinado aos golfistas.

Ainda para Bourdieu (1990, p. 209), estes elos existente entre as diversas modalidades esportivas são analisadas nas diferentes práticas dos diferentes esportes e o espaço das posições sociais. Evidencia que é através do intercâmbio entre esses dois espaços, que são definidas as propriedades inerentes a cada prática esportiva, bem como, as próprias mudanças nas práticas só podem ser entendidas, nessa ótica, a partir do momento em que um dos elementos determinantes é a vontade de manutenção que existe entre as posições dos atores sociais no nível das práticas.

Com relação a esses espaços das práticas esportivas, Bourdieu (1990, p. 210), aborda dois pontos fundamentais. O primeiro ponto é construir a estrutura dos espaços dessas práticas do qual os estudos específicos sobre esses esportes particulares vão ratificar seus efeitos. E, faz a seguinte comparação:

[...] Se não sei que as perturbações de Urano são determinadas por Netuno, acreditarei que compreendo o que se passa em Urano, quando na realidade compreenderei os efeitos de Netuno. O objeto da história é a história dessas transformações da estrutura, que só são compreensíveis a partir do conhecimento do que era a estrutura em dado momento (o que significa que a oposição entre estrutura e transformação, entre estática e dinâmica, é totalmente fictícia e que não há outro modo de compreender a transformação a não ser a partir de um conhecimento da estrutura).

Como segundo ponto, Bourdieu (1990) relata que o espaço das práticas esportivas não é um universo restrito em torno de si. Os esportes estão contextualizados no mundo de suas práticas e formas de consumo da população,

bem como são formados e organizados obedecendo a certas formas sistematizadas. Portanto, existem razões convincentes para que as práticas esportivas sejam tratadas como um espaço de relativa autonomia. O autor adverte que não devemos esquecer que esse espaço é o lugar de forças que não se aplicam só ao esporte. Fala também, que não devemos estudar o consumismo esportivo, se entendermos dessa forma, sem levarmos em consideração consumo alimentar ou consumo de lazer em geral.

Nas interpretações de Bourdieu (1990, p. 212), teoricamente a idéia de espaço dos esportes, ou de outra maneira, observações de campo de poder, por mais que fique por muitas vezes sem análises, sem fórmulas de prevenções e orientações, não inviabiliza que o pesquisador analise a escolha seus objetos de estudos e aumente a perspectiva de resultados de suas pesquisas científicas em função dos espaços que tem para trabalhar.

De acordo com essa ótica de Bourdieu (1990, p. 214) sobre a estrutura dos espaços esportivos na execução das práticas esportivas o que faz a diferença, é a relação estabelecida entre espaços semelhantes, ou seja, um espaço onde haja a possibilidade de execução dessas práticas, aquilo que é ofertado e como essas práticas são disponibilizadas, bem como os programas de treinamentos característicos de cada modalidade esportiva.

3.3. AS RELAÇÕES DE PODER DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SIMBÓLICAS NO CAMPO DAS RELAÇÕES DE GÊNERO

Para Stearns (2007, p. 18), não só os papéis de gênero, mas também os contatos culturais são de extrema relevância para a história mundial. Foi em consequência do crescimento do conhecimento histórico em décadas recentes que tivemos mais oportunidades de avançar na discussão desses tópicos.

Ainda para este autor (2007, p. 18), os valores de gênero são profundamente pessoais, haja vista que fazem parte da identidade individual e social. As pessoas de modo particular, podem até oferecer resistência ao substituírem padrões que traçam definições sobre masculinidade e feminilidade, mesmo nas situações em que são pressionadas por um tipo de sociedade considerada como detentora do poder e bem

sucedida, como também podem encontrar estratégias de compensar qualquer tipo de concessão que sejam obrigadas a executar.

Tomando por base as análises de Bourdieu (1990, p. 157), podemos compreender as relações de poder das representações sociais simbólicas no campo das relações de gênero sob a ótica dos estudos sociológicos, onde ele enfatiza que a percepção do mundo social deve estar inclusos nas várias construções das observações de mundo social inseridas nos parâmetros da sociologia, possibilitando a construção desse mundo. Isto pode também causar opiniões divergentes ou até mesmo antagônicas, pois, segundo o autor, já que nós construímos o espaço social, essas visões diferenciadas de mundo, vão depender das posições que ocupamos no espaço social, haja vista que são visões que cada ator social tem do espaço e, do seu próprio posicionamento nele.

Bourdieu (1990, p. 158), ainda enfatiza, que as disposições de percepções do mundo social podem ajustar-se à posição de ocupação dos espaços, os atores sociais, mesmo aqueles considerados sem privilégios, podem perceber este mundo de forma mais clara e admiti-lo dentro de um contexto mais abrangente daquilo que poderíamos interpretar de maneira imaginária e, em especial, quando se observa as condições dos dominados na ótica socializada de um dominante.

Dessa maneira, para Bourdieu (1990, p. 167) pode haver um melhor entendimento daquilo que está em jogo relacionado com a existência ou não das classes sociais. Pois, esta luta pelas classificações, passa a exercer uma dimensão de extrema importância no que se refere à luta de classes, que implicitamente podemos admitir o envolvimento das de relações de gênero. Isto porque o poder de dar visibilidade, clareza às divisões sociais implícitas, não deixa de ser o poder político por excelência, poder este que tem a função de organizar grupos e até mesmo manipular a estrutura objetiva da sociedade.

Em se tratando do contexto social, no entendimento de Moscovici (2009, p. 216) falar de representações sociais acarreta certa complexidade, pois estão sempre servindo de referência aos modos de pensar preexistentes e sempre dependentes de crenças sistematizadas sustentadas em valores, tradições e imagens do mundo bem como de sua existência. Apresentam-se no discurso como objeto constante de um trabalho social em que os fenômenos novos se reintegram em modelos que

explicam e justificam as suas familiaridades e aceitações. É um sistema processual de permuta e ajustamento de ideias que responde as duplas exigências dos indivíduos e das coletividades presentes no processo de compreensão e construção dos sistemas de pensamento como as formas de observações de consenso que visam à manutenção do vínculo social como continuidade da comunicação da ideia.

Para Grize e Vignaux (1993, 1991 como citado em Moscovici 2009, p. 216), representar significa:

[...] trazer presentes as coisas ausentes e apresentar coisas de tal modo que satisfaçam as condições de uma coerência argumentativa, de uma racionalidade e da integridade normativa do grupo. É, portanto, muito importante que isso se dê de forma comunicativa e difusa, pois não há outros meios, com exceção do discurso e dos sentidos que ele contém, pelos quais as pessoas e os grupos sejam capazes de se orientar e se adaptar a tais coisas. Consequentemente, o status dos fenômenos da representação social é o de um status simbólico: estabelecendo um vínculo, construindo uma imagem, evocando, dizendo e fazendo com que se fale, partilhando um significado através de algumas proposições transmissíveis e, no melhor dos casos, sintetizando em um clichê que se torna um emblema. No seu limite, é o caso dos fenômenos que afetam todas aquelas relações simbólicas que uma sociedade cria e mantém e que se relacionam com tudo que produz efeitos em matéria de economia ou poder. Não é ideologia, da qual pouco existe na forma como ela foi concebida, mas todas aquelas interações que, das profundezas às alturas, das matérias brutas até às efemeridades das estruturas sociais, são transmitidas através do filtro das linguagens, imagens e lógicas naturais.

Segundo Moscovici (2009, p. 218) qualquer que seja o tipo de representação social, constitui-se de tal forma que não é difícil identificar o seu ponto de origem, mesmo que de maneira incompleta, possibilitando que outros fenômenos ou discursos alimentem e até mesmo corrompam uma dada representação. Tornando-se de fundamental importância as especificidades de como esses fenômenos se desenvolvem no contexto social, bem como se estruturam cognitivamente em formas de arranjos significativos que desenvolvam uma ação sobre suas referências. Não deixa de servir de ponto de reflexão fundamental sobre as formas de destacar os acontecimentos da linguagem e da imagem nesta contextualização.

De acordo com essa ótica de Moscovici (2009, p. 219) fica claro que o processo cognitivo possibilita a organização social a partir do momento que haja uma forma de governar e, que o sistema simbólico estabeleça modulações efetivas dos modos de vivências dos seres humanos através da linguagem como uma das

formas mais importantes do processo de comunicação. Ainda destaca que sem linguagem não há representações sociais, da mesma forma que sem elas não existe nenhum modelo de sociedade. Nessa perspectiva, a importância do profissional da lingüística no processo de análise das representações sociais, não deve, em hipótese alguma, ser esquecido, pois, as palavras não traduzem diretamente as idéias, da mesma forma que os discursos não são pontos reflexivos das posições sociais.

Para Moscovici (1976 como citado em Sá 1993, p. 19) o termo representações sociais tanto pode designar um conjunto de fenômenos como a conceituação que os engloba e sua teoria explicativa que possibilita a identificação bastante abrangente do campo de estudos psicossociológicos. Sendo que a primeira formalização conceitual da teoria das representações sociais surgiu na obra intitulado "*La psychanalyse, son image et son public*". (1961, 1976), quando do surgimento do fenômeno da socialização da psicanálise, bem como pela forma que a população de Paris se apropriou e transformou este processo para ser útil a outros usos e funções sociais. E, fundamentado na sociologia do conhecimento estabelece as bases iniciais do desenvolvimento da psicossociologia do conhecimento.

Os estudos de Moscovici (1976, p. 16 como citado em Sá 1993, pp. 19-20) apontam para criação e consolidação de um campo específico de estudos referentes às redefinições dos problemas e conceitos da psicologia social baseados no fenômeno das representações sociais. Tais idéias são incorporadas e defendidas por Sá em relação aos fenômenos, conceitos e a teoria das representações sociais, por acreditar na assimilação e contextualização do processo temático de renovação teórica e metodológica da psicologia social.

Nas contribuições de Sá (1993, p. 20) o foco da psicologia social socialmente orientada deve levar em consideração tanto os fatos sociais como, por exemplo, as instituições e práticas, como também os comportamentos individuais de forma concreta, histórica abstraídos da presença de outros. Considera que os conteúdos dos fenômenos psicossociais, pouco enfatizados pelos psicólogos sociais tradicionais, quando desenvolvem estudos e pesquisas de processos básicos ou universais que tratem de conteúdos específicos. Adverte para a influência numa única direção nos contextos sociais em relação aos comportamentos, ao estado e

aos processos individuais associados à participação no processo de estruturação das realidades sociais.

Para Sá (1993, p. 23), compreender e reconhecer que existe uma ordem de fenômenos necessitaria de conceituá-los englobando de forma diferenciada por um melhor entendimento. Daí a razão que o surgimento do termo *Representações Sociais* ter causado um distanciamento impactante da perspectiva “sociologista” abrangente da ideia *original* construtiva teórico-conceitual referente ao próprio espaço psicossociológico. De fato, o conceito de representações coletivas continha, no entender de Moscovici (1984a, 1984b, 1989), vários aspectos que o impediam de dar conta dos novos fenômenos detectados.

De acordo com essas interpretações de Sá (1993, p. 23) percebemos que:

[...] em primeiro lugar, o conceito durkheimiano abrangia uma gama muito ampla e heterogênea de formas de conhecimento, supondo-se estar nelas concentrada uma grande parte da história intelectual da humanidade. Em Moscovici, considerando seu objetivo de estabelecer uma psicossociologia do conhecimento, as representações sociais deveriam ser reduzidas a “uma modalidade específica de conhecimento que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos”, no quadro da vida cotidiana. Em segundo lugar, a concepção de Durkheim era bastante estática, o que possivelmente correspondia à estabilidade dos fenômenos para cuja explicação havia sido proposta, mas não à plasticidade, mobilidade e circulação das representações contemporâneas emergentes. Em terceiro lugar, as representações coletivas eram vistas, na sociologia durkheimiana, como dados, como entidades explicativas absolutas, irreduzíveis por qualquer análise posterior, e não como fenômenos que devessem ser eles próprios explicados. À psicologia social, pelo contrário, segundo Moscovici, caberia penetrar nas representações para descobrir a sua estrutura e seus mecanismos internos.

Para Sá (1993, pp. 23-24) Moscovici foi pesquisar na sociologia durkheimiana um ponto de apoio que servisse de conceito para suas recusas ao exagero da maneira individualizada com que psicologia social americana, mas não se constituía como fato determinante ou formal para os seus objetivos de reestruturação da disciplina. Na verdade, o que interferiu como maior desafio nesse processo foi posicionar de forma contundente a psicologia social como ponto central entre a psicologia e as ciências sociais, ocupando de fato esse território limítrofe, local este, onde ocorrem fenômenos cuja dupla natureza – psicológica e social – se efetivam constantemente, por esta razão, de direito, já fazia parte desse contexto. Acrescenta

ainda, que tal problemática não se insere apenas nos fatos ou fenômenos, mas na maneira de como os objetos do conhecimento psicossociológico são constituídos.

Dessa forma, Jodelet (1984, p. 36 como citado em Sá 1993, p. 24), afirma que se trata de uma situação que oferece riscos, pois, no caso das representações sociais, quando o fato se tratar de um tipo de *conhecimento* possibilita uma situação arriscada de haver uma redução a um fato interno individual, com possibilidades do lado social intervir secundariamente. E, por se tratar de uma forma de pensamento social, pode causar risco de dissolução nos fenômenos culturais ou ideológicos.

Para Sá (1993, pp. 24-25), em função dos riscos acima enfatizados, como localizar o conhecimento mobilizado pelas pessoas comuns, na comunicação informal da vida cotidiana, sobre os seguintes assuntos e objetos sociais?

[...] as disciplinas acadêmicas e / ou as profissões que exigem treinamento nesse nível, como as ciências físicas e biológicas, a psicologia, a medicina, a informática etc.; a saúde e a doença; as doenças de maior impacto social e histórico, como a lepra, a tuberculose, o câncer, a aids; a doença mental; os avanços da medicina oficial, os transplantes de órgãos; a eficácia das medicinas paralelas e das práticas terapêuticas populares; as técnicas de preservação da saúde física e mental, como a ioga, a meditação transcendental, as ginásticas e as anti-ginásticas; as psicoterapias; as curas religiosas; as questões ecológicas; a preservação de florestas e de espécies de animais; a poluição, a destruição da camada de ozônio; a responsabilidade dos países industrializados; a Amazônia e o Pantanal; a política e a economia; o governo e os políticos brasileiros; a corrupção política; os cartéis econômicos; a manipulação pelos meios de comunicação de massa; as cidades, as características dos diferentes bairros e regiões; sua história, sua “cultura”, o *status* para seus moradores; a segmentação histórica dos espaços urbanos; as “classes” de pessoas; o adulto e a criança; os jovens e os velhos; o masculino e o feminino; os homossexuais; os descasados, a mãe solteira, a “produção independente”; nordestinos, baianos, cariocas e paulistas; hippies; a tecnologia e o domínio da natureza; as viagens espaciais; o computador; a energia nuclear; as telecomunicações; as desigualdades sociais e educacionais; a pobreza, a marginalidade; meninos de rua; pivetes, trombadinhas; a violência urbana e a insegurança do cidadão; os grupos de extermínio; o tráfico de drogas, o crime organizado, o arbítrio policial.

Para Sá (1993, p. 25-26) a listagem extensa das situações acima, foi elaborada de forma intencional, porém, ainda incompleta a fim de demonstrar a grande quantidade e diversidade de assuntos que podem chamar a atenção nas relações interpessoais do cotidiano, bem como o nível de interesse e curiosidade dos atores sociais, que demandam compreensão forçando seus discursos. Tais

explicações aqui evidenciadas estendem-se além daquilo que poderíamos chamar de simples posicionamentos sobre temas ou atitudes fechadas relacionadas aos objetos sociais neles inseridos.

Pelas razões expostas anteriormente, Moscovici (1976, p. 48 como citado em Sá 1993, p. 26) diz que tudo que conceitua, afirma e explica; no caso as representações sociais, merecem considerações tidas como verdadeiras “teorias” do senso comum, bem como as “ciências coletivas” *sui generis*, pela maneira de “conceituar, afirmar e explicar”, através das quais tem procedência à interpretação e à construção das realidades sociais. E, ainda faz a seguinte pergunta: A propósito, quem nunca ouviu alguém dizer na discussão de um ou outro daqueles assuntos: “Eu tenho uma teoria sobre isso”?

Para Sá (1993, p. 26) a princípio as representações sociais não apresentam dúvidas quanto à sua dinâmica de acontecimentos em todas as ocasiões e recintos onde haja encontros e comunicações de pessoas, mesmo que de forma informal como, por exemplo, no café da manhã, no almoço, no jantar; nas filas do ônibus, do banco e do supermercado; no trabalho, na escola e nas salas de espera; nos saguões, nos corredores, nas praças e nos bares; talvez, principalmente nos bares e nos botequins, em pé ou sentado, para um cafezinho, uma *happy hour* ou uma *noitada* “jogando conversa fora”. Tudo faz parte da vida do cotidiano dos atores sociais de uma determinada sociedade.

Para Moscovici (1984a como citado em Sá 1993, p. 26), o poder de convencer e prescrever a realidade que tem as representações sociais, *constituem* uma maneira de pensar pensamento dentro de um *ambiente* real onde a vida cotidiana se desenvolve. Daí a explicação psicossociológica sobre o pensamento social que ele denominou de “Representações Sociais”. Nessa ótica, o processo de gênese das representações ocupa lugar manifestando-se ao mesmo tempo e nas mesmas circunstâncias, tudo isso através da mesma “arte da conversação” que envolve a grande e marcante parte da existência da vida cotidiana da humanidade.

De acordo com Sá (1993, pp. 27-28) fundamentado nas ideias de Moscovici (1984a, p. 15) observa-se uma sociedade com características voltadas ao pensamento, mantendo um distanciamento de uma concepção puramente sociológica quanto psicológica. Na primeira concepção, os indivíduos e os grupos

são controlados por uma ideologia dominadora, estabelecida e efetivada por sua classe social como o Estado, a Igreja ou a escola, onde as pessoas que estão inseridas nesses contextos pensam, falam e refletem a ideologia em questão. Quanto à segunda, analisa nossas mentes como se fossem “caixas pretas”, ou seja, trata as ideias e informações assimiladas do meio exterior, processando-as e transformando-as em julgamentos, opiniões, etc.

Na opinião de Sá (1993, p. 30) formalizar um conceito de representação social poderia ter uma boa aceitação, haja vista as várias tentativas realizadas para apreender de forma indutiva o fenômeno em sua abrangência no espaço social. O que não tem sido tarefa das mais fáceis para quem se propôs a fazê-lo e diz que Moscovici (1988, p. 213) não levava muito em consideração as exigências acadêmicas. Nesse aspecto em artigo de contestação às críticas sobre a noção de representações sociais declara o seguinte:

[...], eu via a psicologia social como uma ciência social, justamente como a antropologia, a história, a sociologia etc. Portanto, eu acreditava que ela deveria seguir uma estratégia análoga com relação às teorias e fatos. Nesses campos, não se tenta emular a perfeição da física e ninguém se sente compelido a verificar uma série de hipóteses, uma de cada vez não importando quão triviais possa ser. E muito menos a dar uma definição não ambígua de cada um de seus conceitos. [...] Quando eu me recusei a ser mais específico em definir o fenômeno das Representações Sociais, eu levava esses procedimentos em consideração. As pessoas então esperavam – e ainda esperam – que eu inaugurasse um campo de pesquisas como se eu soubesse de antemão a maneiras como as coisas evoluiriam.

Como observamos nas análises de Bourdieu (1998), Jodelet (1984), Grize (1993), Vignaux (1991), Sá (1993) e Moscovici (2009) sobre as relações de poder das representações sociais simbólicas no campo das relações de gênero estas relações dependem das perspectivas dos atores sociais em relação ao mundo, aos espaços e ao contexto que ocupam na sociedade mesmo gerando ou não conflitos em relação aos meios de sobrevivência. As representações sociais perpassam em sua conceituação pelos diversos campos de conhecimento como enfatiza Moscovici (2009, p. 213) ao afirmar que as ideias, os conteúdos e os sentidos representados variam na mesma sociedade, na mesma cultura, nos meios de expressão linguística e nas relações de poder.

4. ESTRUTURAÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER NO HANDEBOL NO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

HANDEBOL E GÊNERO: AS RELAÇÕES DE PODER NA DINÂMICA DOS TREINOS AOS
JOGOS NO ESTADO DO PARÁ

4. ESTRUTURAÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER NO HANDEBOL NO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Fundamentado no campo teórico que explicita o objeto de estudo, o presente capítulo faz a interpretação minuciosa dos resultados da pesquisa fundamentada pelo demonstrativo explicitado nas tabelas de nº 1, 2, 3, 4 e 5, bem como apresenta o DSC no processo simbólico de estruturação das relações de poder, definido nos procedimentos técnicos e táticos nos treinos e jogos, nos grupos esportivos de gênero no handebol, o DSC no processo de disciplinamento dos corpos pelas relações de poder nas equipes de handebol e o DSC nas formas de representações sociais simbólicas das relações de poder e gênero no handebol.

4.1. O DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO (DSC) NO PROCESSO SIMBÓLICO DE ESTRUTURAÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER, DEFINIDO NOS PROCEDIMENTOS TÉCNICOS E TÁTICOS NOS TREINOS E JOGOS, NOS GRUPOS ESPORTIVOS DE GÊNERO NO HANDEBOL

Podemos observar tais procedimentos técnicos e táticos nos treinos e jogos nos grupos esportivos de gênero no handebol, na ótica dos (as) atletas, focando as questões de relacionamento com os técnicos; a representação da imagem desses profissionais; o processo de intervenções nos treinos e jogos; as atribuições de responsabilidades individuais e coletivas; a definição dos comportamentos dos (as) técnicos (as); as experiências de outras modalidades no processo de intervenção; a mediação ou não dos conhecimentos; a avaliação do desempenho individual e grupal; o tratamento das individualidades referentes às performances; as experiências vivenciadas na construção de metodologias; a avaliação dos tipos de comportamentos; as experiências quanto aos tipos de atitudes; as contribuições de outras modalidades desportivas no planejamento metodológico; as interferências do timbre e altura de voz no desempenho dos (as) atletas; a concessão de privilégios aos atletas de melhor desempenho; o reconhecimento de equívocos ou desconhecimento de estratégia técnica/tática; o relacionamento como forma de contribuição para o rendimento da equipe expressos no Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) desses atores sociais abaixo:

4.1.1 O PROCESSO SIMBÓLICO DAS RELAÇÕES DE PODER EXPRESSO NO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO (DSC) NOS PROCEDIMENTOS TÉCNICOS E TÁTICOS PELOS GRUPOS ESPORTIVOS DE GÊNERO NO HANDEBOL

4.1.1.1 PROCEDIMENTOS TÉCNICOS E TÁTICOS DOS TÉCNICOS NA PERSPECTIVA DOS GRUPOS ESPORTIVOS DE GÊNERO NO HANDEBOL

Quanto ao relacionamento com os técnicos os atletas das equipes masculinas e femininas relatam no Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) diversas situações que afirmam a estrutura das relações determinantes nas definições dos procedimentos técnicos e táticos, conforme relato descrito na tabela VI no Anexo VIII. Para efeito de apresentação da metodologia aplicada na busca do Discurso do Sujeito Coletivo, a seguir serão descritos algumas análises das falas dos atores, conforme o gênero dos participantes da pesquisa, porém no Anexo VIII estão apresentados todas as respostas e análise de todos os atores definidos pelo escopo de pesquisa.

4.2. ANÁLISE DOS DISCURSOS DOS ATORES ENVOLVIDOS NA PESQUISA

4.2.1. TÉCNICOS E COMISSÃO TÉCNICA DO GÊNERO FEMININO

Quando questionados qual a sua opinião como técnico (a) no que diz respeito aos seus comportamentos nos treinos e jogos, o resultado é apresentado na tabela abaixo.

Quadro 2 – Análise do DSC 01

IDÉIA CENTRAL	EXPRESSÕES – CHAVE
É BEM POSITIVO, O TÉCNICO É FUNDAMENTAL COMO INCENTIVADOR DOS ATLETAS.	E03 - É bem positivo, eu acredito assim que o técnico é fundamental como incentivador das capacidades físicas dos atletas. E03: Feminino-UEPA
EXIGENTE E CHATA, TANTO NOS TREINOS COMO NOS JOGOS.	E04 - Como técnica, eu sou muito exigente, chego ser até CHATA, tanto nos treinos como nos jogos. E04: Feminino-Paysandu
NO INÍCIO ERA MAIS EXPLOSIVA.	E09 - No início eu era mais explosiva. E09: Feminino-ASSEEL

Diante das respostas a este questionamento o DSC-01 é descrito após filtragem das falas de todos os respondentes mostradas abaixo.

Discurso do Sujeito Coletivo (DSC-01)

Podemos considerar que nossos comportamentos variam muito de acordo com as situações de treinos e jogos, às vezes somos exigentes, chatas e até explosivas, porém achamos que também tem o seu lado positivo, principalmente no que diz respeito a incentivar os atletas em termos de suas melhorias das capacidades físicas.

Ao serem questionadas como definem o relacionamento como técnico (a) com os seus atletas nos treinos e jogos, as resposta são mostradas na tabela abaixo

Quadro 3 – Análise do DSC 02

IDÉIA CENTRAL	EXPRESSÕES CHAVE
AMIGÁVEL E PROFISSIONAL EM TERMOS DE COBRANÇA DOS PROCEDIMENTOS TÉCNICOS.	E03 - Amigável como pessoa e, exercendo as funções de técnica em termos de cobrança dos procedimentos técnicos e táticos. E03: Feminino-UEPA
RELAÇÃO BOA DE TROCAS NÃO SÓ COMO ATLETAS, MAS COMO SERES HUMANOS.	E04 - É uma relação boa de trocas, eu não trato o atleta, atleta, além de eu tratá-lo como atleta, eu trato como ser humano, então é uma relação de trocas, bem afinada, eu considero muito boa. E04: Feminino-Paysandu
BOM RELACIONAMENTO COM ATITUDE POSITIVA.	E09 - Um bom relacionamento com uma atitude sempre positiva. E09: Feminino-ASSEEL

Após análise das respostas a este questionamento o DSC-02 é descrito após filtragem das falas de todos os respondentes mostradas abaixo.

Discurso do Sujeito Coletivo (DSC-02)

Quanto a esse aspecto de relacionamento com os (as) atletas nos treinos e jogos, consideramos muito positivo, amigável e acima de tudo profissional, na verdade é uma relação de trocas, afinal de contas estamos convivendo com seres humanos como nós, como também quando é preciso, fazemos as devidas cobranças dos procedimentos técnicos e táticos que os(as) atletas precisam responder nos treinos e jogos.

Questionadas sobre como definem suas atitudes — éticas, positivas, vencedoras, afetivas, cognitivas, autoritárias, etc. — como técnico (a) em relação aos(as) atletas nos treinos e jogos as respostas são descritas na tabela abaixo.

4. ESTRUTURAÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER NO HANDEBOL NO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Quadro 4 – Análise do DSC 03

IDÉIA CENTRAL	EXPRESSÕES CHAVE
SOU AUTORITÁRIA, ME CONSIDERO UMA TÉCNICA RÍGIDA, PREZO PELO EMPENHO DO ATLETA, NÃO NA QUESTÃO FÍSICA, MAS NA QUESTÃO DA MOTIVAÇÃO EM QUE ELE INSPIRA CRESCER ENQUANTO ATLETA.	E03 - Eu sou AUTORITÁRIA, eu me considero uma técnica rígida e que eu prezo pelo empenho do atleta, e deixar bem claro, o empenho não é uma parte da questão física, ele é um empenho da motivação, em que o atleta queira estar lá, ele inspira crescer enquanto atleta. E03: Feminino-UEPA
DENTRO DOS PADRÕES DE TRATAMENTO COM OS ATLETAS, SÃO POSITIVAS / AUTORITÁRIAS / DEMOCRÁTICAS, NÃO SÓ NO QUE DIZ RESPEITO AO LADO TÉCNICO	E04 - Isso aí de acordo com as minhas atitudes dentro dos padrões, como você diz, tratar o atleta dentro de uma ética profissional, não misturar o lado pessoal com o profissional, então eu olho que são formas positivas, e vencer também, trato que pra vencer, precisa treinar. Afetivas, eu tenho o meu lado de mãezona, de tentar ajudar o atleta no seu dia a dia, nos estudos, como na relação com a sua família e, a parte cognitiva também, como AUTORITÁRIA, mas sou democrática também, a gente faz algumas trocas com os atletas, não só o lado técnico. E04: Feminino-Paysandu
ÉTICA E POSITIVA.	E09 - Ética e positiva. E09: Feminino-ASSEEL

As respostas a este questionamento o DSC-03 é descrito após filtragem das falas de todos os respondentes mostradas abaixo.

Discurso do Sujeito Coletivo (DSC-03)

No que diz respeito a esses tipos de atitudes, também variamos conforme as situações de treinos e jogos têm momentos que somos autoritárias, rígidas, éticas, positivas e até democráticas, mas principalmente com o objetivo de cobrar o empenho do(a) atleta em está todo tempo motivado para o seu crescimento como atleta de handebol, como também existe situações que até desempenhamos o papel de mãe em ajudá-los nos problemas do dia a dia como estudos, relação familiar e cognitiva; fazemos algumas trocas de informações.

Perguntados sobre como considera as intervenções de seus atletas nas suas sessões de treinos e jogos, os resultados estão apresentados na tabela abaixo.

4. ESTRUTURAÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER NO HANDEBOL NO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Quadro 5 – Análise do DSC 04

IDÉIA CENTRAL	EXPRESSÕES CHAVE
POSITIVAS NOS MOMENTOS ADEQUADOS DESDE QUE VENHAM A SOMAR COMO UM TODO.	E03 - Positivas, nos momentos adequados e, que venham somar como um todo. E03: Feminino-UEPA
TEM MOMENTOS QUE TEMOS QUE OUVIR OS ATLETAS, ACEITO ALGUMAS INTERVENÇÕES, DESDE QUE VENHAM CONTRIBUIR, SÃO VÁLIDAS.	E04 - Eu acho que tem momentos que a gente tem que ouvir os atletas, porque eles vivenciam os treinos, nos jogos, a gente tem que colher esses dados para melhorar os treinamentos, eu aceito algumas intervenções, desde que elas venham contribuir para o crescimento dos dos atletas, para o melhoramento dos treinamentos, eu acho que isso é válido. E04: Feminino-Paysandu
RAZOÁVEL, ELES TEM RACIOCÍNIO LENTO.	E09 - Razoável, eles tem um raciocínio lento. E09: Feminino-ASSEEL

Discurso do Sujeito Coletivo (DSC-04)

Na maioria das situações, são intervenções positivas, principalmente quando são colocadas nos momentos adequados e que venham somar para o crescimento do grupo. É lógico que tem atletas com o raciocínio lento, ou seja, demoram para expor os seus pontos de vista, mas precisamos sim ouvi-los(as), para que possamos melhorar os planejamentos de treinamentos, como também chegamos a descartar aquelas intervenções que por ventura não venham contribuir de forma significativa para o grupo.

4.2.2. TÉCNICOS E COMISSÃO TÉCNICA DO GÊNERO MASCULINO

Quando questionados qual a sua opinião como técnico (a) no que diz respeito aos seus comportamentos nos treinos e jogos, o resultado é apresentado na tabela abaixo.

4. ESTRUTURAÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER NO HANDEBOL NO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Quadro 6 - Análise do DSC 05

IDÉIA CENTRAL	EXPRESSÕES – CHAVE
AGRESSIVO COM OS ATLETAS COBRA MUITO A RESPEITO DA DISCIPLINA	E01-Eu sou um pouco agressivo em quadra com os meus atletas, muito agressivo mesmo, cobro muito a respeito da disciplina. E01: Masculino-Sta. Izabel
PODERIA TER UM COMPORTAMENTO MELHOR, ATÉ COMO FORMA DE INCENTIVAR MAIS O HANDEBOL EM CASTANHAL.	E02 - Eu acho que eu poderia ser melhor, mas eu tento me adequar porque o handebol em castanhal era muito parado sabe, eles dão mais ênfase para o futebol de campo e aí eu tentei procurar uma maneira de incentivar o handebol lá, e como nós não temos uma sequência, eu comecei engatinhando com o time e é isso aí. E02: Masculino-Castanhal
PURAMENTE PROFISSIONAL, PUXANDO UM POUCO PELO LADO EMOCIONAL DOS ATLETAS PARA QUE A GENTE POSSA TER MORAL.	E05 - Na minha opinião é puramente profissional, técnico e, a gente puxa um pouquinho pelo lado emocional dos atletas trabalhando os conteúdos de forma precisa pra que a gente possa ter com os atletas até nível moral. E05: Masculino-Ananindeua
MUITO RACIONAL.	E06 - Muito racional. E06: Masculino-Paysandu
TEM MOMENTO DO JOGO QUE PRECISO MANTER O CONTROLE EMOCIONAL PARA MANTER A EQUIPE FOCADA ÀS VEZES ATÉ DAR UM PUXÃO DE ORELHA.	E07 - Tem momento do jogo que preciso manter um certo controle emocional para manter a equipe focada no jogo; mas existe momento que tem que dá um grnde puxão de orelha para a galera entrar no clima do jogo. E07: Masculino-Uepa (Belém)
FAÇO UMA ANÁLISE/AVALIAÇÃO DA SITUAÇÃO DE JOGO PARA MOSTRAR AOS ATLETAS COMO ESTÃO JOGANDO E COBRO BASTANTE.	E08 - No momento faço uma análise / avaliação de situação de jogo, procuro mostrar aos alunos/atletas como estão jogando técnica e taticamente e, como deviam jogar, mas cobro bastante. E08: Masculino-Promorar
CALMO E TOLERANTE NAQUILO QUE COBRA E TREINA.	E010 - Sou tolerante quanto ao que cobro e treino, calmo e tolerante. E10: Masculino-Vigia

Discurso do Sujeito Coletivo (DSC-05)

Apresentamos nos treinos e jogos formas semelhantes de comportamentos que objetivam manter a disciplina dos atletas como: Admitimos ser agressivos, mudamos de atitudes para incentivar o handebol em função da prática do futebol nos municípios, somos exigentes e até chatos, falamos ser profissionais para manter a moral, comentamos sobre racionalidade, precisamos manter o controle emocional afim de que os atletas não percam o foco das situações de jogo, analisamos e avaliamos para fazermos as cobranças e, até aceitamos ser explosivos.

4. ESTRUTURAÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER NO HANDEBOL NO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Em síntese, os discursos se assemelham quando a ótica da situação comportamental foca a docilidade dos corpos dos atletas através da Disciplina em comparação às análises de Foucault.

Ao serem questionadas como definem o relacionamento como técnico (a) com os seus atletas nos treinos e jogos, as respostas são mostradas na tabela abaixo.

Quadro 7 - Análise do DSC 06

IDÉIA CENTRAL	EXPRESSÕES - CHAVES
PAI / PADRASTO NOS TREINOS E JOGOS.	E01 - Nos treinos como pai e filhos, nos jogos como padrasto e filhos. E01: Masculino-Sta. Izabel
SOU AMIGO QUANDO ESTOU PASSANDO O TRABALHO, MAS QUANDO TENHO QUE PUXAR A ORELHA EU PUXO OU ELOGIO, NÃO PODE DAR MUITO CARTAZ SE NÃO PASSA DO LIMITE.	E02 - Eu defino que eu sou o amigo lá sabe, estou passando trabalho, fazendo sequência do projeto que a gente arma pro semestre e quando tem que chamar a atenção, puxar a orelha, eu puxo, elogio, mas a gente não pode dar muito cartaz pra pessoa que acha que passa do limite. E02: Masculino-Castanhal
UMA RELAÇÃO FAMILIAR, NÃO SÓ SENDO O TÉCNICO, MAS ÀS VEZES SUBSTITUINDO O PAI, SENDO MÉDICO, PSICÓLOGO, IRMÃO MAIS VELHO E ETC.	E05 - Hoje a gente pode estar implantando um sistema de paternidade, a gente deixou de ser só o técnico pelas condições que a gente tem hoje, a gente passa a ser pai, médico, psicólogo, enfim, e a gente acaba construindo uma família, e é o que é hoje o Ananindeua, a gente deixou apenas de ser o técnico para ser o pai, o irmão mais velho, é o trabalho, o resultado é bem melhor do que o esperado. E05: Masculino-Ananindeua
NORMAL	E06 - Normal. E06: Masculino-Paysandu
SEMPRE ME POSICIONEI A RESPEITO DO QUESTIONAMENTO DA COBRANÇA, POIS, É UM TRABALHO COLETIVO ONDE NÓS SABEMOS OS LIMITES DENTRO DE UM AMBIENTE DE RESPEITO.	E07 - Eu sempre me posicionei a respeito desse questionamento da cobrança, pois, está em jogo um trabalho coletivo, onde nós sabemos os limites que queremos para a nossa equipe, sempre mantendo um ambiente de respeito. E07: Uepa (Belém)
RELACIONAMENTO É ABERTO E DEMOCRÁTICO, MAS MINHA OPINIÃO É A ÚLTIMA NA ANÁLISE/LEITURA DAS SITUAÇÕES DE JOGO	E08 - Meu relacionamento é aberto, democrático, mas minha opinião é a última na análise/leitura das situações de jogo. E08: Masculino-Promorar
FAMILIAR	E010 - Familiar. E10: Masculino-Vigia

4. ESTRUTURAÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER NO HANDEBOL NO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Discurso do Sujeito Coletivo (DSC-06)

No dique diz respeito à questão de relacionamento Técnico/Atleta, apresentamos tendência a uma convivência amigável e familiar, porém, deixamos transparecer em nossas falas situações de cobranças em relação à disciplina, ao respeito, às obrigações como técnicos, tanto nos treinos como nos jogos, quando relatamos que somos amigos, pais, padrastos até certo ponto, mas se for preciso “puxamos a orelha” para conseguirmos nossos objetivos. Em suma, mesmo quando se trata da questão do relacionamento entre os atores sociais, os técnicos não abrem mão da questão disciplinar, enfatizando serem deles a autoridade maior no poder de decisão em relação aos atletas.

Questionadas sobre como definem suas atitudes — éticas, positivas, vencedoras, afetivas, cognitivas, autoritárias, etc. — como técnico (a) em relação aos(as) atletas nos treinos e jogos as respostas são descritas na tabela abaixo.

Quadro 8 - Análise do DSC 07

IDÉIA CENTRAL	EXPRESSÕES - CHAVES
MUITO SÉRIAS, EM CERTOS MOMENTOS CHEGANDO A BEIRA DA RAIVA NOS TREINOS E JOGOS	E01 - As minhas atitudes são muito sérias, certos momentos chegando a beira da raiva, tanto nos treinos como nos jogos. E01: Masculino-Sta. Izabel
RAZOÁVEIS	E02 - Eu acho que é razoável. E02: Masculino-Castanhal
AUTORITÁRIA / ÉTICA / VENCEDOR / AFETIVA / COGNITIVA, CADA SITUAÇÃO DESTA, DE ACORDO COM O SEU DEVIDO MOMENTO NOS TREINOS E JOGOS, TUDO ISSO FAZ A EQUIPE FICAR MAIS UNIDA, VIRANDO MESMO UMA FAMÍLIA.	E05 - Bom, cada ponto desse aqui se põe no seu devido momento, Autoritarismo ele vai funcionar no momento em que a gente está perdendo o rumo, está perdendo o foco, que precisa de uma pessoa para está orientando de uma forma mais coesa, Ético, a gente precisa pregar uma boa ética, sempre positivista, porque nós participamos de uma modalidade que é altamente competitiva e, se a gente não tiver o pensamento positivo de que a coisa vai dar certo, não vai funcionar, vencedor sempre, tem que treinar pra vencer, nunca pensar em treinar para buscar uma derrota, Afetivo e Cognitivo estão muito em conjunto, se a gente tiver uma afetividade, a gente vai conseguir trabalhar o intelecto, o pessoal desses atletas, inclusive parte técnica e tática, com essa relação, faz com que a equipe possa ficar mais unida, mais presente, como eu falei antes, virar mesmo uma família. E05: Masculino-Ananindeua
DE ACORDO COM OS PADRÕES DE NORMALIDADE	E06 - Dentro dos padrões considerados normais. E06: Masculino-Paysandu

4. ESTRUTURAÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER NO HANDEBOL NO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Continuação Quadro 8

HÁ MUITO RESPEITO NAS RELAÇÕES DE TRABALHO (TREINOS E JOGOS), MS MUITA COBRANÇA, ÀS VEZES COM MODERAÇÃO, ÀS VEZES COM MUITO ENERGIA PARA QUE SE TENHA CLAREZA DO QUE SE PEDE	E07 - Penso que existe muito respeito em nossa relação de trabalho (treino-jogo), existe também uma grande cobrança no momento de intervenções, às vezes cobranças com moderação, mas às vezes com uso de energia para que ele tenha absoluta clareza do que se pede. E07: Uepa(Belém)
DA MELHOR FORMA POSSÍVEL, DEMOCRÁTICA E SAUDÁVEL.	E08 - Da melhor forma possível, é bastante democrática/saudável. E08: Masculino-Promorar
ÉTICO, POSITIVO E AFETIVO, USA DE UMA HIERARQUIA DISCIPLINAR, PRESERVA O RESPEITO MÚTUO.	E010 - Procuo ser ético, extremamente positivo e bem afetivo, usando de uma hierarquia disciplinar pautada no respeito múltiplo. E10: Masculino-Vigia

Discurso do Sujeito Coletivo (DSC-07)

Admitimos sermos muito sérios, ao ponto de chegarmos a ficar com raiva, dizemos que temos atitudes autoritárias, quando percebemos que os atletas estão perdendo o foco de concentração nas diversas situações de treinos e jogos, onde precisamos intervir de forma mais séria, por uma questão de motivar os atletas, porém, nos consideramos éticos, afetivos, cognitivos e vencedores em nossas atitudes, respeitando os limites de cada um, com o intuito de mantermos uma hierarquia disciplinar perante nossos atletas. Sentimos também, uma extrema necessidade de ajustarmos nossos comportamentos em relação aos atletas, para não deixar transparecer apenas o lado negativo de nossas atitudes comportamentais em relação a eles (as) nos treinos e nos jogos. Nesse aspecto, ao mesmo tempo em que os técnicos admitem terem atitudes autoritárias para manterem a ordem dentro da equipe, se dizendo éticos, positivos, afetivos, cognitivos e vencedores, também sentem a necessidade de um ajuste de comportamentos para que os atletas não os vejam apenas como aqueles que só mandam para outros obedecerem.

Perguntados sobre como considera as intervenções de seus atletas nas suas sessões de treinos e jogos, os resultados estão apresentados na tabela abaixo.

4. ESTRUTURAÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER NO HANDEBOL NO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Quadro 9 - Análise do DSC 08

IDÉIA CENTRAL	EXPRESSÕES - CHAVES
PERFEITAS E IMPORTANTES, É SINAL QUE ESTÃO LIGADOS NO JOGO.	E01 - Perfeito, é sinal que eles estão ligados nos treinamentos e, os questionamentos deles sempre valem e são importantes. E01: Masculino-Sta. Izabel
SEMPRE FUI ABERTO E, AS INTERVENÇÕES DELES SOMAM NO TRABALHO COMO UM TODO.	E02 - Eu sempre fui assim, eu sempre fui aberto a opiniões, tem uns atletas que me acompanham nos treinamentos, tem idéias que eles veem na internet, então que alguém passa pra eles, é importante que soma no trabalho. E02: Masculino-Castanhal
DOU LIBERDADE DE INTERVIREM EM DETERMINADOS MOMENTOS, ATÉ PORQUE A GENTE NUNCA SABE TUDO, OS ATLETAS EM QUADRA É QUE ESTÃO SENTINDO A REAL SITUAÇÃO, ELES TEM ABERTURA PRA FALAR E ATRAVÉS DE REUNIÕES ENCONTRAMOS O MEIO TERMO QUE SERÁ MELHOR PARA A EQUIPE.	E05 - É um fato bem interessante, eu dou liberdade para que os meus atletas possam estar intervindo em determinados momentos e colocando as suas opiniões, até porque a gente nunca sabe tudo, os atletas quando eles estão em quadra trabalhando, eles estão sentindo uma realidade qual talvez a gente não esteja sentindo, então eu dou essa liberdade, até porque os atletas hoje podem chegar e ter uma abertura muito grande pra falar o que pensam e que sentem dentro da equipe, e a gente consegue muitas vezes dentro de reuniões encontrar o meio termo e, de repente nem colocar minha opinião, não vai a prática, vai o que eles colocaram que será melhor pra equipe. E05: Masculino-Ananindeua
SEMPRE PRODUTIVAS E QUESTINÁVEIS	E06 - Produtivas e questionáveis. E06: Masculino-Paysandu
TEMOS PROBLEMAS DE INTERCÂMBIO, ESSA LIMITAÇÃO LEVA O ATLETA A PENSAR QUE JÁ DOMINA O JOGO, ISSO INFLUENCIA NO TRABALHO TÁTICO QUE ELES FAZEM PELA METADE	E07 - Temos um grande problema que chamamos intercâmbio com o Brasil, essa limitação leva o atleta a pensar que já domina o jogo e, que alguns fundamentos não precisam ser trabalhados, também com relação a definição de posicionamento tático, eles teimam em fazer os trabalhos pela metade, mas nós estamos contornando esses problemas. E07: Masculino – Uepa (Belém)
BOAS, MOSTRA A ASSIMILAÇÃO E A PRÁTICA DOS CONHECIMENTOS.	E08 - Boas, mostra para mim que estão assimilando os meus conhecimentos e praticando-os. E08: Masculino-Promorar
POSITIVAS, IMPORTANTE PARA O DESENVOLVIMENTO DOS ATLETAS.	E010 - Positivas, necessárias e de suma importância para o desenvolvimento dos mesmos. E10: Masculino-Vigia

Discurso do Sujeito Coletivo (DSC-08)

Em se tratando das intervenções dos atletas nos treinos e jogos, nós admitimos que são positivas, produtivas, somam, pois, há um diálogo aberto com nossos jogadores sobre tudo que ocorre nos treinamentos e após as competições, isto serve para observarmos o nível de assimilação dos

4. ESTRUTURAÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER NO HANDEBOL NO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

conteúdos por parte dos atores envolvidos em todo o processo de desenvolvimento da equipe, principalmente pela falta de mais intercâmbio, o que leva os atletas pensarem que já dominam o jogo, podendo ter influencia direta no rendimento técnico e tático. Procuramos mostrar que eles podem intervir a qualquer momento, pois, não somos os donos da verdade.

Quadro 10 - Análise do DSC 09

IDÉIA CENTRAL	EXPRESSÕES – CHAVE
AGRESSIVO COM OS ATLETAS, COBRO MUITO A RESPEITO DA DISCIPLINA	E01-Eu sou um pouco agressivo em quadra com os meus atletas, muito agressivo mesmo, cobro muito a respeito da disciplina. E01: Masculino-Sta. Izabel
PODERIA TER UM COMPORTAMENTO MELHOR, ATÉ COMO FORMA DE INCENTIVAR MAIS O HANDEBOL EM ABAETETUBA.	E02 - Eu acho que eu poderia ser melhor, mas eu tento me adequar porque o handebol em Abaetetuba era muito parado sabe, eles dão mais ênfase para o futebol de campo e aí eu tentei procurar uma maneira de incentivar o handebol lá, e como nós não temos uma sequência, eu comecei engatinhando com o time e é isso aí. E02: Masculino-Castanhal
É BEM POSITIVO, O TÉCNICO É FUNDAMENTAL COMO INCENTIVADOR DOS ATLETAS.	E03 - É bem positivo, eu acredito assim que o técnico é fundamental como incentivador das capacidades físicas dos atletas. E03: Feminino-UEPA
EXIGENTE E CHATA, TANTO NOS TREINOS COMO NOS JOGOS.	E04 - Como técnica, eu sou muito exigente, chego ser até CHATA, tanto nos treinos como nos jogos. E04: Feminino-Paysandu
PURAMENTE PROFISSIONAL, PUXANDO UM POUCO PELO LADO EMOCIONAL DOS ATLETAS PARA QUE A GENTE POSSA TER MORAL.	E05 - Na minha opinião é puramente profissional, técnico e, a gente puxa um pouquinho pelo lado emocional dos atletas trabalhando os conteúdos de forma precisa pra que a gente possa ter com os atletas até nível moral. E05: Masculino-Ananindeua
MUITO RACIONAL .	E06 - Muito racional. E06: Masculino-Paysandu

4. ESTRUTURAÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER NO HANDEBOL NO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Continuação Quadro 10

TEM MOMENTO DO JOGO QUE PRECISO MANTER O CONTROLE EMOCIONAL PARA MANTER A EQUIPE FOCADA ÀS VEZES ATÉ DAR UM PUXÃO DE ORELHA.	E07 - Tem momento do jogo que preciso manter um certo controle emocional para manter a equipe focada no jogo; mas existe momento que tem que dá um grnde puxão de orelha para a galera entrar no clima do jogo. E07: Masculino-Uepa (Belém)
FAÇO UMA ANÁLISE/AVALIAÇÃO DA SITUAÇÃO DE JOGO PARA MOSTRAR AOS ATLETAS COMO ESTÃO JOGANDO E COBRO BASTANTE.	E08 - No momento faço uma análise / avaliação de situação de jogo, procuro mostrar aos alunos/atletas como estão jogando técnica e taticamente e, como deviam jogar, mas cobro bastante. E08: Masculino-Promorar
FAÇO UMA ANÁLISE/AVALIAÇÃO DA SITUAÇÃO DE JOGO PARA MOSTRAR AOS ATLETAS COMO ESTÃO JOGANDO E COBRO BASTANTE.	E08 - No momento faço uma análise / avaliação de situação de jogo, procuro mostrar aos alunos/atletas como estão jogando técnica e taticamente e, como deviam jogar, mas cobro bastante. E08: Masculino-Promorar
NO INÍCIO ERA MAIS EXPLOSIVA.	E09 - No início eu era mais explosiva. E09: Feminino-ASSEEL
CALMO E TOLERANTE NAQUILO QUE COBRA E TREINA.	E010 - Sou tolerante quanto ao que cobro e treino, calmo e tolerante. E10: Masculino-Vigia

Discurso do Sujeito Coletivo (DSC09)

Apresentamos nos treinos e jogos formas semelhantes de comportamentos que objetivam manter a disciplina dos atletas como: Admitimos ser agressivos, mudamos de atitudes para incentivar o handebol em função da prática do futebol nos municípios, somos exigentes e até chatos, falamos ser profissionais para manter a moral, comentamos sobre racionalidade, precisamos manter o controle emocional afim de que os atletas não percam o foco das situações de jogo, analisamos e avaliamos para fazermos as cobranças e, até aceitamos ser explosivos.

Em síntese, os discursos se assemelham quando a ótica da situação comportamental foca a docilidade dos corpos dos atletas através da Disciplina em comparação às análises de Foucault.

Quando questionados, como você define o seu relacionamento como técnico (a) com os seus atletas nos treinos e jogos, o resultado é apresentado no quadro abaixo.

4. ESTRUTURAÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER NO
HANDEBOL NO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Quadro 11 - Análise do DSC 10

IDÉIA CENTRAL	EXPRESSÕES - CHAVES
PAI / PADRASTO NOS TREINOS E JOGOS.	E01 - Nos treinos como pai e filhos, nos jogos como padrasto e filhos.
SOU AMIGO QUANDO ESTOU PASSANDO O TRABALHO, MAS QUANDO TEM QUE PUXAR A ORELHA EU PUXO, ELOGIO, NÃO PODE DAR MUITO CARTAZ SE NÃO PASSA DO LIMITE.	E02 - Eu defino que eu sou o amigo lá sabe, estou passando trabalho, fazendo sequência do projeto que a gente arma pro semestre e quando tem que chamar a atenção, puxar a orelha, eu puxo, elogio, mas a gente não pode dar muito cartaz pra pessoa que acha que passa do limite.
AMIGÁVEL E PROFISSIONAL EM TERMOS DE COBRANÇA DOS PROCEDIMENTOS TÉCNICOS.	E03 - Amigável como pessoa e, exercendo as funções de técnica em termos de cobrança dos procedimentos técnicos e táticos.
RELAÇÃO BOA DE TROCAS NÃO SÓ COMO ATLETAS, MAS COMO SERES HUMANOS.	E04 - É uma relação boa de trocas, eu não trato o atleta, atleta, além de eu tratá-lo como atleta, eu trato como ser humano, então é uma relação de trocas, bem afinada, eu considero muito boa.
UMA RELAÇÃO FAMILIAR, NÃO SÓ SENDO O TÉCNICO, MAS ÀS VEZES SUBSTITUINDO O PAI, SENDO MÉDICO, PSICÓLOGO, IRMÃO MAIS VELHO E ETC.	E05 - Hoje a gente pode estar implantando um sistema de paternidade, a gente deixou de ser só o técnico pelas condições que a gente tem hoje, a gente passa a ser pai, médico, psicólogo, enfim, e a gente acaba construindo uma família, e é o que é hoje o Ananindeua, a gente deixou apenas de ser o técnico para ser o pai, o irmão mais velho, é o trabalho, o resultado é bem melhor do que o esperado.
NORMAL	E06 - Normal.
SEMPRE ME POSICIONEI A RESPEITO DO QUESTIONAMENTO DA COBRANÇA, POIS, É UM TRABALHO COLETIVO ONDE NÓS SABEMOS OS LIMITES DENTRO DE UM AMBIENTE DE RESPEITO.	E07 - Eu sempre me posicionei a respeito desse questionamento da cobrança, pois, está em jogo um trabalho coletivo, onde nós sabemos os limites que queremos para a nossa equipe, sempre mantendo um ambiente de respeito.
RELACIONAMENTO É ABERTO E DEMOCRÁTICO, MAS MINHA OPINIÃO É A ÚLTIMA NA ANÁLISE/LEITURA DAS SITUAÇÕES DE JOGO	E08 - Meu relacionamento é aberto, democrático, mas minha opinião é a última na análise/leitura das situações de jogo.
BOM RELACIONAMENTO COM ATITUDE POSITIVA.	E09 - Um bom relacionamento com uma atitude sempre positiva.
FAMILIAR	E010 - Familiar.

Discurso do Sujeito Coletivo (DSC10)

No dique diz respeito à questão de relacionamento Técnico/Atleta, apresentamos tendência a uma convivência amigável e familiar, porém, deixamos transparecer em nossas falas situações de cobranças em relação à disciplina, ao respeito, às obrigações como técnicos, tanto nos treinos

4. ESTRUTURAÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER NO HANDEBOL NO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

como nos jogos, quando relatamos que somos amigos , pais, padrastos até certo ponto, mas se for preciso “puxamos a orelha” para conseguirmos nossos objetivos.

Em suma, mesmo quando se trata da questão do relacionamento entre os atores sociais, os técnicos não abrem mão da questão disciplinar, enfatizando serem deles a autoridade maior no poder de decisão em relação aos atletas.

Quando questionados, como você define suas atitudes — éticas, positivas, vencedoras, afetivas, cognitivas, autoritárias, etc. — como técnico(a) em relação aos(as) atletas nos treinos e jogos, o resultado é apresentado no quadro abaixo.

Quadro 12 - Análise do DSC 11

IDÉIA CENTRAL	EXPRESSÕES CHAVES
MUITO SÉRIAS, EM CERTOS MOMENTOS CHEGANDO A BEIRA DA RAIVA NOS TREINOS E JOGOS	E01 - As minhas atitudes são muito sérias, certos momentos chegando a beira da raiva, tanto nos treinos como nos jogos.
RAZOÁVEIS	E02 - Eu acho que é razoável.
SOU AUTORITÁRIA, ME CONSIDERO UMA TÉCNICA RÍGIDA, PREZO PELO EMPENHO DO ATLETA, NÃO NA QUESTÃO FÍSICA, MAS NA QUESTÃO DA MOTIVAÇÃO EM QUE ELE INSPIRA CRESCER ENQUANTO ATLETA.	E03 - Eu sou AUTORITÁRIA, eu me considero uma técnica rígida e que eu prezo pelo empenho do atleta, e deixar bem claro, o empenho não é uma parte da questão física, ele é um empenho da motivação, em que o atleta queira estar lá, ele inspira crescer enquanto atleta.
DENTRO DOS PADRÕES DE TRATAMENTO COM OS ATLETAS, SÃO POSITIVAS / AUTORITÁRIAS / DEMOCRÁTICAS, NÃO SÓ NO QUE DIZ RESPEITO AO LADO TÉCNICO	E04 - Isso aí de acordo com as minhas atitudes dentro dos padrões, como você diz, tratar o atleta dentro de uma ética profissional, não misturar o lado pessoal com o profissional, então eu olho que são formas positivas, e vencer também, trato que pra vencer, precisa treinar. Afetivas, eu tenho o meu lado de mãezona, de tentar ajudar o atleta no seu dia a dia, nos estudos como na relação com a sua família e, a parte cognitiva também como AUTORITÁRIA, mas sou democrática também, a gente faz algumas trocas com os atletas, não só o lado técnico.

4. ESTRUTURAÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER NO HANDEBOL NO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Continuação Quadro 12

<p>AUTORITÁRIA / ÉTICA / VENCEDOR / AFETIVA / COGNITIVA, CADA SITUAÇÃO DESTA, DE ACORDO COM O SEU DEVIDO MOMENTO NOS TREINOS E JOGOS, TUDO ISSO FAZ A EQUIPE FICAR MAIS UNIDA, VIRANDO MESMO UMA FAMÍLIA.</p>	<p>E05 - Bom, cada ponto desse aqui se põe no seu devido momento, Autoritarismo ele vai funcionar no momento em que a gente está perdendo o rumo, está perdendo o foco, que precisa de uma pessoa para está orientando de uma forma mais coesa, Ético, a gente precisa pregar uma boa ética, sempre positivista, porque nós participamos de uma modalidade que é altamente competitiva e, se a gente não tiver o pensamento positivo de que a coisa vai dar certo, não vai funcionar, vencedor sempre, tem que treinar pra vencer, nunca pensar em treinar para buscar uma derrota, Afetivo e Cognitivo estão muito em conjunto, se a gente tiver uma afetividade, a gente vai conseguir trabalhar o intelecto, o pessoal desses atletas, inclusive parte técnica e tática, com essa relação, faz com que a equipe possa ficar mais unida, mais presente, como eu falei antes, virar mesmo uma família.</p>
<p>DE ACORDO COM OS PADRÕES DE NORMALIDADE</p>	<p>E06 - Dentro dos padrões considerados normais.</p>
<p>HÁ MUITO RESPEITO NAS RELAÇÕES DE TRABALHO (TREINOS E JOGOS), MS MUITA COBRANÇA, ÀS VEZES COM MODERAÇÃO, ÀS VEZES COM MUITO ENERGIA PARA QUE SE TENHA CLAREZA DO QUE SE PEDE</p>	<p>E07 - Penso que existe muito respeito em nossa relação de trabalho (treino-jogo), existe também uma grande cobrança no momento de intervenções, às vezes cobranças com moderação, mas às vezes com uso de energia para que ele tenha absoluta clareza do que se pede.</p>
<p>DA MELHOR FORMA POSSÍVEL, DEMOCRÁTICA E SAUDÁVEL.</p>	<p>E08 - Da melhor forma possível, é bastante democrática/saudável.</p>
<p>ÉTICA E POSITIVA.</p>	<p>E09 - Ética e positiva.</p>
<p>ÉTICO, POSITIVO E AFETIVO, USA DE UMA HIERARQUIA DISCIPLINAR, PRESERVA O RESPEITO MÚTUO.</p>	<p>E010 - Procuo ser ético, extremamente positivo e bem afetivo, usando de uma hierarquia disciplinar pautada no respeito múltiplo.</p>

Discurso do Sujeito Coletivo (DSC11)

Admitimos ser muito sérios, ao ponto de chegarmos a ficar com raiva, dizemos que temos atitudes autoritárias, quando percebemos que os atletas estão perdendo o foco de concentração nas diversas situações de treinos e jogos, onde precisamos intervir de forma mais séria, por uma questão de motivar os atletas, porém, nos consideramos éticos, afetivos, cognitivos e vencedores em nossas atitudes, respeitando os limites de cada um, com o intuito de mantermos uma hierarquia disciplinar perante nossos atletas. Sentimos também, uma extrema necessidade de ajustarmos nossos comportamentos em relação aos atletas, para não deixar transparecer apenas o lado negativo de nossas atitudes comportamentais em relação a eles (as) nos treinos e nos jogos.

4. ESTRUTURAÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER NO HANDEBOL NO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Nesse aspecto, ao mesmo tempo em que os técnicos admitem terem atitudes autoritárias para manterem a ordem dentro da equipe, se dizendo éticos, positivos, afetivos, cognitivos e vencedores, também sentem a necessidade de um ajuste de comportamentos para que os atletas não os vejam apenas como aqueles que só mandam para outros obedecerem.

Quando questionados, em sua opinião, como considera as intervenções de seus atletas nas suas sessões de treinos e jogos, o resultado é apresentado no quadro abaixo.

Quadro 13 - Análise do DSC 12

IDÉIA CENTRAL	EXPRESSÕES - CHAVES
PERFEITAS E IMPORTANTES, É SINAL QUE ESTÃO LIGADOS NO JOGO.	E01 - Perfeito, é sinal que eles estão ligados nos treinamentos e, os questionamentos deles sempre valem e são importantes.
SEMPRE FUI ABERTO E, AS INTERVENÇÕES DELES SOMAM NO TRABALHO COMO UM TODO.	E02 - Eu sempre fui assim, eu sempre fui aberto a opiniões, tem uns atletas que me acompanham nos treinamentos, tem idéias que eles veem na internet, então que alguém passa pra eles, é importante que soma no trabalho.
POSITIVAS NOS MOMENTOS ADEQUADOS DESDE QUE VENHAM A SOMAR COMO UM TODO.	E03 - Positivas, nos momentos adequados e, que venham somar como um todo.
TEM MOMENTOS QUE TEMOS QUE OUVIR OS ATLETAS, ACEITO ALGUMAS INTERVENÇÕES, DESDE QUE VENHAM CONTRIBUIR, SÃO VÁLIDAS.	E04 - Eu acho que tem momentos que a gente tem que ouvir os atletas, porque eles vivenciam os treinos, nos jogos, a gente tem que colher esses dados para melhorar os treinamentos, eu aceito algumas intervenções, desde que elas venham contribuir para o crescimento dos dos atletas, para o melhoramento dos treinamentos, eu acho que isso é válido.
DOU LIBERDADE DE INTERVIREM EM DETERMINADOS MOMENTOS, ATÉ PORQUE A GENTE NUNCA SABE TUDO, OS ATLETAS EM QUADRA É QUE ESTÃO SENTINDO A REAL SITUAÇÃO, ELES TEM ABERTURA PRA FALAR E ATRAVÉS DE REUNIÕES ENCONTRAMOS O MEIO TERMO QUE SERÁ MELHOR PARA A EQUIPE.	E05 - É um fato bem interessante, eu dou liberdade para que os meus atletas possam estar intervindo em determinados momentos e colocando as suas opiniões, até porque a gente nunca sabe tudo, os atletas quando eles estão em quadra trabalhando, eles estão sentindo uma realidade qual talvez a gente não esteja sentindo, então eu dou essa liberdade, até porque os atletas hoje podem chegar e ter uma abertura muito grande pra falar o que pensam e que sentem dentro da equipe, e a gente consegue muitas vezes dentro de reuniões encontrar o meio termo e, de repente nem colocar minha opinião, não vai a prática, vai o que eles colocaram que será melhor pra equipe.

Continuação Quadro 13

SEMPRE PRODUTIVAS E QUESTINÁVEIS	E06 - Produtivas e questionáveis.
TEMOS PROBLEMAS DE INTERCÂMBIO, ESSA LIMITAÇÃO LEVA O ATLETA A PENSAR QUE JÁ DOMINA O JOGO, ISSO INFLUENCIA NO TRABALHO TÁTICO QUE ELES FAZEM PELA METADE	E07 - Temos um grande problema que chamamos intercâmbio com o Brasil, essa limitação leva o atleta a pensar que já domina o jogo e, que alguns fundamentos não precisam ser trabalhados, também com relação a definição de posicionamento tático, eles teimam em fazer os trabalhos pela metade, mas nós estamos contornando esses problemas.
BOAS, MOSTRA A ASSIMILAÇÃO E A PRÁTICA DOS CONHECIMENTOS.	E08 - Boas, mostra para mim que estão assimilando os meus conhecimentos e praticando-os.
RAZOÁVEL, ELES TEM RACIOCÍNIO LENTO.	E09 - Razoável, eles tem um raciocínio lento.
POSITIVAS, IMPORTANTE PARA O DESENVOLVIMENTO DOS ATLETAS.	E010 - Positivas, necessárias e de suma importância para o desenvolvimento dos mesmos.

Discurso do Sujeito Coletivo (DSC12)

Em se tratando das intervenções dos atletas nos treinos e jogos, nós admitimos que são positivas, produtivas, somam, pois, há um diálogo aberto com nossos jogadores sobre tudo que ocorre nos treinamentos e após as competições, isto serve para observarmos o nível de assimilação dos conteúdos por parte dos atores envolvidos em todo o processo de desenvolvimento da equipe. Concordamos que algumas intervenções surgem em momentos inadequados, talvez pela falta de maturidade de alguns atletas, propostas estas de forma razoáveis, ou até mesmo duvidosas, fracas, onde chegamos a pensar ter atletas com raciocínio fraco e lento para intervirem de forma produtiva no trabalho técnico e tático da equipe nos treinos e jogos.

É uma pequena amostragem da inflexibilidade de alguns técnicos no desenvolvimento de suas atividades profissionais com suas equipes que buscam juntamente com os seus atletas os mesmos objetivos positivos nas competições.

Quando questionados, em sua opinião, qual a sua opinião sobre atribuir responsabilidades aos (as) atletas sobre procedimentos técnicos e táticos nos treinos e jogos? Como isso se dá nos treinos e jogos de suas equipes, o resultado é apresentado no quadro abaixo.

4. ESTRUTURAÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER NO HANDEBOL NO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Quadro 14 - Análise do DSC 13

IDÉIA CENTRAL	EXPRESSÕES - CHAVES
A MAIOR RESPONSABILIDADE É MINHA E A MENOR É DELES NA PARTE TÁTICA.	E02 - Eu diria 70% minhas como técnico e 30% deles na parte tática.
DAR SEMPRE APOIO PARA O CRESCIMENTO DOS ATLETAS AFIM DE QUE ELES POSSAM NOS AJUDAR NOS TREINOS E JOGOS.	E02 - Eu acho que nós devemos dar apoio, suporte para que os atletas cresçam e nos ajudem nos momentos do jogo, do treinamento para que a gente possa ter alguém para nos apoiar.
FORMULO UM PROBLEMA PARA SER RESOLVIDO E DEPOIS VAMOS À PRÁTICA, PRINCIPALMENTE NA FASE DE PREPARAÇÃO PARA JOGOS IMPORTANTES.	E03 - Eu faço uma explanação sobre o aspecto técnico que vai ser trabalhado na equipe, formulo um problema de situação tática para a equipe e deixo a equipe durante 10 minutos conversando ente sí para resolver esse problema e, depois vamos a prática, eu faço isso principalmente em fase de preparação para jogos importantes, mais ou menos é esse o meu trabalho durante uma semana ou duas antes desses jogos.
FAZER O ATLETA PENSAR PARA QUE ELES SE SINTAM PREPARADOS QUANDO EU COLOCAR ALGUMA SITUAÇÃO TÁTICA NOVA DE JOGO.	E04 - Eu acho que agente tem que levar para o lado do atleta pensar, então quando você faz algumas situações táticas, é preciso que o atleta esteja preparado, não posso dar se eu não mostro como ele tem que fazer, tem que haver isso, eu cobrar sem ter dado, numa situação você tem N opções.
O ATLETA TEM QUE ASSUMIR RESPONSABILIDADES DENTRO DA EQUIPE, É COMO SE FOSSE UMA FAMÍLIA, O ATLETA TEM QUE SENTIR QUE FAZ PARTE DESSA ENGRENAGEM, CADA UM NO SEU MOMENTO, PARA QUE MAIS TARDE ELES POSSAM CONTRIBUIR COM A EQUIPE NAS CATEGORIAS DE BASE APLICANDO SEUS CONHECIMENTOS ADQUIRIDOS.	E05 - Eu acho que cada atleta tem que assumir uma responsabilidade dentro da equipe, não só de entrar em quadra pegar a bola e jogar, é como eu venho dizendo que a equipe é uma família, então o atleta tem que sentir que faz parte dessa engrenagem, cada um no seu momento, cada um com a sua conotação, hoje até a gente consegue fazer isso, porque na minha equipe eu tenho 12 atletas que fazem o curso de Educação Física e, eu já tô trabalhando cada um deles para que mais tarde possam estar assumindo as equipes de base do clube, então a gente já vai administrando esse setor, colocando um para fazer tal tarefa, outro para dominar uma parte técnica apurada em treinamentos, escaltes, então a gente vai tentando incorporar cada atleta dentro desse contexto.

4. ESTRUTURAÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER NO HANDEBOL NO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Continuação Quadro 14

TODOS TEM QUE ASSUMIR RESPONSABILIDADES, SE NÃO FICA DIFÍCIL PARA O CRESCIMENTO DA EQUIPE.	E06 - Dentro de uma equipe se delega algumas coisas, se isso não acontece, fica difícil.
ISSO É DIVIDIDO ENTRE O GRUPO, ONDE OS SISTEMAS SÃO DISCUTIDOS E APLICADOS, POIS, TRABALHO COM CINCO CATEGORIAS ONDE O COMANDO É SÓ MEU E AS SITUAÇÕES SÃO DIFERENCIADAS.	E07 - Esse ponto é dividido entre o grupo, tanto eu como a equipe, onde os sistemas são discutidos e emprementados de acordo com o perfil do grupo, trabalhamos com cinco categorias, onde o comando é só meu, e aí os trabalhos devem ser diferenciados.
MOSTRO COMO GOSTARIA DE JOGAR, MAS DEIXO LIVRE PARA OPINAREM.	E08 - Mostro como gostaria de jogar taticamente nos vários sistemas, conversamos mas deixo livre para opinarem.
IMPORTANTE, MANDO RACIOCINAR A RESPEITO DA MOVIMENTAÇÃO TÉCNICA E TÁTICA E SUAS VARIANTES.	E09 - Importante, sempre eu os mando raciocinar a respeito de toda a movimentação técnica e tática e suas variantes.
SE FAZ NECESSÁRIO PARA O COMPROMETIMENTO DOS MESMOS.	E010 - Atribuir esses valores se faz necessário para o comprometimento do grupo e formação do atleta.

Discurso do Sujeito Coletivo (DSC13)

Quando se trata de atribuir responsabilidades aos atletas sobre os procedimentos técnicos e táticos nos treinos e jogos, assumimos completamente que todas as responsabilidades são nossas, podendo até existirem colegas de profissão que dividem tais compromissos com os jogadores ou atribuem totalmente esses afazeres aos seus atletas mais experientes, como montar uma jogada técnica e tática para a finalização de pivô, aplicar variações de sistemas defensivos ou até mesmo comandar as substituições dos atletas durante o jogo, afim de que eles possam se sentir tão importantes para a equipe quanto a figura do próprio técnico no que diz respeito às tomadas de decisões em prol dos benefícios do clube nos treinamentos e competições.

Podemos perceber a divisão de responsabilidades quanto ao crescimento técnico e tático da equipe tanto nos treinos quanto nos jogos.

Quando questionados, como você define os seus comportamentos – morais, organizacionais, agressivos, sexuais, de trabalho, etc. — com os seus atletas nos treinos e jogos, o resultado é apresentado no quadro abaixo.

4. ESTRUTURAÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER NO HANDEBOL NO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Quadro 15 - Análise do DSC 14

IDÉIA CENTRAL	EXPRESSÕES - CHAVES
COMPLETAMENTE NORMAIS EM RELAÇÃO A ESSES FOCOS SEXUAIS E ETC.	E01- Meu comportamento completamente normal em relação a esses focos sexuais e etc...
RAZOÁVEIS, PROCURO RESPEITAR E ME FAZER RESPEITAR.	E02 - É razoável, assim, eu procuro respeitar e me fazer respeitar.
COMPORTAMENTOS ADEQUADOS, TODO TÉCNICO TEM UM MOMENTO AGRESSIVO DENTRO DE QUADRA E, ELE TEM QUE SABER PARA QUAL ATLETA ELE DEVE SE DIRIGIR DESSE MODO, POIS CADA UM TEM UM COMPORTAMENTO DIFERENTE DE ASSIMILAR AS COISAS.	E03 - Eu tento me manter dentro de um comportamento adequado, exemplo, todo técnico ele tem um MOMENTO AGRESSIVO dentro de quadra, dentro dos treinos e, ele tem que saber para qual dos atletas ele tem que se dirigir dessa forma, porque cada atleta ele tem uma forma característica de comportamento diferenciado, por exemplo: o mesmo atleta que eu tenho que dizer: vem cá eu acredito em você, vamos lá, vamos acertar, até a entonação de voz é diferente
PROCURO SEPARAR ESSAS QUESTÕES, SÃO COISAS QUE A GENTE NÃO DEVE MISTURAR COMO EDUCADOR E COMO TÉCNICO, SIM MOSTRAR AO ATLETA QUE ELE PODE MELHORAR ENQUANTO PESSOA ATRAVÉS DO ESPORTE.	E04 - Essas questões, eu gosto de separar tudo isso, parte da sexualidade, do meu trabalho, eu acho que são coisas que a gente não deve misturar, no dia a dia como educador e como técnico é separar, mas mostrar ao atleta na melhora dele enquanto pessoa que o esporte proporciona isso.
TEM QUE HAVER RESPEITO MÚTUO, SABER SEPARAR CADA TIPO DE COMPORTAMENTO DE ACORDO COMO AS SITUAÇÕES SE APRESENTA, É COMO SE FOSSE UMA FAMÍLIA, TRAT-SE DOS PROBLEMAS EM FUNÇÃO DE COMO ELES SE APRESENTAM PARA QUE SE TENHA MELHORES CONDIÇÕES DE TRABALHO.	E05 - Nós temos uma seriedade muito grande nos nossos trabalhos, eu costumo dizer que a gente tem espaço para entrar a qualquer momento, qualquer momento também tem espaço para sair, se a gente não seguir as normas do que prever a família em si, não tem muito do que falar sobre isso, até porque há uma divisão muito grande do que é o pessoal e o profissional, hoje a gente consegue distribuir isso bem legal e, não tem tido muitos problemas com relação a isso, Agressivo, é muito pouco, eu pego bem no pé, mas não é de uma forma agressiva, eles sabem que é para a melhoria qualitativa deles, Sexual, a gente divide muito bem a situação, trabalho, tem que respeitar os atletas, porque nem sempre eles tem tempo para estarem presentes, para estar em treinamento, porque uns trabalham outros estudam, então há que haver um respeito para se trabalhar, porque se não houver não tem condições.

4. ESTRUTURAÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER NO
HANDEBOL NO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Continuação Quadro 15

COM EDUCAÇÃO E PROFISSIONALISMO	E06 - Dentro de um padrão educativo e profissional.
ENÉRGICOS COM RESPEITO E, INCENTIVADORES DEIXANDO O ATLETA EXPOR SUAS DIFICULDADES NO DECORRER DOS TRABALHOS.	E07 - São energicos com respeito e incentivos, sempre deixando o atleta expor sua dificuldade no decorrer do jogo.
DE FORMA IGUAL, SEMPRE OLHANDO O LADO DO GRUPO.	E08 - Da mesma forma, sempre olhando o lado do grupo.
TRABALHO O LADO ÉTICO E MORAL EM PRIMEIRO LUGAR, MANTENHO UMA LINGUAGEM BASTANTE AGRESSIVA NO QUE SE REFERE AO JOGO E AS TÁTICAS.	E09 - Eu sempre fui uma técnica que trabalho o lado ético e moral em primeiro lugar e, mantenho uma linguagem bastante agressiva no que se refere ao jogo e as táticas.
CORRETO, COERENTE E PATERNALÍSTA.	E010 - Correto, coerente e paternalista, com a máxima retidão possível.

Discurso do Sujeito Coletivo (DSC14)

Os comportamentos morais, organizacionais, agressivos, sexuais de trabalho, definimos como normais, razoáveis e adequados, pois, nos tratamos como se fossemos uma família onde há todo o tipo de conflito, mas também deve haver o diálogo e o respeito mútuo dentro dos padrões éticos de comportamento do ser humano, porém, enfatizamos a questão da reciprocidade respeitosa de que um convívio familiar requer, já que sempre agimos com educação e profissionalismo, sendo enérgicos e éticos para manter a moral em primeiro lugar como forma correta, coerente e paternalista com os nossos atletas durante os treinos e jogos.

É uma situação em que os técnicos mostram a importância da preservação da moral e dos bons costumes em uma relação de grupos, onde todo tipo de comportamento pode interferir de forma positiva ou negativa para o desenvolvimento do ser humano.

Quando questionados, alguns técnicos (as) mediam os seus conhecimentos com os (as) atletas nos treinos e jogos. O que pensa sobre isso, o resultado é apresentado no quadro abaixo.

4. ESTRUTURAÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER NO HANDEBOL NO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Quadro 16 - Análise do DSC 15

IDÉIA CENTRAL	EXPRESSÕES - CHAVES
<p>CONCORDO PLENAMENTE NISSO, SOMENTE TÉCNICOS QUE NÃO TEM CONHECIMENTOS DE JOGO DE QUADRA COMO EU, MAS QUE ADQUIRÍ COM O HANDEBOL E HOJE SOU TÉCNICO DA MODALIDADE.</p>	<p>E01 - Está perfeito, concordo plenamente nisso, somente o técnico que não tem conhecimentos, como eu, que não tenho conhecimento de jogo de quadra, mas que adquirí o conhecimento e o handebol me pegou e, hoje sou técnico de handebol.</p>
<p>ACHO CERTO, PORQUE ELES VÃO SER FUTUROS TÉCNICOS E A GENTE TEM QUE PREPARAR ESSE PESSOAL PARA NOS SUBSTITUIR NO FUTURO.</p>	<p>E02 - Eu acho que é o certo porque eles vão ser futuros técnicos, treinadores das equipes, eu acho que a gente tem que preparar esse pessoal para nos substituir daqui a um tempo.</p>
<p>MUITO BOM, TEMOS UMA FORMA DE TRABALHAR A NOSSA EQUIPE QUE NÃO É SÓ FAZER A MOVIMENTAÇÃO DENTRO DE QUADRA COM E SEM A BOLA, MAS FAZER COM QUE ELES ENTENDAM COMO ISSO ACONTECE E, ESSES MOMENTOS ACONTECEM ATRAVÉS DE PALESTRAS PARA QUE ELES ASSIMILEM COMO O TRABALHO É FEITO.</p>	<p>E03 - Muito bom, olha! Nós temos uma forma de trabalhar dentro da nossa equipe que é não só fazer a movimentação dentro de quadra com a bola, sem bola, mas principalmente fazer esse atleta entender como é que isso acontece e, a gente tem momentos de palestras, e nesses momentos, a gente tenta transferir esses conhecimentos, nós damos a orientação de como é feito esse trabalho.</p>
<p>ACHO NORMAL, PORQUE A EVOLUÇÃO DO HANDEBOL ESTÁ TÃO GRANDE QUE ÀS VEZES É NECESSÁRIO UMA AUTO-AVALIAÇÃO, MEDIAR CONHECIMENTOS, POIS NINGUÉM É DONO DA VERDADE.</p>	<p>E04 - Eu acho que é normal hoje em dia, a evolução do handebol está tão grande que às vezes tem que se auto-avaliar, então eu não vejo nenhum obstáculo do atleta de você mediar os conhecimentos, do atleta fazer uma avaliação do técnico, porque nós não somos os donos da verdade, então isso é normal.</p>

Continuação Quadro 16

<p>OS MEUS ATLETAS ME RESPEITAM DE UMA TAL MANEIRA QUE ELES JAMAIS VÃO DISPUTAR UMA OPINIÃO COMIGO, EU POSSO ESTAR ERRADO, MAS SE EU DER AQUELA PALAVRA, ELES VÃO RESPEITAR, BAIXAR A CABEÇA E TENTAR CUMPRIR, SE EU ERRAR DEPOIS EU VOU RESPONDER PELOS MEUS ERROS, MAS OS ATLETAS PODEM, ELES TEM ESSAS CONDIÇÕES DE INFLUENCIAR OU NÃO UM PENSAMENTO, MAS COMO EU FALO, VOCÊ VAI FALAR E VAI PROVAR, PORQUE AS PALAVRAS VOAM, MAS O EXEMPLO É QUE VAI ARRASTAR.</p>	<p>E05 - Os meus atletas me respeitam de uma tal maneira que eles jamais vão disputar uma opinião comigo, eu posso estar errado, mas se eu der aquela palavra, eles vão respeitar, baixar a cabeça e tentar cumprir, se eu errar, depois eu vou responder pelos meus erros, mas nós temos tido dessa maneira um ganho muito grande, onde é colocado as opiniões, é analisado, e através disso a gente pode até acertar um determinado ponto, mas os atletas eles podem, eles tem essas condições de influenciar ou não um pensamento, mas como eu falo pra eles, você vai falar e vai provar, porque as palavras elas voam, mas o exemplo é que vai arrastar.</p>
<p>NÃO HÁ SENSO DE AVALIAÇÃO</p>	<p>E06 - Falta de senso de avaliação.</p>
<p>SEMPRE AS INTERVENÇÕES DOS ATLETAS SERVEM DE BASE PARA MUDANÇA DE ESTRATÉGIA DE JOGO, POIS, ELES QUE ESTÃO ENVOLVIDOS NO MESMO.</p>	<p>E07 - Sempre as intervenções dos atletas são base para mudança de estratégia de jogo, pois, eles que estão sentindo o clima e as dificuldades do jogo.</p>
<p>É RELATIVO, POIS, O TRABALHO É DE LONGO PRAZO.</p>	<p>E08 - Também é relativo, pois o trabalho todo é de longo prazo.</p>
<p>PRECISA TER UM BOM DESEMPENHO NOS TREINOS, PARA TER UM BOM DESEMPENHO NOS JOGOS.</p>	<p>E09 - O correto é quando o atleta tem um bom desempenho nos treinos, aí ele consegue ter um bom desempenho no jogo; daí esse pensamento.</p>
<p>EXTREMA FALTA DE SEGURANÇA DO TREINADOR</p>	<p>E010 - De uma extrema falta de segurança do treinador.</p>

Discurso do Sujeito Coletivo (DSC15)

Concordamos plenamente a mediação dos conhecimentos entre técnicos e atletas, envolvidos no processo de evolução da equipe tanto nos treinos como nos jogos, pois, ninguém é dono da verdade, os jogadores podem ser inexperientes em algumas formas técnicas e táticas de jogo, porém, podem contribuir com outras experiências de outros desportos, diálogos com os colegas e, até experiências de vida, que possam ajudar os menos experientes nas tomadas de decisões, porque eles que vivenciam mais diretamente o clima dentro da quadra, sem contar que os atletas de hoje, poderão ser os futuros técnicos de amanhã.

Porém, alguns treinadores acham que seus atletas jamais irão divergir de suas opiniões nos treinos e jogos, pois os respeitam muito, ou não têm senso de avaliação que venha contribuir para o crescimento da equipe; o que pode parecer uma atitude extremamente autoritária e anti-democrática por parte dos técnicos na construção do conhecimento.

4. ESTRUTURAÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER NO HANDEBOL NO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Quando questionados, Como você avalia o desempenho individual e grupal dos (as) atletas em termos organizacional — metodologia/diagnóstico/análise — e ético e, quais as propostas de estímulos, para a continuidade e a melhoria do rendimento, apresentado nos treinos e jogos, o resultado é apresentado no quadro abaixo.

Quadro 17 - Análise do DSC 16

IDÉIA CENTRAL	EXPRESSÕES - CHAVES
<p>ESSA PARTE EU TENHO TODOS OS PROBLEMAS PARA AVALIAR QUE TU POSSAS IMAGINAR, DESDE O PROBLEMA COM A FAMÍLIA, ATÉ OS DE ORDEM SOCIAL COMO ALCOOLISMO, DROGAS PRISÕES E, NA MEDIDA DO POSSÍVEL TENTO AMENIZÁ-LOS.</p>	<p>E01 - Eu nessa parte, tenho todos os problemas que tu possas imaginar, eu tenho atletas com problemas de alcoolismo, de drogas, eu tenho atleta que é preso uma vez por semana em Salinas, eu tento dentro da medida do possível acompanhar até a família, como tem três atletas que eu dou cestas básicas, acompanho em escolas e, dentro das medida do possível, eu faço o que eu posso em termos de até dar aulas particulares em casa.</p>
<p>FAÇO OBSERVAÇÕES NOS TREINOS E JOGOS AFIM DE REALIZÁR AS DEVIDAS CORREÇÕES.</p>	<p>E02 - Eu observo os meninos no jogo, nos treinamentos e eu procuro ver o que eles conseguiram absolver nesses momentos e, tentar corrigir os erros que tiveram nos jogos, tentar acertar mais doque errar.</p>
<p>ATRAVÉS DE INSTRUMENTOS AVALIATIVOS COMO ESCALTES, FICHAS INDIVIDUAIS DE PERFORMANCES DE COMPORTAMENTOS, AFIM DE FAZER UM DIAGNÓSTICO E DÁ UM FEEDBACK PARA OS ATLETAS.</p>	<p>E03 - Tá, toda avaliação que a gente faz individual e de grupo, passa por três fases, nós temos uma avaliação que são os escaltes, nós temos fichas individuais de performances físicas, que entram os testes físicos, que é de práxis, nós temos as fichas de comportamentos como o atleta está: apático, agressivo e etc., são alguns critérios dessa ficha, nós temos fichas de avaliações táticas como o grupo está se comportando como um todo, então é quando a gente faz essa avaliação, a gente chega com o grupo, faz um diagnóstico e dá esse retorno pro grupo, dá esse feedback.</p>

4. ESTRUTURAÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER NO
HANDEBOL NO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Continuação Quadro 17

<p>ATRAVÉS DE DIAGNÓSTICOS COM OS ATLETAS MAIS EXPERIENTES, QUE TEM NÍVEL SUPERIOR, ISSO TEM POSSIBILITADO A EVOLUÇÃO DO NOSSO TRABALHO E, QUE ELAS PARTICIPEM DESSA CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA, INCLUSIVE DOS PROCEDIMENTOS ÉTICOS COMO FORMA DE ESTÍMULOS PARA A MELHORIA DA EQUIPE.</p>	<p>E04 - Olha! Isso aí a gente tem feito trabalhos de estimulação a essas metodologias, porque eu já tenho atletas que estão no nível superior, então a gente está fazendo com que o nosso trabalho evolua e elas participem também dessa forma metodológica, eu tenho estudantes de Educação física que estão trabalhando na minha comissão técnica pra diagnosticar o trabalho que é feito na equipe, diagnosticar e, também dentro do que a gente tem da experiência, passar nossos procedimentos éticos e, isso eu acho que vale de estímulos para a melhoria da equipe.</p>
<p>UTILIZANDO ARTIFÍCIOS PROFISSIONAIS QUE ANTIGAMENTE NÃO TINHAM, COMO FILMAGENS DE JOGOS PARA SEREM ANALISADOS EM REUNIÕES COM TODO O GRUPO, RECURSOS ESSES QUE ANTIGAMENTE NÃO O FAZÍAMOS, ISSO TEM MELHORADO A NOSSA FORMA DE PLANEJAR.</p>	<p>E05 - Olha! Engraçado, até um tempo atrás não se treinava mais, pegava as bolas e ia pra a quadra, hoje em dia com o trabalho que a gente vem desenvolvendo, a gente consegue treinar, dividir esses treinamentos numa parte física, técnica, tática e também psicológica, hoje a gente consegue utilizar alguns artifícios profissionais que antigamente não tinham, que hoje tem, que é filmar um jogo e mais tarde sentar todo o grupo pra estar estudando tudo que aconteceu em determinado jogo, os movimentos errados, a mecânica errada, porque aquele atleta fisicamente não está preparado, porque não rendeu naquele momento da finalização, então, tudo isso é importante através de um planejamento, se a gente conseguir planejar, a gente vai ter um rendimento aceitável.</p>
<p>AS ATITUDES RELACIONAM-SE COM A MOTIVAÇÃO E TREINAMENTOS</p>	<p>E06 - Todo tipo de atitude está relacionada a motivação e treinamentos.</p>

4. ESTRUTURAÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER NO HANDEBOL NO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Continuação Quadro 17

<p>COMO TRABALHAMOS COM UM GRUPO QUE TEVE A MESMA FORMAÇÃO NA BASE, ISSO VEM SE AJUSTANDO DE ACORDO COM NOVAS VIVÊNCIAS, MUDANÇAS E LEITURAS DE TRABALHOS, VEJO COMO POSITIVO NO CRESCIMENTO E AVANÇO, UMA VEZ QUE SE CONSEGUIU MANTER ORGANIZAÇÃO DEFENSIVA E OFENSIVA TRABALHANDO COM DIVERSAS CATEGORIAS SEM ULTRAPASSAR LIMITES.</p>	<p>E07 - Trabalhamos com um grupo que teve a mesma formação na base, esse trabalho vem se ajustando de acordo com novas vivências, mudanças e leitura de trabalho, com experiências de pesquisas, reinventando o que já se tem na organização dos trabalhos pré-elaborados, vejo como positivo no crescimento e avanço, uma vez que consegue-se manter organização defensiva e ofensiva, trabalhando com diversas categorias, sem ultrapassar limites, respeitando suas individualidades e até limites dentro do processo ensino-aprendizagem.</p>
<p>SEMPRE TEM ALGUÉM QUERENDO DIFERENCIAR DO GRUPO, MAS MINHA INTERVENÇÃO É FUNDAMENTAL.</p>	<p>E08 - Sempre tem um ou outro querendo diferenciar-se do grupo, mas minha intervenção é fundamental.</p>
<p>ATRAVÉS DE MUITAS OBSERVAÇÕES EM TODOS OS ASPECTOS, INCENTIVO NA MELHORIA DE SUAS PERFORMANCES.</p>	<p>E09 - Através de muitas observações em todos os aspectos, seja individualmente ou coletivamente e, procuro estimular incentivando-os na melhoria de suas performances através dos treinos e jogos.</p>
<p>SÃO MENSURADOS PELA OBSERVAÇÃO DOS ATLETAS EM SUAS INICIATIVAS E POSTURA PERANTE AOS FATOS OCORRIDOS.</p>	<p>E010 - Tais valores são mensurados pela observação dos atletas em suas iniciativas, postura perante aos fatos ocorridos, tendo como proposta a conscientização e união do grupo.</p>

Discurso do Sujeito Coletivo (DSC16)

Avaliamos esses aspectos de acordo com cada necessidade do atleta ou da equipe, ou seja, os fatos individuais ou grupais vão surgindo e procuramos resolver conforme suas especificidades, como o desempenho físico, técnico e tático que podem interferir de forma direta ou indireta no rendimento da equipe. Também podem ser casos de casos de ordem familiar, social, disciplinar e até ético, onde utilizamos de técnicas avaliativas que vão desde uma simples observação individual e grupal até a utilização de recursos mais sofisticados como: filmagens, escaltes e outros, procurando fazer os devidos ajustes e sempre incentivando para que os atletas busquem a superação de seus limites para a de toda a equipe.

Em síntese, é a preocupação metodológica/organizacional mostrada pelos técnicos, obedecendo determinados critérios éticos de análise avaliativa, procurando superar limites em busca da performance de rendimento como um todo.

**4. ESTRUTURAÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER NO
HANDEBOL NO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO**

Quando questionados, como você trata as individualidades dos (as) atletas, em termos técnicos e táticos, tomando por base às exigências de suas performances, o resultado é apresentado no quadro abaixo.

Quadro 18 - Análise do DSC 17

IDÉIA CENTRAL	EXPRESSÕES - CHAVES
RESPEITANDO AS PARTICULARIDADES AO MÁXIMO.	E01 - Eu tento respeitar ao máximo cada particularidade de cada atleta, ao máximo.
VALORIZANDO AS INDIVIDUALIDADES EM FUNÇÃO DAS PERFORMANCES.	E02 - Eu procuro valorizar sem melindrar as individualidades em função das performances.
OBSERVANDO AS CARACTERÍSTICAS INDIVIDUAIS DE ACORDO COM O QUE TRABALHAMOS OBSERVANDO A FILOSOFIA DA ESCOLA FRANCESA QUE PREZA MUITO PELA PSICOMOTRICIDADE.	E03 - Como a gente trabalha dentro da escola Francesa, que preza muito pela psicomotricidade, no sentido de uma gama variada de exercícios, nós observamos as características individuais dentro de um limite, nós propomos a esse atleta um limite que ele tem que atingir, da forma que ele fizer, é aí que entra essa variação da psicomotricidade, que na realidade não é psicomotricidade, já entra na psicomotricidade humana em que ele vai achar o meio mais adequado de atingir esse limite, esse índice, eu tenho o meu índice que ele tem que atingir, como ele vai chegar aqui, eu tenho uma gama variada de atividades, ele pode não se sair bem nessa, mas na outra pode se sair.
FAZENDO UM TRABALHO INDIVIDUALIZADO DE ACORDO COM AS FRAQUEZAS DE CADA ATLETA PARA DEPOIS INCLUIR NO GRUPÃO COM MENOS DIFICULDADES.	E04 - Eu faço, quando eu vejo que o atleta precisa de arremessos de longa distância, eu faço um trabalho individualizado, um pouco mais específico, dentro das fraquezas dele enquanto atleta, por etapas, para quando for para o grupão, já está com uma melhoria de rendimento igual a todo mundo.

4. ESTRUTURAÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER NO HANDEBOL NO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Continuação Quadro 18

<p>IGUALANDO TODOS OS ATLETAS DE ACORDO COM AS INDIVIDUALIDADES, OQUE NÃO É FÁCIL, TALVEZ HOJE SEJA O MEU MAIOR DESAFIO DAR UMA CARA IGUAL PARA TODOS RESPEITANDO SEUS POTENCIAIS INDIVIDUAIS.</p>	<p>E05 - Isso é mais difícil dentro de um grupo, unir o individual para transformar em conjunto, porque cada um vem com um vício diferente, com uma forma diferente de jogar e, você reunir principalmente atletas que não foram formados por você e que tem características diferentes, reunir, colocar tudo numa panela para dar um caldo, é o mais complicado, eu passo essa responsabilidade para os meus atletas, para que eles sintam a necessidade de transformar e ficar com uma cara só, então pra mim, hoje é o meu maior desafio não é ser campeão paraense, ir para um brasileiro, o meu maior desafio é dar uma cara igual para todos os meus atletas, respeitando as individualidades de cada um</p>
<p>COM ATENÇÃO, CORRIGINDO AQUILO QUE OS ATLETAS NÃO VÊEM</p>	<p>E06 - Trato com atenção e tento corrigir algo que às vezes os atletas não vêem.</p>
<p>ESSA QUESTÃO DA INDIVIDUALIDADE NO PONTO DE VISTA TÉCNICO E TÁTICO, É O GRANDE DIFERENCIAL DE UM BOM ATLETA, A PARTIR DAÍ CRIA-SE UM BOM TRABALHO COM VÁRIAS ESTRATÉGIAS.</p>	<p>E07 - No meu entender, esse ponto da individualidade nas questões tática e técnica, é o diferencial de um bom atleta, e a partir daí cria-se um bom trabalho com várias perspectivas de estratégias.</p>
<p>ENCAIXO AOS POUÇOS O MEU TRABALHO.</p>	<p>E08 - Vou encaixando aos pouco do meu trabalho.</p>
<p>É IMPORTANTE PARA DÁ LIBERDADE PARA O ATLETA CONSTRUIR SUA INDIVIDUALIDADE ORIENTANDO PARA UM HANDEBOL COMPETITIVO.</p>	<p>E09 - É sempre importante vc dá liberdade para o atleta construir a sua individualidade, porém, sempre orientando o atleta para um handebol mais competitivo.</p>
<p>PARTICULAR E INDIVIDUAL.</p>	<p>E010 - De forma particular e individual respeitando a cada um.</p>

Discurso do Sujeito Coletivo (DSC17)

Analizamos individualidades dos atletas em busca da performance, de acordo com a ótica técnica que nos é peculiar, sempre respeitando as particularidades, observando as características individuais de desempenho físico, técnico e tático, valorizando a capacidade de criação de cada atleta, corrigindo o que possivelmente os mesmos não conseguem ver, criando trabalhos em busca de novas estratégias técnicas e táticas de jogo com o intuito de que os jogadores construam as suas próprias individualidades, é uma relação totalmente democrática, de esculta, de observação, de diálogo claro e aberto em busca de uma performance que possibilite a equipe crescer no seu dia a dia.

4. ESTRUTURAÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER NO HANDEBOL NO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Nesse aspecto, percebemos uma relação técnico(as) / totalmente aberta em busca da construção do conhecimento.

Quando questionados, como você constrói as metodologias de treinos e jogos — diagnóstico e análise de desempenho — fundamentadas ou não nas intervenções dos (as) atletas, o resultado é apresentado no quadro abaixo.

Quadro 19 - Análise do DSC 18

IDÉIA CENTRAL	EXPRESSÕES - CHAVES
PROCURO A INTERNET E LIVROS, POIS AINDA ESTOU MUITO NOVO EM TERMOS DE METODOLOGIA	E01 - Em termos de metodologia eu tô muito ainda novo, a coisa que eu faço, eu vou para a internet, eu compro muitos livros de esportes, sobre handebol e, assim tento montar algum tipo de trabalho.
ATRAVÉS DOS MEUS CONHECIMENTOS E DOS ATLETAS	E02 - Aliando os meus conhecimentos, as contribuições dos atletas.
ESCULTANDO OS ATLETAS, POIS, A IMAGEM QUE ELES TEM DO TÉCNICO É DE CARASCO, NÃO SE SENTEM A VONTADE DE CHEGAR COM O TREINADOR E COLOCAR ALGUMAS SITUAÇÕES, APESAR DE TEREM ABERTURA, APESAR DE EU SER EXIGENTE, CHEGO ATÉ NO PONTO DE COMO DIZ AUTORITÁRIA, MAS EU ESCUTO BASTANTE O QUE SE FALA.	E03 - Já aconteceu de eu estar estudando pra trocar a metodologia de treino e numa conversa com um de meus atletas, eu identificar que ele tinha uma dificuldade muito grande da percepção do espaço da posição dele que ele gostava, aí eu consegui incluir dentro do espaço de treinamento, ações voltadas para a deficiência desse atleta, então são essas situações que às vezes acontece, como eu já falei anteriormente, a característica de atleta que nós trabalhamos aqui, é de atleta que confunde a imagem de treinador com a de CARASCO, então eles não se sentem muito a vontade de chegar com o treinador e colocar algumas situações, apesar de ter abertura, apesar de eu ser exigente, chego até no ponto de como se diz: AUTORITÁRIA, mas eu escuto bastante o que se fala.
ATRAVÉS DE UMA ANAMINESE DAS INTERVENÇÕES DOS ATLETAS E DENTRO DAÍ MONTAR O NOSSO PLANEJAMENTO.	E04 - Eu procuro fazer uma anamnese de tudo que é feito, colher dados e detalhes durante as intervenções dos atletas e, dentro daí, montar o nosso planejamento de trabalho.

4. ESTRUTURAÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER NO HANDEBOL NO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Continuação Quadro 19

<p>ATRAVÉS DE UM SISTEMA DE ANOTAÇÕES CADASTRAIS, TUDO QUE A GENTE FAZ ESTÁ CADASTRADO, ATÉ PORQUE EU PRECISO SABER DOS ATLETAS O QUE ELES TEM DE DIFICULDADES PARA TRABALHAR EM CIMA DISSO COM PERESPECTIVAS DE RENDIMENTO.</p>	<p>E05 - Hoje eu costumo adotar um sistema de anotações, tudo que a gente faz está registrado, está cadastrado, nós temos avaliações que são registradas, cadastradas, nós temos treinamentos inicial de ano que é anotado todos os rendimentos, até porque eu preciso saber dos atletas o que eles tem de dificuldades para eu trabalhar em cima, então essa é a minha arma principal, eu só vou saber que o atleta é capaz de fazer, se eu tiver dados precisos no papel para avaliar e colocar os 7 jogadores dentro de quadra, sabendo que aqueles sete vão render igualmente.</p>
<p>UTILIZANDO RECURSOS TÉCNICOS CADASTRAIS (ESCALTES)</p>	<p>E06 - O escalte é suficiente nesse caso.</p>
<p>O TRABALHO VEM DESDE A BASE ATÉ CHEGAR NA EQUIPE ADULTA, O ATLETA PERCORRE TODA A CONTRUÇÃO DENTRO DE UMA METODOLOGIA, FAZENDO ADAPTAÇÕES, TROCANDO CONHECIMENTOS E RESPEITANDO NOSSOS OLHARES E VIVÊNCIAS.</p>	<p>E07 - Esse trabalho vem desde a base até chegar na equipe adulta e, o atleta percorre toda a construção dentro de uma filosofia de trabalho (metodologia), e a construção vem do mini-handebol fazendo adaptações dentro daquilo que percebemos que é importante e essencial para o melhor desempenho de nossos atletas, sempre trocando conhecimento e respeitando os nossos olhares e vivências a cerca do que queremos.</p>
<p>TRABALHO, SÓ FICA DIFÍCIL AVALIAR ESSES ÍTENS.</p>	<p>E08 - Trabalho, só fica difícil uma avaliação mais apurada nesses itens.</p>
<p>DEPENDE DA EVOLUÇÃO DE CADA ATLETA, PORÉM, SE DÁ OPORTUNIDADE DO ATLETA SE POSICIONAR DENTRO DO TRABALHO TÁTICO.</p>	<p>E09 - De acordo com a evolução dos atletas, sempre dando oportunidade do atleta se posicionar dentro do trabalho tático.</p>
<p>PAUTADA EM CONHECIMENTOS TEÓRICOS-PRÁTICOS E INTERVENÇÕES DOS ATLETAS.</p>	<p>E010 - Pautada em meus conhecimentos teóricos-práticos, observacionais pautadas nas intervenções dos atletas.</p>

Discurso do Sujeito Coletivo (DSC18)

Nós construímos as metodologias de treinos e diagnósticos, tomando por base as experiências adquiridas ao longo dos anos como treinadores, recorrendo às bibliografias especializadas ou até mesmo a recursos tecnológicos como a internet e outros. Alguns técnicos também admitimos também escutar os atletas para desmistificar a imagem do técnico carrasco que segundo alguns atletas tem de nós. Em suma, os técnicos pautam a construção de suas metodologias nos seus conhecimentos teóricos,

4. ESTRUTURAÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER NO HANDEBOL NO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

tecnológicos e práticos, porém, admitem que as intervenções dos atletas contribuem de maneira significativa, principalmente quando se trata de dividir as responsabilidades.

Quando questionados, você considera as experiências, advindas do conhecimento de outras modalidades esportivas, apresentadas em intervenções pelos (as) atletas, no processo de planejamento da metodologia do treinamento, o resultado é apresentado no quadro abaixo.

Quadro 20 - Análise do DSC 19

IDÉIA CENTRAL	EXPRESSÕES - CHAVES
ACEITO ATÉ PORQUE TIRANDO AS REGRAS, TEM FUNÇÃO DAS RELAÇÕES COM OS OUTROS DESPORTOS	E01 - Aceito, até porque, o handebol, tirando as regras de quadra, ele tem muitos fundamentos como os do basquete, salão, algumas coisas é o mesmo tipo de trabalho.
SIM, EM FUNÇÃO DAS RELAÇÕES COM OS OUTROS DESPORTOS	E02 - Sim, considero porque tem atividades desportivas, como o voleibol, basquetebol, que auxiliam através de alguns trabalhos que vão ajudar no handebol.
CONSIDERO EM FUNÇÃO DA RELAÇÃO COM OUTRAS MODALIDADES, POIS, CONTRIBUEM MUITO PARA O HANDEBOL	E03 - Considero, tanto que tem outros atletas que foram de outras modalidades, que estão no handebol, agora já são adultos, não são juvenis, nem juniores e, que nos trazem uma experiência muito boa, eu tenho atletas de futsal, de voleibol que trazem uma gama muito boa de experiências, que às vezes chega com você e diz: Professora a gente não pode fazer isso aqui, não seria legal, aí eu observo que é uma experiência do futsal, aí o outro chega professora....., é do voleibol, essas capacidades que esses atletas trabalharam em outras modalidades, influenciam, contribuem muito para o handebol, como tem atletas do handebol que vão para o futsal. Hoje futebol a gente observa goleiros fazendo defesas como é no handebol.
COM CERTEZA EM FUNÇÃO DA RELAÇÃO COM AS OUTRAS MODALIDADES COMO O BASQUETE QUE MARCA POR ZONA, A GENTE TEVE MELHORIA DEFENSIVA, SÃO INTERVENÇÕES POSITIVAS.	E04 - Com certeza, eu tenho atletas que vieram de outros esporte, como o basquete, porque marca por zona, a gente teve melhoria defensiva, são intervenções positivas, porque vivenciou um esporte e trouxe algo novo para a equipe.

4. ESTRUTURAÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER NO HANDEBOL NO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Continuação Quadro 20

<p>COM CERTEZA, EM FUNÇÃO DAS RELAÇÕES COM AS OUTRAS MODALIDADES, EU TENHO TIRADO DEMAIS PROVEITOS DOS ENSINAMENTOS DO TÉCNICO DA SELEÇÃO BRASILEIRA DE VOLEIBOL, A QUESTÃO DO CONJUNTO, DA FAMÍLIA, DA PRÁTICA DO TREINAMENTO, QUE SEM TREINAMENTO NÃO SE CONSEGUE FAZER NADA, É IMPORTANTE NO PROCESSO DE PLANEJAMENTO, NÃO PROCURO FAZER PLANEJAMENTO SOZINHO.</p>	<p>E05 - Com certeza, inclusive eu tenho amigos de outras modalidades e categorias diferenciadas, que quando a gente conversa e troca algumas experiências, eu acho que certas situações podem ser bem vindas dentro da modalidade handebol, eu procuro fazer uma adaptação para que eu possa estar utilizando, eu tenho tirado demais proveitos dos ensinamentos do Bernardinho que é técnico da seleção brasileira de voleibol e, que vem colocando a nível de esporte no Brasil, isso tem me somado muito e, eu tenho colocado isso para os atletas, a questão do conjunto, da família, a questão da prática do treinamento, que sem treinamento não se consegue fazer nada, e essa somatória vem fazer com que a gente tenha sucesso no decorrer da temporada e, é importante nesse processo de planejamento, não procuro fazer planejamento sozinho, a gente senta para planejar, os atletas ajudam com opiniões e, lógico, o que é melhor pra todo mundo vai ser colocado e, a gente tem tido bons resultados.</p>
<p>ALGUMAS</p>	<p>E06 - Algumas.</p>
<p>O ACÚMULO DE INFORMAÇÕES AO LONGO DO NOSSO TRABALHO, NO DÁ UM POUCO DE VISÃO PARA COLHERMOS INFORMAÇÕES ADVINDAS DE OUTRAS MODALIDADES, SÃO VALORIZADAS E UTILIZADAS EM NOSSOS TRABALHOS DIÁRIOS.</p>	<p>E07 - Entendemos que o acúmulo de informações ao longo de nosso trabalho nos dá um pouco de visão para colhermos informações advindas de outras modalidades trazidas por nossos atletas em suas atividades no dia a dia, em suas vivências fora dos treinos, essas são valorizadas e utilizadas em nossos trabalhos diários.</p>
<p>ALGUMAS.</p>	<p>E08 - Sim, algumas.</p>
<p>PROCURO FAZER UMA PONTE PARA O HANDEBOL.</p>	<p>E09 - Sim, procuro fazer uma ponte para o handebol.</p>
<p>SEM DÚVIDAS.</p>	<p>E010 - Sem sombras de dúvidas.</p>

Discurso do Sujeito Coletivo (DSC19)

Todas as experiências advindas de outras modalidades desportivas como : Atletismo, futebol, futsal e voleibol, contribuem de maneira bastante significativa na prática do handebol, pois, identificamos gestos motores muito semelhantes aos do handebol entre tais desportos praticados pelo homem há várias décadas; diferenciando apenas quanto as suas regras

4. ESTRUTURAÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER NO HANDEBOL NO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

específicas, inclusive na forma de planejar, principalmente os desportos coletivos, em que na maioria das vezes focamos na equipe como um todo em busca de um objetivo único que é o resultado da equipe. Portanto, os conhecimentos adquiridos pelos atletas com outros desportos, só vem a somar na produtividade da equipe como um todo.

Quando questionados, você considera que a participação dos(as) atletas, nas decisões técnicas e táticas, pode contribuir ou não para melhoria do rendimento da equipe nos treinos e jogos, o resultado é apresentado no quadro abaixo.

Quadro 21 - Análise do DSC 20

IDÉIA CENTRAL	EXPRESSÕES - CHAVES
CLARO QUE SIM, ELE TEM CONHECIMENTO DE QUADRA MELHOR DO QUE OUTRA PESSOA, ELES QUE ESTÃO VIVENDO TODAS AS SITUAÇÕES DE JOGO NAQUELE MOMENTO.	E01 - Claro que sim, ele tem conhecimento de quadra melhor de qualquer outra pessoa, que eles que estão ali dentro, eles que estão sofrendo as faltas, eles que estão inventando e criando cada dia uma finta, uma jogada diferente.
COM CERTEZA CONTRIBUEM, PORQUE ELES TENTAM SE SENTIR E FAZER PARTE DA EQUIPE.	E02 - Com certeza contribui, porque eles tentam se sentir e fazer parte da equipe, isso também nos ajuda a saber o que eles pensam.
DEPENDE DO ATLETA QUE FALA, DAS SUAS EXPERIÊNCIAS DE JOGO, PORQUE ÀS VEZES O TÉCNICO ESTÁ UM TANTO ALTERADO, DIGO POR EXPERIÊNCIA PRÓPRIA, DE UM ATLETA CHEGAR E FALAR NO MEU OUVIDO PARA EU PERCEBER QUE ESTAVA FAZENDO ALGO DE ERRADO. NÃO ESCUTO QUANDO ALGUM ATLETA COLOCA OUTRO NO CENTRO DE UMA SITUAÇÃO, AÍ EU DIGO SENTA E ESFRIA A CABEÇA.	E03 - Depende do atleta que está falando, às vezes o atleta tem uma visão muito boa do que está acontecendo no jogo, eo técnico está um tanto ALTERADO, eu digo por experiência própria, já aconteceu de um atleta chegar no meu ouvido e dizer: Professora é assim, assim, ah! Aí dá um estalo, aí tu diz é verdade, vai lá, vamos ver, mas tem atletas que chegam só para querer dizer que o outro está fazendo errado, aí quando coloca uma pessoa no centro da situação, aí eu não escuto muito, eu quero que o atleta diga: o que a senhora acha de a gente fazer assim, mas quando chega e diz: Eu acho que fulano está errando muito, aí eu digo senta aí e esfria a cabeça.
DESDE QUE CONTRIBUAM PARA O GUPO, SERÃO BEM ACEITAS, NÃO TENHO COMO NÃO ACEITAR.	E04 - Como na pergunta anterior, essas participações, desde que elas tragam para o grupo, com certeza é bem aceita, eu não tenho com não aceitar.

4. ESTRUTURAÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER NO HANDEBOL NO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Continuação Quadro 21

COM CERTEZA, PORQUE SEM ATLETAS NÃO EXISTE COMISSÃO TÉCNICA, COMO A GENTE TRABALHA EM CONJUNTO, EU PROCURO FAZÊ-LOS ENXERGAR UMA FILOSOFIA DE TRABALHO SÉRIO E CONCENTRADO, NO FINAL NÃO EXISTE O ATLETA QUE É ESTRELA, EXISTE O GRUPO.	E05 - Com certeza, eu costumo dizer que sem atletas não existe comissão técnica e, a gente como faz um trabalho em conjunto, eu procuro fazê-los enxergar uma filosofia de um trabalho sério e concentrado, se eles conseguem ver isso tudo, a gente vai conseguir ter um resultado positivo no final, não existe pra mim o atleta que é estrela, ou melhor, o atleta, existe o grupo, e se esse grupo tiver fazendo o trabalho com uma só cabeça vai acontecer, vai fluir de uma maneira forte e, é isso que eu procuro passar, procuro trabalhar em cima desse trabalho do conjunto desses atletas.
SIM, SOMOS UMA EQUIPE.	E06 - Lógico que sim, somos uma equipe.
A TROCA DE INFORMAÇÕES É FUNDAMENTAL NO TRABALHO PROPOSTO, NUNCA O PROFESSOR É DETENTOR DE TODOS OS SABERES, VIVE A PROCURA DE CONHECIMENTOS E, ESSSES DEVEM SER COMPARTILHADOS PARA MELHOR RELAÇÃO TREINO-TÉCNICO E ATLETA.	E07 - A troca de informações é fundamental no trabalho proposto, nunca o professor é detentor dos saberes, vive a procura do conhecimento e, esse deve ser compartilhado em seu trabalho para melhor desenvolvimento deste, sempre trocando informação com o grupo de pesquisa para melhor relação treino-técnico-atleta.
É FUNDAMENTAL PARA A MATURIDADE DO GRUPO.	E08 - Isso é fundamental para a maturidade do grupo.
NA MAIORIA DAS VEZES NÃO.	E09 - Acredito que na maioria das vezes não.
SIM.	E010 - Sim.

Discurso do Sujeito Coletivo (DSC20)

Com relação a decisão dos atletas nas contribuições técnicas e táticas da equipe, aceitamos as interferências direta dos jogadores nos treinos e jogos, achamos de fundamental importância que esses atores sociais participem de forma bastante ativa, pois, entendemos que fazem parte do grupo como um todo e, que sem atletas, não precisaria de técnico ou comissão técnica para trabalhar, são os atletas que vivenciam de forma mais direta todas as situações técnicas, táticas e até de stress dentro de quadra e, que podem sim participarem de forma decisiva do rendimento técnico-tático da equipe nos treinos e jogos.

Em síntese, seria o reconhecimento pelos técnicos sobre todas as formas de intervenções dos atletas nos treinos e jogos em busca da performance da equipe, inclusive aquelas em que a adrenalina dos atores envolvidos encontra-se no seu pico mais alto.

4. ESTRUTURAÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER NO
HANDEBOL NO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Quando questionados, você costuma retirar seus atletas dos treinos e jogos, seja por irreverência, antipatia, por displicência ou outro motivo qualquer? Comente se isso acontece em suas equipes, o resultado é apresentado no quadro abaixo.

Quadro 22 - Análise do DSC 21

IDÉIA CENTRAL	EXPRESSÕES - CHAVE
EU NÃO ACEITO INDISCIPLINAS COMIGO, COM OUTROS ATLETAS, COM O JUIZ E, A RESPEITO DE OUTRO COMPORTAMENTO, É IRREVERÊNCIA DO PRÓPRIO ATLETA BRASILEIRO.	E01 - Eu não aceito atletas meu indisciplinados ou comigo ou com qualquer amigo de quadra, juiz, e a respeito de outro comportamento é irreverência do próprio atleta brasileiro, isso aí não tem como tirar.
NÃO	E02 - Não.
EU COSTUMO TIRAR DO JOGO, NÃO DO TREINO, PORQUE ELE ESTÁ APRIMORANDO E EM ALGUM MOMENTO, PORQUE PARECE DISPLICÊNCIA DO ATLETA NO TREINO, MAS NO JOGO, EU SEMPRE FALO QUE HANDEBOL SE JOGA LIMPO, TIRO QUANDO O COMPORTAMENTO É DE DEBOCHE CONTRA O ADVERSÁRIO, TIRO QUANDO O COMPORTAMENTO É DE DESLEIXO, PORQUE EU ACHO QUE É UMA FALTA DE RESPEITO COM O TRABALHO DO COLEGA, COM O TRABALHO NOSSO COMO TÉCNICO.	E03 - Eu costumo tirar do jogo, não do treino, no treino ele está aprimorando e, em algum momento, porque tem algumas situações que parecem displicência do atleta no treino, mas no jogo, eu sempre falo que jogar handebol se joga limpo, passe limpo que você ver que vai na mão, é uma recepção bem feita que a bola encaixa perfeita, que são elementos fundamentais, que você atinge o objetivo do jo que é o gol, então quando um atleta chega pra finalizar, que é marcar o gol, e hoje eu até me estressei, e faz um chocolatezinho, sem necessidade porque o goleiro estava totalmente fora do eixo dele, aí eu tiro, tiro quando o COMPORTAMENTO É DE DEBOCHE contra o adversário, tiro quando O COMPORTAMENTO É DE DESLEIXO, aí fica sei lá, balança os braços, porque eu acho que é uma falta de respeito com o trabalho dos colegas, da equipe, com o trabalho nosso como técnico, nós estamos alí pra jogar e não para brincar.
POR OUTROS FATORES NÃO, MAS POR DISPLICÊNCIA, É O QUE MAIS ME IRRITA, ELE VAI PARA O BANCO, POR DISPLICÊNCIA SAI SIM.	E04 - Olha! Por antipatia, por irreverência, eu não costumo, mais por displicência, isso é oque mais me irrita em um atleta, ele vai para o banco e, isso nós comentamos com o grupo, por displicência sai sim.

4. ESTRUTURAÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER NO HANDEBOL NO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Continuação Quadro 22

<p>SIM, JÁ FIZ ALGUMAS VEZES COM ATLETAS QUE PERDERAM O FOCO DA DISCIPLINA, ATLETAS OMISSOS QUE NÃO QUEREM TREINAR, EU FIZ PARA DAR EXEMPLO, SE NÃO A GENTE NÃO VAI CONTROLAR A CASA, FOI UM REMÉDIO PARA QUE AS COISAS MAIS TARDE NÃO SE TORNASSEM INCONTROLÁVEIS, HOJE EU NÃO TENHO ESSE TIPO DE PROBLEMA.</p>	<p>E05 - Sim, já fiz algumas vezes com atletas que perderam o foco da disciplina, atletas omissos que não querem treinar, não querem se adequar ao planejamento de treinamento e, eu fiz para dar exemplo, se não a gente não vai controlar a casa e, foi um remédio para que as coisas mais tarde não se tornassem incontroláveis, hoje eu não tenho mais esse tipo de problema, até pela consciência desses atletas, até porque treinam juntas a maioria das vezes, categorias superiores e as categorias de base e, que se a gente fizer com que a coisa ande de uma forma com que você não possa ter um domínio, a gente não tem respeito com a molecadinha de base, e hoje eu não tenho esse tipo de problema, a coisa funciona de uma forma moral, bem legal.</p>
<p>O TRABALHO SÉRIO É PRIMORDIAL, DESDE QUE SEJA FEITO DENTRO DE UM DETERMINADO PADRÃO</p>	<p>E06 - A seriedade em todos os segmentos é primordial para se atingir os objetivos. Caso isso tenha que acontecer, será feito dentro de um padrão.</p>
<p>NÓS TRABALHAMOS UMA LINHA DE RESPEITO, ELES SABEM DA COBRANÇA A CERCA DESTA E, POR ESSE MOTIVO NÃO TEMOS PROBLEMAS.</p>	<p>E07 - Nós trabalhamos uma linha de respeito com relação ao nosso trabalho, eles sabem da cobrança acerca deste e, por esse motivo não temos problemas com relação a essa questão.</p>
<p>É DIFÍCIL ACONTECER ISSO.</p>	<p>E08 - É muito difícil acontecer isso.</p>
<p>SÓ QUANDO HÁ UMA QUEDA DO RENDIMENTO, MAIS NA INDISCIPLINA.</p>	<p>E09 - Não só quando há uma queda do rendimento, mais na indisciplina.</p>
<p>POR DISPLICÊNCIA OU POR UMA OPÇÃO TÁTICA DE JOGO.</p>	<p>E010 - Por displicência, por uma opção tática de jogo.</p>

Discurso do Sujeito Coletivo (DSC21)

Em se tratando de retirar o atleta dos treinos ou jogos por irreverência, antipatia ou outro motivo qualquer, focamos basicamente na questão da indisciplina, pois, consideramos tal fator, o alicerce para demais atitudes comportamentais, como o respeito, a displicência e até mesmo a antipatia. É como se fosse uma pirâmide, onde a base seria a parte disciplinar que ia nos dá o sustento de construirmos com mais segurança as outras partes. Relevamos muito esses aspectos nos treinos, porque entendemos que são momentos que os atletas estão aperfeiçoando seus conhecimentos para aplicar nas competições.

4. ESTRUTURAÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER NO HANDEBOL NO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Conclui-se que há uma coerência por parte dos técnicos quanto retirar os atletas apenas dos jogos em relação a esses aspectos, pois, nesses momentos qualquer erro é quase inaceitável.

Quando questionados, você acha que o seu timbre e altura de voz são apropriados no tratamento com os seus atletas nos treinos e jogos? Por que? o resultado é apresentado no quadro abaixo.

Quadro 23 - Análise do DSC 21

IDÉIA CENTRAL	EXPRESSÕES - CHAVE
NO MEU CASO NÃO, VENHO DE UMA FAMÍLIA QUE TEM PROBLEMAS DE AUDIÇÃO, FALO ALTO DE NATUREZA, ATÉ PARA SER COMPREENDIDO DENTRO DE CASA, ISSO NUNCA ME ATRAPALHOU, O QUE ME ATRAPALHA É O JEITO DE COLOCAR AS FRASES COM ELES QUE LEVAM MUITO A SÉRIO.	E01 - No meu caso não, eu vim de uma família em que a minha mãe e avó tem problemas de audição, então eu já falo alto de natureza, até para ser compreendido dentro de casa, isso nunca me atrapalhou, o que me atrapalha às vezes é o jeito de colocar as frases com eles, que eles levam muito a sério.
EU ACHO QUE SIM, PORQUE ALGUNS ATLETAS JÁ ME CHAMARAM PARA CONVERSAR PORQUE SOU MUITO CALMO PRA FALAR E OUTROS TÉCNICOS GRITAM E ELES ACHAM INTERESSANTE, ELES ACHA QUE EU DEVERIA GRITAR, PORQUE ELES ACHAM QUE O PESSOAL PRESTA MAIS ATENÇÃO.	E02 – Eu acho que sim porque alguns atletas já me chamaram para conversar, porque eu sou muito calmo pra falar e outros técnicos gritam, e eles acham interessante, eles acham que eu deveria gritar, porque eles acham que o pessoal presta mais atenção, se experta mais, por mim eu disse que eu não vou mudar, o meu jeito é esse e eu vou continuar assim.
DEPENDE DO COMPORTAMENTO DOS ATLETAS, HÁ MOMENTOS QUE VOCÊ CHEGA PÔ....NÃO, HÁ MOMENTOS QUE VOCÊ FALA SUAVEMENTE, VOCÊ TEM QUE FALAR ADEQUADAMENTE COM CADA PESSOA NO MOMENTO CERTO.	E03 - Mais uma vez eu falo, depende do comportamento, porque quando eu falo Como falei antes, há momentos em que você chega.....pô não, mas há momentos em que você chega suavemente e fala. Você tem que saber falar adequadamente com cada pessoa no momento certo, você não pode alterar a sua voz no momento que ele está tendo bons resultados, mas você tem que alterar a voz no momento que você percebe que ele está se deixando abater.
DEPENDE DO MOMENTO DO TREINO E DO JOGO, ÀS VEZES SOU CUTUCADA PELOS ATLETAS, PORQUE ALGUNS ATLETAS PENSAM QUE ESTOU FALANDO ALTO PORQUE ESTOU COM RAIVA, MAS É MEU TIMBRE DE VOZ, TENHO CONSCIÊNCIA QUE PRECISO MELHORAR.	E04 - Em momentos sim, eu tenho um timbre de voz muito alto e, às vezes sou cutucada pelos atletas, porque alguns atletas podem pensar que eu estou falando alto porque estou com raiva, mas é meu timbre de voz, eu sou até consciente que tenho que melhorar, tenho que pensar. Se eu FALAR BAIXO, parece que eu não tenho comando.

4. ESTRUTURAÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER NO HANDEBOL NO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Continuação Quadro 23

<p>EU TRATO OS MEUS ATLETAS COM MUITO CARINHO ELES PERCEBEM O MEU TOM DE VOZ QUANDO É BRINCADEIRA E QUANDO ESTOU FALANDO SÉRIO, NOS TREINAMENTOS QUANDO ESTOU FALANDO SÉRIO ELES VÃO PERCEBER A MINHA ENTONAÇÃO, VÃO PERCEBER QUE A COISA É SÉRIA, QUANDO FOR BRINCADEIRA, VÃO PERCEBER QUE ESTOU BRINCANDO, QUANDO PERCEBO QUE HÁ UMA CONFUSÃO ENTRE ELES, PARO E CHAMO A ATENÇÃO FORTE PARA QUE ELES POSSAM VOLTAR À CONCENTRAÇÃO, MUITAS VEZES TEM DADO CERTO.</p>	<p>E05 - Eu trato os meus atletas com muito carinho, tanto os do masculino como os do feminino, os atletas das categorias inferiores, porém eles já percebem o meu tom de voz quando é uma brincadeira e quando tem que se falar sério, momento de treinamento quando a gente está treinando sério, eles vão perceber a minha entonação, eles vão perceber que a coisa é séria, o momento que a gente está brincando, eles vão perceber que a gente está brincando também, dentro do jogo há o procedimento muito sério, muito forte de que o jogo tem que começar bem, ter um andamento melhor e terminar melhor ainda, isso muitas vezes não acontece no decorrer do jogo por conta de uma confusão que eles possam ter entre eles e, geralmente é quando eu paro e chamo a atenção forte para que eles possam voltar a concentração e muitas vezes dá certo.</p>
<p>NEM SEMPRE, POIS, O LADO EMOCIONAL É MUITO FORTE NO DESPORTO, TENTO MANTER A CALMA, NEM SEMPRE CONSIGO.</p>	<p>E06 - Nem sempre, pois, a emoção dentro do desporto (handebol) mexe muito com o emocional, tento manter a calma, nem sempre consigo.</p>
<p>NOSSA RELAÇÃO É ANTIGA, ELES SABEM QUE TENHO UMA VOZ EXTREMAMENTE ALTA, ELES JÁ CONHECEM O DESCONTENTAMENTO OU O INVERSO NAS MINHAS FALAS.</p>	<p>E07 - A nossa relação é antiga e nós já nos conhecemos e, nossos atletas sabem que tenho uma voz extremamente alta e eles já conhecem o descontentamento ou o inverso nas falácias, com respeito, mas às vezes com energia.</p>
<p>SEMPRE QUE POSSÍVEL PONDERO.</p>	<p>E08 - Sim, sempre que possível pondero.</p>
<p>MUITAS DAS VEZES SIM, SEMPRE FUI UMA TÉCNICA EXPLOSIVA E VIBRANTE.</p>	<p>E09 - Muitas das vezes sim, sempre fui uma técnica muito explosiva e vibrante.</p>
<p>SIM, PROCURO SER CLARO E OBJETIVO, TRANSMITINDO SEGURANÇA.</p>	<p>E010 - Sim porque procuro ser claro e objetivo transmitindo segurança aos atletas.</p>

Discurso do Sujeito Coletivo (DSC21)

Na questão do timbre de voz para com os atletas nos treinos e jogos, admitimos falar alto ou até mesmo gritar, achamos perfeitamente nossas atitudes normais com relação as conversas, instruções técnicas e táticas para os nossos atletas, porém, atribuímos alguns desvios temperamentais a própria convivência técnico/equipe, pois para eles, o timbre e altura da voz pode ser sinônimo de respeito, autoridade, segurança, superioridade compreensão ou até mesmo de um perfeito entrosamento entre nós .

4. ESTRUTURAÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER NO HANDEBOL NO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Em síntese, percebe-se que o timbre de voz, pode ser entendido de várias formas pelos técnicos no tratamento com os seus atletas, principalmente na transmissão de segurança e a autoridade que eles admitem ter perante suas equipes.

Quando questionados, alguns técnicos (as) concedem privilégios aos(as) atletas de melhor desempenho, aos melhores tecnicamente, por exemplo. Comente se isso acontece em suas equipes, o resultado é apresentado no quadro abaixo.

Quadro 24 - Análise do DSC 22

IDÉIA CENTRAL	EXPRESSÕES - CHAVES
NO MEU TIME EU NÃO ACEITO, OU TU NIVELAS TUDO POR BAIXO OU TUDO POR ALTO.	E01 - No meu time eu não aceito, porque se tu pegas uma pessoa, dois atletas teu, trata diferente, as outras pessoas vão se sentir inferior aos outros atletas, ou tu nivelas tudo por baixo ou tudo por alto, ou todos são bons ou nenhum presta.
NA MINHA EQUIPE NÃO ACONTECE, PORQUE EU TRATO TODO MUNDO IGUAL, A GENTE NÃO TEM QUE DÁ PRIVILÉGIOS PRA NINGUÉM, SE NÃO ALGUNS VÃO SE SENTIR DISCRIMINADOS.	E02 - Na minha equipe não acontece, porque eu acho que todo mundo é igual e a gente não tem que dar privilégios pra ninguém que isso vai prejudicar a equipe, tem pessoas que não se sentem aptos a jogar o handebol e vão se sentir discriminados.
EU PRECISO VER O ATLETA NO ASPECTO GERAL, ÀS VEZES POSSO TER UM ATLETA TÉCNICAMENTE MARAVILHOSO MAS QUE NÃO SABE JOGAR COM O GRUPO, NÃO POSSO PRIVILEGIAR A ENTRADA DELE, PORÉM, SE TENHO UM QUE NÃO DESTACA MUITO MAS SABE JOGAR COM A EQUIPE, CLARO QUE EU VOU COLOCAR, PREFIRO UM DIAMANTE BRUTO PARA SER LAPIDADO DO QUE UM LAPIDADO QUE NÃO QUER SER TRABALHADO.	E03 - Desempenho técnico individual, eu só vejo um aspecto, eu preciso ver o atleta no aspecto geral, às vezes eu tenho um atleta que tem um desempenho técnico maravilhoso, mas ele não consegue distribuir bola, ele não consegue jogar com a equipe, aí eu não posso privilegiar a entrada dele, ele tem que ser usado no momento certo em situações adequadas, mas se eu tenho um atleta que não é um bom distribuidor de bola, mas sabe jogar com a equipe, claro que eu vou colocar, como fala o Bernardino no seu grupo né fulano.....eu prefiro um diamante bruto que quer ser lapidado do que um lapidado que não quer ser trabalhado.

4. ESTRUTURAÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER NO
HANDEBOL NO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Continuação Quadro 24

<p>COMO SOU UMA PESSOA QUE ZELO PELA DISCIPLINA, NENHUM ATLETA É PRIVILEGIADO, TODOS SÃO IGUAIS, TEM ATLETAS QUE SE DESTACAM, MAS ELAS VÃO TER QUE TREINAR, VÃO TER QUE SEGUIR AS REGRAS IMPOSTAS NA NOSSA EQUIPE, SE NÃO TREINAR TÁ FORA, QUANDO VC TRABALHA COM UM GRUPO, É COMPLICADO PRIVILEGIAR UNS E OUTROS NÃO, PODE ENTRAR EM CONFLITO COM A PRÓPRIA EQUIPE.</p>	<p>E04 - Nas minhas equipes, como eu sou uma pessoa QUE ZELO PELA DISCIPLINA, então esse atleta comigo ele não é privilegiado não, todos pra mim são iguais, tem atletas que se destacam, mas ele vai ter que treinar, ele vai ter que seguir as regras impostas nas regras da nossa equipe, se ele não treinar, tá fora, então eu acho que você não deve privilegiar fulano porque ele não vai treinar, porque ele é bom, não, não comigo, pra jogar tem que treinar, quando você trabalha com um grupo, é complicado vc privilegiar uns e os outros não, aí vc vai entrar em conflito com a própria equipe.</p>
<p>EU NÃO TENHO PRIVILÉGIOS COM ATLETA NENHUM, NEM TEM ATLETAS QUE EU GOSTE MAIS DO QUE O OUTRO, TODOS ATLETAS QUE TRABALHAM COMIGO SÃO ESCOLHIDOS A DEDO, NÃO TEM PORQUE TER UMA MAL QUERÊNCIA COM UM OU UMA BEM QUERÊNCIA COM OUTRO, OS QUE SE DESTACAM TÉCNICAMENTE MAIS QUE OS OUTROS, EU PROCURO FAZER AJUDAR OS INFERIORES TÉCNICAMENTE, ISSO FAZ A GENTE IGUALAR SENTIMENTOS.</p>	<p>E05 – Não, eu não tenho privilégios com atleta nenhum, nem tem atletas que eu goste mais do que o outro, até porque todos os atletas que estão trabalhando nas minhas equipes, são atletas que são escolhidos a dedo para estarem ali, então não tem porque ter uma mal querência com o outro ou bem querência com outro, logicamente, tem uns que são tecnicamente superiores, tá um nível superior melhor que o outro e, eu procuro fazer com que esses atletas que estão um nível acima, vão auxiliar aqueles que estão um nível abaixo, isso faz com que a gente possa igualar sentimentos e atenção a todos.</p>
<p>ÀS VEZES É NECESSÁRIO PARA QUE O ATLETA SE COMPROMETA COM A EQUIPE, ALGUNS PRIVILÉGIOS EXISTEM DENTRO DOS LIMITES.</p>	<p>E06 - Não se preocupar com esse tipo de atitude. É perigoso, alguns privilégios existem dentro dos limites, isso faz com que o atleta se comprometa com a equipe.</p>
<p>COSTUMO DIZER QUE SOMOS UMA E POR TAL PENSAMENTO OS PAIS TRATAM OS FILHOS COM IGUALDADE, NA NOSSA EQUIPE NÃO EXISTE PRIVILÉGIOS</p>	<p>E07 - Costumo dizer que somos uma família e por tal pensamento os pais tratam os filhos com igualdade e, na nossa equipe não existe privilégios concedidos a atletas; somos todos iguais.</p>
<p>PODE ACONTECER SEM PERCEBER.</p>	<p>E08 - Pode acontecer sem perceber.</p>
<p>QUEM SE DESTACA NOS TREINOS TEM MAIS OPORTUNIDADES, PRIVILÉGIOS NUNCA.</p>	<p>E09 - Aqueles que se destacam nos treinos tem mais oportunidades, privilégios nunca.</p>
<p>NÃO ACONTECE COM A MINHA EQUIPE.</p>	<p>E010 - Isso não acontece com minha equipe.</p>

Discurso do Sujeito Coletivo (DSC22)

Nesse aspecto de concessão de privilégios a determinados atletas, achamos que quando se trata de um grupo unido com objetivos definidos, esse tipo de situação não deve acontecer em consequência de desestruturar o grupo, porém, há casos em que temos que reconhecer que alguns atletas que se destacam individualmente por suas performances físicas técnicas e táticas tanto nos treinos como nos jogos, merecem mais oportunidades de começarem jogando, ser capitães de equipe e até mesmo serem representantes dos demais atletas perante a comissão técnica. Seria não uma concessão de privilégio, mas uma forma de exemplo positivo e incentivo de crescimento para os demais membros do grupo. Portanto, técnicos e comissão técnica primam por um trabalho coletivo e bem unificado em prol de um objetivo único que é o progresso da equipe.

Quando questionados, você efetiva avaliações da metodologia dos treinos e jogos considerando os equívocos ou desconhecimentos de estratégias – técnicas e táticas – que demonstram pouca eficácia nos treinamentos, o resultado é apresentado no quadro abaixo.

Quadro 25 - Análise do DSC 23

IDÉIA CENTRAL	EXPRESSÕES - CHAVES
NÃO, ESTÁ EM FUNÇÃO DA ABSORÇÃO DO TRABALHO DESENVOLVIDO.	E01 - Não, aonde se demonstra pouca eficiência nos treinamentos, ou o técnico está fazendo mal ou os atletas não estão absorvendo os conhecimentos.
FAZEMOS TODO FINAL DE SEMANA, DAÍ A GENTE VAI TENTANDO AJEITAR.	E02 - Olha! A gente faz todo final de semana uma avaliação sobre o que foi feito na semana e daí a gente vai tentando ajeitar.
CONSIDERO BASTANTE, JÁ TEVE UM PERÍODO QUE EU ESTAVA APLICANDO UM TIPO DE TRABALHO FÍSICO QUE NÃO ESTAVA DANDO CERTO, TIVE QUE REFAZER A MINHA PLANILHA DE 2 MESES PARA QUE O RESULTADO MELHORASSE.	E03 - Considero sim, já teve um período de treinos que eu estava aplicando uns procedimentos de pliometria e, eu percebi que não estava dando resultado, claro eu tive que refazer toda a minha planilha de dois meses para que houvesse uma situação que cobrisse isso e, deu, melhorou, deu mais positivo.

4. ESTRUTURAÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER NO
HANDEBOL NO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Continuação Quadro 25

<p>FAZEMOS QUANDO NÓS TEMOS TEMPO, PORQUE EM BELÉM NÓS TEMOS POUCO TEMPO E UMA ESTRUTURA QUE NÃO É ADEQUADA, ENTÃO QUANDO A GENTE PODE A GENTE FAZ, NÃO FAÇO TODO TEMPO, ISSO ACONTECE COM MAIS FREQUÊNCIA QUANDO VIAJAMOS PARA UM CAMPEONATO EM OUTRO ESTADO, QUE VC ESTÁ COM TODO O GRUPO NO ALOJAMENTO, ENTÃO POSSIBILITA.</p>	<p>E04 - A gente faz uma avaliação quando a gente temos tempo, porque em Belém a gente tem pouco tempo e uma estrutura que não é adequada, então quando a gente pode a gente faz, não vou te falar que a gente faz todo tempo, quando a gente vai para um campeonato em outro estado, que vc está com todo o grupo no alojamento, aí a gente faz essas avaliações, quando é copa UEPA que é na capital, onde todos tem horário de trabalho, de aula, aí fica um pouco mais difícil, porque o tempo é mais curto, então não é todo o tempo que a gente faz essa avaliação, não é que a gente não queira, é pela estrutura nossa de trabalho.</p>
<p>FAZEMOS, PRINCIPALMENTE ATRAVÉS DE INSTRUMENTOS BEM MODERNOS, UTILIZADOS PELA SELEÇÃO BRASILEIRA, ISSO TEM DADO UM GANHO MUITO GRANDE, NOS PERMITE DISCUTIR EM ALGUNS MOMENTOS VÁRIAS SITUAÇÕES, TEM MELHORADO BASTANTE OS NOSSOS TREINAMENTOS.</p>	<p>E05 - Eu pude desenvolver durante algum tempo, uns escaltes de treinamento, onde a gente pára pra fazer avaliações sérias e pegar muito no pé daqueles que estão relápsos, não os que estão rendendo e, com os escaltes que eu estou usando hoje nos jogos, que são escaltes da seleção brasileira de handebol, isso tem dado pra gente um ganho muito grande, porque quando eu peço esses escaltes, alí as imagens que a gente tem, a gente vai discutir em determinados momentos a situação e, graças a Deus a gente tem conseguido manter uma parte técnica e tática num nível bom através desse trabalho, identificando algumas falhas que até em treinamento, não estão indo bem, a gente em sequência consegue fazer a coisa melhorar.</p>
<p>SIM.</p>	<p>E06 - Sim.</p>
<p>ADOTAMOS FILMAGENS COMO MODOS DE AVALIAÇÕES DAQUILO QUE DEU CERTO OU ERRADO E, OUTRAS OBSERVAÇÕES SÃO FEITAS NO DECORRER DOS TREINOS OU JOGOS, SEMPRE EM BUSCA DA PERFORMANCE TÉCNICA E TÁTICA</p>	<p>E07 - Estamos adotando as filmagens como um dos modos de avaliação do que deu certo ou errado e, outras observações são feitas ao decorrer do jogo ou nos treinamentos, sempre querendo avançar em busca de uma melhor composição técnica e tática.</p>
<p>COMENTAMOS MUITO TUDO ISSO.</p>	<p>E08 - Sim, comentamos muito tudo isso.</p>
<p>NÃO.</p>	<p>E09 - Não.</p>
<p>TODA VEZ APÓS O TREINO.</p>	<p>E010 - Sim, toda vez após o treino.</p>

Discurso do Sujeito Coletivo (DSC23)

Apesar de muitas vezes o tempo que temos para planejarmos e desenvolvermos toda a periodização de treinamentos de preparação para as competições, adaptamos os tipos de avaliações metodológicas, em função das nossas experiências de trabalho, das vivências dos atletas com outras modalidades, após os treinos ou durante as viagens de competições onde temos um pouco mais de tempo com o grupo reunido, tudo está relacionado com a absorção dos trabalhos pelos atletas ou por algum equívoco nosso relacionado com as novas metodologias de treinamento e, que possam afetar de maneira decisiva no rendimento da equipe diante de outros adversários ou nos treinos propriamente ditos.

Em síntese, os técnicos acham de fundamental importância para a evolução da equipe, i estarem buscando novos conhecimentos técnicos e táticos do desporto handebol através da evolução tecnológica, metodologias de treinamentos, intercâmbios culturais com o objetivo maior da performance técnica e tática do grupo.

Quando questionados, você costuma fazer reuniões de planejamento e avaliações com os seus atletas para treinamentos e jogos? Comente. o resultado é apresentado no quadro abaixo.

Quadro 26 - Análise do DSC 24

IDÉIA CENTRAL	EXPRESSÕES - CHAVES
NÃO, EU NÃO DIRIA UM PLANEJAMENTO, REUNO DUAS VEZES POR SEMANA PARA TRATAR DOS ASSUNTOS PARTICULARES DOS ATLETAS, TENTO PLANEJAR NA MEDIDA DO POSSÍVEL.	E01 - Não, eu não diria um planejamento, a gente se reúne duas vezes por semana, até para tratar dos assuntos que eu já citei dos atletas meus que tem problemas particulares, mas não para tratar desses assuntos, tento montar dentro da medida que a gente consegue.
SIM, FINAL DE SEMANA E DE MÊS SE FAZ UMA AVALIAÇÃO GERAL PARA OS ATLETAS FALAREM O QUE ESTÃO ACHANDO E, EU COLOCO O MEU PONTO DE VISTA PARA ACHARMOS UM MEIO TERMO.	E02 - Sim, todo final de semana e final de mês, faz avaliação geral, para os atletas falarem o que estão achando e eu vou falar o que eu detectei com relação a evolução de cada um e, que a gente possa achar um meio termo para continuar o trabalho.

4. ESTRUTURAÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER NO
HANDEBOL NO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Continuação Quadro 26

<p>TENTEI FAZER ISSO NO INÍCIO DURANTE UM ANO, MAS ELES TEM UMA DIFICULDADE MUITO GRANDE DEVIDO A FORMAÇÃO DE BASE, ÀS VEZES SÃO ATLETAS MUITO BONS, MAS DEIXAM A DESEJAR NOS ASPECTOS FÍSICOS, TÉCNICOS E TÁTICOS, TIVERAM MOMENTOS MUITO POSITIVOS DESSAS REUNIÕES, DENTRO DO LINGUAJÁ DELES, ENTENDÍ QUE PRECISAVA TRABALHAR DE UMA OUTRA FORMA.</p>	<p>E03 - Tentei fazer isso no início, fiz durante um ano, mas eles tem uma dificuldade muito grande, devido a formação de base deles, eles são atletas formados tecnicamente muito bons, tem um bom arremesso,....., mas eles não conseguem ter uma visão tática de estratégia de jogo e, falta conhecimentos pra eles de trabalhos físicos, então isso falta conhecer, isso não é uma coisa que você trabalha com o adulto aqui, você tem que trabalhar desde a infância, vem estimulando assim, vamos lá, mas teve alguns momentos dessa reunião que foi muito positivo, que mesmo dentro do linguajá deles, do atleta falar, entendí que havia necessidade de se trabalhar de uma outra forma.</p>
<p>QUANDO A GENTE TEM MAIS TEMPO, A GENTE FAZ, PRINCIPALMENTE COM OS LÍDERES, NÃO É FALTA DE VONTADE É A FALTA DE ESTRUTURA.</p>	<p>E04 - Essa pergunta se compara a anterior, quando a gente tem mais tempo, a gente faz, não é com toda a equipe, a gente pega alguns atletas, aquelas pessoas que tem idéias melhores, que convive, os líderes da equipe e, a gente faz uma avaliação, não é a falta de vontade, é porque a gente não tem a estrutura mesmo.</p>
<p>SEMPRE, PRINCIPALMENTE APÓS UMA COMPETIÇÃO COM AQUELES ATLETAS QUE NÃO TIVERAM MUITAS OPORTUNIDADES DE JOGAR E, QUE OBSERVARAM MELHOR DE FORA, QUANDO A COMPETIÇÃO É MUITO LONGA, COSTUMAMOS FAZER REUNIÕES TODO O MÊS COM O GRUPÃO.</p>	<p>E05 - Sempre, por exemplo, estamos participando de uma copa Uepa, ao término dessa competição, nós vamos fazer uma reunião com todos aqueles que participaram, principalmente aqueles que estavam de fora observando os ocorridos, quando a competição é muito longa, nós costumamos fazer reunião todo mês, reunião do grupão para saber o que está acontecendo, o que estão sentindo principalmente fisicamente, porque há um desgaste muito forte desses atletas e, a gente procura tá sabendo tudo para dá um andamento.</p>
<p>DEPOIS DOS TREINOS E JOGOS</p>	<p>E06 - Sempre, depois dos treinos e jogos.</p>
<p>AS PARTICIPAÇÕES EM COMPETIÇÕES LOCAIS E NACIONAIS, DEMANDAM PLANEJAMENTO.</p>	<p>E07 - As participações em competições nacionais e locais, demandam de planejamento e no processo insere-se o planejamento de treinamento visando os eventos.</p>
<p>ALGUMAS VEZES.</p>	<p>E08 - Algumas vezes.</p>

Continuação Quadro 26

O MAIS COMUM SÃO COMENTÁRIOS ANTES E APÓS OS JOGOS.	E09 - Sim, o mais comum são comentários antes e após os jogos.
QUANDO DÁ, POIS O TEMPO É POUCO.	E010 - Sim, quando dar, pois o tempo é pouco frente aos campeonatos.

Discurso do Sujeito Coletivo (DSC24)

As reuniões de planejamento com os atletas, são muito produtivas, tudo está em função da disponibilidade de tempo, em algumas vezes servem mais para resolvermos assuntos particulares, justamente pelo comprometimento dos(as) jogadores(as) serem muito escassos em função de afazeres escolares ou profissionais, isto acaba comprometendo a especificidade do planejamento físico, técnico e tático, pois além de técnicos, temos que desempenhar outras funções como: pais, psicólogos, irmãos e outros. O mais comum são os comentários antes ou após os treinos e jogos ou ainda durante as viagens de competições, que nos obriga estarmos juntos por um pouco mais de tempo.

Em suma, a falta de tempo dos técnicos e jogadores(as), acaba prejudicando de uma forma ou de outra toda a estrutura e forma de organização de planejamento que esses profissionais teriam para desenvolver um trabalho mais coeso e eficaz com suas equipes.

Quando questionados, você costuma fazer uma reflexão, junto à sua equipe, sobre a metodologia empregada nas sessões de treinos e jogos? Comente. o resultado é apresentado no quadro abaixo.

Quadro 27 - Análise do DSC 24

IDÉIA CENTRAL	EXPRESSÕES - CHAVES
NUNCA FIZ	E01 - Não, isso aí nunca fiz.
DELEGO FUNÇÕES AOS MEUS ATLETAS ATRIBUINDO RESPONSABILIDADES, DEIXAMOS PARA OS FINAIS DE SEMANA PARA CONVERSARMOS PARA VER QUEM EVOLUIU OU NÃO.	E02 - Sim, como falei anteriormente, delegar funções aos meus atletas e cada um fica com uma responsabilidade e, durante todo o trabalho a gente vai observando uns aos outros e vai deixando para o final de semana para conversar, para ver quem evoluiu, como evoluiu e quem continua com defeitos.
NÓS NÃO COSTUMAMOS FAZER ISSO EM FUNÇÃO DA VARIAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS DOS ATLETAS AS REUNIÕES NÃO ESTAVAM SURTINDO OS EFEITOS ESPERADOS.	E03 - Mais uma vez vou voltar a resposta anterior, no primeiro ano não conseguimos fazer isso, nós não continuamos a fazer isso, porque a equipe demonstrou uma variação muito grande de atletas, e atletas inexperientes e, as reuniões não estavam surtindo os efeitos que nós estávamos esperando.

4. ESTRUTURAÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER NO HANDEBOL NO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Continuação Quadro 27

PRINCIPALMENTE NOS TREINAMENTOS, EU FAÇO ESSA AVALIAÇÃO, EU ME COBRO E TAMBÉM SOU COBRADA PELOS ATLETAS.	E04 - Costumo sim, isso dá pra fazer dentro dos treinos, às vezes reconheço quando o treino foi aquele treino em que o atleta diz: pô, a professora veio com vontade e, a gente reconhece quando o treino não foi bem, eu faço essa avaliação, eu me cobro e também sou cobrada pelos atletas, dizendo: pô, a gente precisa melhorar o nosso treinamento, eu faço sim essa avaliação.
SIM EM FUNÇÃO DAS COBRANÇAS DOS ATLETAS PARA QUE EU POSSA MELHORAR CADA VEZ MAIS, ISSO ME DÁ PULSIVIDADE MUITO GRANDE NO SENTIDO DE IR BUSCAR NOVAS METODOLOGIAS DE APLICAÇÃO, É UM CRESCIMENTO IGUALITÁRIO	E05 - Sim, hoje em dia eles me cobram muito para que eu possa melhorar, no sentido de não está bom, a gente precisa crescer mais ainda, isso me dá uma pulsividade muito grande no sentido de ir buscar novas metodologias de aplicação, tanto que de 2 anos prá cá o nosso sistema defensivo todo é base do sistema espanhol e, é o que tem dado certo, muitas vezes eu ganho os jogos na minha defesa, isso faz com que a gente venha crescendo, eu vou empurrando eles prá frente e eles vem nos puxando junto, então é um crescimento igualitário.
LÓGICO	E06 - Lógico.
ÀS VEZES CHEGA VIRAR AUDIÊNCIA PÚBLICA NA TROCA DE INFORMAÇÕES, O GRUPO JÁ ALCANÇOU UMA CERTA MATURIDADE A CERCA DESTAS QUESTÕES.	E07 - Às vezes chega virar audiência pública na troca de informações, o grupo já alcançou uma certa maturidade acerca desta questão, tanto nos treinos como nos jogos, as idéias, opiniões, sugestões, comando tático e técnico, decorrem no processo de melhoria do trabalho proposto.
SEMPRE QUE POSSÍVEL, DEPENDE DA COMPETIÇÃO.	E08 - Sempre que possível, depende da competição.
NÃO, O TEMPO É MUITO CURTO PARA O TREINAMENTO.	E09 - Não, o tempo para treinamento é tão curto.....
COM CONVERSAS.	E010 - Sempre, com conversas.

Discurso do Sujeito Coletivo (DSC24)

Achamos muito importante refletirmos sobre tudo aquilo que planejamos metodologicamente para os nossos(as) atletas nos treinos e jogos, porém como já foi relatado, isto só poderá ocorrer muito em função da disponibilidade de tempo das partes envolvidas. Sempre que possível, fazemos escaltos dos erros e acertos referentes as performances dos (as) jogadores (as), conversamos sobre os adversários, tudo com o intuito de suprir a deficiência de um tempo maior para desenvolvermos um trabalho com mais qualidade.

Em síntese, os técnicos sentem a necessidade de uma maior disponibilidade de tempo para que haja um trabalho mais reflexivo sobre as metodologias de treinamentos empregadas com as equipes.

Quando questionados, como você trabalha a disciplina com os seus atletas levando em consideração o regulamento das competições, o resultado é apresentado no quadro abaixo.

Quadro 28 - Análise do DSC 25

IDÉIA CENTRAL	EXPRESSÕES - CHAVES
<p>SOU FILHO DE MILITAR, ESSA PARTE DA DISCIPLINA É COMO SE EU ESTIVESSE DENTRO DO QUARTEL É COMO EU TRATO COM ELES É UM ERRO QUE EU ACHO QUE EU TENHO PRA MIM.</p>	<p>E01 - Eu sou filho de militar, hoje eu sou formado em administração e sou funcionário do ministério da justiça, essa parte de disciplina pra mim é como se eu estivesse dentro do quartel, é como eu trato com eles, é um erro que eu acho que eu tenho pra mim .</p>
<p>EU PASSO O REGULAMENTO E COBRO, MAS NÃO POSSO DÁ ABERTURA PRÁ NINGUÉM SE NÃO TODO MUNDO VAI RECLAMAR.</p>	<p>E02 - Eu tento passar todo o trabalho para eles, o regulamento e tento cobrar, mas é aquela coisa, eu não posso dar abertura para ninguém porque se não todo mundo vai reclamar.</p>
<p>É UMA QUESTÃO DE FORMAÇÃO DE CARATER, PORQUE QUANDO VC FALA EM REGRAS E REGULAMENTTOS, ELES ESTÃO APENAS PARA PROTEGER O ATLETA COMO CIDADÃO, TEM QUE DEIXAR BEM CLARO QUE REGULAMENTO ESTÁ DENTRO DE UM CONVÍVIO SOCIAL, EU NÃO POSSO INFRINGIR O DIREITO DE NINGUÉM E, ELES TEM BEM CLARO ISSO.</p>	<p>E03 - Isso é um ponto de formação de carater né? Porque quando você fala em regulamentos, regras, regras e regulamentos, eles estão apenas para proteger o atleta como cidadão, então tem que deixar bem claro isso, regulamento é regulamento e está dentro de um convívio social, tem que ser respeitado, eu não posso infringir o direito de ninguém e, eles tem bem claro isso, nós falamos: olha! O regulamento fala isso, tanto que teve um problema há dois anos atrás que veio um atleta para a minha equipe adulta, 38 anos, conversei com ele e, quando ele entrou, porque ele já vinha de um histórico de violência e eu conversei direitinho, olha! Vamos seguir direitinho as regras, regulamento do campeonato, convívio, isso é melhor pra você, pra nós, pra todo mundo. No terceiro jogo ele meteu um soco na cara de um atleta adversário, foi expulso, sofreu punição da federação, sofreu punição minha, porque eu disse :Não cabe violência dentro do nosso esporte e, ele foi retirado da equipe.</p>

4. ESTRUTURAÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER NO HANDEBOL NO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Continuação Quadro 28

<p>NESSA PARTE EU SOU MUITO EXIGENTE, PORQUE A DISCIPLINA VALE TANTO PRO ESPORTE COMO PARA O SEU COTIDIANO, TODA COMPETIÇÃO QUE EU PARTICIPO, TENHO QUE TER CONHECIMENTO DO REGULAMENTO PARA PASSAR PARA OS MEUS ATLETAS.</p>	<p>E04 - Isso aí eu sou MUITO EXIGENTE, porque eu acho que DISCIPLINA, vale pro handebol, vale pra sua vida no cotidiano, é fundamental, então toda competição que eu participo, eu tenho que ter conhecimento do regulamento e, passar para os meus atletas pra eles verem o que podem fazer eo que não podem, se tem um item que eu sou muito exigente É A QUESTÃO DA DISCIPLINA.</p>
<p>É UM FATOR PREOCUPANTE A NÍVEL DE HANDEBOL PARAENSE, O REGULAMENTO DIZ ; VAI ACONTECER ISSO AQUI, MAS A GENTE SABE QUE A ADRENALINA DO JOGO NAQUELE MOMENTO DA EUFORIA, UM GOL QUE PERDE, UMA CHACOTA QUE RECEBE, MUITAS DAS VEZES NÃO SE CONSEGUE CONTROLAR O ÍMPETO DO ATLETA, MAS SE TEM CONVERSADO MUITO SOBRE A QUESTÃO DISCIPLINAR, É A GRANDE FALHA DO HANDEBOL PARAENSE.</p>	<p>E05 - É um fator preocupante, porque você abre o regulamento e diz, vai acontecer isso aqui, mas a gente sabe muito bem que a adrenalina do jogo no dia a dia, naquele momento daquela euforia, um gol que perde, um gol que sofre e recebe uma chacota do outro lado, muitas das vezes a gente não consegue controlar o ímpeto do atleta é, mas a gente tem conversado muito, principalmente na questão disciplinar, porque eu acho que é a nossa grande falha a nível de handebol paraense, é a nível disciplinar que a gente pede para que a arbitragem tenha uma postura mais séria, na minha equipe eu procuro trabalhar muito a cabeça dos atletas com relação a isso.</p>
<p>TODOS TEMOS QUE ESTÁ CIENTES DOS REGULAMENTOS DAS COMPETIÇÕES, ISSO É TRABALHADO NO PLANEJAMNETO.</p>	<p>E06 - Todos temos que está cientes dos regulamentos das competições, trabalhamos isso dentro do próprio planejamento.</p>
<p>OS ATLETAS DEVEM TER CONHECIMENTOS DAS REGRAS E REGULAMENTOS DAS COMPETIÇÕES, COMO TAMBÉM DAS PUNIÇÕES E OUTROS, ATÉ PORQUE SOU ÁRBITRO TAMBÉM.</p>	<p>E07 - Os atletas tem acesso a regra do jogo, até porque sou árbitro e penso da importância do conhecimento tanto da regra como do regulamento das competições, no formato, punições e outros, eles tem os conhecimentos desses pontos.</p>
<p>ELES JÁ ME CONHECEM.</p>	<p>E08 - Todos eles já me conhecem.</p>
<p>SIM, MAS SEMPRE BUSCO UMA RELAÇÃO COM SUA VIDA DIÁRIA.</p>	<p>E09 - Também, mas eu sempre busco uma relação com sua vida diária.</p>
<p>COBRO RESPEITO E POSTURA PERANTE A TUDO E A TODOS.</p>	<p>E010 - Procuo cobrar respeito e postura perante a tudo e a todos.</p>

Discurso do Sujeito Coletivo (DSC25)

Para nós técnicos, essa questão da disciplina levando em consideração o regulamento das competições, é sem dúvida um fator primordial para o crescimento da equipe em todos os aspectos, sejam de ordem moral, social

4. ESTRUTURAÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER NO HANDEBOL NO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

e até na formação do caráter do atleta. Trabalhamos de várias formas essa questão disciplinar, desde o planejamento, construindo passo a passo a formação do atleta como membro de uma sociedade em transformação. Levamos em consideração desde a postura dos atletas perante aos companheiros e adversários, frequência nos treinos e jogos, desempenho técnico e tático, até a obediência de fato às regras e regulamento das competições, pois, ajudam de maneira significativa não só no bom desenvolvimento dos jogos como no crescimento do ser humano enquanto membro importante de uma estrutura social.

Em síntese, os técnicos não abrem mão da questão disciplinar, tanto nos treinos como nos jogos, pois, para eles a indisciplina atropela qualquer forma de regra desportiva como incentiva o descumprimento do regulamento das competições, provocando a mudança de comportamento dos atores sociais.

Quando questionados, você procura aprofundar os seus conhecimentos teóricos em busca de novas metodologias que possam possibilitar melhorias no seu trabalho prático nos treinos e jogos? o resultado é apresentado no quadro abaixo.

Quadro 29 - Análise do DSC 26

IDÉIA CENTRAL	EXPRESSÕES - CHAVES
SOU DE OUTRA FORMAÇÃO PROFISSIONAL, PORÉM PROCURO VIAJAR EM BUSCA DE NOVOS CONHECIMENTOS PARA CONHECER MELHOR O DESPORTO.	E01 - Como eu te falei, eu sou formado em administração, conheço o handebol há três anos, esse ano se Deus quiser estou fazendo um curso em São Paulo de treinadores no clube Pinheiros, prá justamente conhecer melhor, agora que eu estou me acostumando às regras, já aprendi a lidar com isso que a minha esposa joga na seleção feminina e é ela que fez eu gostar do handebol e hoje eu estou viciado.
SOU RATO DE INTERNET EM BUSCA DE NOVOS CONHECIMENTOS, COM CERTEZA MELHOROU MUITO PARA O QUE ERA.	E02 - Eu sou rato na internet, atrás de treinamento novos e, geralmente quando tem cursos, eu procuro ir, quando vem gente de Belém....., com certeza melhorou muito pro que era.
SIM, BUSCO REFERÊNCIAS NA LITERATURA ESTRANGEIRA, INCLUSIVE LIGADA A OUTROS ESPORTES, ENTÃO NÓS ESTAMOS VENDENDO AS METODOLOGIAS DIFERENCIADAS DE TREINAMENTOS PARA PODERMOS EXTRAIR O MELHOR.	E03 - Sim, eu fiz um estudo na escola Francesa, onde trabalha muito em cima de jogos, de exercícios variados, inclusive ligados a outros esportes, como futebol, basquete e volei, agora eu estou começando a entrar na escola Alemã, que é uma escola mais de força, de velocidade de vigor físico, então nós estamos vendo as metodologias diferenciadas de treinamentos para vermos o que nós podemos extrair melhor.

4. ESTRUTURAÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER NO
HANDEBOL NO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Continuação Quadro 29

<p>ISSO AÍ EU SOU MUITO EXIGENTE, APRENDO COM OS COLEGAS, NAS COMPETIÇÕES, VIAJANDO E ETC..CONHECIMENTOS NUNCA É DEMAIS, PRINCIPALMENTE PORQUE ESTAMOS DISTANTE DOS GRANDES CENTROS, MAS HOJE EM DIA SÓ FICA SEM INFORMAÇÕES QUEM QUER, SEMPRE ESTOU APROVEITANDO DE TUDO PRA EXTRAIR O MELHOR.</p>	<p>E04 - Isso aí eu sou muito exigente, a gente aprende a cada dia, a gente aprende com os nossos atletas, a gente aprende buscando conhecimentos com outras pessoas, no caso eu aprendi contigo, então estou aprendendo com os colegas que estão participando da competição, então conhecimento nunca é demais, a cada dia eu procuro me interar, a gente está distante do centro de handebol, mas hoje em dia só fica sem informação quem quer, porque tem internet, Tv a cabo, então todo ano eu vou para São Paulo, pode ser o Zé da feira que está dando curso de handebol, eu vou lá e passo com o Zé da feira, se é o espanhol que deu o curso, eu estou lá, então eu estou sempre em busca, procuro conversar com as pessoas mais experientes, porque a gente que é técnico, atleta, a gente sempre tem que ter, não é uma reciclagem, é um aperfeiçoamento dentro daquilo que vc está ensinando.</p>
<p>COM CERTEZA, PROCURO SEMPRE QUE POSSÍVEL ATUALIZAR MEUS CONHECIMENTOS ASSISTINDO MUITOS VÍDEOS E, FAZENDO INTERCÂMBIO COM OS GRANDES CENTROS, ISSO TEM ME FEITO CRESCER DENTRO DE UMA COMPETITIVIDADE QUE VC SABE QUE NÃO É FÁCIL.</p>	<p>E05 - Com certeza, procuro sempre que possível está assistindo muitos vídeos, eu recebo de colegas meus que estão em outros estados como São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná e, a gente troca algumas experiências, coisas nossas que são peculiares, a gente manda para eles e espera que de repente possa somar e, a mesma coisa de lá prá cá, eu tenho muito material que de repente a gente pode está usando, inclusive, isso graças a Deus tem me feito crescer dentro de uma competitividade que a gente sabe que não é fácil, agora não é você só lê, você tem que tentar interpretar e tentar colocar na prática e, isso é o grande diferencial do que a gente está fazendo hoje, é a prática do que a gente tem apreendido.</p>
<p>SEMPRE</p>	<p>E06 - Todo tempo.</p>
<p>HÁ UMA PREOCUPAÇÃO NO SENTIDO DE BUSCAR NOVAS TENDÊNCIAS, VARIAÇÕES DEFENSIVAS E OFENSIVAS, TUDO EM BUSCA DE UMA ESTRATÉGIA DE JOGO PROPOSTA PELA EQUIPE.</p>	<p>E07 - Existe uma preocupação no sentido da busca de novas tendências, formas de variações ofensivas e defensivas, em busca da melhor forma de apresentação e adequação de um pensamento e uma estratégia de jogo proposto pela equipe.</p>
<p>SEMPRE QUE POSSÍVEL LEIO BASTANTE.</p>	<p>E08 - Sim, sempre que possível leio bastante.</p>

4. ESTRUTURAÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER NO HANDEBOL NO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Continuação Quadro 29

NA MEDIDA DO POSSÍVEL, HOJE JÁ NÃO É PRIORIDADE	E09 - Sim, na medida do possível, hoje já não é prioridade.
CONSTANTEMENTE.	E010 - Sempre e constantemente.

Discurso do Sujeito Coletivo (DSC26)

Nesse aspecto de aprofundamento dos conhecimentos teóricos em busca de novas metodologias a serem empregadas no trabalho prático, tanto nos treinos como nos jogos, somos coerentes que dentro da medida do possível, da disponibilidade de tempo em função de seus afazeres profissionais, sempre estamos em busca de expandirmos nossos embasamentos teóricos através de novas literaturas específicas do desporto handebol ou de conteúdos complementares, afim de aplicarmos nos treinos e jogos. Buscamos recursos tecnológicos através da internet, cursos com treinadores nacionais e internacionais ou até mesmo através da troca de informações com profissionais da área que consideramos referência no desporto handebol, como também pelas próprias experiências como ex-atletas dessa modalidade desportiva.

Em suma, os técnicos sempre buscam se atualizar lógico que cada um de acordo com suas disponibilidades de tempo e limitações em relação ao desporto handebol.

Quando questionados, Considerando as questões tratadas, você gostaria de acrescentar outros comentários que a entrevista não contemplou, o resultado é apresentado no quadro abaixo.

Quadro 30 - Análise do DSC 27

IDÉIA CENTRAL	EXPRESSÕES - CHAVES
PRÁ MIM A ENTREVISTA ESTÁ PERFEITA	E01 - Não, não pra mim a entrevista está perfeita e completa.
FOI MUITO BOM.	E02 – Foi muito bom.

4. ESTRUTURAÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER NO
HANDEBOL NO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Continuação Quadro 30

<p>A ENTREVISTA CONTEMPLA DE ACORDO COM O TEMA, QUE SÃO AS RELAÇÕES DE PODER, MAS VAI FICAR SUBTENDIDO UMA COISA MUITO IMPORTANTE ENTRE ATLETA E TÉCNICO, UMA RELAÇÃO AFETIVA, DE COMPANHEIRISMO, QUE ISSO SE ESTENDE POR TODA A VIDA, COMO ACONTECEU COM UM ATLETA QUE FOI RETIRADO DA EQUIPE, MESMO ASSIM AINDA FALA COMIGO, É UMA RELAÇÃO MUITO ESTREITA NA FORMAÇÃO DO CARÁTER.</p>	<p>E03 - É, a entrevista contemplou como o próprio tema fala: As relações de poder, né? Mas vai ficar subentendido uma coisa muito importante entre atleta e técnico, uma relação afetiva, de companheirismo, que isso se estende por toda a vida, por mais que o atleta, como aconteceu o caso dele ser retirado da equipe, ele ainda conversa comigo, passa comigo, senta, aí tudo bem professora, vamos lá conversar? Então é uma relação muito estreita, é um dos pontos positivos na formação de caráter do ser humano, porque o esporte, ele tem uma visibilidade com relação ao aspecto social, porque você é um referencial de vida para um atleta, a sua atitude enquanto ser humano no comando de uma equipe, reflete também no tipo de exemplo que você está passando e, como esse atleta pode perceber o mundo, pode perceber as relações, dentro do contexto do esporte e, isso é muito positivo.</p>
<p>TUDO QUE FOI COLOCADO AQUI, É MUITO IMPORTANTE PARA NÓS FAZERMOS UMA REAVALIAÇÃO DO NOSSO PLANEJAMENTO, EU FICO MUITO GRATA EM SABER QUE TEM UMA PESSOA QUE A GENTE FOI ALUNA E ESTÁ ESCREVENDO UMA TESE VOLTADA PARA O HANDEBOL</p>	<p>E04 - Não, eu acho que tudo aquilo colocado aqui, é muito importante para a gente fazer uma reavaliação no nosso planejamento, tratamento com os atletas e, eu fico muito grata em saber que tem uma pessoa que a gente foi aluna e que tá defendendo uma tese voltada para o handebol, isso me deixa muito satisfeita, eu acho que todo profissional da nossa área só tem que agradecer a vc Ivan por essa iniciativa de fazer seu Doutorado em Handebol.</p>
<p>DENTRO DO QUE SE QUER COLOCAR, A ENTREVISTA FOI MUITO BOA, RESSALTANDO QUE TRABALHO MAIS COMPETÊNCIA É SINAL DE MUITO SUCESSO</p>	<p>E05 - Não, eu acho que a entrevista dentro do que se quer entrevistar foi muito boa, só ressaltar que trabalho mais competência é sinal de muito sucesso e, é isso que tenho a dizer, esse ano de 2008 que passou, foram 7 títulos disputados, 5 primeiros lugares e dois vices, 55 jogos, 3 derrotas, 1 empate e 51 vitórias, então tem que haver um respeito pro trabalho que estar sendo feito, que é trabalho, perseverança prá gente atingir o sucesso.</p>

4. ESTRUTURAÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER NO
HANDEBOL NO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Continuação Quadro 30

FOI ÓTIMO, ABORDAR FATOS DESSA NATUREZA SEMPRE É IMPORTANTE.	E06 – Abordar fatos dessa natureza, sempre será de fundamental importância para o relacionamento técnicos/atletas. A entrevista foi ótima.
POR VÁRIAS VEZES FOI COLOCADO DA INTERAÇÃO E O PROCESSO FAMILIAR QUE EXISTE EM NOSSO CLUBE OU TRABALHO, ESSA POSSIBILIDADE NASCE A PARTIR DE UM PENSAMENTO DO CLUBE SER NOSSO E JOGAR APENAS ATLETAS FORMADOS NA NOSSA BASE, COMO SE FOSSE REALMENTE UMA FAMÍLIA COM OS SEUS PRÓS E CONTRAS, MAS COM RESPEITO, SIMPLICIDADE, AMIZADE E CUMPLKICIDADE DE NOSSAS RELAÇÕES.	E07 - Neste documento por várias vezes foi colocado da interação e o processo familiar que existe em nosso clube ou trabalho, essa possibilidade nasce a partir de um pensamento do clube ser nosso e só jogar atleta que teve a base nessa escola, e esse trabalho sofre várias transformações até chegar na forma que jogamos hoje, passando de alguns problemas familiares que alguns atletas passam e, que é preciso a intervenção do professor-técnico na família para solucionar problemas que surgem ao longo da vida, mas a nossa família cresce, a cada dia chegam filhos menores (atletas), com desejo de fazer parte da família, trazendo consigo problemas iguais ou diferentes daqueles que já vimos, mas o nosso grande desafio é ver a nossa família com pessoas de bem dentro de suas limitações e obstáculos que a vida nos expõe, temos que lutar, alguns já chegaram a faculdade ou não, são pais, mas com respeito, simplicidade, amizade e cumplicidade de nossas relações.
ESTÁ DENTRO DO ESPERADO.	E08 - Está dentro do esperado.
PODERIA SER MAIS SIMPLES, MUITOS TÉCNICOS NÃO FAZEM PLANEJAMENTO.	E09 - Poderia ser mais simples, pois, muitos técnicos não fazem planejamento anual.
SIM.	E010 – Sim.

Discurso do Sujeito Coletivo (DSC27)

Em se tratando se a entrevista contemplou as informações que gostaríamos de relatar, achamos muito bom conversar sobre um tema que para nós é de fundamental importância no relacionamento técnico/atleta, principalmente no que diz respeito a relação de poder em situação de gênero no desporto handebol, fato para nós inédito principalmente no estado do Pará. Agradecemos por ter alguém que já está preocupado em pesquisar outros assuntos tão importantes para o handebol, que não seja especificamente a parte técnica e tática desse desporto e, que pode perfeitamente servir de subsídios para as demais modalidades desportivas.

Em síntese, para os técnicos que militam no desporto handebol no estado do Pará, é como um prêmio de incentivo saberem que tem alguém estudando um desporto puramente amador não só no estado como na

maioria do território nacional, porém, em plena ascensão no contexto nacional e mundial como desporto olímpico.

4.2.3. ANÁLISE DO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DOS ATORES PESQUISADOS

Após a leitura dos discursos (DSC) apresentados no Apêndice VI (Roteiro de Entrevistas Tipo A - Atletas de Handebol), destacamos como importante do ponto de vista dos respondentes que o relacionamento com os técnicos, na maioria das vezes é definido como normal, ou seja, é bom, respeitoso, amigável, legal, profissional, de muito diálogo, tanto dentro como fora de quadra, é lógico que passa muito pela questão da convivência; em determinadas situações as amizades são mais enfatizadas quando não estão em situação de treinos ou jogos, pois acreditam que eles não querem que os atletas confundam os momentos que estão desenvolvendo suas atividades profissionais com os relacionamentos comuns que podem acontecer no dia a dia de qualquer ser humano, onde pode-se tomar algumas atitudes de brincadeiras, de lazer sem compromisso, que nos treinos e jogos não seriam apropriadas, devido os compromissos e responsabilidades que esses momentos exigem.

Em síntese nos relacionamentos dos (as) atletas com os técnicos pode-se perceber no DSC, tanto do gênero masculino como do feminino, há evidência de um respeito muito grande pela figura do comandante da equipe, credibilizada pelo nível de convivência e emoção entre esses atores sociais, pois, os valores que são repassados servem tanto para o esporte como para a vida e são evidenciados tanto nas situações de treinamentos como nas competições oficiais, ou até mesmo fora desses ambientes, onde podem acontecer situações lúdicas pelo nível de amizade entre atletas/técnicos e comissão técnica, fatos que segundo os atletas não podem acontecer nos ambientes de treinos e jogos pelo risco de interferir no trabalho de preparação da equipe. Seria uma forma de camuflagem do poder ou o seu exercício de forma simbólica entre esses atores sociais.

Para compreender os relacionamentos associadas às relações de poder nos reportamos aos estudos referentes à instituição do poder de Foucault (1988, p. 107), a estrutura do poder simbólico conforme Bourdieu (1990, p. 209), as representações sociais do poder de Moscovici (2009, p. 218) e as análises de Soares (2008, pp. 80-

81), fundamentadas na ótica foucaultiana, demonstrando que o esporte exerce uma forma de poder disciplinar sobre os corpos esportivos. Os discursos apontam para a vigilância hierárquica quando os (as) atletas apresentam duas situações contraditórias que afirmam o relacionamento pela emoção e pela coerção, representados pelo obstáculo ao exercício pleno do lazer com associação às situações de treinos e jogos.

No que diz respeito ao que representa a imagem dos (as) técnicos (as) enfatizada no Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) tanto do gênero masculino como do feminino observa-se que os técnicos são pessoas íntegras, estudiosas, profissionais e competentes naquilo que se propõem a fazer, no caso, trabalharem com o handebol. Também em algumas oportunidades relatam a existência de técnicos ainda inexperientes, que erram muito em suas atitudes técnicas e táticas com as suas equipes, talvez por estar pouco tempo na profissão, outros deixam transparecer falta de conhecimento do handebol, porque não conseguem manter uma equipe por muito tempo sob seus comandos e que existem alguns, que apesar de bons profissionais, demonstram comportamentos autoritários, talvez pela consequência dos problemas pessoais ou por levarem muito a sério aquilo que fazem.

Sintetizando o DSC desses atores sociais fica evidenciado que a imagem dos (as) técnicos (as) serve de parâmetro positivo ou negativo para o reconhecimento do profissional no desempenho de suas funções, como também não descartam que em algumas situações existe a presença de um poder autoritário daquele que comanda para aqueles que são comandados, talvez pela seriedade com que conduzem os trabalhos com suas equipes ou por interferência de problemas pessoais nas suas atividades profissionais. Seria a efetivação do poder simbólico de Bourdieu (1998, pp. 7-8) no contexto das relações sociais, poder invisível que só tem o seu reconhecimento se houver a cumplicidade dos atores sociais, que às vezes o ignoram, mas que na verdade se mostram submissos ou mesmo o utilizam.

Na abordagem sobre o processo de intervenção nos treinos e jogos na visão dos (as) atletas, referendados no Discurso do Sujeito Coletivo, os técnicos consideram boas as intervenções nos treinos e jogos, pois, procuram nos escutar e, dentro da medida do possível, percebermos que aproveitam algumas coisas daquilo

que falamos durante a preparação física, técnica e tática. Chegam a discutir determinadas opiniões que são colocadas, em função dos objetivos propostos para aquela situação que está sendo vivenciada. Porém, observamos que existem alguns técnicos, que chegam até dialogar com os atletas sobre as propostas de intervenções, mas não aceitam ou as ignoram e, outros que não permitem e não gostam de intervenções, deixando transparecer que são os donos da verdade, ignorando totalmente que estão trabalhando com um grupo de seres humanos e com uma modalidade coletiva, que é o handebol. Lógico que existem situações que não intervimos até pelo próprio costume ou respeito pela figura do técnico como o conhecedor maior do assunto naquele momento.

No enfoque observado pelos atores sociais sobre o processo de intervenções nos treinos e jogos, percebemos o reconhecimento da figura do técnico democrático, ou seja, aquele que escuta e leva em consideração as intervenções dos atletas nos procedimentos técnicos / táticos de preparação da equipe, como também fica evidente a presença do profissional autoritário, coercitivo quando não aceitam ou ignoram as contribuições de seus (as) jogadores (as) no processo de evolução técnica e tática de suas equipes. Podemos compreender tudo isto levando em consideração os estudos de Foucault (1979, p. 212), que nos fala da necessidade da construção da história dos espaços, que não deixaria de ser uma história dos poderes no contexto das relações sociais, não deixando também de ser um caso de vigilância hierárquica quando os (as) atletas apresentam duas situações contraditórias, uma de reconhecimento do processo democrático do (a) técnico (a) em considerar as intervenções dos (as) atletas nos treinos como nos jogos e outra pelo sentimento de coerção que esses atores sociais deixam transparecer quando não contribuem com suas intervenções alegando respeito pela figura do técnico.

Na perspectiva dos (as) atletas sobre as atribuições de responsabilidades individuais ou coletivas evidenciadas, no Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), consideram que os técnicos o fazem com certeza, pois, sabem que o handebol é um esporte coletivo, onde são importantes tanto os trabalhos individualizados como os de equipe, sem esse tipo de mentalidade, achamos que fica difícil uma equipe ter um crescimento homogêneo em qualquer aspecto de desenvolvimento da performance do grupo. Com certeza, temos que ter os trabalhos diferenciados de

acordo com as individualidades de cada equipe e especificidade dos treinamentos em busca dos objetivos nos jogos. Mesmo assim, situações dessa natureza, não descartam que são variáveis em alguns técnicos, ou seja, alguns se omitem em tais procedimentos ou ficam temerosos em dividir suas responsabilidades com os seus atletas, deixando de lado a importância da coletividade do desporto handebol.

Em síntese, na perspectiva das atribuições de responsabilidades individuais ou coletivas, os discursos apontam para o aspecto dos atores sociais admitirem que os técnicos cumprem com as suas devidas responsabilidades, atribuindo compromissos técnico-táticos aos atletas quando necessário, mas deixam transparecer que alguns profissionais não fazem esse tipo de trabalho, ou seja, omitem tais procedimentos por se sentirem os detentores do poder do conhecimento no handebol ou por não saberem usar tais recursos em prol da coletividade. Nessa situação podemos comparar aos estudos de Foucault (1979, p. 250), onde relata que em uma relação de desigualdade como esta, com variação do grau de estabilidade que é característico das relações de poder ficará sempre caracterizada a posição de quem está em cima e o outro que se encontra em baixo com diferenças de potenciais.

Contextualizando a definição dos comportamentos dos técnicos na visão dos (as) atletas expressas no Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) estes evidenciam que os comportamentos morais, sexuais, agressivos, de trabalho dos técnicos como variáveis de um para o outro e, principalmente, em função do nível de convivências que eles têm com os seus atletas, ou seja, lidamos com pessoas altamente profissionais, comportam-se como seres humanos considerados normais, onde prevalece o respeito mútuo em qualquer momento, seja nos treinos ou jogos, como também tem professores que atribuem os seus desvios de comportamentos em função da adrenalina que estão vivenciando naquele momento, tornam-se agressivos, chegam a extrapolar em suas atitudes morais, éticas e até sexuais, passando dos limites no tratamento com seus jogadores, esquecendo que são pessoas iguais a eles porém, de outro lado, merecem respeito igual ao que esses atores exigem de seus atletas.

Em síntese, os dois gêneros observam que há uma variabilidade muito grande de comportamentos entre os técnicos e credibilizam, principalmente, em

nível de convivência com os atletas e que os desvios comportamentais desses profissionais estão relacionados aos níveis de adrenalina alcançados nas situações de treinos e jogos, tornando-se agressivos ou até mesmo extrapolando em suas atitudes coercitivas, bem como ignorando os procedimentos éticos, morais e sexuais sobre os corpos esportivos. Neste caso, podemos relacionar com os estudos de Foucault (1979, p. 190), onde destaca que as relações de poder geram normas disciplinares como estas, que estão presentes nos discursos heterogêneos das ciências humanas – um relativo ao direito da soberania – outro referente ao mecanismo das coerções exercidas pelas disciplinas.

No que diz respeito às experiências advindas de outras modalidades no processo de intervenção dos (as) atletas, explicitado no Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), onde observam que os técnicos consideram experiências advindas de outras modalidades desportivas no planejamento da metodologia de treinamento, pois, é muito importante que eles levem em consideração tais conteúdos que por ventura seus jogadores tenham vivenciado antes da prática do handebol, sem dúvida, isso só vem contribuir no desempenho técnico e tático da equipe, pois, os gestos motores se assemelham muito em qualquer prática desportiva; entendemos que é só uma questão de inteligência dos técnicos em saber aproveitar esses recursos em seus planejamentos físicos, técnicos e táticos voltados para o handebol. Daí observarmos que àqueles técnicos que consideram as experiências trazidas pelos seus jogadores são os que procuram evoluir em seu desempenho profissional enquanto àqueles que se acham os donos da verdade com certeza são limitados e perdedores.

Em síntese, percebemos uma concordância de opiniões dos dois gêneros, quanto ao profissionalismo dos técnicos no aspecto das experiências advindas de outras modalidades no processo de intervenções dos atletas, ainda enfatizam que para acontecer a evolução técnica e tática de uma equipe, faz-se necessário que os profissionais da área estejam buscando constantemente novas informações para aplicarem em suas metodologias de treinos e jogos. Não deixa de ser o reconhecimento dos atletas sobre o poder do técnico em todos os aspectos do conhecimento nas formas de representações sociais presentes nos estudos de Moscovici (2009, pp. 216 – 219), onde observa que qualquer que seja o tipo de

representação, constitui-se de tal forma que não é difícil identificar o seu ponto de origem, mesmo que de forma incompleta como pode ser o processo de intervenções.

Quanto à mediação ou não dos conhecimentos relativos às técnicas e táticas de jogo na observação dos (as) atletas no Discurso do Sujeito Coletivo diz que, a grande maioria dos técnicos mediatiza, compartilha seus conhecimentos referentes às técnicas e táticas de jogo com os atletas, até porque se trata de um grupo de pessoas com comportamentos, pensamentos e ideias diferentes que precisam ser socializadas para as tomadas de decisões que no entendimento do grupo forem as mais cabíveis para o crescimento e desenvolvimento da equipe. Com certeza, também verificamos que alguns técnicos relutam em fazer esse tipo de trabalho, são profissionais radicais, que já chegam em suas sessões de treinos e jogos com os planejamentos fechados, parecendo que ali está o segredo para a solução de tudo; acabam sendo considerados autoritários e donos da verdade naquilo que fazem, tem que haver a socialização desses conhecimentos que eles buscam através de seus estudos, principalmente através do diálogo.

Em síntese, quanto ao processo de mediação ou não dos conhecimentos relativos às técnicas e táticas de jogo, os gêneros concordam que tem alguns técnicos ditos “democráticos” no processo de mediação do conhecimento, pois, estão tratando com pessoas de atitudes e comportamentos diversificados, observa-se também existem aqueles que se mostram extremamente autoritários, radicalizando em suas atitudes coercitivas. Nesta situação, também percebemos a variabilidade das formas de exercício do poder gerando normas disciplinares relacionadas a convivência entre os atores sociais, como observa Foucault (1979, p. 190).

No processo de avaliação individual e grupal na observação dos (as) atletas segundo o Discurso do Sujeito Coletivo explicita que podemos observar quanto a esses aspectos, pode variar muito de técnico para técnico, achamos a disciplina fundamental, apesar de acharmos que como toda modalidade desportiva, os atletas de handebol devem ser trabalhados e incentivados em todos os aspectos que os técnicos julgarem importantes para o crescimento e desenvolvimento de suas performances, seja individual ou grupal. Entendemos também, que muitos

profissionais até desejam fazer melhor esse tipo de trabalho, mas esbarram principalmente no fator disponibilidade de tempo para dar uma atenção maior para a sua equipe, por desenvolverem outras atividades paralelas as desempenhadas com o handebol, portanto, até entendemos a falta de progresso de algumas equipes durante as com petições que disputam.

Em síntese, os gêneros concordam que quanto ao aspecto de avaliação individual e grupal dentro dos procedimentos técnicos / táticos nos treinos e jogos, os atletas observam que podem variar com muita frequência de técnico para técnico, não excluindo a responsabilidade que esses profissionais devem ter para com suas equipes. Entendem que o crescimento técnico-tático de uma equipe, depende também do fator disponibilidade de tempo que alguns técnicos não contemplam por desenvolverem outras atividades profissionais paralelas. É o reconhecimento do poder dos técnicos pelos atletas, mesmo que de forma simbólica como observa Bourdieu (1998, pp. 14-15) quando nos fala das evidências simbólicas das formas de poder no contexto das relações sociais.

No que diz respeito ao tratamento quanto as individualidades ou não referente as performances na ótica dos (as) atletas demonstrado no Discurso do Sujeito Coletivo, nos revela que podemos observar uma variabilidade muito grande de técnico para técnico, acreditamos que depende do tipo de relacionamento que eles têm com os seus atletas nas tomadas de suas decisões. Percebemos esses tipos de preocupações, principalmente com aqueles profissionais dedicados, estudiosos, que às vezes são exigentes, até duros com seus jogadores, com o único intuito que os mesmos melhorem em suas performances individuais em benefício do crescimento do grupo, seja nos treinos ou nos jogos. Acreditamos que também existem aqueles técnicos que não tem o mínimo de preocupação quanto a esses aspectos, só levam em consideração quando suas equipes estão vencendo, alegam falta de disponibilidade de tempo maior para tais procedimentos.

Em síntese, tanto o gênero masculino como o feminino dizem que esses aspectos do tratamento das individualidades variam de técnico para técnico em função do tipo de relacionamento com os atletas. Relatam que os profissionais estudiosos, dedicados, geralmente são mais exigentes, às vezes tidos como durões em suas atitudes, mas que os atletas entendem como recursos técnico-táticos para

o crescimento da equipe, enquanto que os ditos “desligados”, só se preocupam com tais procedimentos quando seus resultados são adversos e, até inventam desculpas para tal. Esse é um exemplo característico de como as relações de poder se efetivam nas formas de representações sociais nos diferentes contextos da sociedade de acordo com as abordagens de Moscovici (2009, p. 218) e nas abordagens de Bourdieu (1990, p. 149), que observam o entendimento sobre o estruturalismo ou forma estruturalista das relações de poder das representações sociais simbólicas.

No aspecto das experiências vivenciadas na construção das metodologias de treinos e jogos na visão dos (as) atletas no Discurso do sujeito Coletivo, nos mostra as Vivências de muitas experiências de metodologias de treinos e jogos - diagnóstico e análise de desempenho pelos técnicos, fundamentada ou não nas intervenções dos atletas, mas que também são questionamentos que nós acreditamos que podem variar muito de técnico para técnico, isso em função do tipo de relacionamento com os seus atletas. Há situações, por exemplo, que após os treinos ou jogos, esses profissionais até procuram reunir com os jogadores para dialogarem sobre tudo o que ocorreu durante as atividades práticas, como também tem professores que ignoram totalmente essas situações, acham que somente quando as equipes vencem, é que deve haver algum tipo de avaliação sobre o trabalho desenvolvido dentro de quadra, esquecem que estão trabalhando com vários tipos de pessoas com comportamentos diferenciados e, que muitas vezes um bom diálogo ajuda até mesmo na construção das metodologias de treinos e jogos.

Em síntese, os dois gêneros relatam que tais aspectos tendem a variar bastante de acordo com o grau de relacionamento com os atletas. Há situações que determinados técnicos até reúnem com os atletas após os treinos e jogos para discutirem e avaliarem as diversas situações que ocorreram nesses momentos, como também tem profissionais que só valorizam tais aspectos quando as suas equipes estão apresentando resultados positivos, chegam a ignorar que estão trabalhando com pessoas diferentes umas das outras, portanto, com comportamentos variados. Podemos associar tudo isso aos estudos de Soares (2008, pp. 80-81), fundamentado na ótica foucaultiana, onde enfatiza que o esporte

exerce uma forma de poder sobre os corpos esportivos na perspectiva do rendimento e do espetáculo do corpo como parte de uma pedagogia higiênica.

No processo de avaliação dos comportamentos dos técnicos na observação dos (as) atletas demonstrado no Discurso do Sujeito Coletivo revela que, podemos fazer uma avaliação desses aspectos como sendo delicados para com nós atletas, pois, somos seres humanos iguais a eles que tem sentimentos, responsabilidades e que estão sujeitos a qualquer tipo de erros. É lógico que os comportamentos podem variar de pessoa para pessoa, principalmente em se tratando do tempo de convivência entre atletas e técnicos que passam por situações variadas em decorrência do nível de adrenalina vivenciada por esses profissionais nos treinos e jogos. Presenciamos situações de técnicos perderem totalmente o controle emocional, tornando-os agressivos, faltando com o respeito com os atletas e telespectadores durante as competições, prejudicando até o rendimento da equipe dentro de quadra no que diz respeito aos resultados positivos.

Na síntese dos DSC dos dois gêneros, percebemos que o aspecto de avaliação dos comportamentos dos técnicos é de extrema delicadeza, pois, relatam que também são seres humanos como esses profissionais, portanto, passivos dos mesmos erros que esses (as) técnicos (as) podem cometer. Dizem que podem variar de técnico para técnico em função do nível de adrenalina vivenciada por essas pessoas durante os treinos e jogos. Citam casos de descontrole emocional de alguns profissionais que chegam ao extremo, evidenciando situações de agressividade com os seus atletas que vêm prejudicar o rendimento de toda a equipe. Este caso pode ser analisado de acordo com o enfoque de Soares (2008, p. 81) quando diz que o esporte adentra no meio social como necessidade compensatória por males causados como: atividade trabalhista e desgaste nervoso incorporado a perda das forças físicas; fato característico das sociedades industrializadas.

Com relação às experiências vivenciadas quanto aos tipos de atitudes éticas, positivas, vencedoras, afetivas, cognitivas, autoritárias e, etc., no processo de intervenção, na visão dos atletas evidenciadas no Discurso do Sujeito Coletivo nos mostra que são situações muito variadas entre os técnicos e que ocorrem em virtude dos momentos diferenciados pelos quais passam durante os treinos e jogos. Já

convivemos com técnicos autoritários, afetivos, cognitivos e até mesmo com aqueles que não estão nem aí para o que possa acontecer dentro ou fora de quadra são pessoas sem o mínimo de ética profissional possível; o que lamentamos muito, pois o técnico de uma equipe pode representar muitos papéis para os seus atletas, inclusive de um irmão mais velho ou de um pai, dependendo do nível de convivência entre as partes envolvidas.

Em síntese, a efetivação das atitudes éticas, positivas, vencedoras, afetivas, cognitivas, autoritárias e etc., podem sofrer variações entre os técnicos na visão dos atletas, pois, enquanto alguns profissionais se mostram afetivos, cognitivos em suas atitudes de trabalho, outros demonstram atitudes autoritárias e até mesmo ignorando qualquer tipo de situação que venha ocorrer dentro ou fora de quadra. Aponta que alguns técnicos são considerados antiéticos no desempenho de suas atividades profissionais, fato que os atletas lamentam, pois, a figura do técnico pode representar diversos papéis nessas relações de poder para jovens, adolescentes ou até adultos, mesmo que de forma simbólica como podemos encontrar nos estudos de Bourdieu (1998, pp. 7-9), quando trata da estruturação do poder em qualquer espaço e tempo do processo das relações sociais.

No aspecto das contribuições do conhecimento de outras modalidades esportivas no processo de construção do planejamento metodológico na observação dos (as) atletas nos treinos e jogos explicitados no Discurso do Sujeito Coletivo, observa que, temos constatado que os (as) técnicos (as) procuram aproveitar todos os conhecimentos que vivenciaram em outras modalidades esportivas, principalmente aqueles considerados estudiosos do handebol e que entendem que as modalidades têm uma afinidade muito grande em relação aos gestos motores e, com certeza, quando há intervenções dos atletas procuram analisá-las e aproveitá-las em suas atividades práticas. Observamos que alguns desses profissionais se acham os donos da verdade, chegam até a escutar as intervenções dos jogadores, mas tendem a ignorar por completo, o que no nosso entendimento só tem a prejudicar o crescimento da equipe em todos os aspectos possíveis de rendimento.

Em síntese, tanto o gênero masculino como o feminino concordam que qualquer tipo de experiência advinda de outras formas de conhecimento pode contribuir de maneira significativa para o crescimento técnico - tático de uma equipe

de handebol, principalmente para aqueles profissionais considerados pesquisadores dessa modalidade esportiva, haja vista que os gestos motores dos outros desportos se assemelham muito com os do handebol. Também na observação dos atletas, existem alguns técnicos considerados radicais, que até escutam mas não levam em consideração as intervenções dos jogadores, sentem-se os donos da verdade. Isto pode ser interpretado também tomando por base os estudos de Foucault (1979, p. 250), quando trata da estabilidade das relações de poder em uma relação desigual que pode ocorrer entre técnicos e atletas evidenciando posicionamentos diferenciados entre comandantes e comandados.

No aspecto da interferência do timbre e altura de voz no processo de desempenho da equipe, na visão dos (as) atletas, demonstrado no Discurso do Sujeito Coletivo revela que podemos relatar diversas experiências nos treinos e jogos, umas compreensíveis, outras toleráveis e algumas muito desagradáveis, chegando ao ponto de agressão verbal mesmo, de uma pura demonstração de autoritarismo tornando o ambiente de treino ou jogo insuportável. Com certeza não só afeta o desempenho do atleta como de todo o grupo. Por outro lado atribuímos determinadas situações espantosas para as pessoas alheias à convivência existente entre esses atores sociais, pois, é notório observarmos atletas e equipes melhorarem ou piorarem de rendimento nos treinos e jogos somente após ouvirem os gritos dos técnicos. Já observamos técnicos perderem jogos pelo fato de se descontrolarem totalmente no aspecto emocional, o que prejudica o rendimento do grupo.

Em síntese, a concordância de ambos os gêneros é unânime em relação aos prejuízos que podem causar a altura e o timbre de voz quando mal utilizados pelos técnicos, tanto nos treinos como nos jogos de handebol. Chegam a relatar que algumas situações são até compreendidas como forma de motivação quando a equipe encontra-se desmotivada, não dando nada certo, porém, relatam casos desagradáveis de agressões verbais levando a equipe a um descontrole emocional total. Neste caso, mais uma vez percebemos a evidência de um poder autoritário, mesmo que de forma simbólica através da linguagem como é retratado nos estudos de Bourdieu (1998, p. 9) quando cita as formas de efetivação dos sistemas simbólicos nas relações de poder através da linguagem.

No que diz respeito à concessão de privilégios aos atletas de melhor rendimento técnico na ótica dos atletas explicitado no Discurso do Sujeito Coletivo, diz que, as experiências que podemos relatar nos treinos e jogos, na maioria das equipes, não têm nada contra, principalmente quando isso acontece de maneira justa, ou seja, para aqueles atletas que se destacam fisicamente, tecnicamente, taticamente e acima de tudo são pontuais e responsáveis em suas atividades práticas, seja em qualquer situação. Não concordamos quando as coisas acontecem de forma diferente, como por exemplo: privilégios para atletas irresponsáveis, que não cumprem com suas obrigações de atletas e que só são escalados nos jogos por pura amizade que tem com seus técnicos; é uma tremenda falta de respeito, ética e profissionalismo.

Em síntese, tanto o gênero masculino como o feminino, revela a existência de privilégios nas equipes de handebol. Dizem não ter nada contra, quando isto é concedido de forma justa aos atletas que se destacam pelos seus rendimentos físicos, técnicos e táticos e que fazem a diferença em qualquer equipe. Não concordam quando as coisas acontecem de forma diferente pela simples simpatia que os técnicos têm por determinados atletas que não rendem o suficiente para o crescimento da equipe, consideram tais atitudes como desrespeitosas para com os demais jogadores. Seria o caso dos micros poderes que Foucault (1979, p. 212) enfatiza nos vários contextos da sociedade.

No processo de reconhecimento de equívocos ou desconhecimento de alguma estratégia técnica/tática nos treinos e jogos na visão dos (as) atletas, conforme o Discurso do Sujeito Coletivo entendem que aqueles técnicos vistos como profissionais, pesquisadores do handebol, vencedores e éticos reconhecem seus equívocos ou desconhecimento sobre alguma estratégia técnica ou tática nos treinos e jogos chegando ao ponto de comentarem com seus atletas e até modificarem suas posições metodológicas de jogo em função desses erros cometidos. Também lamentamos quando aqueles técnicos que sabem de seus erros persistem errando e, não tem o mínimo de sensibilidade para admitirem tais equívocos por se considerarem os donos da verdade e esquecerem que todo ser humano é passivo de erros e quando reconhecidos são muito mais honrosos e gratificante para o grupo.

Em síntese, tanto o gênero masculino como o feminino admitem a existência de profissionalismo dos técnicos no desenvolvimento dos seus trabalhos, não tendo porque não admitirem seus erros ou desconhecimento de alguma situação técnica/tática de jogo. Dizem que lamentam quando percebem que alguns desses profissionais erram ou se equivocam em suas atitudes, mas jamais assumem seus erros, pois, se consideram os únicos que detém o conhecimento do handebol. Nessa situação, podemos identificar também as várias formas de efetivação de poder que Foucault (1979, p. 250) explica nas relações de poder como exemplos de relações de desigualdades no processo das relações sociais.

No que diz respeito ao processo de um bom, excelente ou regular relacionamento como forma de contribuição para o rendimento da equipe na perspectiva dos (as) atletas, conforme o Discurso do Sujeito Coletivo, afirmam que percebemos em qualquer tipo de grupo social, grande e diversificado em vários aspectos como um excelente, bom ou mau relacionamento, pode contribuir para um bom ou mau rendimento da equipe, acima de tudo, são seres humanos que precisam viver em constante diálogo para compartilharem suas dificuldades, angústias e desejos em prol do crescimento de toda a equipe. Dificilmente vamos encontrar perspectiva de crescimento em um grupo totalmente desestruturado, sem diálogo e sem um bom entrosamento; geralmente isso é característica marcante de equipes perdedoras, ou seja, é como se fosse uma família totalmente desestruturada que nada funciona, até o diálogo fica difícil é como se fosse um barco desgovernado e sem um bom relacionamento, as consequências são as brigas constantes, ficando difícil qualquer tipo de progresso.

Em síntese, fica claro na concepção do gênero masculino e feminino, que em qualquer tipo de relação social, como são os grupos esportivos de handebol, o tipo de relacionamento que se passa entre esses atores sociais pode interferir de forma bastante significativa para um bom ou mau rendimento da equipe nos aspectos técnicos e táticos. Enfatizam ainda, que quando um grupo se desestrutura, as consequências são desastrosas e os insucessos tendem a surgir com mais frequência para a equipe. Podemos enquadrar esta situação tanto nos estudos de Bourdieu (1998, pp. 7-8), quando aborda a questão da estruturação do poder

simbólico, como nos estudos de Moscovici (2009, p. 218), quando observa a especificidade do fenômeno das representações sociais no contexto social.

4.2.4 PROCEDIMENTOS TÉCNICOS E TÁTICOS NA PERSPECTIVA DOS TÉCNICOS (AS) /COMISSÃO TÉCNICA SEGUNDO AS SITUAÇÕES DE GÊNERO NO HANDEBOL

Estes procedimentos técnicos e táticos nos treinos e jogos podem ser observados nos grupos esportivos de gênero no handebol, na ótica dos (as) técnicos (as) focando as questões como: de comportamentos, definição de relacionamentos, tipos de atitudes, intervenções dos atletas, atribuições de responsabilidades, definição dos tipos de comportamentos, mediação de conhecimentos, avaliação de desempenho individual e grupal, tratamento das individualidades, construção das metodologias de treinos, experiências advindas de outras modalidades, consideração da participação dos atletas, retirada dos atletas dos treinos e jogos, a apropriação do timbre e altura de voz, concessão de privilégios, avaliação de metodologias de treinos e jogos, reuniões de planejamento, reflexão metodológica, trabalho da disciplina, aprofundamento dos conhecimentos teóricos, bem como os Discursos do Sujeito Coletivo (DSC) desses atores sociais abaixo:

No que diz respeito ao aspecto dos comportamentos dos técnicos nos treinos e jogos nos procedimentos técnico-táticos, explicitado no Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), na visão desses atores sociais apresentamos formas semelhantes de comportamentos que objetivam manter a disciplina dos atletas como: admitimos ser agressivos, mudamos de atitudes para incentivar o handebol em função da prática do futebol no município, somos exigentes e até chatos (as), falamos ser profissionais para manter a moral, comentamos sobre racionalidade, precisamos manter o controle emocional afim de que os atletas não percam o foco das situações de jogo, analisamos e avaliamos para fazermos as cobranças e, até aceitamos ser explosivos.

Em síntese, no que dizem respeito aos aspectos comportamentais dos técnicos nos treinos e jogos, os dois gêneros observam claramente formas de controles disciplinares para com os atletas como subsídios desses atores sociais em busca do rendimento técnico – tático da equipe. Isso nos faz comparar aos estudos

de Foucault (1987, p. 117), quando a ótica da situação comportamental foca a docilidade dos corpos dos seres humanos nos diversos contextos da vida social.

Quanto ao aspecto de definição do relacionamento do (as) técnicos (as) com os (as) atletas, explicitado no Discurso do Sujeito Coletivo, estes profissionais dizem que apresentam tendência a uma convivência amigável e familiar, porém, deixamos transparecer em nossas falas situações de cobranças em relação à disciplina, ao respeito, às obrigações como técnicos, tanto nos treinos como nos jogos, quando relatamos que somos amigos, pais, padrastos até certo ponto, mas se for preciso “puxamos a orelha” para conseguirmos nossos objetivos.

Em síntese, mesmo quando se trata da questão do relacionamento entre os atores sociais, os técnicos não abrem mão da questão disciplinar, enfatizando serem deles a autoridade maior no poder de decisão em relação aos atletas. Isto também perpassa pelos estudos de Foucault (1987, p. 117), quando da observação da docilidade dos corpos nos vários segmentos da sociedade, neste caso específico do handebol nos grupos de gênero.

Nesse aspecto que se refere à definição das atitudes — éticas, positivas, vencedoras, afetivas, cognitivas, autoritárias dos (as) técnicos (as) em relação aos (as) atletas nos treinos e jogos, explicitados no Discurso do Sujeito Coletivo, evidenciam que admitimos ser sérios (as), ao ponto de chegarmos a ficar com raiva, dizemos que temos atitudes autoritárias, quando percebemos que os atletas estão perdendo o foco de concentração nas diversas situações de treinos e jogos, onde precisamos intervir de forma mais séria, por uma questão de motivar os atletas, porém, nos consideramos éticos (as), afetivos (as), cognitivos (as) e vencedores (as) em nossas atitudes, respeitando os limites de cada um, com o intuito de mantermos uma hierarquia disciplinar perante nossos atletas. Sentimos também, uma extrema necessidade de ajustarmos nossos comportamentos em relação aos (as) atletas, para não deixar transparecer apenas o lado negativo de nossas atitudes comportamentais em relação a eles (as) nos treinos e nos jogos. No caso específico do gênero feminino, essas profissionais enfatizam desempenhar o papel de mãe nos aspectos de orientação escolar e familiar em seus cotidianos de vida social.

Em síntese, observa-se que a definição de tais atitudes, evidencia a necessidade de ajustes de comportamentos por parte desses profissionais, apesar

de se admitirem autoritários (as) para manterem a ordem dentro da equipe se dizem éticos (as), positivos (as), afetivos (as), cognitivos (as) e vencedores (as), para que os atletas não os vejam apenas como aqueles que só mandam para outros obedecerem, já que se consideram substitutos dos responsáveis desses (as) atletas nos mais diversos tipos de orientações que precisam no seu dia a dia. Nesta situação podemos relacionar com os estudos de Foucault (1979, p. 250), quando compara uma relação de desigualdade com as relações de poder e a representatividade da simbologia do poder através de Bourdieu (1998, p. 10), que demonstra a manifestação dos símbolos como instrumentos por excelência da “integração social”, ou seja, mesmo simbolicamente o homem pode interagir perfeitamente de forma produtiva em qualquer relacionamento social.

No que diz respeito às intervenções dos atletas, nos treinos e jogos os (as) técnicos (as) admitem no Discurso do Sujeito Coletivo, que elas são positivas, produtivas, somam, pois, há um diálogo aberto com nossos (as) jogadores (as) sobre tudo que ocorre nos treinamentos e após as competições, isto serve para observarmos o nível de assimilação dos conteúdos por parte dos atores envolvidos em todo o processo de desenvolvimento da equipe, principalmente pela falta de mais intercâmbio, o que leva os atletas pensarem que já dominam o jogo, podendo ter influencia direta no rendimento técnico e tático. Procuramos mostrar que eles podem intervir a qualquer momento, pois, não somos os donos da verdade, mas em algumas situações dizem que descartam as informações que julgam não contribuir de forma positiva para a equipe.

Em síntese, quanto ao processo de intervenções dos atletas nos treinos e jogos, os (as) técnicos (as) estes demonstram serem democráticos, compreensivos e atenciosos, inclusive após as competições, porém deixam escapar em suas falas um pouco do exercício do poder autoritário ao afirmarem que descartam as intervenções improdutivas dos atletas que por ventura não contribuam para o melhor rendimento da equipe. Isto evidencia um tipo de julgamento com características próprias de profissionais que camuflam o autoritarismo através da simbologia do poder observado nos estudos de Bourdieu (1998, pp. 14-15), onde nos fala que a crença está fundamentada no poder das palavras, principalmente nas palavras de ordem, como podem acontecer em qualquer tipo de razão de poder.

Quanto ao aspecto de atribuir responsabilidades aos (as) atletas sobre procedimentos técnicos e táticos nos treinos e jogos, os (as) técnicos (as), observam no Discurso do Sujeito Coletivo, que assumem completamente que todas as responsabilidades são deles (as), podendo até existir colegas de profissão que dividem tais compromissos com os jogadores ou atribuem totalmente esses afazeres aos seus atletas mais experientes, como montar uma jogada técnica e tática para a finalização de *pivôt*, aplicar variações de sistemas defensivos ou até mesmo comandar as substituições dos atletas durante o jogo, afim de que eles possam se sentir tão importantes para a equipe quanto a figura do próprio técnico no que diz respeito às tomadas de decisões em prol dos benefícios do clube nos treinamentos e competições. Temos que fazer os (as) atletas pensarem. Podemos perceber a divisão de responsabilidades quanto ao crescimento técnico e tático da equipe tanto nos treinos quanto nos jogos.

Em síntese, os (as) técnicos (as) dizem assumir quaisquer responsabilidades sobre os procedimentos técnicos e táticos durante os treinos e jogos, porém não descartam a existência de alguns profissionais que dividem ou atribuem esses compromissos aos atletas mais experientes. Observa-se, portanto, nesse contexto, a figura de dois tipos de profissionais, um totalmente comprometido com os interesses da equipe, mas com características autoritárias, coercitivas, que se sente o detentor do poder do conhecimento e, outro, considerado mais democrático, que divide as responsabilidades com toda a equipe dando oportunidade aos (as) atletas de pensar também naquilo que é importante para o crescimento da equipe. Podemos analisar tudo isso na ótica de Foucault (1988, pp. 104-106) quando apresenta uma série de proposições que podem ser canalizadas ao disciplinamento dos corpos esportivos dos (as) atletas nos treinos e jogos.

No contexto de definição de como os (as) técnicos (as) definem seus comportamentos morais, organizacionais, agressivos, sexuais, de trabalho, etc. — com os seus atletas nos treinos e jogos, o Discurso do Sujeito Coletivo deles (as) observa que aquilo que definimos como, normais, razoáveis e adequados, pois, nos tratamos como se fossemos uma família, onde há todo o tipo de conflito, mas também deve haver o diálogo e o respeito mútuo dentro dos padrões éticos de comportamento do ser humano, porém, enfatizamos a questão da reciprocidade

respeitosa de que um convívio familiar requer, já que sempre agimos com educação e profissionalismo sendo enérgicos e éticos para manter a moral, em primeiro lugar, como forma correta, coerente e paternalista com os nossos atletas durante os treinos e jogos. Em algumas situações o gênero feminino (técnicas) admite ser agressivo dentro de quadra, mas com o cuidado de saber para qual atleta estão se dirigindo, procurando saber separar o lado do específico de técnico e do educador, sem deixar de considerar as questões éticas e morais muito importantes em qualquer tipo de comportamento e relacionamento humano.

Em síntese, é uma situação em que os (as) técnicos (as) mostram a importância da preservação da moral e dos bons costumes em uma relação de grupos, onde todo tipo de comportamento pode interferir de forma positiva ou negativa para o desenvolvimento do ser humano, mesmo nas situações de atitudes agressivas de comunicação com esses atores sociais. É um aspecto de relevância no contexto das relações de gênero abordadas por Stearns (2007, p. 18), quando observa que os valores de gênero são profundamente pessoais, haja vista que fazem parte da identidade individual e pessoal, do poder das representações sociais de Moscovici (2009, p. 219), onde observa o processo cognitivo na possibilidade de organização social.

Quanto ao aspecto da mediação dos conhecimentos com os (as) atletas nos treinos e jogos, o DSC dos (as) técnicos (as) observa que, afirma concordar plenamente com a mediação dos conhecimentos entre técnicos e atletas envolvidos no processo de evolução da equipe, pois, ninguém é dono da verdade, os jogadores podem ser inexperientes em algumas formas técnicas e táticas de jogo, porém, podem contribuir com outras experiências de outros desportos, diálogos com os colegas e, até experiências de vida, que possam ajudar os menos experientes nas tomadas de decisões, porque eles que vivenciam mais diretamente o clima dentro da quadra, sem contar que os atletas de hoje, poderão ser os futuros técnicos de amanhã. Porém, alguns treinadores acham que seus atletas jamais irão divergir de suas opiniões nos treinos e jogos, pois os respeitam muito, ou não têm senso de avaliação que venha contribuir para o crescimento da equipe; o que pode parecer uma atitude extremamente autoritária e antidemocrática por parte dos técnicos na construção do conhecimento.

Sintetizando as falas dos (as) técnicos (as), para a maioria observa-se a importância do processo democrático no processo de mediação dos conhecimentos com seus (as) atletas, dizem não serem os donos da verdade e, que mesmos os (as) atletas inexperientes podem contribuir com outras formas de conhecimento nesse aspecto de mediação dos conhecimentos em prol das tomadas de decisões dentro de quadra, já que podem futuramente ser profissionais da área. Como também existem alguns treinadores antidemocráticos, autoritários que imaginam que os (as) atletas não divergem de suas opiniões por respeitar a figura desses profissionais ou desconhecem processos de avaliação que possam contribuir para o progresso da equipe. Podemos relacionar este contexto com os estudos de Foucault (1979, p. 180), quando observa que há uma obrigação pelo poder de produzirmos a verdade, não apenas para caracterizar o seu mecanismo, como também sua intensidade e constância.

Nas abordagens sobre como os técnicos (as) avaliam o desempenho individual e grupal dos (as) atletas em termos organizacional — metodologia/diagnóstico/análise — e ético, o Discurso do Sujeito Coletivo desses atores sociais observa que, avaliamos esses aspectos de acordo com cada necessidade do (a) atleta ou da equipe, ou seja, os fatos individuais ou grupais vão surgindo e procuramos resolver conforme suas especificidades, como o desempenho físico, técnico e tático que podem interferir de forma direta ou indireta no rendimento da equipe. Também podem ser casos de casos de ordem familiar, social, disciplinar e até ético, onde utilizamos de técnicas avaliativas que vão desde uma simples observação individual e grupal até a utilização de recursos mais sofisticados como: filmagens, escaltes e outros, procurando fazer os devidos ajustes e sempre incentivando para que os atletas busquem a superação de seus limites para a de toda a equipe.

Em síntese, a avaliação individual e grupal dos atletas em termos organizacional, metodológico, diagnóstico, análise e ético não deixa de ser um resumo da preocupação metodológica/organizacional mostrada pelos (as) técnicos (as) e obedecendo a determinados critérios éticos de análise avaliativa, que procuram superar limites em busca da performance de rendimento como um todo. É como observa os estudos de Bourdieu (1990, p. 153), ao comparar um espaço social

a um espaço geográfico, onde internamente recortam-se regiões, porém é um espaço que se efetiva conforme a situação de proximidade que se encontrarem os grupos ou instituições.

No contexto de como os (as) técnicos (as) tratam as individualidades dos (as) atletas nos treinos e jogos tomando por base as exigências de suas performances, o Discurso do Sujeito Coletivo observa que analisamos individualidades dos atletas em busca da performance, de acordo com a ótica técnica que nos é peculiar, sempre respeitando as particularidades e observando as características individuais de desempenho físico, técnico e tático, valorizando a capacidade de criação de cada atleta, corrigindo o que possivelmente os mesmos não conseguem ver, criando trabalhos em busca de novas estratégias técnicas e táticas de jogo com o intuito de que os jogadores construam as suas próprias individualidades, é uma relação totalmente democrática, de escuta, de observação, de diálogo claro e aberto em busca de uma performance que possibilite a equipe crescer no seu dia a dia.

Em síntese, percebemos que no que diz respeito ao tratamento das individualidades dos atletas é observada uma relação técnico(as) / atletas totalmente aberta em busca da construção do conhecimento procurando valorizar o potencial criativo desses atores sociais, com as devidas orientações em busca de que eles estruturam suas próprias individualidades inseridas num processo democrático de diálogo aberto em prol do crescimento da equipe. É uma situação que pode ser contextualizada nos estudos de Foucault (1988, p. 107) que trata da preocupação do disciplinamento dos corpos em qualquer situação que esses fossem expostos à determinadas análises relacionadas à instituição do poder e inclusive no culto ao corpo esportivo.

Quanto ao aspecto da construção de metodologias de treinos e jogos — diagnóstico e análise de desempenho — fundamentada ou não nas intervenções dos (as) atletas nos treinos e jogos, o DSC dos (as) técnicos (as) observa que, construímos as metodologias de treinos e diagnósticos tomando por base as experiências adquiridas, ao longo dos anos, como treinadores e recorrendo as bibliografias especializadas ou até mesmo a recursos tecnológicos como a internet e outros. Admitimos também escutar os atletas para desmistificar a imagem do técnico carrasco e durão que alguns (as) atletas têm de nós. Em suma, nós técnicos

pautamos a construção de nossas metodologias nos nossos conhecimentos teóricos, tecnológicos e práticos, porém, admitimos que as intervenções dos atletas contribuem de maneira significativa, principalmente quando se trata de dividir as responsabilidades.

Sintetizando os discursos dos (as) atletas percebe-se que as metodologias de treinos e diagnósticos são construídas em função do tempo de experiência profissional que os (as) técnicos (as) possuem no exercício profissional, fundamentado no acervo bibliográfico especializado e nos recursos tecnológicos. Aditem ouvir os (as) atletas com o intuito de não passar a imagem de técnicos (as) autoritários (as) e coercitivos (as). Não deixa de ser aquilo que Soares (2008, pp. 80-81), inserido na ótica foucaultiana, diz que o esporte exerce uma forma de poder sobre os corpos esportivos levando em consideração que o rendimento e o espetáculo do corpo fazem parte de uma pedagogia higiênica que desempenha função única sobre o cotidiano do ser humano compondo a regulação da sua vida, bem como os estudos de Foucault (1979, p. 180) que aborda a organização das relações de poder na sociedade atual.

Quanto ao aspecto de considerar as experiências, advindas do conhecimento de outras modalidades esportivas, apresentadas em intervenções pelos (as) atletas, no processo de planejamento da metodologia do treinamento explicitado no DSC dos técnicos (as) considera as experiências advindas de outras modalidades desportivas como o Atletismo, o Futebol, o Futsal e o Voleibol contribuem de maneira bastante significativa na prática do handebol, pois, identificamos gestos motores muito semelhantes aos do handebol entre tais desportos praticados pelo homem há várias décadas diferenciando apenas quanto as suas regras específicas e, inclusive, na forma de planejar os desportos coletivos em que focamos na equipe como um todo em busca de um objetivo único que é o resultado positivo. Portanto, os conhecimentos adquiridos pelos atletas, com outros desportos, só vem a somar na produtividade da equipe como um todo.

Em síntese, os (as) técnicos (as) consideram as experiências que os (as) atletas trazem de outras modalidades desportivas, por entenderem que tudo aquilo que venha somar positivamente para o crescimento técnico / tático da equipe não deve ser descartado. Porém, deve-se levar em consideração a especificidade de

planejamento em função do desporto que se está trabalhando focando a equipe de maneira global. Esta situação pode ser direcionada aos estudos de Bourdieu (1990, p. 208) que aborda a questão da compreensão do esporte perpassando pelo entendimento do reconhecimento da posição que ocupa no espaço das modalidades esportivas que pode ser construído com base num conjunto de indicadores.

Em relação à participação dos (as) atletas nas decisões técnicas e táticas como forma de contribuição ou não para melhoria do rendimento da equipe nos treinos e jogos explicitados no DSC dos (as) técnicos (as), onde observa que aceitam as interferências diretas dos jogadores nos treinos e jogos e achamos de fundamental importância que esses atores sociais participem de forma bastante ativa, pois entendemos que fazem parte do grupo como um todo e que sem atletas não se precisaria de técnico ou comissão técnica para trabalhar. O DSC afirma que são os atletas os vivenciadores de forma mais direta todas as situações técnicas, táticas e até de stress dentro de quadra e que podem, sim, participar de forma decisiva do rendimento técnico-tático da equipe nos treinos e jogos.

Em síntese, seria o reconhecimento dos (as) técnicos (as) sobre todas as formas de intervenções dos atletas nos treinos e jogos em busca da performance da equipe, inclusive aquelas em que a adrenalina dos atores envolvidos encontra-se no seu pico mais alto. Demonstra que os (as) atletas são importantes para a existência da equipe e caso contrário não haveria a necessidade de técnicos (as) para trabalhar. Acrescenta ainda que são os jogadores (as) que vivenciam de forma mais reta as diversas situações dentro de quadra e; inclusive de stress. Este contexto pode ser encaixado nos estudos de Moscovici (2009, p. 218), onde diz que qualquer que seja o tipo de representação social constitui-se de tal forma que não é difícil identificar o seu ponto de origem, mesmo que de forma incompleta em qualquer contexto da sociedade.

Quanto ao aspecto de retirar os atletas dos treinos e jogos, seja por irreverência, antipatia, por displicência, seja por outro motivo qualquer, o DSC dos (as) técnicos (as) enfatiza que, consideramos tal fator, o alicerce para demais atitudes comportamentais, como o respeito, a displicência e até mesmo a antipatia. É como se fosse uma pirâmide, onde a base seria a parte disciplinar que vai nos dar o sustento para construirmos com mais segurança as outras partes. Relevamos

muito esses aspectos nos treinos, porque entendemos que são momentos que os atletas estão aperfeiçoando seus conhecimentos para aplicar nas competições.

Em síntese, quanto a retirada dos (as) atletas de quadra nos treinos e jogos por qualquer motivo que prejudique a equipe no rendimento técnico / tático, os (as) técnicos (as) dizem ser compreensivos, pois, trata-se de um aspecto muito importante nas relações sociais que é a questão da disciplina considerada como base estrutural de uma pirâmide que sustenta os outros valores de comportamento do ser humano. Portanto, se a estrutura básica é destruída, as demais partes desmoronam. Isto nos remete aos estudos de Foucault (1979, p. 190) onde observa que as relações de poder também geram normas disciplinares que estão presentes nos discursos heterogêneos das ciências humanas.

No que diz respeito ao processo de saber se o timbre e altura de voz são apropriados no tratamento com os seus atletas nos treinos e jogos, o DSC dos (as) técnicos (as) observa que, admitimos falar alto ou até mesmo gritar, achamos perfeitamente nossas atitudes normais com relação às conversas, instruções técnicas e táticas para os nossos atletas porém atribuímos alguns desvios temperamentais a própria convivência técnico/equipe, pois para eles, o timbre e altura da voz pode ser sinônimo de respeito, autoridade, segurança, superioridade compreensão ou até mesmo de um perfeito entrosamento entre nós . Em síntese, quanto ao aspecto do timbre e altura de voz dos (as) técnicos (as) pode ser entendido de várias formas no tratamento com os atletas, principalmente, na transmissão de segurança e a autoridade. Os (as) técnicos (as) dizem que falam alto ou até gritam, mas que consideram como atitudes normais, atribuindo os desvios comportamentais em função do nível de convivência entre técnico (a) / equipe. Acrescentam ainda que falar alto transmite segurança e autoridade. Mais uma vez podemos localizar tal contexto nos estudos de Bourdieu (1998, p. 9) quando cita as formas de efetivação dos sistemas simbólicos nas relações de poder através da linguagem.

Quanto ao aspecto da concessão de privilégios aos (as) atletas de melhor desempenho tecnicamente, o DSC dos (as) técnicos (as) afirma que quando se trata de um grupo unido com objetivos definidos esse tipo de situação não deve acontecer em consequência de desestruturar o grupo, porém, há casos em que temos que

reconhecer que alguns atletas que se destacam individualmente por suas performances físicas, técnicas e táticas, tanto nos treinos como nos jogos, merecem mais oportunidades de começarem jogando, serem capitães de equipe e representantes dos demais atletas perante a comissão técnica. Esta situação não constitui concessão de privilégio, mas uma forma de exemplo positivo, como forma de incentivo ao crescimento dos demais membros do grupo. Portanto, primamos por um trabalho coletivo e unificado em prol de um objetivo único que é o progresso da equipe.

Em síntese, os (as) técnicos (as) observam que a concessão de privilégios aos atletas de melhor desempenho técnico não deve acontecer quando se tratar de um grupo uniforme em todos os aspectos, pois, pode causar desestruturação do mesmo por alguém se sentir desprestigiado. Contudo admitem que se algum (a) atleta (a) se sobressai sobre os demais jogadores nos aspectos físico, técnico e tático, não tem porque deixar de oferecer mais oportunidades nos treinos e jogos. Os estudos de Foucault (1979, p. 250) observam que numa relação desigual com certo grau de estabilidade, como são as relações de poder, ficará evidenciado a posição de um em cima e o outro em baixo com diferenças de potenciais.

Em relação à efetivação de avaliações da metodologia dos treinos e jogos considerando os equívocos ou desconhecimentos de estratégias – técnicas e táticas – que demonstram pouca eficácia nos treinamentos, o DSC dos (as) técnico (as) observa que, apesar de muitas vezes o tempo que temos para planejarmos e desenvolvermos toda a periodização de treinamentos de preparação para as competições pode ser limitado, mas adaptamos os tipos de avaliações metodológicas, em função das nossas experiências de trabalho, das vivências dos atletas com outras modalidades. Após os treinos ou durante as viagens de competições onde temos um pouco mais de tempo com o grupo reunido, tudo está relacionado com a absorção dos trabalhos pelos atletas ou por algum equívoco nosso relacionado com as novas metodologias de treinamento, que possam afetar de maneira decisiva no rendimento da equipe diante de outros adversários ou nos treinos propriamente ditos.

Em síntese, os técnicos (as) acham de fundamental importância para a evolução da equipe a busca de novos conhecimentos técnicos e táticos do desporto

handebol através da evolução tecnológica, das metodologias de treinamentos, dos intercâmbios culturais, com o objetivo de atingir a performance técnica e tática do grupo. Tal situação pode ser analisada tomando por base o estudo das representações sociais de Moscovici (2009, p. 216) onde observa que tais representações são complexas, pois, servem de referência aos modos de pensar preexistentes e dependentes de crenças sistematizadas sustentadas em valores, tradições e imagens do mundo.

Quanto ao aspecto de fazer reuniões de planejamento e avaliações com os seus atletas para treinamentos e jogos, o DSC dos (as) técnicos (as) observa que, tudo está em função da disponibilidade de tempo, mas algumas vezes servem mais para resolver assuntos particulares justamente pelo comprometimento dos(as) jogadores(as) serem muito escassos em função de afazeres escolares ou profissionais, isto acaba comprometendo a especificidade do planejamento físico, técnico e tático, pois além de técnicos, temos que desempenhar outras funções como: pais, psicólogos, irmãos e outros. O mais comum são os comentários antes ou após os treinos e jogos ou ainda durante as viagens de competições, que nos obriga estarmos juntos por um pouco mais de tempo.

Em síntese, as reuniões de planejamento e avaliações, na ótica dos (as) técnicos (as) estão relacionadas com a disponibilidade de tempo desses profissionais, que segundo os mesmos, acaba prejudicando de uma forma ou de outra toda a estrutura e forma de organização de planejamento que teríamos para desenvolver algum tipo de trabalho mais coeso e eficaz com as equipes. É uma abordagem que enfatiza significados de ocupações, podendo se encaixar nos estudos de Bourdieu (1998, p.15) onde observa as interpretações das formas de manifestações simbólicas do poder no contexto social.

No que diz respeito ao costume de fazer reflexão junto à sua equipe, sobre a metodologia empregada nas sessões de treinos e jogos, o DSC dos (as) técnicos (as) observa que acha muito importante refletir sobre tudo aquilo que envolve o planejamento metodológico para os nossos(as) atletas nos treinos e jogos, porém como já foi relatado, isto só poderá ocorrer muito em função da disponibilidade de tempo das partes envolvidas. Sempre que possível, fazemos escaltes dos erros e acertos referentes às performances dos (as) jogadores (as), conversamos sobre os

adversários, tudo com o intuito de suprir a deficiência de um tempo maior para desenvolvermos um trabalho com mais qualidade.

Em síntese, o processo de reflexão metodológico dos (as) técnicos (as) diz respeito a necessidade de uma maior disponibilidade de tempo para que haja um trabalho mais aprofundado sobre as metodologias de treinamentos empregadas com as equipes em busca de um trabalho de melhor qualidade nos treinos e jogos. Isto pode se encaixado nos estudos de Bourdieu (1990, p. 212) quando observa teoricamente que a ideia de espaço dos esportes, ou de outra maneira, observações de campo de poder, por mais que fique sem análises, sem fórmulas de prevenções e orientações, não inviabiliza que o pesquisador analise e escolha seus objetos de estudos e aumente a perspectiva de resultados.

Quando se trata de trabalhar a disciplina com os seus atletas levando em consideração o regulamento das competições, o DSC dos (as) técnicos (as) observa que, é sem dúvida um fator primordial para o crescimento da equipe em todos os aspectos, sejam de ordem moral, social e até na formação do caráter do atleta. Trabalhamos de várias formas essa questão disciplinar, desde o planejamento, construindo passo a passo a formação do atleta como membro de uma sociedade em transformação. Levamos em consideração desde a postura dos atletas perante aos companheiros e adversários, frequência nos treinos e jogos, desempenho técnico e tático, até a obediência de fato às regras e regulamento das competições, pois, ajudam de maneira significativa não só no bom desenvolvimento dos jogos como no crescimento do ser humano enquanto membro importante de uma estrutura social.

Em síntese, quando se trata do enfoque disciplinar para os (as) técnicos (as), eles dizem não abrir mão da questão, tanto nos treinos como nos jogos, pois, a indisciplina atropela qualquer forma de regra desportiva como incentiva o descumprimento do regulamento das competições, provocando a mudança de comportamento dos atores sociais. Este DSC nos remete aos estudos de Foucault (1998, pp. 104-106) onde observa um conjunto de proposições e princípios do poder que podem ser canalizados ao disciplinamento dos corpos esportivos dos (as) atletas nos treinos e jogos.

Quando se trata do aprofundamento dos conhecimentos teóricos em busca de novas metodologias que possam possibilitar melhorias no seu trabalho prático nos treinos e jogos, o DSC dos (as) técnicos (as) observa que, somos coerentes que dentro da medida do possível, da disponibilidade de tempo em função de nossos afazeres profissionais, sempre estamos em busca de expandirmos nossos embasamentos teóricos através de novas literaturas específicas do desporto handebol ou de conteúdos complementares, a fim de aplicarmos nos treinos e jogos. Buscamos recursos tecnológicos através da internet, cursos com treinadores nacionais e internacionais ou até mesmo através da troca de informações com profissionais da área que consideramos referência no desporto handebol, como também pelas próprias experiências como ex-atletas dessa modalidade desportiva.

Em síntese, no que diz respeito ao aprofundamento dos conhecimentos teóricos os (as) técnicos (as) dizem que sempre buscam se atualizar, cada um de acordo com suas disponibilidades de tempo e limitações em relação ao desporto handebol. Buscam recursos tecnológicos extras na internet, fazem cursos nacionais e internacionais ou trocam informações com profissionais da área. Isto pode ser canalizado para os estudos de Moscovici (2009, p. 218) onde observa que independente do tipo de representação social, constitui-se de tal forma que não é difícil identificar sua origem, mesmo que de forma incompleta, possibilitando que outros fenômenos ou discursos modifiquem uma dada representação.

Observa-se também, de acordo com Stearns (2007, p. 18) que os valores de gênero são profundamente pessoais, haja vista que fazem parte da identidade individual e social, onde as pessoas podem oferecer resistência ao substituírem os padrões que definem masculinidade e feminilidade, mesmo nas situações que sofrem pressão por um modelo de sociedade bem sucedida e detentora do poder, como também podem encontrar estratégias de compensar qualquer tipo de concessão que sejam obrigadas a executar. Daí justificar-se o enquadramento do desporto handebol nos procedimentos técnicos e táticos na perspectiva dos técnicos (as) /comissão técnica segundo as situações de gênero no handebol.

4.2.5 O DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO (DSC) NO PROCESSO DE DISCIPLINARIAMENTO DOS CORPOS PELAS RELAÇÕES DE PODER E GÊNERO NO HANDEBOL

Esta abordagem está fundamentada nas análises evidenciadas no DSC dos (as) técnicos participantes do contexto estrutural da pesquisa, onde observa que o processo de disciplinamento dos corpos pelas relações de poder e gênero no handebol tramita por situações que esses atores sociais enfocam em suas falas durante as relações sociais nos treinos nos treinos e jogos como determinantes para tal fator em relação aos seguintes aspectos:

- a) Que os comportamentos dos (as) técnicos (as) definem padrões disciplinares dos corpos esportivos nas relações de poder e gênero no handebol, a partir do momento em que os desvios comportamentais ocorrem com os comandantes das equipes quando de suas atitudes coercitivas pelas quais são levados em função dos altos níveis de adrenalina durante as situações de treinos e jogos. Não deixa de ser um método equivocado para elucidar o fator disciplinar visto se tratar de uma relação entre seres humanos onde a diferença encontra-se apenas na gama de conhecimentos e na ocupação de posições dos espaços de quem comanda em relação aos comandados;
- b) O aspecto do relacionamento com os (as) atletas definem padrões comportamentais no processo de disciplinamento dos corpos esportivos pelas relações de poder, haja vista às atitudes dos (as) técnicos (as) quando de suas cobranças para que a disciplina seja mantida pelos (as) jogadores (as) durante os treinos e jogos. Como também têm profissionais que dizem desempenharem outros papéis como de pais, por exemplo, mas que puxam as orelhas dos (as) atletas quando necessário. Não deixa de ser uma forma de estabelecimento de normas disciplinares neste tipo de relação social;
- c) Que as atitudes éticas, afetivas, cognitivas, autoritárias dos (as) técnicos (os) disciplinam os corpos esportivos a partir do momento que os limites de respeito numa relação social como dos (as) técnicos (as) com seus (as) deixa de existir, desaparecendo com isso alguns valores éticos e afetivos prevalecendo apenas o poder autoritário do profissional que teoricamente detém o domínio do conhecimento do handebol. Neste caso, seria um

processo de disciplinamento não compatível desses corpos esportivos, fato que é característico das relações desiguais de poder, quando o ideal seria uma educação disciplinar dos jogadores (as) respeitando o direito de ir e vir de cada um;

- d) Que atribuir responsabilidades aos atletas sobre os procedimentos técnicos e táticos nos treinos e jogos, pode ser sinônimo de disciplinamento nas relações de poder e gênero no handebol, no contexto de contribuir para o crescimento individual e grupal de uma equipe mostrando para os jogadores (as) que sem disciplina fica difícil atingir os objetivos desejados em busca do rendimento de qualquer equipe desportiva;
- e) Que definir da melhor maneira possível os comportamentos morais, organizacionais, sexuais, de trabalho com os (as) atletas facilita o processo de disciplinamento dos corpos pelas relações de poder e gênero no handebol. O diálogo e o respeito mútuo podem manter os padrões éticos de comportamentos, pois, trata-se de relações entre seres humanos onde o bom senso deve prevalecer para que haja o crescimento da equipe como um todo, principalmente nos aspectos considerados positivos;
- f) Que mediar os conhecimentos com os (as) atletas não deixa de contribuir para o processo de disciplinamento dos corpos nas relações de poder e gênero, isso mostra que ninguém é dono da verdade, que os valores não deixaram de existir e estão presentes em qualquer tipo de relação social para serem discutidos, cultivados, aproveitados em prol de qualquer processo como é o caso do valor disciplinar na sociedade moderna;
- g) Que saber tratar as individualidades dos (as) atletas, contribui para o disciplinamento dos corpos esportivos, pois, faz com que seja preservado o respeito disciplinar entre esses atores sociais para que as evidências de comando do (a) técnico (a) não sejam entendidas como apenas formas de poder coercitivo com efeitos perversos que inviabilize o crescimento técnico e tático de uma equipe de handebol;
- h) As metodologias de treinos de treinos e jogos – diagnóstico e análise de desempenho intervêm no processo de disciplinamento dos (as) atletas nos treinos e jogos nas relações de poder e gênero principalmente quando os (as) técnicos (as) ditos querem mudar a imagem de autoritários perante a equipe

construindo processos metodológicos aproveitando ao máximo as intervenções de seus (as) jogadores (as). Não deixa de ser a conduta disciplinar sendo obedecida por esses atores sociais por ter que se encaixar naquilo determinado pelos (as) técnicos sendo o ideal para a melhoria de rendimento da equipe, tanto de forma teórica como prática;

- i) A retirada dos (as) atletas dos (as) dos treinos e jogos por irreverência, antipatia displicência ou outro motivo qualquer, pode ser uma maneira de disciplinar os corpos esportivos como afirmam os (as) técnicos (as) no DSC por considerarem o alicerce das demais atitudes comportamentais, porém, às vezes causam consequências desastrosas para os jogadores (as) ou até toda a equipe, como abalar o sistema nervoso, evidenciar o constrangimento, autoritarismo e etc. O Ideal seria o diálogo aberto entre técnico (as) e atletas das equipes de handebol, haja vista tratar de seres humanos iguais a eles e que estão passivos de errar também;
- j) O timbre e altura de voz geralmente são sinônimos para alguns técnicos (as) de processos disciplinares dos corpos esportivos dentro de uma equipe, pois, esses atores sociais acham que gritando conseguem resolver determinados tipos de problemas com seus jogadores (as) nos treinos e jogos. Muitas das vezes só tem a prejudicar no aspecto emocional da equipe, principalmente quando o grupo é bastante diversificado nas formas comportamentais de assimilação de determinadas atitudes desses profissionais que trabalham com modalidades desportivas, no caso o handebol. Admite-se que tem atletas acostumados (as) a obediência técnica e tática sob os gritos dos técnicos, mas isso já passa ser entendido como uma questão de convivência entre esses atores sociais;
- k) A concessão de privilégios para os (as) atletas de melhor rendimento nos treinos e jogos, pode ser sinônimo de disciplinamento dos corpos esportivos nas relações de poder e gênero para uns (as) e para outro (as) fator de discriminação ou exclusão, o que pode causar uma total desestabilidade da equipe. Porém, quando esse aspecto é tratado de forma democrática e esclarecedora facilita o processo disciplinar, pois, os atores sociais entenderão que os (as) técnicos estão tentando recompensar seus esforços e dedicação em busca do rendimento da equipe;

- l) As avaliações das metodologias dos treinos e jogos considerando equívocos ou desconhecimento de estratégias técnicas e táticas de jogo interferem no processo de disciplinamento dos corpos esportivos, a partir do momento que os (as) técnicos (as) mostram para seus (as) atletas que os erros ou equívocos dentro de um processo de construção do conhecimento podem melhorar os seus desempenhos, pois possibilita que haja um diálogo mais democrático entre comandantes e comandados em busca de um objetivo comum que são os resultados positivos;
- m) As reuniões de planejamentos e avaliações possibilitam o processo de disciplinamento dos corpos nas relações de poder e gênero, porque avaliando o que está certo ou errado, aprendemos a nos disciplinar a fazer as coisas com organização e transparência, haja vista que os erros ou equívocos acontecem em qualquer tipo de relação, cabendo ao ser humano ter discernimento para admiti-los e mudar suas maneiras de pensar em prol de seu crescimento pessoal ou grupal;
- n) O processo de reflexão junto à equipe sobre a metodologia empregada nas sessões de treinos e jogos ajuda no aspecto de disciplinamento dos corpos nas relações de poder e gênero pelo fato de que às vezes agimos por impulsos que nem sempre são os ideais para as tomadas de decisões consideradas como as mais sensatas, portanto a reflexão não deixa de ser uma forma coerente da estabilidade disciplinar de uma equipe para alcançar o rendimento desejado;
- o) Trabalhar a especificidade da disciplina nos corpos esportivos nas relações de poder e gênero levando em consideração o regulamento das competições é fator primordial para se alcançar os objetivos desejados nos treinos e principalmente nas competições propriamente ditas. Os campeonatos são regidos por regulamentos fundamentos nas regras oficiais das modalidades esportivas, portanto, o comportamento disciplinar dos atores sociais focado nesses aspectos citados pode amenizar os descontroles emocionais e comportamentais que na maioria das vezes interferem no rendimento da equipe justamente nas situações mais importantes que são as competições.
- p) Aprofundar os conhecimentos em busca de novas metodologias que possam melhorar o trabalho prático nos treinos e jogos ajuda também no processo de

disciplinariamente dos corpos esportivos nas relações de poder e gênero a medidas em que os (as) técnicos (as) mostram para os (as) atletas que aprofundando os conhecimentos teóricos eles podem melhorar seus comportamentos disciplinares tanto nos treinos como nos jogos, já que suas tomadas de atitudes podem ser feitas de forma mais coerente e consciente minimizando as possibilidades de prejuízos para todo o grupo.

Como podemos perceber em todo o contexto explicitado anteriormente, o processo de disciplinamento dos corpos esportivos nas relações de poder e gênero no handebol trazem implícito certo grau de complexidade em suas análises, mas também mostra que quando tudo é feito com muita organização e uma boa fundamentação teórica dos objetivos a serem alcançados, os efeitos de êxito, inclusive dos aspectos disciplinares dos corpos dos atores sociais tendem a ser muito maiores para o processo de crescimento de qualquer equipe desportiva em busca do rendimento.

4.2.6 O DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO (DSC) NAS FORMAS DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SIMBÓLICAS DAS RELAÇÕES DE PODER E GÊNERO NO HANDEBOL

As formas de representações sociais simbólicas das relações de poder e gênero no handebol observado no DSC dos atores sociais da pesquisa evidenciaram várias formas de reconhecimento de tais representações como, nos tipos de relacionamentos, comportamentos, experiências de conhecimentos, avaliação de desempenho, tratamento das individualidades, construção de metodologias, tipos de atitudes, interferência do timbre de voz, concessão de privilégios, reconhecimento de equívocos e planejamentos etc. Tudo isso canalizados para os estudos de Moscovici (2009, pp. 218-219) onde nos fala que independente do tipo de representação social vai se constituir de tal forma que não será difícil identificar o seu ponto de origem, por mais que seja de forma incompleta, dando possibilidades para que outros fenômenos ou discursos modifiquem uma dada representação. Acrescenta ainda que o processo cognitivo pode possibilitar a organização social partindo do pressuposto que há uma forma de governar, que os sistemas simbólicos determinem modos efetivos de vivências dos seres humanos por intermédio da linguagem reconhecida como uma das formas mais importantes

do processo de comunicação. Quanto a esse aspecto, podemos concordar com as afirmações desse autor que sem linguagem (seja qual for a espécie) não existem representações sociais, da mesma forma que sem elas não existe nenhum modelo de sociedade.

É fato que de acordo com essa análise os estudos de Bourdieu (1990, p. 7-9) devem ser considerados nos aspectos referentes às relações de poder simbólicas em qualquer contexto de discussão, como os já citados no parágrafo anterior, mostrando que a invisibilidade do poder é fato, porém, dentro de qualquer relacionamento social ele se efetiva de forma positiva ou negativa conforme o nível de convivência de uma dada relação, mas é lógico que o processo cognitivo deve ser considerado porque possibilita uma melhor organização social, pois a pesquisa abordou os gêneros masculinos e femininos, onde estavam envolvidas pessoas com pensamentos e ideologias diferentes, possibilitando que identificássemos diversas formas de representações sociais à medida que a pesquisa foi se aprofundando.

Dentro dessas perspectivas observa-se o quanto é importante analisar que se passa no interior das relações de poder entre atores sociais, ou seja, como se verifica o modo de representar concretamente ou simbolicamente as diversas formas de representações sociais e sentimentos, mesmo que inserido no contexto esportivo como é o caso do handebol no Estado do Pará.

Tais relações de poder estão representadas pelos (as) técnico (as) nas diversas formas do convívio social entre esses atores sociais como, nas formas de relacionamentos, comportamentos afetivos ou autoritários, nos procedimentos técnicos e táticos, nas experiências de construção de metodologias, na mediação dos conhecimentos, na avaliação do desempenho, na retirada dos atletas dos treinos e jogos, nas atitudes comportamentais, nos processos de comunicação, nas atribuições de responsabilidades e na forma de reconhecimento do lugar de cada ator social no processo de evolução da equipe em busca do desempenho.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

HANDEBOL E GÊNERO: AS RELAÇÕES DE PODER NA DINÂMICA DOS TREINOS AOS
JOGOS NO ESTADO DO PARÁ

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática desse estudo teve como propósito a investigação do Handebol e Gênero no contexto das relações de poder que fundamentado na dinâmica dos treinos aos jogos procura compreendê-las na definição dos sentidos, significados e lugares onde circulam. Esta pesquisa proporcionou reflexões de como os atores sociais assimilaram a circularidade do poder e seus mecanismos, na prática dessa modalidade desportiva, na fase dos treinamentos e nos jogos de competições.

Trata da compreensão dos sujeitos à luz das formas de como se estruturam as relações de poder fundamentadas no disciplinamento dos corpos numa modelagem que se visualiza a partir do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) dos técnicos (as). A compreensão do campo de investigação apresenta como lócus da pesquisa os oito clubes esportivos de handebol do Estado do Pará, que competem na modalidade nos dois gêneros com um conjunto de setenta e seis atletas associados aos técnicos/ comissão técnica, que constituem os sujeitos desta pesquisa.

Mostra o entendimento do campo teórico na perspectiva dos autores como Foucault (1988), Galbraith (1984) nas abordagens dos conteúdos relativos às estruturas das relações de poder, Bourdieu (1998) com as representações simbólicas do poder, Moscovici (2009) no enfoque das representações sociais e outros que fundamentaram seus estudos embasados nestes autores explicando teoricamente a compreensão das formas de apresentação do poder disciplinar na realidade esportiva de handebol e gênero.

Os resultados da pesquisa mostram que as relações de poder são identificadas na ótica de gênero que circulam nos treinamentos e jogos de handebol dos clubes, que disputam o campeonato paraense da modalidade, respondendo a questionamentos da pesquisa e apontando os pontos seguintes:

O poder de ação do (a) técnico (a) pode disciplinar ou “fabricar” os (as) atletas de handebol para responder aos objetivos desejados, durante os treinos e jogos, a partir do momento que os (as) jogadores (as) se submetem às atitudes coercitivas de comportamentos autoritários dos (as) técnicos (as) quando da utilização de metodologias fechadas como sinônimo de verdades absolutas e que acabam não

produzindo efeitos positivos de crescimento técnico / tático da equipe, bem como na forma de comunicação no momento em que estes profissionais alteram seus timbres de voz no comando de suas equipes deixando jogadores (as) totalmente constrangidos durante as sessões de treinos e jogos.

Os (as) atletas assimilam o poder dos (as) técnicos (as), nas sessões de treinos e jogos, no que diz respeito às suas atitudes coercitivas quando afetam principalmente o emocional do jogador (a), através de não aceitação de suas intervenções como forma de contribuições nos treinos e jogos, camuflando sentimentos de revolta que às vezes interferem em seus rendimentos técnico e tático.

O poder simbólico está representado no desporto handebol, conforme a ótica dos atores sociais, no próprio uso da linguagem dos (as) técnicos (as) / comissão técnica para com seus (as) atletas que estruturam seus poderes de forma repressiva, mesmo que simbolicamente, através de gritos e discursos ásperos quando querem chamar atenção de seus jogadores ou, ainda, retirando-os de treinos e jogos pelo simples fato de terem cometido algum tipo de erro ou não terem obedecido as “ordens” estabelecidas, como o que pode ocorrer na relação técnico(a) - atleta no processo ensino-aprendizagem.

Os (as) técnicos (as) representam as relações de poder e gênero entre os praticantes da modalidade handebol no Estado do Pará, como meio de controle para que o poder se efetive no contexto disciplinar, metodológico, comportamental, comunicativo, modelador de comportamentos e fundamentado ou não nos regulamentos das competições a fim de fazer com que os (as) atletas respondam da melhor maneira possível aos procedimentos técnicos e táticos nos treinos e jogos, deixando de lado a mediação dos conhecimentos com seus jogadores (as), mostrando-se coercitivos, autoritários e donos da verdade.

Os programas de treinamentos, as regras, e os regulamentos das competições são entendidos na ótica dos atores sociais como processos disciplinares de aproximações e afastamentos nos grupos de atletas – masculinos e femininos – no processo de treinos e jogos de handebol nos clubes que disputam o campeonato da modalidade no Estado do Pará que ocorrem principalmente quando os (as) técnicos (as) retiram os (as) jogadoras, dos treinos e jogos, por irreverência,

indisciplina ou por cometerem algum tipo de erro dentro de quadra, bem como por se sentirem desprivilegiados ou excluídos quando os profissionais (técnicos) concediam algum tipo de regalia sem motivos justificados para aquelas pessoas de pouco rendimento físico/técnico/táticos e descompromissados com o crescimento da equipe.

A definição das atitudes – éticas, positivas, vencedoras, afetivas, cognitivas, autoritárias, etc. – nos treinos e jogos dos (as) técnicos (as) em relação aos e (as) atletas ocorrem basicamente de forma positiva, quando há a mediação dos conhecimentos entre os atores sociais e, que a conscientização de tais aspectos vai depender também do nível de relacionamento entre essas pessoas, caso contrário, definem-se apenas como atitudes repressoras e autoritárias dificultando o crescimento individual ou grupal de uma equipe desportiva; no caso de handebol.

As avaliações de desempenho dos (as) atletas pelos técnicos (as) ocorrem de acordo com as necessidades individuais ou grupais, ou seja, na medida em que vão surgindo, os (as) técnicos (as) procuram resolver conforme as suas especificidades, como o desempenho físico, técnico e tático que podem interferir de maneira direta ou indireta no progresso da equipe em busca da performance. É a preocupação metodológica organizacional demonstrada por esses profissionais procurando seguir determinados critérios éticos de análise avaliativa na superação de limites;

A realização das metodologias de treinamentos dos (as) atletas, nos treinos e jogos, é efetivada tomando por base as experiências adquiridas ao longo dos anos como treinadores, recorrendo às bibliografias especializadas e aos recursos tecnológicos. Sendo que os (as) técnicos (as) admitem escutar os (as) atletas para desmistificarem a imagem de profissionais autoritários, durões e carrascos, na ótica dos jogadores (as);

O processo de estímulo e melhoria do rendimento dos (as) atletas, nos treinos e jogos, varia de técnico (a) para técnico (a), aqueles considerados profissionais, pesquisadores do handebol, na ótica desses atores sociais sempre estão estimulando seus (as) jogadores (as) em prol do crescimento físico, técnico e tático individual ou de toda a equipe, independente das adversidades que podem ocorrer nos treinos e jogos, e os (as) técnicos (as) ditos (as) limitados (as) só incentivam a equipe nos momentos das vitórias.

A avaliação dos comportamentos — morais, organizacionais, agressivos, sexuais, de trabalho, etc. — dos (as) técnicos (as) na definição dos procedimentos técnicos e táticos, dos treinos e jogos, se procedem como normais, razoáveis e adequados, pois segundo esses profissionais é como se fosse uma família em que pode existir todo tipo de conflito, porém, enfatizam a importância do diálogo e respeito mútuo dentro dos padrões éticos de comportamentos do ser humano, que um bom convívio familiar requer, já que dizem agir sempre com educação e profissionalismo preservando a moral e os bons costumes;

As formas de relacionamentos excelente, bom, regular ou insuficiente – dos técnicos em relação aos (as) atletas face ao desempenho - excelente, bom, regular ou insuficiente – da equipe são analisadas, dependendo do tipo de convivência entre esses atores sociais, dizem que ocorrem dentro de um ambiente amigável e familiar, mas deixam transparecer em suas falas que a disciplina, o respeito e as obrigações devem se fazer presentes, nos treinos e jogos, pois se consideram pais, padrastos, que como tais dão carinho, mas também puxam as orelhas quando necessário.

Essa tensão observada na relação é de natureza puramente simbólica, impondo a definição de um mundo social de acordo com os interesses que cercam a relação técnico (a) - atleta, seja no sentido de impor conhecimentos arbitrários como verdade absoluta aos atletas, seja no sentido de construí-las em cooperação, como verdades relativas e contingenciais, reconhecendo os limites e os papéis que a relação impõe a cada um.

Esta simbologia das relações de poder, no processo de construção da realidade esportiva, pode se manifestar de várias formas nos treinamentos e jogos das equipes de handebol. A princípio pela própria instituição (Federação, Confederação e Clubes), ao impor regras, condutas disciplinares, códigos de postura que “devem” ser obedecidos pela comunidade de atletas durante a permanência desses atores sociais dentro dos clubes aos quais estão filiados – como o regimento interno da instituição. Isto contribui muitas vezes de forma decisivas nas tomadas de atitudes dos atores sociais no exercício do poder simbólico, mesmo que de uma maneira camuflada como, por exemplo, na organização de pequenos grupos de atletas para decidir algo em favor dos mesmos; nas avaliações dos técnicos (as) ao atribuírem responsabilidades aos atletas

ênfatizando a negatividade dos resultados alcançados, através de exemplos comparativos com outros jogadores de performance inferior aos mesmos na modalidade que praticam, para mostrarem que detêm e exercem o poder ou ainda pela própria federação, ao baixar normas através de editais, afim de mostrar, mesmo simbolicamente que é detentora do poder maior.

A figura do técnico (a) constitui outro tipo de exercício de poder simbólico dentro das equipes de handebol e construído constantemente. As metodologias de treinamentos, impostas pelos (as) técnicos (as), constituem outro tipo de exercício do poder, caracterizadas como símbolos de verdades intocáveis pelos (as) atletas. É verdade também que, quando os (as) atletas se organizam em micro instituições como grupos de opiniões formadas sobre os técnicos, criando uma força geradora de poder, eles podem exercê-lo em nível micro dentro da instituição ou da equipe, o que às vezes contribui para a construção do conhecimento ou as suas exigências e articulações podem até mesmo orientar dirigentes e técnicos para que reflitam sobre suas decisões. Afinal, os atletas são maioria e sabem se organizar em torno de causas justas, podendo imprimir certo dinamismo nas interações em que se envolvem.

Fundamentado nas exposições anteriores e no suporte básico dessa pesquisa relativo aos estudos de Foucault (1988) concluímos que esta circularidade do poder aponta como resultados os elos e teias sociais, onde os ensinamentos nos processos de treinamentos e competições de handebol no contexto de gênero no Estado do Pará, que são produzidos como alicerce de verdades, que vão sendo transmitidos aos atores sociais de forma absoluta, sem considerar suas reais condições psicossociais de assimilação de informações, muitas vezes surpreendentes para os praticantes dessa modalidade.

6. PROPOSTAS DE ESTUDOS FUTUROS

HANDEBOL E GÊNERO: AS RELAÇÕES DE PODER NA DINÂMICA DOS TREINOS AOS
JOGOS NO ESTADO DO PARÁ

6. PROPOSTAS DE ESTUDOS FUTUROS

Entende-se que para obtenção de resultados mais amplos e aprofundamentos dos estudos se faz necessário a melhoria do apoio logístico dos órgãos competentes que administram o desporto nacional, como as Federações e Confederação. A pesquisa está centrada no estado do Pará, pelas limitações referentes à coleta de dados, mas propomos a continuidade desse estudo com ampliação para o conhecimento teórico – prático das formas como se configuram as relações de poder no território brasileiro. Daí a necessidade de apoio logístico dos órgãos ou instituições ligadas às práticas esportivas, no caso o Handebol, para observarmos, analisarmos e interpretarmos o campo esportivo para criação de uma teoria geral e explicativa desse campo visando contribuições futuras em termos das ciências do desporto.

Da mesma forma, com a amplitude da amostra num campo de investigação com um universo mais abrangente a nível nacional, propõe-se a utilização de análise mais criteriosa utilizando o *software* “*qualiquantsoft*” para definição mais precisa do Discurso do Sujeito Coletivo para uma amostra mais consistente.

7. REFERÊNCIAS

HANDEBOL E GÊNERO: AS RELAÇÕES DE PODER NA DINÂMICA DOS TREINOS AOS
JOGOS NO ESTADO DO PARÁ

7. REFERÊNCIAS

- ADELMAN, Miriam. (2003). Mulheres Atletas: Re-Significações da Corporalidade Feminina – **Revista Estudos Feministas**, julho – dezembro de 2003, vol. 11, nº 002, Rio de Janeiro: [S.I.], p. 445-465.
- BENTO, Olímpio Jorge. (1995). **O outro lado do Desporto: Vivências e Reflexões Pedagógicas**. Editores, S.A: Porto, p. 186 – 269.
- BOURDIEU, Pierre. (1998). **O Poder Simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. 2ed – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 7 – 15.
- _____. (1990) **Coisas ditas**. Tradução de Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Editora Brasiliense, p. 149 – 216,
- _____. (2009) **O Senso Prático**. Tradução de Odaci Luiz Coradini. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, p. 4 – 8.
- BRASIL.(2007). **Confederação Brasileira de Handebol – CBHB: 2007 -2010**
- BRASIL. **Federação Paulista de Handebol (FPH)**. Disponível em: www.fphand.com.br – Acesso em: 24/03/2011.
- BRASIL. (2007) *Federação de Handebol do Estado do Pará. Belém/Pará, 1994 – 2007.*
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Censo Demográfico, 2010.
- COMITÊ DE ARBITRAGEM DA FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE HANDEBOL. **Regras Oficiais de Handebol e Beach Handebol** (1999): Sprint: Rio de Janeiro, 1997 – 1999, p. 7 – 10.
- CHAMARELLI, M., Jr. (2003). **O que é (ou deve ser) discurso na análise do discurso?** Primeira Versão, Porto Velho, 125(30), 1-5.
- CRYSTAL, D. (1985). **Dicionário de linguística e fonética**. Rio de Janeiro: Zahar.
- DE BARBIERI, T. Derechos sexuales y Reproductivos. Aproximación breve y su historia y contenido. **Revista Mujer Salud**, n. 2/99, Santiago de Chile, 1998.

7. REFERÊNCIAS

- DUARTE, Orlando, (2000). **História dos Esportes**. São Paulo: Makron Books do Brasil Editora Ltda., p. 5 – 18.
- DUSO, Giuseppe. (2005) **O Poder**: História da Filosofia Política Moderna. Petrópolis: Editora Vozes, p. 111 – 113.
- EHRET, Arno; SPÄT, Dietrich; SCHUBERT, Renate; ROTH, Klaus. (2002) **Manual de Handebol**. Tradução de Plabo Greco. São Paulo: Phorte, Ed. Brasileira, p. 7 – 25.
- ELENO, Thais G; BARELA, José. A; KOKUBUN, Eduardo. (2002) Tipos de Esforços e Qualidades Físicas do Handebol. **Revista Brasileira Ciência do Esporte**. Campinas, v.24, n.1, p 83 -98, set. 2002.
- FERNANDES, C. A. (2007). **Análise de discurso**: reflexões introdutórias. SP/ São Carlos: Claraluz.
- FOUCAULT, Michel. (1979). **Microfísica do poder**, 13ª ed. Tradução e organização de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, p. 145 – 250.
- _____. (1988) . **História da Sexualidade I**: A vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, p.11 a 147.
- _____. (1988) **História da Sexualidade II**: O Uso dos Prazeres. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, p. 21 – 97.
- _____. (1988) **História da Sexualidade III**: O Cuidado de Sí . Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, p. 43 – 125.
- _____. (1987). **Vigiar e Punir**: História das Violências nas Prisões. Petrópolis: Vozes, p. 9 – 154.
- _____. (1989). **Microfísica do Poder**. 8ª edição. Rio de Janeiro: Graal.
- _____. (1977). **Disciplina e Castigo**. Londres: Tavistock.

- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. (2001). **Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- GALBRAITH, John Kenneth. (1984). **Anatomia do poder**: Tradução de Hilário Torloni. São Paulo: Pioneira, p. 1 – 115.
- GONDIM, S., & FISCHER, T. (2009). O discurso, a análise do discurso e a metodologia do discurso do sujeito coletivo na gestão intercultural. **Cadernos Gestão Social**, 2(1), 9-26.
- HEILBORN, M. L; CARRARA [S.I]. (1988). Em cena os homens. **Estudos Feministas**. Florianópolis, CFH/CCE/UFSC, v. 6, n. 2., p. 370-375 . .
- KNIJNIK, Jorge Dorfman; ZUZZI, Renata Pascoti. (Org.). (2010). **Meninas e Meninos na Educação Física – Gênero e corporeidade no século XXI**, 1ª. Ed. – Jundiaí, SP: Fontoura, p. 61 – 62.
- LEFÈVRE, Fernando [et al.]. (Org.). (2000). **O discurso do sujeito coletivo: uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa**. Caxias do Sul: Educs. p. 11 – 133.
- LEFÈVRE, F. (2003). **Discurso do Sujeito Coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa**. Caxias do Sul – RS: EDUCS.
- LEFÈVRE, F. & LEFÈVRE, A. M. (2005). **Depoimentos e discursos: uma proposta de análise em pesquisa social**. Brasília: Liber Livros Editora.
- LÜDORF, Silvia M. Agatti. (2004). **Metodologia da Pesquisa: Do Projeto à Monografia**. Rio de Janeiro: Shape, p. 19 – 69.
- MARCHIORI, Cabral, A. C. (2005) A análise do discurso como estratégia de pesquisa no campo da Administração: Um olhar inicial. **Contextus: Revista Contemporânea de Economia e Gestão**, Fortaleza, 3(2), 59-68.
- MELHEM, Alfredo.(2002). **Brincando e Aprendendo Handebol**. Rio de Janeiro: Sprint.
- MOSCOVICI, Serge. (2009) **Representações Sociais: Investigação em psicologia social**. Traduzido por Pedrinho A. Guareschi, 6ª. Ed. – Petrópolis: Vozes, p. 29 - 305.

7. REFERÊNCIAS

- OLIVOTO, Robson. (2003). **Handebol: Uma Visão Político – Crítica do Seu Desenvolvimento como Desporto.** Disponível em: <http://w.w.w.efdesportes.com/revistadigital> – Buenos Aires – ano 9 – nº 67 – diciembre. Acesso em: 13 de maio de 2008.
- REIS, Ivan G. **As Relações de Poder na Formação Universitária do Profissional de Educação Física** (2000): Uma Visão dos Egressos da Universidade do Estado do Pará (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro: UGF.
- RESENDE, Lúcia Maria Gonçalves de (1995). **Relações de Poder no Cotidiano Escolar.** Campinas (SP): Papyrus, p. 18 -35 – 42 – 77.
- ROCHA, D.; DEUSDARÁ, B. (2005). Análise de Conteúdo e Análise do Discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória. *ALEA*, 7(2), 305-322.
- SÁ, Celso Pereira de. Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. IN: SOUTO, Oliveira de Solange. [et. al]. (1993). **O conhecimento no cotidiano: As representações sociais na perspectiva da psicologia social.** São Paulo: Brasiliense, p.19 – 43.
- SAFFIOTI, Heleieth I. B. (1999). Já se mete a colher em briga de marido e mulher. **São Paulo em Perspectiva**, 13 (4), p. 82- 91
- SCOTT, J. (1990). Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade.** Porto Alegre: v. 16, n. 2. (p. 5-22).
- SEDREZ, Pereira Sálvio. (2006). **Regras Oficiais de Handebol: 2006-2009 .** São Paulo: Phorte.
- SERGIO, Manuel. (2003). **Algumas Teses Sobre o Desporto.** Compendium, 2^a ed. Porto: Lisboa.
- SIMÕES, Antonio Carlos. 2008, **Handebol Defensivo: Conceitos Técnicos e Táticos.** São Paulo: Phorte, p. 23 – 46.
- SILVEIRA, Rafael Alcadipani da. (2005). **Michel Foucault: Poder e análise das organizações.** Rio de Janeiro: Editora FGV, p. 15 – 120.

- SOARES, Carmem Lúcia (2008). Pedagogias do corpo: Higiene, ginásticas, esporte. IN: RAGO, Margareth; VEIGA NETO, Alfredo (Org.). **Figuras de Foucault**, 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, p. 75 – 82.
- SOLER, Reinaldo. (2006). **Educação Física: Uma Abordagem Cooperativa**. Rio de Janeiro: Sprint.
- SORIANO, Raúl Rojas. (2004). **Manual de pesquisa social**. Petrópolis: Vozes.
- STEARNS, Peter N. (2007). **História das relações de Gênero**. Tradução Mirna Pink, São Paulo: Contexto, p. 32 – 56.
- TENROLLER, Carlos Alberto. (2004). **Handebol: Teoria e Prática**. Rio de Janeiro: Sprint, p. 15 – 31.
- TOURAINÉ, Alain. (2007). **O Mundo das Mulheres**. Tradução de Francisco Moras. Rio de Janeiro: Vozes, p. 16 – 195.
- VAARA, E. Critical discourse analysis as methodology in Strategy as Practice research. In: GOLSORKHI, Damon [et al.]. (2010). Handbook of Strategy as Practice. Cambridge: Cambridge University Press. Cap. 14, 217-228
- VARGAS, Luiz Ângelo.(2001). **Desporto e Tramas Sociais**. Rio de Janeiro: Sprint, p. 17 – 123,.
- _____.(1995). **Desporto: Fenômeno Social**: Rio de Janeiro: Sprint.

8. ANEXOS

HANDEBOL E GÊNERO: AS RELAÇÕES DE PODER NA DINÂMICA DOS TREINOS AOS
JOGOS NO ESTADO DO PARÁ

ANEXO I: CARTA AO VALIDADOR

Sr. Validador(a)

Com o intuito de realizar uma pesquisa de Tese de Doutorado em Ciências do Desporto, da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro em Portugal, com a temática voltada para **HANDEBOL E GÊNERO: AS RELAÇÕES DE PODER NA DINÂMICA DOS TREINOS AOS JOGOS NO ESTADO DO PARÁ**, gostaria que V. S^a disponibilizasse um pouco do seu tempo na análise desse documento.

A problemática levantada durante as reflexões sobre as relações de poder em situação de gênero no desporto handebol levou-me a focalizar as questões ligadas ao poder veiculadas nos treinos e jogos. Mas, especificamente, procuro desvendar as atitudes dos(as) atletas, técnicos(as) e comissão técnica durante os momentos de convivência desses atores sociais na prática desse desporto, uma vez que é através desses comportamentos que se podem compreender os efeitos do poder que circula durante as atividades nas relações citadas.

Modernamente, o poder está nas relações estabelecidas a partir dos lugares sociais de onde se fala, e nos efeitos dessa fala sobre essas relações. No caso, trata-se de lugares sociais pré-determinados: o do técnico(a), comissão técnica e dos(as) atletas, futuros profissionais do desporto handebol.

Muitas são as ciências que estão presentes em uma aula: pedagogia, fisiologia, sociologia, e tantas outras poderão estar intrínsecas em uma sessão de treino ou jogo propriamente dito (TENROLLER, 2004, p. 31). Cabe aos(as) técnicos(as), comissões técnicas empregá-las de acordo com seus conhecimentos objetivando a formação integral de seus atletas, respeitando os momentos mútuos de intervenções em busca de objetivos comuns.

Neste estudo, temos como objetivo analisar e compreender as relações de poder que orientam a metodologia (instrumentalização do planejamento de treinamento) adotada pelos(as) técnicos(as) e comissões técnicas na preparação de suas equipes para as diversas competições..

Assim, pedimos a V. S^a que verifique a coerência, a clareza e a validade desses ítems formulados para obter, dos(as) atletas, técnicos(as) e comissões técnicas a tendência do poder exercido que circula entre os atores sociais envolvidos: se num sentido autoritário, hierárquico, centralizador ou num sentido democrático, simétrico e descentralizador.

Caso concorde com o item, coloque SIM, caso discorde escreva RETIRAR ou REFORMULAR, sugerindo a reformulação no espaço da resposta.

Antecipadamente agradeço o tempo que vai dedicar a esse trabalho.

Prof. Ms. Ivan Gonçalves Reis

ANEXO II: QUADRO DO ROTEIRO DE ENTREVISTAS DO TIPO “A” – ATLETAS DE HANDEBOL. APRESENTADO PARA VALIDAÇÃO

QUADRO DO ROTEIRO DE ENTREVISTAS DO TIPO “A” – ATLETAS DE HANDEBOL					
NOTA: De acordo com a avaliação dos validadores					
QUESTÕES PROPOSTAS	VALIDADORES				VALIDAÇÃO (%)
	A	B	C	D	
1) Qual a sua idade, sexo e escolaridade?	Sim	Sim	Sim	Sim	100%
2) Há quanto tempo pratica o handebol?	Sim	Sim	Sim	Sim	100%
3) Como você define o seu relacionamento com o seu técnico(a)?	Sim	Sim	Sim	Reformular a questão	75%
4) O que acha do seu técnico(a) e por quê?	Sim	Retirar	Sim	Reformular a questão	50%
5) Como o seu técnico(a) considera as suas intervenções nos treinamentos e jogos?	Sim	Sim	Sim	Reformular a questão	75%
6) Técnicos atribuem responsabilidades individualizadas ou coletivas sobre os procedimentos técnicos e táticos nos treinos e jogos? Comente <u>se</u> isso acontece em sua equipe.	Reformular <u>se</u> por como	Sim	Sim	Reformular a questão Proposta: Você considera que os técnicos (as) atribuem responsabilidades individualizadas ou coletivas sobre os procedimentos técnicos e táticos nos treinos e jogos?	50%
7) Técnicos (as) mudam de/ ou mantêm os comportamentos nos treinos e jogos? Dê um exemplo e comente em breves palavras <u>se</u> isso acontece em sua equipe.	Reformular <u>se</u> por como	Sim	Reformular o grifado	Reformular a questão Proposta: Como você define os comportamentos - morais, organizacionais, agressivos, sexuais, de trabalho, etc. — dos técnicos (as) nos treinos e jogos?	75%

8. ANEXOS

<p>8) Os técnicos(as) acatam/ignoram suas opiniões em função dos movimentos vivenciados nos treinos e jogos ? Comente <u>se</u> isso acontece em sua equipe.</p>	<p>Reformular <u>se</u> por como</p>	<p>Sim</p>	<p>Sim</p>	<p>Reformular a questão</p> <p>Proposta: Você considera que os(as) técnicos (as) consideram ou não as experiências, advindas do conhecimento de outras modalidades esportivas, apresentadas em intervenções pelos(as) atletas, no processo de planejamento da metodologia do treinamento?</p>	<p>50%</p>
<p>9) Alguns técnicos (as) compartilham (mediatizam) seus conhecimentos com os atletas. Comente <u>se</u> isso acontece em sua equipe.</p>	<p>Reformular <u>se</u> por como</p>	<p>Retirar</p>	<p>Sim</p>	<p>Reformular a questão</p> <p>Proposta: Você considera que os técnicos (as) compartilham (mediatizam) ou não os seus conhecimentos, referentes às técnicas e táticas de jogo, com os(as) atletas da equipe?</p>	<p>50%</p>
<p>10) Há técnicos(as) que valorizam o desempenho dos atletas, ainda que possa ser considerado insuficiente em relação ao comportamento esperado e estimulam seus desempenhos na correção do erro apresentado? Comente <u>se</u> isso acontece em sua equipe.</p>	<p>Reformular <u>se</u> por como</p>	<p>Sim</p>	<p>Reformular o grifado</p>	<p>Reformular a questão</p> <p>Proposta: Como você observa os técnicos (as) em relação à avaliação do desempenho individual e grupal dos(as) atletas em termos organizacional - metodologia/diagnóstico/análise</p>	<p>75%</p>

				lise — e ético e, quais as propostas de estímulos, para a continuidade e a melhoria do rendimento, apresentado nos treinos e jogos?	
11) Técnicos (as) consideram as individualidades dos atletas ao exigir a performance do movimento? Comente se isso acontece em sua equipe.	Reformular se por como	Sim	Sim	Reformular a questão Proposta: Como você observa o tratamento dado pelos(as) técnicos (as) quanto as individualidades ou não dos atletas, em termos técnicos e táticos, tomando par base as exigências de suas performances ?	50%
12) Há técnicos(as) que constroem metodologias de treinos e jogos a partir das intervenções dos atletas, reconhecendo-lhes as contribuições? Comente se isso acontece em sua equipe.	Reformular se por como	Sim	Reformular o grifado (confuso)	Reformular a questão Proposta: Quais as experiências vivenciadas de construção de metodologias de treinos e jogos — diagnóstico e análise de desempenho, pelos técnicos (as), fundamentadas ou não nas intervenções dos atletas?	75%
13) Alguns técnicos(as) adotam comportamentos de treinamentos negando oportunidades aos atletas de intervirem nos treinos e jogos? Comente se isso acontece em sua equipe.	Retirar o grifado	Retirar	Reformular confuso	Reformular a questão Proposta: Como você avalia os comportamentos — morais, organizacionais, agressivos,	50%

8. ANEXOS

				sexuais, de trabalho, etc. — dos(as) técnicos (as) na definição dos procedimentos técnicos e táticos dos treinos e jogos?	
14) Há técnicos(as) que desconsideram o que os atletas apresentam como propostas de intervenções, ironizam, desprezam ou ignoram os questionamentos? Comente se isso acontece em sua equipe.	Reformular a redação	Retirar	Sim	Reformular a questão Proposta: Quais as experiências vivenciadas quanto as atitudes - éticas, positivas, vencedoras, afetivas, cognitivas, autoritárias, etc. — dos(as) técnicos (as) às propostas de intervenções dos atletas em relação aos treinos e jogos?	50%
15) Há técnicos(as) que subestimam a experiência advinda da intervenção dos atletas em outros ambientes do campo profissional? Comente em relação à sua equipe.	Sim	Retirar	Sim	Reformular a questão Proposta: Quais as experiências vivenciadas em relação aos técnicos (as) referentes ao conhecimento de outras modalidades esportivas, apresentadas em intervenções pelos atletas, no processo de planejamento da metodologia do treinamento?	50%

16) Há técnicos(as) que reconhecem como válidas as intervenções dos atletas em outros ambientes do campo profissional ? Comente <u>se</u> isso acontece em sua equipe.	Reformular <u>se</u> por como	Retirar	Sim	Retirar	25%
17) Os técnicos(as) acatam/rejeitam propostas de intervenções apresentadas pelos atletas? Comente se isso acontece em sua equipe.	Reformular em função da 14ª	Retirar	Reformular (relação com 12ª a 14ª)	Retirar	25%
18) Há técnicos(as) que convidam os atletas a intervirem nas decisões técnicas e táticas de treinos e jogos? Comente <u>se</u> isso acontece em sua equipe.	Reformular <u>se</u> por como	Retirar	Sim	Retirar	25%
19) Há técnicos(as) que retiram os atletas dos treinos ou jogos seja por não lhes serem “ simpáticos,” por irreverência, por displicência ou por qualquer motivo. Comente se isso acontece em sua equipe..	Sim	Sim	Sim	Reformular a questão	75%
20) O timbre e altura de voz do técnico (a) interferem nos seus desempenhos nos treinos e jogos? Por que?	Sim	Sim	Reformular o grifo do por força	Reformular a questão Proposta: Quais as experiências que você relata acerca da interferência do timbre e altura da voz dos (as) técnico (as) no desempenho dos (as) atletas nos treinos e jogos?	50%
21) Há técnicos que concedem privilégios aos atletas de melhor desempenho ? Aos melhores tecnicamente, por exemplo? Comente <u>se</u> isso acontece em sua equipe.	Reformular <u>se</u> por como	Sim	Sim	Reformular a questão Proposta: Quais as experiências que você relata acerca da concessão de privilégios aos(as) atletas, que apresentam melhor rendimento técnico e tático, nos	50%

8. ANEXOS

				treinos e jogos?	
22) Durante os treinos ou jogos o técnico(a) reconhece um equívoco próprio ou o desconhecimento sobre alguma estratégia técnica ou tática ? Comente.	Sim	Sim	Sim	Reformular a questão	75%
23) Você acha que um excelente, bom, regular ou insuficiente relacionamento com o grupo contribui para um bom/mau rendimento da equipe? Comente.	Sim	Sim	Sim	Reformular a questão	75%
24) Considerando as questões tratadas, você gostaria de acrescentar outros comentários que a entrevista não contemplou?	Sim	Sim	Sim	Sim	100%
FONTE: Dois Doutores e dois Mestres especialistas em Técnicas Educacionais e Metodologia da Pesquisa.					
LEGENDA: Sim = Concordo Retirar = Discordo Reformular = Sugerir como			VALIDAÇÃO (%): 100%= Permanece 75%= Permanece 50%= Permanece com reformulação 25%= Retirar		

ANEXO III: QUADRO DO ROTEIRO DE ENTREVISTAS DO TIPO “B” – TÉCNICOS (AS) / COMISSÃO TÉCNICA DE HANDEBOL. APRESENTADO PARA VALIDAÇÃO

QUADRO DO ROTEIRO DE ENTREVISTAS DO TIPO “B” – TÉCNICOS (AS) / COMISSÃO TÉCNICA DE HANDEBOL					
NOTA: De acordo com a avaliação dos validadores					
QUESTÕES PROPOSTAS	VALIDADORES				VALIDAÇÃO (%)
	A	B	C	D	
1) Qual a sua idade, sexo e escolaridade ?	Sim	Sim	Sim	Sim	100%
2) Há quanto tempo trabalha com o desporto handebol ?	Sim	Sim	Sim	Sim	100%
3) Qual a sua opinião como técnico(a) no que diz respeito aos seus comportamentos nos treinos e jogos ?	Sim	Sim	Sim	Reformular a questão	75%
4) Como você define o seu relacionamento como técnico(a) com os seus atletas nos treinos e jogos ?	Sim	Sim	Sim	Reformular a questão	75%
5) Você se acha um(a) técnico(a) ríspido(a), amigável em suas atitudes nos treinos e jogos?	Sim	Sim	Retirar	Reformular a questão Proposta: Como você define suas atitudes — éticas, positivas, vencedoras, afetivas, cognitivas, autoritárias, etc. — como técnico(a) em relação aos(as) atletas nos treinos e jogos?	50%
6) Em sua opinião, como considera as intervenções de seus atletas nas suas sessões de treinos e jogos? Comente em poucas palavras.	Sim	Sim	Sim	Reformular a questão	75%
7) Qual a sua opinião sobre atribuir responsabilidades aos(as) atletas sobre procedimentos técnicos e táticos nos treinos e jogos? Como isso se dá nos treinos e jogos de suas equipes?	Sim	Sim	Sim	Sim	100%
8) Você acha que muda ou que mantém os mesmos comportamentos de tratamento com os seus atletas em treinos ou jogos? Como isso acontece?	Sim	Sim	Reformular a questão	Reformular a questão Proposta: Como você define os seus comportamentos - morais, organizacionais, agressivos, sexuais, de trabalho, etc. — com os seus atletas	50%

8. ANEXOS

				nos treinos e jogos?	
9) Intervenções de atletas em treinos e jogos somam ou atrapalham o rendimento da equipe? Como isso acontece em sua equipe?	Sim	Sim	Sim	Reformular a questão	75%
10) Alguns técnicos (as) mediam os seus conhecimentos com os(as) atletas nos treinos e jogos. O que pensa sobre isso? Comente se isso acontece entre você e sua equipe.	Sim	Sim	Sim	Sim	100%
11) Há técnicos que valorizam o desempenho dos atletas, ainda que possa ser considerado insuficiente em relação ao comportamento esperado e, estimulam seus empenhos na correção do erro apresentado? Justifique sua resposta e aponte se isso acontece entre você e sua equipe.	Sim	Retirar	Sim	Reformular a questão Proposta: Como você avalia o desempenho individual e grupal dos(as) atletas em termos organizacional — metodologia/diagnóstico/análise — e ético e, quais as propostas de estímulos, para a continuidade e a melhoria do rendimento, apresentado nos treinos e jogos?	50%
12) As individualidades dos atletas devem ser consideradas para a exigência de suas performances? Comente <u>se</u> isso acontece em suas equipes.	Reformular <u>se</u> por como	Sim	Sim	Reformular a questão Proposta: Como você trata as individualidades dos(as) atletas, em termos técnicos e táticos, tomando por base as exigências de suas performances?	50%
13) Metodologias de treinos e jogos podem ser construídas a partir das intervenções dos atletas? Comente <u>se</u> isso acontece em sua equipe e como se dá o reconhecimento de suas contribuições.	Reformular <u>se</u> por como	Sim	Sim	Reformular a questão Proposta: Como você constrói as metodologias de treinos e jogos — diagnóstico e análise de desempenho — fundamentadas ou não nas intervenções dos(as) atletas?	50%
14) Você aproveita/acata as experiências advindas das intervenções dos atletas em outros ambientes do campo profissional?	Sim	Retirar	Sim	Reformular a questão Proposta: Você considera as experiências, advindas do conhecimento de outras modalidades esportivas, apresentadas em intervenções pelos(as) atletas, no processo de planejamento da metodologia do	50%

				treinamento?	
15) Qual a sua opinião sobre a participação dos atletas nas decisões técnicas e táticas de treinos e jogos? Comente se isso acontece em suas equipes.	Sim	Retirar	Sim	Reformular a questão Proposta: Você considera que a participação dos(as) atletas, nas decisões técnicas e táticas, pode contribuir ou não para melhoria do rendimento da equipe nos treinos e jogos?	50%
16) Você costuma retirar seus atletas dos treinos e jogos, seja por irreverência, antipatia, por displicência ou outro motivo qualquer? Comente se isso acontece em suas equipes.	Sim	Sim	Reformular em função da indução	Sim	75%
17) Você acha que o seu timbre e altura de voz são apropriados no tratamento com os seus atletas nos treinos e jogos? Por quê?	Sim	Sim	Sim	Sim	100%
18) Alguns técnicos(as) concedem privilégios aos(as) atletas de melhor desempenho, aos melhores tecnicamente, por exemplo. Comente se isso acontece em suas equipes.	Sim	Sim	Sim	Sim	100%
19) É possível, em sua opinião, um técnico reconhecer diante dos atletas um equívoco ou o desconhecimento sobre alguma estratégia técnica ou tática nos treinos ou jogos? . Comente se isso acontece em suas equipes.	Reformular se por como	Sim	Sim	Reformular a questão Proposta: Você efetiva avaliações da metodologia dos treinos e jogos considerando os equívocos ou desconhecimentos de estratégias – técnicas e táticas – que demonstram pouca eficácia nos treinamentos?	50%
20) Você costuma fazer reuniões de planejamento e avaliações com os seus atletas para treinamentos e jogos? Comente.	Sim	Sim	Não entende o objetivo	Sim	75%
21) Você costuma fazer uma reflexão, junto à sua equipe, sobre a metodologia empregada nas sessões de treinos e jogos? Comente.	Sim	Retirar	Sim	Sim	75%
22) Como você trabalha a disciplina com os seus atletas levando em consideração o regulamento das competições? Comente em poucas palavras.	Sim	Sim	Sim	Sim	100%
23) Você procura aprofundar os seus conhecimentos teóricos em busca de novas metodologias que possam possibilitar melhorias no seu trabalho prático nos treinos e jogos? Comente	Sim	Sim	Sim	Sim	100%

8. ANEXOS

em poucas palavras.					
24) Considerando as questões tratadas, você gostaria de acrescentar outros comentários que a entrevista não contemplou?	Sim	Sim	Sim	Sim	100%
FONTE: Dois Doutores e dois Mestres especialistas em Técnicas Educacionais e Metodologia da Pesquisa.					
LEGENDA: como	Sim = Concordo Retirar = Discordo Reformular = Sugerir	VALIDAÇÃO (%): 100%= Permanece 75%= Permanece 50%= Permanece com reformulação 25%= Retirar			

ANEXO IV: CARTA AO(A) INFORMANTE

Sr.(a) Informante

Com o intuito de realizar uma pesquisa de Tese de Doutorado em Ciências do Desporto, pela Universidade de Trás-os- Montes e Alto Douro (UTAD) Portugal, sobre a temática voltada para **HANDEBOL E GÊNERO: AS RELAÇÕES DE PODER NA DINÂMICA DOS TREINOS AOS JOGOS NO ESTADO DO PARÁ** gostaria que V. S^a. disponibilizasse um pouco do seu precioso tempo para fornecer algumas informações importantes.

Todo e qualquer relato fornecido será inteiramente confidencial e, em nenhum momento, sua identificação virá a ser revelada em qualquer contexto da pesquisa.

Antecipadamente agradeço o tempo que V. S^a. dedicará ao presente trabalho.

Prof. MS. Ivan Gonçalves Reis

ANEXO V: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TÍTULO DA PESQUISA: HANDEBOL E GÊNERO: AS RELAÇÕES DE PODER NA DINÂMICA DOS TREINOS AOS JOGOS NO ESTADO DO PARÁ

JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS DE PESQUISA: A pesquisa tem como objetivo investigar Handebol e Gênero – Um Estudo a Cerca das Relações de Poder nos Clubes que Disputam o Campeonato da Modalidade no Estado do Pará, tendo em vista à compreensão dessas convivências entre atleta, técnicos/comissão técnica. A pesquisa beneficiará diretamente os sujeitos envolvidos mediante os dados levantados através dos instrumentos de coleta de dados que foram analisados e validados por especialistas e, que constam nos apêndices desse projeto, sendo que as informações levantadas na pesquisa poderão beneficiar indiretamente a comunidade acadêmico/científica, através dos resultados alcançados. Os sujeitos e/ou informantes da pesquisa responderão um conjunto de questões expressas no roteiro de entrevistas semi estruturadas, conduzidas pelo pesquisador como parte do instrumento metodológico denominado Discurso do Sujeito Coletivo (DSC).

DESCONFORTO E POSSÍVEIS RISCOS: Não existe nenhuma possibilidade de risco para a integridade física dos envolvidos, e nenhum possível dano quanto à integridade moral, social, intelectual, espiritual, cultural em qualquer fase da pesquisa. Será garantido sigilo absoluto da identidade dos envolvidos e dos dados obtidos, sendo que a utilização destes se dará exclusivamente para fins de estudos, sendo mantidos em banco de dados sob responsabilidade dos pesquisadores por um período de até 4 anos.

BENEFÍCIOS DA PESQUISA: Os sujeitos da pesquisa serão beneficiados diretamente, pois, poderão usufruir de informações detalhadas até então alheias a estudos dessa natureza principalmente no contexto esportivo e, em particular o desporto Handebol no estado do Pará, podendo melhorar os seus desempenhos técnicos, táticos, psicológicos, morais sociais e éticos, dentro e fora de seus ambientes de trabalhos.

ESCLARECIMENTO E DIREITOS: Nenhuma remuneração será paga aos participantes desta pesquisa. Conforme a lei, em decorrência de possíveis danos sofridos em qualquer etapa desta pesquisa, os envolvidos ou seus responsáveis serão indenizados. Os envolvidos poderão a qualquer momento da pesquisa solicitarem esclarecimentos sobre todos os procedimentos realizados no estudo, podendo abandonar a pesquisa em qualquer fase que a mesma se encontre. Os sujeitos antes do início da pesquisa serão informados e esclarecidos de todos os procedimentos da mesma, e também de que os dados resultantes da mesma serão incluídos em banco de dados, e serão utilizados exclusivamente para fins de estudos.

CONFIDENCIALIDADE E AVALIAÇÃO DOS REGISTROS: Será mantido absoluto sigilo sobre a identidade de todos os envolvidos na pesquisa, sendo que os resultados serão registrados em tabelas, gráficos para fins de conhecimentos e divulgação em meio acadêmico-científico, congressos, seminários, artigos, revistas especializadas e demais tipos de publicações.

CONSENTIMENTO PÓS INFORMAÇÃO

Eu, _____ portador do registro de identidade nº. _____, Órgão expedidor _____, Considero ter conhecimento de todas as etapas e procedimentos a serem realizados nesta pesquisa, e manifesto minha participação na mesma, de forma espontânea.

Belém, PA - ____/____/____

Sujeito - Informante da Pesquisa

ANEXO VI: ROTEIRO DE ENTREVISTA TIPO “A” – ATLETAS DE HANDEBOL

ROTEIRO DE ENTREVISTA TIPO “A” – ATLETAS DE HANDEBOL INSTRUMENTO VALIDADO
3) Como você define o seu relacionamento com o seu técnico(a)?
4) O que acha do seu técnico(a) e por quê?
5) Como o seu técnico(a) considera as suas intervenções nos treinamentos e jogos?
6) Você considera que os técnicos (as) atribuem responsabilidades individualizadas ou coletivas sobre os procedimentos técnicos e táticos nos treinos e jogos?
7) Como você define os comportamentos - morais, organizacionais, agressivos, sexuais, de trabalho, etc. — dos técnicos (as) nos treinos e jogos?
8) Você considera que os(as) técnicos (as) consideram ou não as experiências, advindas do conhecimento de outras modalidades esportivas, apresentadas em intervenções pelos(as) atletas, no processo de planejamento da metodologia do treinamento?
9) Você considera que os técnicos (as) compartilham (mediatizam) ou não os seus conhecimentos, referentes às técnicas e táticas de jogo, com os(as) atletas da equipe?
10) Como você observa os técnicos (as) em relação à avaliação do desempenho individual e grupal dos(as) atletas em termos organizacional-metodologia/diagnóstico/análise — e ético e, quais as propostas de estímulos, para a continuidade e a melhoria do rendimento, apresentado nos treinos e jogos?
11) Como você observa o tratamento dado pelos(as) técnicos (as) quanto as individualidades ou não dos atletas, em termos técnicos e táticos, tomando por base as exigências de suas performances?
12) Quais as experiências vivenciadas de construção de metodologias de treinos e jogos — diagnóstico e análise de desempenho pelos técnicos (as), fundamentadas ou não nas intervenções dos atletas?
16) Como você avalia os comportamentos — morais, organizacionais, agressivos, sexuais, de trabalho, etc. — dos (as) técnicos (as) na definição dos procedimentos técnicos e táticos dos treinos e jogos?
17) Quais as experiências vivenciadas quanto as atitudes - éticas, positivas, vencedoras, afetivas, cognitivas, autoritárias, etc. — dos (as) técnicos (as) às propostas de intervenções dos atletas em relação aos treinos e jogos?
18) Quais as experiências vivenciadas em relação aos técnicos (as) referentes ao conhecimento de outras modalidades esportivas, apresentadas em intervenções pelos atletas, no processo de planejamento da metodologia do treinamento?
16) Quais as experiências que você relata acerca da interferência do timbre e altura da voz dos (as) técnico (as) no desempenho dos (as) atletas nos treinos e jogos?
17) Quais as experiências que você relata acerca da concessão de privilégios aos(as) atletas, que apresentam melhor rendimento técnico e tático, nos treinos e jogos?
18) Durante os treinos ou jogos o técnico (a) reconhece um equívoco próprio ou o desconhecimento sobre alguma estratégia técnica ou tática? Comente.

8. ANEXOS

19) Você acha que um excelente, bom, regular ou insuficiente relacionamento com o grupo contribui para um bom/mau rendimento da equipe? Comente.

20) Considerando as questões tratadas, você gostaria de acrescentar outros comentários que a entrevista não contemplou?

FONTE/Validação do Instrumento de Coleta de Dados: dois (02) doutores, dois (02) mestres com experiências consolidadas em Técnicas Educacionais, Metodologia Científica e Metodologia da Pesquisa.

ANEXO VII: ROTEIRO DE ENTREVISTA TIPO “B” – TÉCNICOS (AS)/COMISSÃO TÉCNICA DE HANDEBOL

ROTEIRO DE ENTREVISTA TIPO “B” – TÉCNICOS (AS)/COMISSÃO TÉCNICA DE HANDEBOL INSTRUMENTO VALIDADO
1) Qual a sua idade, sexo e escolaridade?
2) Há quanto tempo trabalha com o desporto handebol?
3) Qual a sua opinião como técnico (a) no que diz respeito aos seus comportamentos nos treinos e jogos?
4) Como você define o seu relacionamento como técnico (a) com os seus atletas nos treinos e jogos?
5) Como você define suas atitudes — éticas, positivas, vencedoras, afetivas, cognitivas, autoritárias, etc. — como técnico(a) em relação aos(as) atletas nos treinos e jogos?
6) Em sua opinião, como considera as intervenções de seus atletas nas suas sessões de treinos e jogos?
7) Qual a sua opinião sobre atribuir responsabilidades aos (as) atletas sobre procedimentos técnicos e táticos nos treinos e jogos? Como isso se dá nos treinos e jogos de suas equipes?
8) Como você define os seus comportamentos - morais, organizacionais, agressivos, sexuais, de trabalho, etc. — com os seus atletas nos treinos e jogos?
9) Intervenções de atletas em treinos e jogos somam ou atrapalham o rendimento da equipe? Como isso acontece em sua equipe?
10) Alguns técnicos (as) mediam os seus conhecimentos com os (as) atletas nos treinos e jogos. O que pensa sobre isso?
11) Como você avalia o desempenho individual e grupal dos (as) atletas em termos organizacional — metodologia/diagnóstico/análise — e ético e, quais as propostas de estímulos, para a continuidade e a melhoria do rendimento, apresentado nos treinos e jogos?
12) Como você trata as individualidades dos (as) atletas, em termos técnicos e táticos, tomando por base às exigências de suas performances?
13) Como você constrói as metodologias de treinos e jogos — diagnóstico e análise de desempenho — fundamentadas ou não nas intervenções dos (as) atletas?
14) Você considera as experiências, advindas do conhecimento de outras modalidades esportivas, apresentadas em intervenções pelos (as) atletas, no processo de planejamento da metodologia do treinamento?
15) Você considera que a participação dos(as) atletas, nas decisões técnicas e táticas, pode contribuir ou não para melhoria do rendimento da equipe nos treinos e jogos?
16) Você costuma retirar seus atletas dos treinos e jogos, seja por irreverência, antipatia, por displicência ou outro motivo qualquer? Comente se isso acontece em suas equipes.

8. ANEXOS

17) Você acha que o seu timbre e altura de voz são apropriados no tratamento com os seus atletas nos treinos e jogos? Por que?

18) Alguns técnicos (as) concedem privilégios aos(as) atletas de melhor desempenho, aos melhores tecnicamente, por exemplo. Comente se isso acontece em suas equipes.

19) Você efetiva avaliações da metodologia dos treinos e jogos considerando os equívocos ou desconhecimentos de estratégias – técnicas e táticas – que demonstram pouca eficácia nos treinamentos?

20) Você costuma fazer reuniões de planejamento e avaliações com os seus atletas para treinamentos e jogos? Comente.

21) Você costuma fazer uma reflexão, junto à sua equipe, sobre a metodologia empregada nas sessões de treinos e jogos ? Comente.

22) Como você trabalha a disciplina com os seus atletas levando em consideração o regulamento das competições?

23) Você procura aprofundar os seus conhecimentos teóricos em busca de novas metodologias que possam possibilitar melhorias no seu trabalho prático nos treinos e jogos?

24) Considerando as questões tratadas, você gostaria de acrescentar outros comentários que a entrevista não contemplou?

FONTE/Validação do Instrumento de Coleta de Dados: dois (02) doutores, dois (02) mestres com experiências consolidadas em Técnicas Educacionais, Metodologia Científica e Metodologia da Pesquisa.

ANEXO VIII: CLUBES CADASTRADOS NA FEDERAÇÃO DE HANDEBOL DO ESTADO DO PARÁ – FHEP – 2008

CLUBES		FAIXA ETÁRIA									
		18 - 23		24 - 29		30 - 35		+ 35		TOTAL GERAL	
		ABS	%	ABS	%	ABS	%	ABS	%	ABS	%
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ	Masc.	10	38,5	10	55,6	5	71,4	1	50,0	26	49,1
	Fem	16	61,5	8	44,4	2	28,6	1	50,0	27	50,9
Total		26	100,0	18	100,0	7	100,0	2	100,0	53	100,0
PAYGANDU ESPORTECLUBE	Masc.	5	38,5	8	66,7	8	53,3	9	75,0	30	57,7
	Fem	8	61,5	4	33,3	7	46,7	3	25,0	22	42,3
Total		13	100,0	12	100,0	15	100,0	12	100,0	52	100,0
ASOEBEL	Masc.	13	41,9	8	66,7	1	100,0	0	0,0	22	50,0
	Fem	18	58,1	4	33,3	0	0,0	0	0,0	22	50,0
Total		31	100,0	12	100,0	1	100,0	0	0,0	44	100,0
HANDEBOLCLUBE VIGIA	Masc.	10	71,4	4	36,4	0	0,0	0	0,0	14	48,3
	Fem	4	28,6	7	63,6	4	100,0	0	0,0	15	51,7
Total		14	100,0	11	100,0	4	100,0	0	0,0	29	100,0
CLUBEMUNICIPAL ANANINDEUA	Masc.	37	66,1	9	47,4	1	20,0	0	0,0	47	58,0
	Fem	19	33,9	10	52,6	4	80,0	1	0,0	34	42,0
Total		56	100,0	19	100,0	5	100,0	1	0,0	81	100,0
SOCIEDADE ESPORTIVA PAMBRAS ABAETETUBENSE	Masc.	16	100,0	5	100,0	2	100,0	0	0,0	23	100,0
	Fem	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Total		16	100,0	5	100,0	2	100,0	0	0,0	23	100,0
CACÓ SEMAÇOM BARCARENA	Masc.	5	100,0	12	100,0	6	100,0	1	100,0	24	100,0
	Fem	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Total		5	100,0	12	100,0	6	100,0	1	100,0	24	100,0
CENTRO DE ENSINO FEDERAL TECNOLÓGICO	Masc.	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
	Fem	23	100,0	3	100,0	0	0,0	0	0,0	26	100,0
Total		23	100,0	3	100,0	0	0,0	0	0,0	26	100,0
VILA NOVA CASTANHAL	Masc.	7	100,0	12	100,0	5	100,0	0	0,0	24	100,0
	Fem	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Total		7	100,0	12	100,0	5	100,0	0	0,0	24	100,0
ASSOCIAÇÃO DOS SERVIDORES DA SEDUC	Masc.	0	0,0	14	100,0	0	0,0	0	0,0	14	100,0
	Fem	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Total		0	0,0	14	100,0	0	0,0	0	0,0	14	100,0
BRAGANTINO CLUB DO PARÁ	Masc.	12	100,0	3	100,0	4	100,0	0	0,0	19	100,0
	Fem	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Total		12	100,0	3	100,0	4	100,0	0	0,0	19	100,0
DESENVOLVIMENTO LOCAL INT. E SUST. DESTA. CABEL	Masc.	8	72,7	10	55,6	1	50,0	0	0,0	19	61,3
	Fem	3	27,3	8	44,4	1	50,0	0	0,0	12	38,7
Total		11	100,0	18	100,0	2	100,0	0	0,0	31	100,0

8. ANEXOS

CLUBES		FAIXA ETÁRIA										
		18 - 23		24 - 29		30 - 35		+ 35		TOTAL GERAL		
		ABS	%	ABS	%	ABS	%	ABS	%	ABS	%	
C EAL HERBALIFE	Masc.	5	100,0	11	100,0	13	100,0	0	0,0	29	100,0	
	Fem	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	
Total		5	100,0	11	100,0	13	100,0	0	0,0	29	100,0	
ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES C.J. PROMORAR	Masc.	17	48,6	5	100,0	5	100,0	0	0,0	27	60,0	
	Fem	18	51,4	0	0,0	0	0,0	0	0,0	18	40,0	
Total		35	100,0	5	100,0	5	100,0	0	0,0	45	100,0	
CASTANHAL ESPORTECLUBE	Masc.	23	67,6	6	42,9	4	57,1	0	0,0	33	58,9	
	Fem	11	32,4	8	57,1	3	42,9	1	100,0	23	41,1	
Total		34	100,0	14	100,0	7	100,0	1	100,0	56	100,0	
		Masc.	168	58,3	117	69,2	55	72,4	11	64,7	351	63,8
		Fem	120	41,7	52	30,8	21	27,6	6	35,3	199	36,2
TOTAL GERAL		288	100,0	169	100,0	76	100,0	17	100,0	550	100,0	
FONTE: FEDERAÇÃO DE HANDEBOL DO ESTADO DO PARÁ - 2008												
LEGENDA: ABS-Absoluto												

ANEXO IX: DOSSIÊ - FEDERAÇÃO DE HANDEBOL DO ESTADO DO PARÁ

FEDERAÇÃO DE HANDEBOL DO ESTADO DO PARÁ

Filiada à Confederação Brasileira de Handebol – CBHb

Fundada em 18 de maio de 1994

CNPJ: 00.596.240/0001-09

Site: fhepa.cidadereal.com.br / E mail: fhepahand@hotmail.com

A Federação de Handebol do Estado do Pará – FHEPA, fundada em 18 de maio de 1994, hoje com 13 anos de existência em nosso estado, encontrava-se no esquecimento por parte de alguns Presidentes que tiveram a frente desta instituição, comprometendo todo o processo de crescimento do handebol Paraense. A partir do ano de 2005 com a entrada da nova Presidente a professora Cléia Filgueiras a FHEPA começa a se estruturar melhor visando ser uma federação mais atuante, com o objetivo de resgatar o handebol Paraense que estava adormecido e desestruturado durante os anos que se passaram. A professora Cléia montou uma equipe de trabalho com os seguintes cargos: Secretaria, Diretor Técnico e Diretor de Arbitragem, e atribui a essas pessoas poderes de resolver tudo relacionado ao handebol com o objetivo de resgatar o handebol da capital e principalmente do interior, onde esse esporte é bastante praticado.

O trabalho do Departamento Técnico naquele momento foi muito trabalhoso devido à federação não possuir nenhuma infra-estrutura para funcionar, mas a pessoa que estava à frente do departamento técnico não mediu esforços para ajudar e se colocou a inteira disposição em fazer com que aquele quadro fosse modificado, realizando todo o trabalho burocrático em sua residência. A federação naquele momento não possuía nenhuma ficha de filiação de clubes e muito menos de atletas.

Esse trabalho logo no início foi bastante cansativo e estressante, mas o departamento técnico conseguiu fazer acontecer, logo no 1º ano (2005) conseguimos

realizar o Campeonato Paraense Adulto nos naipes masculino e feminino, onde tivemos 07 clubes inscritos no masculino jogando entre si, e 04 clubes no feminino também jogando entre si, e cerca de 230 atletas envolvidos neste 1º ano, destes 07 clubes participantes, 04 vieram do interior do estado como ASEEL (Tucuruí), CASROLL(Castanhal), BREVES HANDEBOL CLUBE (Breves) e o IZABELENSE(Santa Izabel). Em 2005 as nossas equipes locais só saíram para representar o nosso estado a nível escolar e universitário.

Já em 2006 com a casa melhor estruturada e com a conquista da seriedade do trabalho feito e executado pelo departamento técnico os clubes começaram a se interessar em participar do campeonato paraense daquele ano, o departamento visualizando este crescimento ampliou a quantidade de categorias a ser disputada naquele ano e introduziu o infantil e o juvenil além do adulto que já existia. Neste ano nós tivemos 480 atletas inscritos e participando das diversas categorias distribuídas nos 11 clubes inscritos. Tivemos também a participação do clube ADEMA no masculino e HI no feminino disputando no estado do Piauí a fase regional do “Projeto Caça Talento”, competição oficial do Calendário da Confederação Brasileira de Handebol – CBHb, na categoria até 17 anos (cadete), além de participação das equipes paraenses nos Jogos Escolares Brasileiros (JEP’S) e Jogos Universitários (JUP’S).

O ano de 2006 foi marcado pela democracia e pelo interesse dos clubes em querer ver o handebol crescendo ainda mais, e pela primeira vez foi feita uma eleição com a participação de 11 clubes com direito a voto e que tinha como objetivo eleger o seu novo Presidente para comandar a FHEPA durante o período de 2007 a 2010. Nesta eleição tivemos uma única chapa concorrendo a do empresário já de nome do cenário esportivo o Sr. Miguel Sampaio, aonde foi eleito por voto secreto, obtendo maioria. Foi empossado em janeiro de 2007 com uma grande festa onde tivemos a participação de várias autoridades locais, representantes de clubes, imprensa televisionada e escrita, nesta mesma noite o presidente apresentou e empossou a sua equipe de trabalho, ressaltando a todos que seu objetivo principal era dar continuidade ao trabalho anterior, buscando ampliar mais ainda o crescimento do handebol paraense.

2007 A NOVA ERA DO HANDEBOL PARAENSE

Com a chegada da nova administração o primeiro trabalho da nova Presidência foi buscar informação na reunião que acontece todos os anos no mês de fevereiro com todos os presidentes de federações na Confederação Brasileira de Handebol – CBHb.

No início de março foi realizada a 1ª assembléia geral com os clubes com o propósito de traçar as metas para o ano de 2007, colocando para eles que o campeonato de 2007 seria disputado em 05 categorias – infantil, cadete, juvenil, júnior e adulto tanto masculino como feminino, além dos prazos de inscrições.

A federação hoje já disponibiliza de uma infra-estrutura adequada para um bom funcionamento e atendimento aos seus filiados, uma ampla sala com central de Ar, um computador conectado a internet, uma impressora, um aparelho de fax, uma estante para arquivo, duas mesas e três cadeiras, além da ótima localização, hoje a federação esta localizada em uma sala dentro da drogaria Forte que fica situada na Av. senador Lemos nº 1592 no bairro do Telegrafo.

Hoje a federação conta com todos os seus departamentos bastante ativos (Departamento Técnico, Departamento de Arbitragem e Comunicações), trabalhando juntos com um único foco que foi a realização do maior Campeonato de Handebol dos últimos tempos, com 914 atletas inscritos distribuídos em 18 clubes nas suas mais diversas categorias, sendo que 09 clubes vindos do interior e 09 da capital.

A federação tem hoje em seus registros a filiação de 18 clubes e cerca de 1.078 atletas inscritos, sendo que 674 no masculino e 404 no feminino. Em 2007 tivemos o Campeonato Paraense com a participação de 18 clubes onde foram realizados 90 jogos no primeiro turno e 94 jogos no segundo turno, dando um total de 184 partidas disputadas e que envolveu 914 atletas que foram distribuídos de acordo com o quadro abaixo:

CATEGORIA	Nº DE ATLETAS
INFANTIL	48
CADETE	75
JUVENIL	96

8. ANEXOS

JÚNIOR	147
ADULTO	548

O campeonato de 2007 foi realizado com a participação de 18 clubes, veja os quadros:

CATEGORIA ADULTO MASC.	CATEGORIA ADULTO FEM.
01- ASEEL	01- ASEEL
02- A.M.C.P./PROMORAR	02- A.M.C.P./PROMORAR
03- ANANINDEUA	03- ANANINDEUA
04- ASSEUDUC	04- CEFET
05- BRAGANTINO	05- CASTANHAL
06- CAECO/SEMACON	06- DLIS
07- CASTANHAL	07- HANDEBOL CLUBE VIGIA
08- DLIS	08- PAYSANDU
09- HI	09- UEPA
10- HC/CEAL	
11- HANDEBOL CLUBE VIGIA	
12- PAYSANDU	
13- PALMEIRAS	
14- UEPA	
15- VILA NOVA	
CATEGORIA JÚNIOR MASC.	CATEGORIA JÚNIOR FEM.
01- ADEMA	01- ANANINDEUA
02- ANANINDEUA	02- PAYSANDU
03- ASSOC. DESP. LOURDINAS	
04- HI	
05- UEPA	

CATEGORIA JUVENIL MASC.	CATEGORIA JUVENIL FEM.
01- ADEMA	01- ANANINDEUA
02- ANANINDEUA	02- CEFET
03- PAYSANDU	03- PAYSANDU
CATEGORIA CADETE MASC.	CATEGORIA CADETE FEM.
01- ADEMA	01- HANDEBOL CLUBE VIGIA
02- ANANINDEUA	02- PAYSANDU

Cont. da tabela anterior.

CATEGORIA INFANTIL MASC.	CATEGORIA INFANTIL FEM.
01- ADEMA	01- ASSOC. DESP. LOURDINAS
02- ANANINDEUA	02- PAYSANDU

Dos 18 clubes participantes 09 são do interior do estado e 08 destes clubes são patrocinados pelas prefeituras municipais e apenas 01 clube pela a empresa Eletronorte.

Os clubes Paraenses estiveram participando de eventos nacionais, como foi o caso da equipe do Paysandu Sport Club na categoria adulto feminino que participou do “Campeonato Brasileiro de Clubes 1ª Divisão” no período de 19 a 23 de junho na cidade de Campina Grande na Paraíba, onde obteve a 5º colocação.

A participação do clube ADEMA no masculino e do HANDEBOL CLUBE VIGIA no feminino onde tiveram representando o nosso estado na “Copa Norte de Handebol” na categoria juvenil realizada na cidade de São Luis do Maranhão no período de 29 de novembro a 02 de dezembro e ambas as equipes ficaram em 3º lugar.

Além das participações das nossas escolas nos Jogos Escolares Brasileiros categoria 14 anos realizado em Poços de Caldas – MG, e a categoria 17 anos realizada na cidade de João Pessoa – Pb, além da seleção universitária masculina e feminina da ESMAC que esteve representando o estado nos Jogos Universitários realizado em junho na cidade de Blumenau - Sc e também a participação neste mesmo evento de uma dupla de arbitragem do nosso estado o professor Vinicius Palitot e a Professora Lúcia Martins.

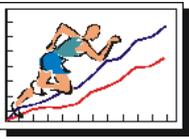
Tivemos aqui em Belém no período de 29 de agosto a 02 de setembro o Curso de “FORMAÇÃO E ATUALIZAÇÃO DE ARBITRAGEM”, ministrado por 02 árbitros internacionais com a participação de 60 pessoas inscritas.

A federação tem como seu maior parceiro a SEEL (Secretaria Executiva de Esporte e Lazer), que sempre vem disponibilizando recursos para atender aos pedidos desta federação.

Calcula-se que houve este ano um investimento em torno de R\$100.000 (Cem Mil Reais) com o handebol dentro do nosso estado, valores estes destinados na realização do Campeonato Paraense, Curso de Arbitragem, Campeonato Brasileiro de Clubes 1ª Divisão, Copa Norte e Jogos Abertos.

A federação também investiu na modernização criando a sua página virtual (www.fhepa.cidadereal.com.br), onde informa tudo a respeito do handebol paraense, facilitando a todos os filiados as informações sem custo nenhum.

ANEXO X: ARTIGOS PUBLICADOS



Does an in-Season 6-Week Combined Sprint and Jump Training Program Improve Strength-Speed Abilities and Kicking Performance in Young Soccer Players?

by

Mário C. Marques^{1,2}, Ana Pereira^{2,4}, Ivan G. Reis⁵, Roland van den Tillaar^{2,3}

The aim of this study was to examine the effect of a six-week combined jump and sprint training program on strength-speed abilities in a large sample of youth competitive soccer players. It was hypothesized that the experimental training group would enhance their jumping and sprinting abilities. Enhancement of kicking performance was also hypothesized due to an expected increase in explosive strength established by a plyometric and sprinting regimen. Fifty-two young male soccer players playing at the national level (aged 13.4 ± 1.4 years, body mass 53.4 ± 11.7 kg, body height 1.66 ± 0.11 m) took part in the study. Half of the group underwent the plyometric and sprint training program in addition to their normal soccer training, while the other half was involved in soccer training only. The plyometric training group enhanced their running (+1.7 and +3.2%) and jumping performance (+7.7%) significantly over the short period of time, while the control group did not. Furthermore, both groups increased their kicking velocity after just six weeks of training (+3.3 vs. 6.6%). The findings suggest that a short in-season 6-week sprint and jump training regimen can significantly improve explosive strength in soccer-specific skills and that these improvements can be transferred to soccer kicking performance in terms of ball speed.

Key words: speed training, lower extremity, kicking, soccer.

Introduction

Soccer is the world's most popular sport. Due to this fact, many studies have been conducted in an attempt to provide understanding of the essential skills required by players (Cometi et al., 2001; Wisloff et al., 2004; Chelly et al., 2009; Mújica et al., 2009; Requena et al., 2009). Unfortunately, there is a relatively small body of scientific knowledge in this field, and consequently most players acquire soccer skills as a result of individual training experiences rather than academic research-based instruction (López-Segovia et al., 2011).

Running is a predominant activity involved in playing soccer, while explosive-type activities such as sprinting, jumping, tackling and kicking are important factors for successful performance (Wisloff et al., 1998; Hoff and Helgerud, 2004; Thorlund et al., 2009). Although explosive performance has been studied in soccer (Wisloff et al., 1998; Haff et al., 2001; Wisloff et al., 2004), only few studies have investigated the effects of plyometric training programs on youth competitive soccer players. The reason why activities such as plyometrics (for example,

¹ - Department of Sport Sciences, University of Beira Interior, Covilhã, Portugal.

² - Research Centre for Sport, Health and Human Development, Vila Real, Portugal.

³ - Department of Teacher Education and Sports of Sogn and Fjordane University College, Norway.

⁴ - Department of Sport Sciences, University of Trás-os-Montes and Alto Douro, Vila Real, Portugal.

⁵ - Department of Sport Sciences, University of Pará, Belém, Brasil.

jumping exercises) are so effective in improving speed is that they cannot be performed without a high rate of power production, the rapid application of force, and acceleration. This is precisely why plyometrics correspond dynamically with many athletic activities involved in soccer, such as jumping, sprinting and kicking, and thus, should be assigned a high level of priority in training (Chamari et al., 2008).

As far as the effect of plyometric training on motor performance is concerned, research has mainly focused on determining the influence of different plyometric programs on jumping (Diallo et al., 2001; Christou et al., 2006; Michailidis et al., 2012) and sprinting performance rather than kicking. Although some authors have identified significant relationships between the strength of the lower limbs and ball-kicking velocity in soccer players (Vera et al., 2008), there is still a lack of data regarding the effects of a plyometric training program on the characteristics of an activity such as kicking, especially in youth competitive male soccer players. Indeed, with regard to male players the effects of strength training on kicking performance are elusive. Manolopoulos et al. (2004), Perez-Gomez et al. (2008) and Sedano Campo et al. (2009) concluded that strength training focusing on the lower limbs can lead to improved kicking performance in soccer in terms of ball speed, but it takes time to transfer this to a specific activity. Several authors (Billot et al., 2010; Anderson and Dorge, 2011) have stated that the discrepancy between the findings of previous experiments may be explained by different research protocols such as differences in the length of training programs, the status of subjects, and training loads.

To the best of our knowledge, modifications in jumping, sprinting and kicking performance as a result of a plyometric training regimen have not been investigated simultaneously as part of a study involving a large number of young competitive soccer players. Therefore, the aim of this study was to examine the effect of a six-week combined plyometric and sprint program on different motor abilities and kicking speed in youth soccer players. It was hypothesized that the training group would enhance their jumping and sprinting performance. Enhancement of kicking performance was also hypothesized due to an

expected increase in explosive strength established by the plyometric and sprinting program.

Material and Methods

Experimental Approach to the Problem

A repeated-measures design involving two groups (a training group and a control group) was used in order to determine the effectiveness of a plyometric and sprint training program on different motor abilities and kicking skills of youth soccer players as part of a 6-week training program. A randomized controlled study was conducted involving three teams of youth male soccer players. The three teams all had the same number of members at the pretest stage. Half of each team underwent the plyometric and sprint program in addition to normal soccer training and the other half was involved in soccer training only.

Subjects

Fifty-two competitive youth male soccer players (aged 13.4 ± 1.4 years, body mass 53.4 ± 11.7 kg, body height 1.66 ± 0.11 m) took part in the study. Participants belonged to three different teams playing at the national level in their age category. Subjects were fully informed about the protocol before the start of the study. Informed consent was obtained prior to testing from all subjects and parents in accordance with the recommendations of the local ethical committee and current ethical standards in sports and exercise research.

Procedures

Before the pretest stage the participants were familiarized with the different tests during a practice session in order to avoid the learning effect. Pre- and post-tests were performed with maximal intensity. All tests were conducted in an indoor facility in order to eliminate the effect of weather conditions on results.

After a general warm-up of 15 minutes, each participant was tested for explosive strength of the lower limbs by means of a counter movement jump (CMJ) (Wisloff et al., 2004). Participants started from a standing position with their hands on their waist, standing on a contact mat (Ergojump, 1000 Digitime, Digest, Finland). Next, they flexed their knees to 90° , and then jumped as high as possible while holding their

hands on their waist. Flight time was measured and the jump height was calculated from flight time. Three attempts were made, with 2 minutes of rest between them.

Subjects were required to perform three 30 m sprints. Times at 0-15m (T_{15}), 15-30m (T_{15-30}) and 0-30m (T_{30}), were recorded using photocells (Brower Wireless Sprint System, USA). Sprints were separated by 3 minutes of rest. The best attempt was considered for further analysis.

Finally, maximal kicking velocity was evaluated by players kicking a standard soccer ball (mass approximately 430g, circumference 70 cm) straight forward as hard as possible over a 25 m distance. The maximal kicking velocity of the ball was determined using a Doppler radar gun (Sports Radar 3300, Sports Electronics Inc.), with $\pm 0.028 \text{ m}\cdot\text{s}^{-1}$ accuracy within a field of 10 degrees from the gun. The radar gun was located 1 m behind the goal at ball height during the kick. Two minutes of rest was allowed between each attempt. Three attempts were made and the best one was recorded.

After the pretest, participants from each team were randomly divided into a training

group ($n=26$) and a control group ($n=26$). The training group conducted an additional short plyometric and sprint training program consisting of four jumping exercises per session followed by sprint drills (Table 1).

The jumping exercises focused on limited ground contact, which is important for increasing explosive power of the lower limbs (Billot et al., 2010). A full description of the exercises is contained in Figure 1. The training load was increased in accordance with the principle of overload (Chelly et al., 2009). Each participant repeated the training program twice a week for 6 consecutive weeks. Participants were subject to this training besides their regular soccer training, which consisted of four sessions per week. The length of the strength-speed training program was 20 minutes. A coach with several years of experience in plyometric and sprint training supervised each training session in order to ensure that participants performed the exercises with maximal intensity and proper form. The control group was involved in a regular training regime only for the duration of the experiment.



Figure 1

Jumping exercises.

- A. 2-legged jumps
- B. 2-legged jumps as high as possible (knees bent)
- C. Short, quick hops on one leg
- D. Heading without ball
- E. 1-legged jumps as high as possible
- F. 2-legged jumps as far as possible (knees bent)
- G. 2-legged jumps up steps

Table 1
Training program showing total repetitions per training sessions

Exercise	Training sessions					
	1	2	3	4	5	6
2-legged jumps	3 x 20	3 x 20	3 x 20	3 x 25	3 x 25	3 x 25
2-legged jumps (knees bent)	3 x 10	3 x 10	3 x 10	3 x 10	4 x 10	4 x 10
Short, quick hops on one leg	3 x 10	3 x 10	3 x 10	3 x 10	2 x 10	2 x 10
1-legged jumps as high as possible	2 x 8	2 x 8	2 x 8	2 x 8	3 x 8	3 x 8
Sprint from a standing position	5 x 20m	6 x 20m	6 x 20m	6 x 20m	2 x 4 x 20m	-
Sprint from a lying position						2 x 4 x 10m
Exercise	Training sessions					
	7	8	9	10	11	12
2-legged jumps	3 x 30	3 x 30	-	-	-	-
2-legged jumps up steps	-	-	4 x 20	4 x 20	5 x 20	5 x 20
2-legged jumps as far as possible (knees bent)	3 x 10	3 x 10	4 x 10	4 x 10	4 x 10	4 x 10
Short, quick hops on one leg	3 x 10	3 x 10	3 x 10	3 x 10	3 x 10	3 x 10
1-legged jumps as high as possible	3 x 10	3 x 10	-	-	-	-
Heading without ball	-	-	3 x 5	3 x 5	3 x 5	3 x 5
Sprint from lying start position	5 x 30m	5 x 15m	-	-	-	-
Sprint from 5m sideways start	-	-	6 x 30m	6 x 15m	2 x 4 x 30m	2 x 4 x 15m

Statistical Analysis

A one-way ANOVA was performed on the anthropometric variables and considered motor abilities and skills (sprinting, jumping and kicking) of the two groups at the pre-test stage. In order to compare the effects of the training protocol, a mixed design 2 (test occasion: pre-post: repeated measures) \times 2 (group: training vs. control group) analysis of variance (ANOVA) was carried out. Test-retest reliability (3 repeats per condition) as indicated by intra-class correlations (ICC) was 0.95, 0.87, 0.97, 0.95, and 0.90 respectively for peak-kicking ball velocity, running times (0-15m, 15-30m and 0-30m) and jump height. The level of significance was set at $p \leq 0.05$.

Results

Pretest data indicated no statistical differences ($p = 0.42$) in term of anthropometrics or performance between the two groups. A

significant increase was found following the training period in term of running times ($p \leq 0.026$; Figure 2) and kicking velocity ($p < 0.001$; Figure 3). No significant difference was found in terms of jump height after the training period ($p = 0.12$). However, an interaction effect ($p = 0.036$) between the groups in terms of jump height was found; the training group increased their jump height significantly (+7.7%), while the performance of the control group remained unchanged (-1.1%; Figure 4). No significant interaction effect (training group) was found for running times ($p = 0.992$: 0-15m, $p = 0.058$: 15-30m, $p = 0.297$: 0-30m) or kicking velocity (+6.6%: training group vs. +3.3%: control group; $p = 0.07$). However, post hoc analysis showed that the running time of the training group decreased significantly between 15-30m (+3.2%) and 0-30m (+1.7%; $p < 0.001$; Figure 2) while the control group did not show any significant changes in running times (+0.9%; $p \geq 0.14$; Figure 2).

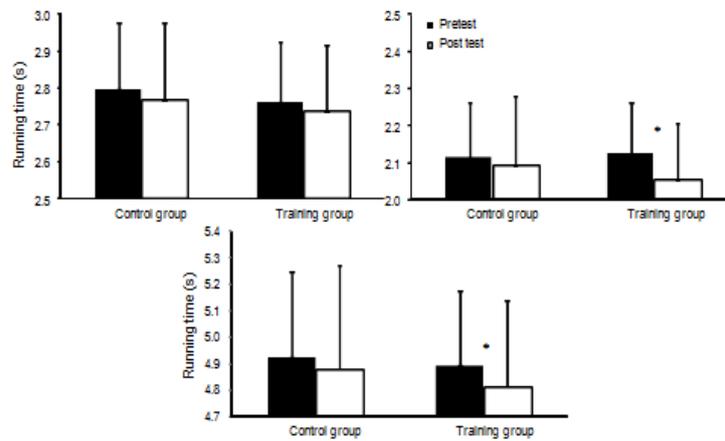


Figure 2

Running times (Mean ± SD) at 15m, 30 m and between 15 and 30 m, for the training and control groups.

() indicates significant main effect from pre- to post test for this group ($p < 0.05$).*

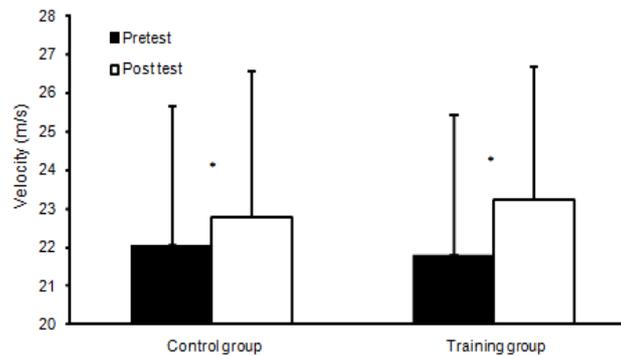
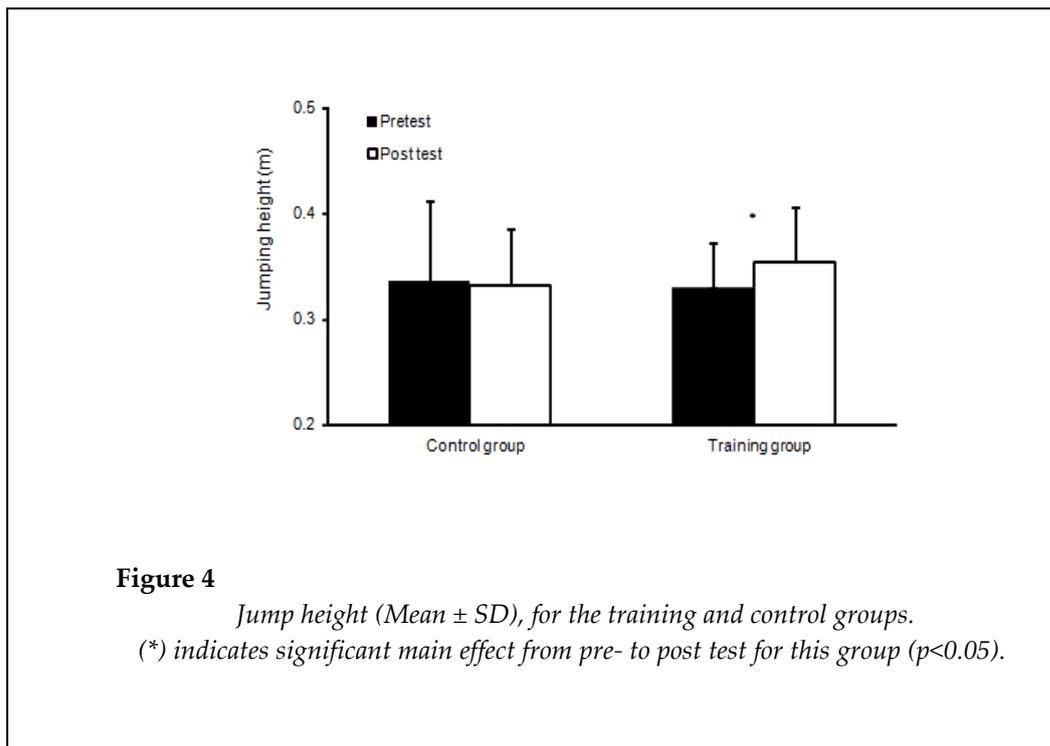


Figure 3

Peak ball velocity (Mean ± SD), for the training and control groups.

() indicates significant main effect from pre- to post test for this group ($p < 0.05$).*



Discussion

The aim of this study was to examine the effect of a six-week combined plyometric and sprint program on strength-speed abilities and kicking velocity in youth soccer players. The main finding is that the training group enhanced their running and jumping performances significantly over a short period of time, while the control group did not. Furthermore, both groups increased their kicking velocity after just six weeks of training. However, the difference in kicking velocity between the two groups was not significant.

Vertical jump height increased for the experimental group only (+7.7%) while no significant changes were found in the control group (-1.1%), what is in accordance with the findings of Sedano et al. (2009), who also found an increase of 8.5% in jump height after 6 weeks of plyometric training in female soccer players. The improvement in jump height indicates that adaptations associated with increases in leg muscle power have occurred. Adaptations to training are likely to be neural because these predominate in the early stages of strength and power training (Billot et al., 2010) and have been shown to be the main adaptation to plyometric exercise (Diallo et al., 2001; Michailidis et al.,

2012). Other factors may have contributed to the improvement in vertical jump performance in the experimental group, including improved synchronization of body segments, increased coordination levels, and greater muscular strength. These factors may be related to a more effective skill domain in vertical jumping, also contributing to explaining the lack of improvement in the control group. After 8 weeks of training of low intensity, Diallo et al. (2001) also found significant improvements in jumping ($p < 0.01$) ability using a similar plyometric training regimen in youth male soccer players. During this period, no significant performance increase was recorded in the control group. These results demonstrate that short-term plyometric training programs increase athletic performance in prepubescent boys. In contrast, Chimera et al. (2004) did not find any significant increase in jumping ability after a 6-week plyometric training program. Similarly, Alves et al. (2010) failed to observe any significant change in CMJ performance in youth athletes after complex and contrast training. The difference in the frequency of training could be the reason for the discrepancy in the results. Alves et al. (2010) considered that these trends were related to the fact that the training program included only one training session per week. According to these authors,

improving jump performance would require a minimum of two training sessions per week. However, in the present study, the use of two training sessions per week produced significant increases in CMJ height. Moreover, many authors have suggested that muscular performance gains after plyometric training are attributable to neural adaptations rather than morphologic changes (de Villarreal et al., 2008). According to these authors, neuromuscular factors such as increasing the degree of muscular coordination and maximizing the ability to use the muscles' stretch-shortening cycle appear to be more important than changes in fiber size. The findings of the present study are in agreement with these authors because there were no interaction or time effects with regard to the muscle mass component. Nevertheless, neither muscle mass nor neuromuscular variables were assessed in the present study. Further studies focusing on neuromuscular factors are required in order to corroborate this for soccer players. The improvement of muscular coordination following the training period is probably partly related to the specificity of movements used during the training program (Davids et al., 2008).

Sprint times only decreased significantly in the training group between 15 and 30m, and over the total 30m (produced by a faster time between 15 and 30m), but not in the first 15m. An explanation for this could be that most jump exercises in the program in this study focused on vertical force and limited ground contact. This enhances vertical strength and power in participants. As shown by Mann (2011), in sprinting, vertical force is of key importance after the first 10m of a sprint start. In the first few meters after the start, horizontal force is more important (Zatsiosky et al., 1995), which was not given significant attention (only one exercise was carried out) in our jumping program (Figure 1). Furthermore, during the sprint start, acceleration from 0 velocity to 5-7 m/s is in two to three steps (Mann, 2011). Thus, to achieve this in athletes in the first 15 meters a large number of sprints probably have to be performed before a significant enhancement is recorded. In this study, participants only trained 12 times with, at maximum, 5 to 8 starts per session, with no feedback on technique. This was probably not sufficient to improve sprint times over the first

15m. Despite the importance of sprint technique for speed enhancement (Plisk et al., 2000), this was not a routine practice for the sample group of youth soccer players. In fact, although sprint, acceleration, and changes in direction are movements which are inherent in performance for soccer players in matches and competitions, these were not sufficient to produce significant changes in the first 15m. These results, however, contrast with those observed by Thomas et al. (2009). Indeed, these authors failed to observe any significant differences ($p>0.05$) in sprint times (5, 10, 14, and 20m) after 6 weeks of plyometric training in adolescent soccer players. Some of these findings can be attributed to a number of factors, especially the specificity of the resistance training regimen. Nevertheless, the participants recruited by Thomas et al. (2009) were randomly assigned to a depth-jump training group or a CMJ protocol with no performance of sprint exercises. Curiously, Jovanovic et al. (2011) and Tønnessen et al. (2011) used a training program which was similar to that used in the present study and found significant changes ($p<0.05$) in sprinting performance, and therefore, provide support for our experimental results. Because the participants in the present study trained twelve hours per week on average, a slight concern was raised as to whether this sprint program, conducted twice a week, would be sufficient to improve sprint performance over a short period of time.

Regarding kicking performance, in this study an increase of 6.6% in ball velocity was found in the experimental group, which was approximately the same (7.1%) as the findings of Sedano et al. (2009) and Campo et al. (2009) for female soccer players following a 6-week plyometric training program. In this study, an increase of 3.3% was also recorded for the control group. The difference between the groups was not significant but the improved kicking velocity of the training group was probably due to enhanced power of the leg muscles. In a study carried out by Sedano et al. (2009) and Campo et al. (2009), the control group did not show any increase in kicking velocity. However, it showed higher pretest kicking velocities than the training group. In addition, these changes may be the result of an adaptation to the kicking movement following gains in strength and may be the result of an altered stretched-shortening cycle of the

musculature involved (Manolopoulos et al., 2006). However, in the current study there were no such findings, while improvements in kicking velocity could be caused by an increased transfer of energy from proximal to distal segments, which may have contributed to higher ball-speed following the plyometric training intervention program. Furthermore, participants are youth players who are still developing and as a result of training they probably improved their soccer kicking performance.

Most studies evaluating the effects of plyometric training use drop jumps (Thomas et al., 2009), hurdle jumps and long horizontal jumps, which can be extremely taxing on the neuromuscular system (Thomas et al., 2009; Michailidis et al., 2012). In this study, vertical jumps, which are not very taxing on the lower limbs, were mainly used. Furthermore, total training time equaled only 15 minutes per session, which is easy to incorporate in regular soccer training undertaken twice a week. This is one advantage of this type of a training program. However, a combined plyometric and sprint program was used for the enhancement of different motor skills in youth soccer players. This makes it difficult to say whether only plyometrics, sprinting, or a combination of both training forms

would help in enhancing these motor skills to the greatest degree. In future studies, plyometric or sprint training should be used separately to investigate the effect of these programs on different motor skills in youth soccer players. It is important to determine this before stating what exactly (plyometric, sprinting or a combination) enhances such performances.

Practical Applications

On the basis of the findings of the present study, it may be concluded that a short 6-week period of combined sprint and plyometric training can significantly improve explosive strength in youth competitive soccer players, and, more importantly, that this improvement can be transferred to soccer kicking performance in terms of ball velocity. Therefore, male soccer professionals can benefit from plyometric training by increasing their ability to use explosive strength effectively while performing a specific activity. However, soccer coaches should also be aware that plyometric training should be combined with regular soccer training in order to ensure that gains in terms of explosive strength are transferred to the kinematic parameters of the kicking movement.

Acknowledgement

We would like to extend our thanks to those who took part in this study.

References

- Alves JMVM, Rebelo AN, Abrantes C, Sampaio J. The Short term effects of complex and contrast training on soccer players' vertical jump, sprint, and agility abilities. *J Strength Cond Res*, 2010; 24: 936-941
- Andersen TB, Dorge HC. The influence of speed of approach and accuracy constraint on the maximal speed of the ball in soccer kicking. *Scand J Med Sci Sports*, 2011; 21: 79-84
- Billot M, Martin A, Paizis C, Cometti C, Babault N. The Effects of an electro-stimulation training program on strength, jumping, and kicking capacities in soccer players. *J Strength Cond Res*, 2010; 24: 1407-1413
- Campo S, Vaeyens R, Philippaerts RM, Redondo J, de Benito A, Cuadrado G. The Effects of lower-limb plyometric training on body composition, explosive strength, and kicking speed in female soccer players. *J Strength Cond Res*, 2009; 23: 1714-1722
- Chamari K, Chaouachi A, Hambli M, Kaouech F, Wisloff U, Castagna C. The five-jump test for distance as a field test to assess lower-limb explosive power in soccer players. *J Strength Cond Res*, 2008; 22: 944-950
- Chelly MS, Fathloun M, Cherif N, Ben Amar M, Tabka Z, Van Praagh E. The Effects of a back-squat training program on leg power, jump, and sprint performances in junior soccer players. *J Strength Cond Res*, 2009; 23: 2241-2249
- Chimera NJ, Swanik KA, Swanik CB, Straub SJ. The Effects of plyometric training on muscle-activation

- strategies and performance in female athletes. *J Athletic Train*, 2004; 39: 24-31
- Christou M, Smilios I, Sotiropoulos K, Volaklis K, Pilianidis T, Tokmakidis SP. The Effects of resistance training on the physical capacities of adolescent soccer players. *J Strength Cond Res*, 2006; 20: 783-791
- Cometti G, Maffiuletti NA, Pousson M, Chatard JC, Maffulli N. The Isokinetic strength and anaerobic power of elite, sub-elite and amateur French soccer players. *Int J Sports Med*, 2001; 22: 45-51
- Davids K, Glazier P, Araujo D, Bartlett R. Movement systems as dynamic systems: the functional role of variability and its implications for sports medicine. *Sports Med*, 2003; 33: 245-260
- Diallo O, Dore E, Duche P, Van Praagh E. The Effects of plyometric training followed by a reduced training programme on physical performance in prepubescent soccer players. *J Sports Med Phys Fitness*, 2001; 41: 342-348
- Haff GG, Withley A, Potteiger JA. A brief review: Explosive exercises and sports performance. *J Strength Cond Res*, 2001; 23: 13-20
- Hoff J, Helgerud J. Endurance and strength training for soccer players: physiological considerations. *Sports Med*, 2004; 34: 165-180
- Jovanovic M, Sporis G, Omrcen D, Fiorentini F. The Effects of speed, agility and quickness training method on power performance in elite soccer players. *J Strength Cond Res*, 2011; 25: 1285-1292
- López-Segovia M, Marques MC, van den Tillaar R, González-Badillo JJ. Relationships Between Vertical Jump and Full-Squat Power Outputs With Sprint Times in U21 Soccer Players. *J Human Kinetics*, 2011; 30: 135-144
- Mann R. *The Mechanics of Sprinting and Hurdling*, Lexington: KY, 89-125; 2011
- Manolopoulos E, Papadopoulos C, Salonikidis K, Katartzi E, Poluha S. Strength training effects on physical conditioning and instep kick kinematics in young amateur soccer players during the preseason. *Percept Mot Skills*, 2004; 99: 701-710
- Michailidis Y, Fatouros IG, Primpa E, Michailidis C, Avloniti A, Chatzinikolaou A, Barbero-Alvarez JC, Tsoukas D, Douroudos II, Draganidis D, Leontsini D, Margonis K, Berberidou F, Kambas A. Plyometrics and Trainability in Pre-Adolescent Soccer Athletes. *J Strength Cond Res*, 2012; 27: 38-39
- Mújica I, Santiesteban J, Castagna C. The In-season effect of short-term sprint and power training programs on elite junior soccer players. *J Strength Cond Res*, 2009; 23: 2581-2587
- Perez-Gomez J, Olmedillas H, Delgado-Guerra S, Ara I, Vicente-Rodriguez G, Ortiz RA, Chavarren J, Calbet JA. The Effects of weight-lifting training combined with plyometric exercises on physical fitness, body composition, and knee extension velocity during kicking in football. *Appl Physiol Nutr Metab*, 2008; 33: 501-510
- Plisk SS. Speed, Agility, and Speed-Endurance Development, in: T.R. Baechle and R.W. Earle (Eds.), *Essentials of Strength Training and Conditioning*, Champaign: Human Kinetics Books, 471-492; 2000
- Requena B, Gonzalez-Badillo JJ, de Villareal ES, Ereline J, Garcia I, Gapeyeva H, Paasuke M. Functional performance, maximal strength, and power characteristics in isometric and dynamic actions of lower extremities in soccer players. *J Strength Cond Res*, 2009; 23: 1391-1401
- Sedano S, Vaeyens R, Philippaerts RM, Redondo JC, Cuadrado G. The Anthropometric and anaerobic fitness profile of elite and non-elite female soccer players. *J Sports Med Phys Fitness*, 2009; 49: 387-394
- Sedano S, Vaeyens R, Philippaerts RM, Redondo JC, de Benito AM, Cuadrado G. The Effects of lower-limb plyometric training on body composition, explosive strength, and kicking speed in female soccer players. *J Strength Cond Res*, 2009; 23: 1714-1722
- Thomas K, French D, Hayes PR. The effect of two plyometric training techniques on muscular power and agility in youth soccer players. *J Strength Cond Res*, 2009; 23: 332-335
- Tønnessen E, Shalfawi SAI, Haugen T, Enoksen E. The effect of 40-m repeated sprint training on maximum sprinting speed, repeated sprint speed endurance, vertical jump, and aerobic capacity in young elite

male soccer players. *J Strength Cond Res*, 2011; 25: 2364-2370

Thorlund JB, Aagaard P, Madsen K. Rapid muscle force capacity changes after soccer match play. *Int J Sports Med*, 2009; 30: 273-278

Vera JC, Alvarez JG, Medina MM. The Effects of different practice conditions on acquisition, retention, and transfer of soccer skills by 9-year-old schoolchildren. *Percept Mot Skills*, 2008; 106: 447-460

de Villarreal ES, Gonzalez-Badillo JJ, Izquierdo M. Low and moderate plyometric training frequency produces greater jumping and sprinting gains compared with high frequency. *J Strength Cond Res*, 2008; 22: 715-725

Wisloff U, Castagna C, Helgerud J, Jones R, Hoff J. Strong correlation of maximal squat strength with sprint performance and vertical jump height in elite soccer players. *Br J Sports Med*, 2004; 38: 285-288

Wisloff U, Helgerud J, Hoff J. Strength and endurance of elite soccer players. *Med Sci Sports Exerc*, 1998; 30: 462-467

Zatsiorsky VM. *Science and Practice of Strength Training*, Champaign, IL: Human Kinetics Books; 70-100; 1995

Corresponding author:

Mario C. Marques

Department of Sport Sciences, University of Beira Interior, Covilhã, Portugal

Rua Marquês d'Ávila e Bolama, 6201-001 Covilhã, Portugal

Phone: +351 275 329 153

Fax: +351 275 329 157

E-mail: mariomarques@mariomarques.com



YOUR ACCOUNT

[Update your contact details](#)
[Modify your password](#)
[Update your areas of interest](#)

YOUR ORDERS

[Order to be completed](#)
[Completed orders](#)

SHOPPING BASKET

Items: 0

Total amount: € 0,00

[Order details and checkout](#)

HOW TO ORDER

[Journals](#)
[Books](#)

YOUR SUBSCRIPTIONS

[Activate](#)
[View](#)
[Contact subscriptions department](#)

YOUR ARTICLES

[View](#)

ACCESSIBILITY

[Standard viewing](#)
[Larger font](#)
[Text only](#)
[High-contrast layout](#)

CURRENT ISSUE ARCHIVE EPUB AHEAD OF PRINT MOST READ

GAZZETTA MEDICA ITALIANA ARCHIVIO PER LE SCIENZE MEDICHE

Gazzetta Medica Italiana Archivio per le Scienze Mediche 2014 July-August;173(7-8):393-9

ORIGINAL ARTICLES

Assessment of the motor development of children poisoned with mercury

 Sousa J. M. ^{1, 2}, Novaes J. S. ³, Rodrigues Neto G. ³, Sousa M. S. ^{1, 2}, Reis I. G. ¹, Carvalho M. I. ¹
¹ [University of Trás-os-Montes and Alto Douro \(UTAD\)](#), [Doctoral Program](#) in Sport Science, Portugal;

² [State University of Pará \(UEPA\)](#), Belém, Pará, Brazil;

³ [Federal University of Rio de Janeiro \(UFRJ\)](#), [Physical Education, Graduate Program](#), Rio de Janeiro, RJ, Brazil

AIM: The aim of the present study was to compare the anthropometric measurements and [motor performance](#) of children from the state of Pará, Brazil who had been contaminated with methylmercury to those of children who were free of methylmercury contamination.

METHODS: This report is a [cross-sectional](#) study conducted with 183 children from Pará aged seven to 11 years who were divided into two groups: one comprised 115 children who had been contaminated with methylmercury according to [hair analysis](#), and the other comprised 68 noncontaminated children who lived far from mining areas. The revised Test of [Gross Motor](#) Development (TGMD-2) was used. The test comprises 12 areas, six of which measure locomotor skills and six of which measure object control skills. Intergroup analysis was performed with the Mann-Whitney test using BioEstat Version 5.3 software ($p < 0.01$).

RESULTS: The anthropometric parameters (body mass, height, and [body mass index](#) [BMI]) did not exhibit significant differences between the groups ($p = 0.844$; $p = 0.498$; and $p = 0.814$, respectively). However, the motor development skills (locomotion, object control, and gross motor quotient) values were significantly greater in the contaminated compared with the noncontaminated group ($p = 0.0001$ for all three variables).

CONCLUSION: [Mercury](#) poisoning did not affect the anthropometric characteristics (growth) of the studied [children](#) but did impair their motor performance.

 language: [English](#)

FULL TEXT REPRINTS

[top of page](#)

Assessment of the motor development of children poisoned with mercury

J. M. SOUSA^{1,2}, J. S. NOVAES³, G. RODRIGUES NETO³
M. S. S. R. SOUSA^{1,2}, I. G. REIS¹, M. I. M. M. CARVALHAL¹

Aim. The aim of the present study was to compare the anthropometric measurements and motor performance of children from the state of Pará, Brazil who had been contaminated with methylmercury to those of children who were free of methylmercury contamination.

Methods. This report is a cross-sectional study conducted with 183 children from Pará aged seven to 11 years who were divided into two groups: one comprised 115 children who had been contaminated with methylmercury according to hair analysis, and the other comprised 68 noncontaminated children who lived far from mining areas. The revised Test of Gross Motor Development (TGMD-2) was used. The test comprises 12 areas, six of which measure locomotor skills and six of which measure object control skills. Intergroup analysis was performed with the Mann-Whitney test using BioEstat Version 5.3 software ($p < 0.01$).

Results. The anthropometric parameters (body mass, height, and body mass index [BMI]) did not exhibit significant differences between the groups ($p = 0.844$; $p = 0.498$; and $p = 0.814$, respectively). However, the motor development skills (locomotion, object control, and gross motor quotient) values were significantly greater in the contaminated compared with the noncontaminated group ($p = 0.0001$ for all three variables).

Conclusion. Mercury poisoning did not affect the anthropometric characteristics (growth

¹University of Trás-os-Montes and Alto Douro (UTAD)
Doctoral Program in Sport Science, Portugal

²State University of Pará (UEPA)
Belém, Pará, Brazil

³Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ)
Physical Education, Graduate Program,
Rio de Janeiro, RJ, Brazil

of the studied children but did impair their motor performance.

KEY WORDS: Growth and development - Mercury poisoning - Child.

Mercury (Hg) exposure is a priority in environmental public health studies.^{1,2} Hg is a highly toxic metal that persists for long periods in the environment, and its effects are potentiated by its wide dispersion across the environmental compartments, the atmosphere in particular, and its accumulation in the human body.³ When Hg is deposited in aquatic environments, it can undergo methylation and thus be transformed into its most toxic form (methylmercury). This transformation can affect the overall population, but it mostly affects riverine populations through their consumption of contaminated fish.⁴⁻⁶

Since 1980, the use of Hg in gold processing has resulted in the release of large amounts of Hg into the main rivers of the state of Pará. These rivers include the 1784-

Corresponding author: G. Rodrigues Neto, Federal University of Rio de Janeiro, Physical Education-Graduate Program, Carlos Palut 513, Raposo Tavares 506, Bl: 03 Taquara, 22.710-310 Rio de Janeiro, Brazil.
E-mail: gabrielrodrigues_1988@hotmail.com

km Tapajós River, which hosts the largest mining operation in the entire Legal Amazon area. The results of recent studies raise concern because they revealed the true severity and magnitude of the Hg pollution in rivers, subsoil, and atmospheric air and the consequent contamination of the riverine populations.⁷

Because fish is the main source of protein for riverine populations, they are mainly affected by consuming fish contaminated by the Hg released in its natural state into the water through mining and leaching processes. In addition, the riverine populations, including children, are affected by the use of contaminated water for drinking, bathing, leisure, and bodily and environmental hygiene, thus facilitating the contamination through digestive (when the water is drunk) and percutaneous routes. In this regard, studies of the increasing numbers of fish-consuming communities in the Amazon area indicate that the average hair Hg levels vary from 2 to 20 µg/g,⁸⁻¹² whereas the World Health Organization (WHO) has established a maximum acceptable level of 0.5 µg/g.^{13, 14}

Recent studies conducted in the Amazon area by Dolbec *et al.*¹⁵ and Lebel *et al.*¹⁶ addressed the toxic effects of methylmercury on the motor and visual systems in riverine populations, particularly children. The brain is fully developed by six years of age; thus, methylmercury can cause irreversible brain damage that results in impaired motor development and motor performance. Dolbec *et al.*¹⁵ found that the manual dexterity and grip strength of women decreases as their hair Hg levels increase. That study confirmed that there is a correlation between exposure to methylmercury and reduced motor performance in another Amazonian area.

As a function of the high contamination level of the Tapajós River, the present study raised the hypothesis that the high toxicity of methylmercury, particularly to the central and peripheral nervous systems, might impair the motor development of riverine children aged seven to 11 years old.

Therefore, the aim of the present study

was to compare the anthropometric measures and motor performance of children from the municipality of Santarém-Pará and the Caratateua Island in Belém-Pará-Brazil who were and were not contaminated with methylmercury.

Materials and methods

The present study is cross-sectional because, according to Sousa Driessnack and Mendes,¹⁷ the variables were identified at a particular moment in time, and their mutual relationships were determined. A total of 183 children aged seven to 11 years from the state of Pará participated in the study. The volunteers were divided into two groups: one included children (n=115) with a mean age of 9.3±1.6 years who resided in Brasília Legal (a riverine area to the west of Belém, where mining is present) and were contaminated with methylmercury, according to hair analysis results. The other group comprised noncontaminated children (n=68) with a mean age of 8.8±1.2 years from Caratateua Island (in the Belém central area).

The inclusion criteria were as follows: the receipt of a signed informed consent form by the children and the parents, thus authorizing their participation in the study, and residence for at least five years in the Brasília Legal area and Caratateua Island. Boys with a body mass index (BMI) below 13 (kg/m²) and girls with a BMI below 14 (kg/m²) were excluded, as were children who exhibited any type of osteomuscular, mental, or neurological disease. Study details were explained verbally and in writing, and all participants and parents signed an informed consent form before participation in the study in accordance with the declaration of Helsinki. The study was approved by the Research Ethics Committee of the State University of Pará, Ruling No. 281849.

Determination of Hg contamination

Hair samples were collected from 115 children from the contaminated group ac-

cording to the technical standards recommended by the Evandro Chagas Institute/Brazil. The hair was washed to eliminate surface contaminants, and one gram of hair was collected from each volunteer using stainless steel scissors to cut the hair from three different sites at approximately 1 cm from the scalp. The samples were placed in envelopes that were labeled with the child's name, sealed, and sent to the environmental laboratory for the measurement of the total hair Hg content using nonflame atomic absorption spectrometry. All of the procedures followed Bloom and Fitzgerald's recommendations.¹⁸

Anthropometric assessment

Body mass (BM) was measured using platform digital scales (Filizola ID 1500, Brazil) with a precision of 0.1 kg, and height was measured using a stadiometer (Cardiomed, Brazil) with a precision of 0.01 mm; the data were used to calculate the BMI. All of the procedures followed the standards suggested by Gordon, Chumlea, and Roche.¹⁹

Motor assessment protocol

The revised Test of Gross Motor Development (TGMD-2) was used. This test comprises 12 items, six locomotor skills: run, gallop, hop, leap, horizontal jump and slide) and six to object control skills (two-hand strike, stationary bounce, catch, kick, overhand throw and striking a stationary ball, stationary dribble, catch, kick, overhand throw, underhand roll)²⁰. Although in the TGMD-2 the locomotor and object control skills are assessed separately, the different motor skills cannot be assessed individually

because they are integrated into the statistical model that validates the test. TGMD-2 is a validated protocol^{21, 22} that does not threaten the physical, organic, or psychological integrity of the children because the tasks correspond to children's usual play activities. The gross motor quotient was calculated by adding the scores of the subtests (locomotor and object control).

Statistical analysis

The Kolmogorov-Smirnov test was used to assess the normality of the data. The scores were expressed as means and standard deviation. The Mann-Whitney U test was used for intergroup comparisons for the inferential analysis. The Hg contamination levels relative to the reference values were assessed using the Z-test, as recommended by Ayres²³. The data were analyzed using BioEstat Version 5.3 software, and the significance level was established as $p < 0.01$.

Results

Analysis of the Hg content of the contaminated group showed a mean value of 6.2 ± 6.0 $\mu\text{g/g}$, which is above the standard accepted by the WHO, *i.e.*, 0.5 mg Hg/g. All of the children in the contaminated group (100%) exhibited Hg levels above the reference value. The difference was assessed using the Z-test, which indicated a high level of significance ($p = 0.001$).

The two groups of children did not differ in terms of their age ($p = 0.101$) or their anthropometric characteristics (BM, height, and BMI; $p = 0.844$, $p = 0.498$, and $p = 0.814$, respectively; Table D).

The results of the TGMD-2 assessment

TABLE I.—*Anthropometric characteristics of groups contaminated with and not contaminated with Hg.*

Anthropometric variables	Contaminated group (n=115) Mean \pm SD	Non-contaminated group (n=68) Mean \pm SD	p
Body mass	27.6 \pm 8.2	26.5 \pm 5.6	0.844
Height	129.1 \pm 12.8	127.3 \pm 8.9	0.498
BMI	16.2 \pm 2.2	16.3 \pm 2.1	0.814

BMI: body mass index; SD: standard deviation; $p < 0.01$, significant difference between the groups.

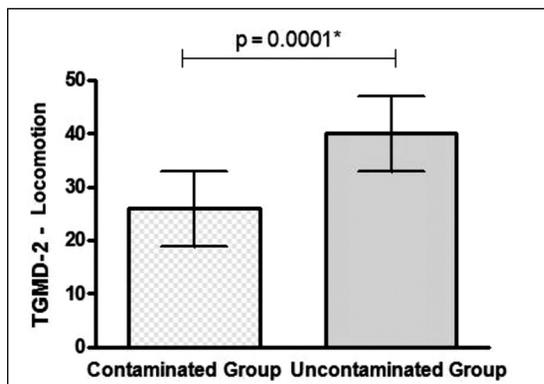


Figure 1.—Comparison of the TGMD-2 locomotor subtest scores between groups of children contaminated with and not contaminated with Hg.

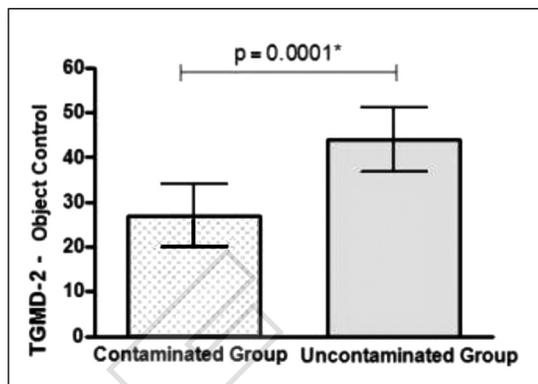


Figure 2.—Comparison of the TGMD-2 object control subtest scores between groups of children contaminated with and not contaminated with Hg.*

of locomotor skill are shown in Figure 1. The mean score of the children in the contaminated group was 26.0 ± 9.6 ; the mean score of the noncontaminated children was 40.9 ± 7.9 . The intergroup difference based on the standard scores for locomotor skill was highly significant ($p=0.0001$).

The TGMD-2 assessment of object control skill is shown in Figure 2. The mean score of the children in the contaminated group was 29.6 ± 9.7 ; the mean score of the noncontaminated children was 44.7 ± 7.9 . The intergroup difference based on the standard scores for object control was highly significant ($p=0.0001$).

The results of the global assessment of the motor development, i.e., the gross motor quotient, are depicted in Figure 3. The mean score of the children in the contaminated group was 65.3 ± 13.7 ; the mean score of the non-contaminated children was 101.2 ± 17.6 . The intergroup difference based on the sum of the standard scores was highly significant ($p=0.0001$).

Discussion

The present study sought to compare the anthropometric characteristics and the motor performance of children from the state of Pará, Brazil who were and were not contaminated with methylmercury. The results of non-flame atomic absorption spectrom-

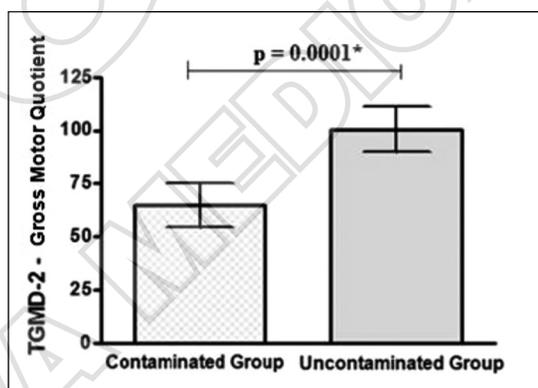


Figure 3.—Comparison of the TGMD-2 gross motor quotient between groups of children contaminated with and not contaminated with Hg.

etry (hair analysis) confirmed the presence of Hg contamination in all of the children in the contaminated group. Hg is the most toxic of the metals; it causes severe environmental contamination that results in neurological disease, genetic malformation and death in human populations.^{4, 24}

For that reason, the methylmercury exposure of riverine and non-riverine communities in the Tapajós River (Pará) close to gold mining areas is currently being investigated by measuring the Hg concentration in fish harvested for consumption in the area and in hair samples from the human population.⁸ According to the WHO, the acceptable Hg levels in human hair are up to $0.5 \mu\text{g/g}$.^{13, 14} In comparison, all of the samples

from the contaminated group in the present study exhibited higher values; their mean value was 6.2 µg/g, *i.e.*, more than 10 times greater than WHO recommendations. According to Roulet *et al.*,²⁵ the high levels of Hg contamination exhibited by riverine communities close to gold mining areas is caused by the methylation of Hg released into the water, which contaminates fish first and then humans.

In this regard, the results of the present study confirm that Hg contamination in the riverine communities of the Tapajós River is caused by the consumption of fish, similar to the findings of other studies.^{26, 27} Chang²⁸ explains that in the brain, Hg is oxidized by the action of the enzyme catalase. It then binds to brain receptors, causing injuries. Hg that remains in the blood can be oxidized by the action of catalase inside the red blood cells or dissolved in the plasma. Oxidized Hg accumulates mainly in the kidneys, causing glomerulonephritis. These mechanisms give support to the hypothesis raised by the present study, *i.e.*, that Hg contamination caused by the fish consumption of the riverine population of the Tapajós River might impair children's motor development because of the noxious action of Hg in the central and peripheral nervous systems.

Nørgaard *et al.*²⁹ found that after Hg was applied to tissue samples, the metal accumulated in large areas of both the central and peripheral nervous systems. According to those authors, Hg in different forms and administered via various routes accumulates mainly in brain regions, such as the striate cortex (which governs the coordination of complex and voluntary movements), the hippocampus (the brain region with the greatest influence on memory function), the brain stem (which controls respiration, heartbeat, and blood pressure), the cerebellum (which coordinates movements and plays a role in balance and spatial orientation), and the spinal cord (which conducts nervous impulses from the body to the brain, produces impulses, and coordinates muscle and reflex activities).

On these grounds, the initial intention of

the present study was to analyze some biological indicators of growth, such as body height, body mass, and BMI, to establish the magnitude of the effect that Hg contamination has on those variables. However, although the contaminated group exhibited high levels of Hg contamination, the groups did not differ in terms of their anthropometric measurements. These results are in agreement with those of Santos *et al.*,² who found that the Tapajós River area comprises several villages and rural conglomerates on the river margins that exhibit similar health and sanitation characteristics and cultural habits.

Regarding the motor development skills of the investigated children, the scores of the locomotor and object control subtests and the gross motor quotient that comprise the TGMD-2 protocol were significantly higher ($p=0.0001$) for the non-contaminated group than for the contaminated one. Therefore, the main finding of the present study is that Hg caused significant motor performance impairment in the contaminated children, despite the fact that their anthropometric characteristics did not differ significantly from those of the noncontaminated children.

It is known that Hg exposure might account for the impaired motor development of those children. Organic Hg poisoning causes neurological symptoms, such as reduction of the visual field, inability to coordinate voluntary movements (ataxia), paresthesia, headache, and insomnia.¹² The relative frequency of neurosensory manifestations, such as impaired motor performance, in some studied communities calls attention to the need for controlled studies to investigate the correlation between the presence of Hg in the human body and the observed clinical manifestations.¹⁵ According to Hewett and Atchison,³⁰ in addition to methylmercury's effect on neuromuscular function, it also affects the release of neurotransmitters in various regions of the central and peripheral nervous systems, resulting in sensory and motor deficits. These facts explain and support our findings relative to the motor performance of the children

in the contaminated group, which was significantly poorer than that of the non-contaminated children. These results are further corroborated by previous studies that found that impaired motor function was associated with increased Hg levels in populations who consume fish from the Amazon region.^{12, 16}

The cross-sectional study conducted by Dolbec *et al.*¹⁵ confirms our findings relative to the object control skill of the children in the contaminated group, which was significantly poorer than that of the non-contaminated group ($p=0.0001$). Those authors used five psychomotor tests to study the manual dexterity and grip strength of women from a village on the Tapajós River margin (Brazilian Amazon region) who exhibited high hair-Hg levels. The results indicated reduced motor performance, which was attributed to the high levels of Hg in the women's bodies.

Minnema, Cooper, and Greenland³¹ observed that methylmercury increases the synaptosomal deoxyglucose-phosphate flux, an outcome that might be associated with a nonspecific increase of the neural membrane permeability, resulting in the increased release of neurotransmitters and consequent motor control impairment. This mechanism explains the hypothesis raised by the present study, *i.e.*, that Hg contamination caused by fish consumption among the riverine Tapajós River population impairs motor development as a result of Hg's noxious effect the central and peripheral nervous systems.

Therefore, the results of the present study allow us to recommend taking actions against Hg contamination to prevent motor performance impairments among children residing in riverine communities. As a consequence, the present study is relevant because it addresses a significant public health problem.

Conclusions

The results of the present study suggest that Hg poisoning in children caused by el-

evated concentrations of this metal in riverine communities near gold mining areas does not affect anthropometric characteristics, but it does directly impair motor performance.

References

1. Câmara VM, Corey OG. O caso dos garimpos de ouro no Brasil [The case of gold mining in Brazil]. 1992.
2. Santos ECO, Rosa JFT, Jesus IM, Loureiro ECB, Santos RAO, Bidone EA *et al.* A saúde das populações da Amazônia brasileira [Health of the Brazilian Amazon populations]. In: Yazabal L, Espinal C, Aragon LE, editors. Enfoque integral de la salud humana en la Amazonia [Integral approach to human health in the Amazon region]. Caracas: Universidad Central de Venezuela, 1992. p. 95-139.
3. Hacon S, Rochedo ERR, Campos RRR, Lacerda LD. Mercury exposure through fish consumption in the urban area of Alta Floresta in the Amazon Basin. *J Geochem Explor* 1997;58:209-16.
4. Honda RT, Fernandes de Castilho M, Val AL. Cadmium-induced disruption of environmental exploration and chemical communication in *matrinã*, *Brycon amazonicus*. *Aquat Toxicol* 2008;89:204-6.
5. Padovani CR, Forsberg BR, Pimentel TP. Contaminação mercurial em peixes do rio Madeira: Resultados e recomendações para consumo humano [Mercury concentrations in fishes of the Madeira River: results and recommendations for human consumption]. *Acta Amaz* 1995;25:127-35.
6. Oliveira SEC, Jesus IM, Silva BE, Brito L, Silva MAF, Weirich J *et al.* Mercury exposures in riverside Amazon communities in Para, Brazil. *Environ Res* 2000;84:100.
7. Pfeiffer WC, Drude LL, Malm O, Souza CMM, Silveira EG, Bastos WR. Mercury concentrations in inland waters of gold-mining areas in Rondonia, Brazil. *Sci Total Environ* 1989;87:233-40.
8. Akagi H, Malm O, Kinjo Y, Harada M, Branches FJP, Pfeiffer WC *et al.* Methylmercury pollution in the Amazon, Brazil. *Sci Total Environ* 1995;175:85-95.
9. Barbosa AC, Jardim W, Dorea JG, Fosberg B, Souza J. Hair mercury speciation as a function of gender, age, and body mass index in inhabitants of the Negro River basin, Amazon, Brazil. *Arch Environ Contam Toxicol* 2001;40:439-44.
10. Boisichio AAP, Henshel DS. Risk assessment of mercury exposure through fish consumption by the riverside people in the Madeira Basin, Amazon, 1991. *Neurotoxicology* 1996;17:169-75.
11. Grandjean P, Weihe P, White RF, Debes F. Cognitive performance of children prenatally exposed to "safe" levels of methylmercury. *Environ Res* 1998;77:165-72.
12. Lebel J, Mergler D, Branches F, Lucotte M, Amorim M, Larribe F *et al.* Neurotoxic effects of low-level methylmercury contamination in the Amazonian Basin. *Environ Res* 1998;79:20-32.
13. WHO. International Program on Chemical Safety. Environmental Health Criteria 1: Mercury. Geneva: World Health Organization; 1976.
14. WHO. Environmental health criteria 101: methylmercury. Geneva: World Health Organization; 1990.
15. Dolbec J, Mergler D, Passos S, De Moraes SS, Lebel J. Methylmercury exposure affects motor perform-

- ance of a riverine population of the Tapajós river, Brazilian Amazon. *Int Arch Occup Environ Health* 2000;73:195-203.
16. Lebel J, Mergler D, Lucotte M, Amorim M, Dolbec J, Miranda D *et al.* Evidence of early nervous system dysfunction in Amazonian populations exposed to low-levels of methylmercury. *Neurotoxicology* 1996;17:157-67.
 17. Sousa VD, Driessnack M, Mendes IAC. An overview of research designs relevant to nursing: Part 1: quantitative research designs. *Rev Latino-Am Enfermagem* 2007;15:502-7.
 18. Bloom N, Fitzgerald WF. Determination of volatile mercury species at the picogram level by low-temperature gas chromatography with cold-vapour atomic fluorescence detection. *Anal Chim Acta* 1988;208:151-61.
 19. Gordon CC, Chumlea WC, Roche AP. Stature, recumbent length, and weight. In: Lohman TG, Roche AP, Martorell R, editors. *Anthropometric Standardization Reference Manual*: Champaign, IL: Human Kinetics; 1988. p. 3-8.
 20. Ulrich DA. *Test of gross motor development*. Austin: Prod-Ed; 2000.
 21. Simons J, Daly D, Theodorou F, Caron C, Simons J, Andoniadou E. Validity and reliability of the TGMD-2 in 7-10-Year-Old Flemish children with intellectual disability. *Adapt Phys Activ Q* 2008;25:71-82.
 22. Valentini NC, Barbosa MLL, Cini GV, Pick RK, Spesato BC, Balbinotti MAA. Test of gross motor development: expert validity, confirmatory validity and internal consistence. *Rev Bras Cineantropom Desempenho Hum* 2008;10:399-404.
 23. Ayres M. *BioEstat 5.0: aplicações estatísticas nas áreas das ciências biológicas e médicas* [BioEstat 5.0: statistical applications in the areas of biological and medical sciences]. Belém, PA: Publicações Avulsas do Mamirauá; 2007.
 24. Farina M, Rocha JBT, Aschner M. Mechanisms of methylmercury-induced neurotoxicity: evidence from experimental studies. *Life Sci* 2011;89:555-63.
 25. Roulet M, Lucotte M, Canuel R, Rheault I, Tran S, De Freitas GYG *et al.* Distribution and partition of total mercury in waters of the Tapajós River Basin, Brazilian Amazon. *Sci Total Environ* 1998;213:203-11.
 26. Atchison WD, Hare MF. Mechanisms of methylmercury-induced neurotoxicity. *FASEB J* 1994;8:622-9.
 27. Barbosa AC, Garcia AM, Souza JR. Mercury contamination in hair of riverine populations of Apiacas Reserve in the Brazilian Amazon. *Water Air Soil Pollut* 1997;97:1-8.
 28. Chang JY. Methylmercury causes glial IL-6 release. *Neurosci Lett* 2007;416:217-20.
 29. Nørgaard JO, Møller-Madsen B, Hertel N, Danscher G. Silver enhancement of tissue mercury: demonstration of mercury in autometallographic silver grains from rat kidneys. *J Histochem Cytochem* 1989;37:1545-7.
 30. Hewett SJ, Atchison WD. Effects of charge and lipophilicity on mercurial-induced reduction of $^{45}\text{Ca}^{2+}$ uptake in isolated nerve terminals of the rat. *Toxicol Appl Pharmacol* 1992;113:267-73.
 31. Minnema DJ, Cooper GP, Greenland RD. Effects of methylmercury on neurotransmitter release from rat brain synaptosomes. *Toxicol Appl Pharmacol* 1989;99:510-21.
- Conflicts of interest.*—The authors certify that there is no conflict of interest with any financial organization regarding the material discussed in the manuscript.

Received on July 19, 2013.

Accepted for publication on October 2, 2013.